JENNIFER HAYMORE

Apaixonada

Família Tristan



Apaixonada

JENNIFER HAYMORE

Sinopse

Embora a viúva lady Rebecca tenha desprezado o casamento, já os homens, isso era outra história. As frias noites de inverno em Londres a fazem sonhar com coisas como encontrar um amante que satisfaça seu ansioso coração. Alguém bonito, discreto e, o mais importante, que esteja tão desinteressado em casamentos, como ela. Alguém como Jack Fulton.

Jack, um conhecido mulherengo e aventureiro, parece ser a escolha perfeita. Só que tem um problema, Jack não está interessado em uma aventura. O que ele precisa é que a formosa e enigmática Rebecca seja sua esposa. E não dispõe de muito tempo para persuadi-la. Um segredo de seu passado está a ponto de vir à tona, e no dia de Natal tem que estar casado com Rebecca ou estará morto.

Capítulo 1

Londres
3 de novembro de 1827

"Esta noite serei dele".

Becky fechou os olhos enquanto sua donzela, Josie, umedecia seus cabelos com água de rosas, sentiu um calafrio nas costas. *Jack Fulton*. O aventureiro navegante que tinha retornado a Londres fazia pouco tempo, depois de muitos anos em alto mar. Essa noite, Becky tocaria intimamente um homem pela primeira vez após quatro anos de solidão. Essa noite se entregaria a ele completamente.

Conhecia Jack há um mês, sabia pouco de sua vida, assim como ele sabia pouco da dela. Quando estavam juntos, falavam sem dificuldades do passado e do presente, mas a conversa não era profunda e nenhum dos dois perguntava mais do que isso.

Becky preferia assim. Entretanto, havia algo nele que lhe despertava o desejo de penetrar aquela endurecida casca e descobrir o que havia por trás da áspera e bela superfície.

Meneou a cabeça para afugentar os pensamentos. Josie fez um gesto de desaprovação quando uma mecha de cabelo

escapou do penteado de Becky e suspirou profundamente antes de voltar a arrumar o cabelo da sua senhora.

Ela abriu os olhos e olhou-se no espelho do quarto de sua amiga Cecelia. Era uma hipocrisia querer saber mais sobre Jack Fulton, quando, por sua vez, Becky não queria que ele se metesse em sua vida, de maneira nenhuma. Há muito tempo que se tinha fechado por completo e não tinha intenção de voltar a abrir-se novamente. Nem mesmo com um amante. Enquanto mantivesse o coração resguardado e a salvo, poderia ser livre. Jack não poderia lhe fazer mal, ela jamais permitiria que isso acontecesse. Entretanto, poderia libertá-la da solitária prisão em que se mantinha, por anos. Ele poderia fazê-la se sentir viva outra vez.

— Está pensando em algo, Becky. Estou vendo em seu rosto.

Encontrou os olhos da amiga no espelho. Cecelia, lady Devore, estava com as mãos nas costas, enquanto permanecia em pé no meio do quarto de hóspedes. Seu vestido de cetim branco, com decote aprofundado e um largo cinto de renda vermelho, ressaltava sua silhueta esbelta, as ondas de seu cabelo, cor chocolate, acentuavam o elegante pescoço comprido e seu fino queixo.

Naquela mesma tarde, um pouco mais cedo, Cecelia tinha levado Becky da casa de seu irmão com a desculpa de ir com ela à ópera. Mas essa noite não haveria ópera para Becky. Cecelia a levaria a um respeitável hotel, onde esperava ter um encontro com um não tão respeitável marinheiro, um

patife com aspecto de cavalheiro. Ou era um cavalheiro com aspecto de patife?

Não tinha sentido negar que Jack Fulton vinha de bom berço, seu pai era um dos conselheiros particulares do rei, seu irmão mais velho tinha ambições no Parlamento e seu irmão do meio era capitão na Marinha de sua Majestade. Jack não estava na cúpula da aristocracia, como a família de Becky ou mesmo a de Cecelia, mas sua linhagem era bastante digna.

Entretanto, à primeira vista, qualquer um podia ver que havia algo duvidoso nele. Um ar de perigo, de travessura, que acelerava o pulso de Becky e lhe fazia as pernas amolecer. O jovem a atraía de uma maneira desconcertante. Acostumada aos moços magros, pálidos e calmos da alta sociedade londrina, gostava de Jack porque era bronzeado e pela profunda ruga marcada entre as sobrancelhas, assim como as linhas ao redor dos olhos, que se acentuavam quando ele sorria. Tinha o cabelo e as curtas costeletas castanhas apenas um pouco mais claras que seus olhos. Seus lábios sedutores eram da cor rosa e combinavam à perfeição com o brilho de seu olhar, os quais tinham aparecido com frequência em seus sonhos, durante todo esse mês.

Cecelia pigarreou brandamente e afugentou assim os escandalosos pensamentos de Becky.

— Sim... — admitiu esta lentamente. — Estou pensando em algo.

Os olhos escuros de sua amiga brilhavam com compreensão. Entretanto, queria que ela dissesse em voz alta.

— Conte-me.

Becky olhou para sua criada e pediu que se retirasse com um pequeno movimento de mão. Em completo silêncio, mas com uma expressão de desagrado, Josie fechou a garrafa de água de rosas, deixou-a na penteadeira, fez uma reverência e se foi.

Quando ouviu o ruído da porta se fechando, Becky disse:

— Acredito que esta é a noite.

— Sério? — A voz da Cecelia era suave. O farfalhar de seu vestido foi a única coisa que se ouviu, enquanto se aproximava da penteadeira. — Está gostando do senhor Fulton, querida, não é?

Com o cotovelo apoiado na brilhante madeira de carvalho da penteadeira, Becky brincava com os dedos. Com frequência sentia um formigamento nos dois últimos dedos da mão esquerda, mas tinha se acostumado com essa sensação. Já era parte dela, igual a seu braço mal curado. Isso a fazia lembrar de uma época de sua vida que gostaria de esquecer.

— Não é que tenha pego afeição por ele. Aprendi a gostar de... algumas partes dele.

— Oh! — Cecelia esboçou um meio sorriso malicioso. — Partes com as quais você gostaria de ter alguma intimidade?

Becky se remexeu na cadeira.

— Acho que sim, suponho que pode se dizer dessa maneira.

A conhecida fraqueza de Cecelia estendia-se a assuntos que a maioria das pessoas mantinham em segredo. Essa era uma das características de sua amiga que atraíra Becky

quando se conheceram durante a temporada daquele ano. A forma realista com que Cecelia tratava os aspectos mais mundanos das pessoas tinha um pouco de frescura e surpresa.

Quando a alta sociedade londrina deixou a cidade em massa ao término da temporada, a família de Becky permaneceu ali. Cecelia também ficou, alegando um grande repúdio à vida no campo. Como a maioria das pessoas haviam ido, Cecelia e Becky fizeram companhia uma à outra quase diariamente. Entretanto, apesar do tempo de amizade, Becky ainda se ruborizava na presença de sua amiga.

Cecelia suavizou o rosto e seus lábios esboçaram um sorriso compassivo. Colocou a fina e elegante mão no ombro de Becky.

— Estou tão feliz por você.

Quatro anos desde a última vez que tinha compartilhado a cama com um homem. Tinha desejado tanto um marido, desejava aprender e agradar. Deliciava-se com cada toque. Até que as coisas mudaram.

— Muito tempo — acrescentou Cecelia.

Becky suspirou e a olhou exasperada.

— Você parece uma menina mimada, Cecelia. A maioria das viúvas não voltam a tocar em um homem depois da morte de seus maridos.

Sua amiga, que normalmente se comportava como uma arrogante aristocrata, quando o desejava parecia ainda mais arrogante. Arqueou as finas sobrancelhas escuras.

— Bom, elas sentem falta! Perdi meu marido no mesmo ano que você perdeu o seu e, como bem sabe, muitos homens esquentaram minha cama após isso. — Encolheu os ombros. — Não penso em me desculpar por isso. Amo aos homens.

Becky apertou os lábios.

— Sério? Eu não diria isso. Na verdade, eu diria que você tem uma visão bem cínica sobre o sexo masculino.

Cecelia gargalhou e deu um tapinha em seu ombro.

— É claro que você tem razão. Atrevo-me a dizer que os homens são mais atraentes quando estão nus em minha cama e com a boca ocupada em outros assuntos que não seja falar.

Becky arrumou o cabelo da nuca e deixou de olhar para a amiga. Na última vez que se encontraram, Jack a beijou. O toque erótico de seus lábios lhe tinha provocado vibrações elétricas por todo seu corpo e a lembrou de que, por mais que tivesse mantido a paixão trancada, ela jamais desaparecia.

— Está pronta, Becky? — Cecelia apertou seu ombro para encorajá-la.

— Não tenho certeza.

— Sei o que precisa. E sei que, aconteça o que acontecer esta noite entre Fulton e você, está preparada para isso.

Nos últimos meses, Cecelia a tinha tirado dos apertados limites de sua família carinhosa, mas muito protetora. Uma noite, depois de algumas taças de vinho, Becky lhe confessou seus desejos mais secretos, sua amiga então assumiu a tarefa de lhe ensinar tudo o que devia saber sobre como uma viúva

deve lidar com as aventuras da sedução, até culminar no que aconteceria mais tarde.

Estava pronta para qualquer coisa.

— Sinto-me tão cruel. — Olhou Cecelia através do espelho e passou um dedo pela linha do pescoço, sobre o tecido branco de musselina. Quando chegara vestia um pesado vestido para ir à ópera, que agora jazia pendurado no armário de carvalho. Ao se encontrar com Jack, tinha a intenção de tirar a capa. O vestido transparente deixaria claras suas intenções. — De qualquer jeito parecia errado... imoral... tratar esses assuntos tão levianamente.

Cecelia balançou a cabeça com firmeza e voltou a colocar as mãos novamente nas costas.

— Não deve sentir-se assim. Acredito que é uma das fraquezas das mulheres, ficamos tão nervosas ao falar de assuntos como sexo, que somos incapazes de vê-lo como realmente é. — Becky franziu a testa e olhou-a pelo espelho.

— E o que é?

— Simples relações carnais. Completamente separadas de assuntos do coração.

— Acho que deve haver uma parte em que os assuntos da carne e os do coração se sobrepõem.

— Às vezes sim — admitiu Cecelia —, mas em geral não é o caso. Uma estranha espécime de homem permite que seus desejos carnais penetrem na pele dessa maneira. — Sorrindo, fez um depreciativo gesto com a mão. — Sim, sim, já sei que seu irmão é um desses. Mas basta ver o que fazem os homens de nossa classe para demonstrar minha teoria.

Becky devolveu o sorriso e levantou-se da penteadeira. A leal Josie, apesar de sua rabugice, mantinha sempre silêncio sobre as aventuras de sua senhora e permaneceria ali até que ela retornasse pela manhã. Cecelia a acompanharia ao hotel, a deixaria a sós com Jack e tornaria a buscá-la às duas horas.

— Não tenho dúvidas de que tem razão, — disse, endireitando as costas. — Não tenha medo, Cecelia, lembrarei de tudo o que me ensinou. Meu coração permanecerá protegido. Aconteça o que acontecer com o senhor Fulton, limitar-me-ei a lembrar com carinho tudo o que vamos compartilhar.

Sua amiga agarrou sua mão e a apertou.

Becky esperava que o que havia dito fosse verdade. Desejava com todo seu coração que assim fosse. Entretanto, sentia medo porque, embora tentasse com toda suas forças seguir os conselhos de Cecelia, temia que Jack Fulton já tivesse derretido uma parte de sua armadura e começado a penetrar em seus sentimentos.

ଓ ♥ ଓ

Jack olhou o conde de Stratford enquanto vestia as luvas que lhe tinha entregue o mordomo.

— Algum problema?

Stratford negou com a cabeça e logo arqueou a loira sobrancelha.

— Sinto-me na obrigação de lhe perguntar isso mais uma vez, está certo do que vai fazer? Não conheço a mulher pessoalmente, mas sua família é imponente. Se chegarem a descobrir o que está planejando...

Jack levantou a mão.

— Fique tranquilo, amigo. Ninguém mais sabe e ninguém jamais saberá.

Stratford era a única pessoa em Londres a quem tinha contado seu plano. Jack tinha retornado três meses atrás, depois de uma ausência de doze anos e tinha descoberto que a maioria de seus conhecidos de infância se tornaram criaturas fracas e educadas. Conheceu o conde uma noite em uma taverna em Strand e descobriu que ele não era assim.

Nas últimas semanas, Jack estava conhecendo seu passado. Igual a ele, Stratford tinha sofrido uma grande perda. Essa experiência tinha tido uma grande influência no homem que era hoje. Dizia-se que era um malandro licencioso, imoral e depravado, o tipo de homem sobre o qual todas as mães da boa sociedade advertiam a suas filhas.

Apesar disso, com sua deliberada indiferença, seu aspecto desenvolto e elegante, seu loiro cabelo mais claro que o de Jack e sua constituição robusta, o conde seduzia todas as mulher que se aproximavam dele. Assumia sua reputação com um malicioso brilho em seus olhos azuis e um despreocupado sorriso. Se Jack não tivesse acostumado a esses sentimentos, jamais teria reconhecido a profunda tristeza e a resignação que sentia seu amigo.

Os dois homens saíram da casa de Stratford, que dava para a praça St. James. O sol se escondendo através de uma espessa névoa e na rua se formavam redemoinhos, as folhas e o lixo eram empurrados por uma fria brisa. O vento tinha levantado o cheiro de carvão da cidade e deixado a fragrância de final de outono.

Jack olhou a praça varrida pelo vento e fechou a lapela do casaco negro de lã. Passaram duas carruagens, seguidos por vários homens a cavalo e o carro de um leiteiro. Olhou para seu amigo, que tinha parado no alto da escada para abotoar seu casaco cinza escuro, de elegante corte.

— Eu preciso. — Disse, apenas para que Stratford o ouvisse, sobre os ruídos da rua.

O conde apoiou a mão no corrimão e Jack viu o brilho de um anel de ametista em seu dedo mindinho.

— Eu sei.

Jack prosseguiu:

— É a única forma. Não tenho muito tempo. Não irei da Inglaterra com o rabo entre as pernas.

— É claro. — O tom de Stratford era suave, mas o olhava fixamente por debaixo da aba do chapéu, seu olhar era urgente. — Eu faria de outra forma. Mas eu não sou você.

— Não — assentiu Jack com voz seca. — Não é.

Stratford deu de ombros, perdeu a rigidez e desceu os dois degraus que faltavam com uma graça natural.

— Não desejo ser acorrentado a ninguém pelo resto da vida. Nunca.

Ele tampouco desejava. Não até conhecer lady Rebecca, a Becky. Seis semanas atrás, a viu passar pelo Museu Britânico. Tinha seguido ela de longe, tinha a observado como aproximava o braço do peito quando contemplava os objetos em um estudioso silêncio, enquanto suas companheiras conversavam e fofocavam. Uma parte de Jack se acalmou. De pé, afastada das demais, parecia frágil e distante. Era linda, delicada, angelical. Mas havia algo nela, alguma parte escura que não conseguia descobrir, que lembrava ele.

Nos dias que se seguiram, descobriu que era a irmã viúva do excêntrico duque de Calton. Com a tenra idade de dezoito anos, tinha perdido o marido, depois se feriu gravemente no braço em um acidente de carruagem, o que explicava por que o protegia com tanto cuidado no museu. Embora tivesse acontecido há quatro anos, o acidente e a morte de seu marido, sua família tinha fama de ser muito cuidadosa e de proteger sua virtude como se fosse uma virgem debutante.

À medida que Jack sabia mais coisas sobre a jovem, compreendia que ela era a resposta para seu dilema.

Tinha descoberto também que Cecelia, lady Devore, era amiga íntima de seu alvo. Por sorte, a dama tinha sido uma das conquistas de Stratford e mantinham um bom relacionamento. O conde tinha arrumado um encontro, e depois de conhecer Jack e ouvir ele falar de seu interesse por lady Rebecca, lady Devore o mirou com um frio e sagaz olhar e concordou com a ideia de apresentá-la.

No dia seguinte, ele enviou-lhe um bilhete, com hora e local, um quarto em um hotel pequeno, elegante, mas modesto, perto de Strand.

Jack tinha visto lady Rebecca cinco vezes. Lady Devore tinha sido sua acompanhante no primeiro encontro, depois se encontraram a sós. Jantaram, jogaram xadrez, falaram durante toda a noite. Ela tocou piano para ele enquanto Jack a olhava fascinado. Seu sexo tinha endurecido ao vê-la morder os lábios enquanto se concentrava nas notas.

Estava cansado de brincar. Estava cansado de ter que lutar para superar suas camadas de timidez. Sabia o que ela queria, tinha visto ela o seguir com os olhos pela sala, viu ela quando lhe prendeu a respiração quando acariciou sua face. Beijou-a duas noites atrás e Becky tinha respondido com paixão.

Estava pronta.

E o que era mais importante, Jack estava ficando sem tempo. Ele se casaria, ou morreria, antes do Natal. Aquela noite definiria seu futuro.

Esta noite seria a primeira noite do resto de sua vida com lady Rebecca Fisk.

ଓ ♥ ଌ

Becky aceitou a mão do cocheiro para ajudá-la a descer da carruagem. Arrastando a capa com capuz revestida de pele que a protegia do frio, olhou fixamente para o hotel, Cecelia saiu do carro e parou a seu lado.

A tranquila fachada do hotel Sheffield estava pintada com um sombrio cinza, a cor era ardósia do céu, o qual sua silhueta se destacava, naquela fria tarde de novembro. Entretanto, depois daquela fachada havia um majestoso edifício, com salões na parte térrea e vinte quartos, espaçosos e bem decorados, nos andares superiores. Cecelia a aconselhou que alugasse uma suíte com dois quartos no último andar e no final do corredor. O comôdo tinha um salão com um piano, uma lareira de mármore, elegantes móveis de estilo francês, também tinha um quarto que dava para portas duplas nos fundos que Becky jamais tinha entrado. Essa noite ela teria a oportunidade, embora sabia que era mais provável que só tivesse olhos para Jack Fulton, não para a decoração. Cecelia lhe apertou as mãos.

— Está pronta?

— Sim — respondeu decidida. — Estou!

Queria que acontecesse naquela noite. Queria tanto, mais do que era capaz de expressar para sua amiga, embora soubesse que ela a compreendia.

— Vamos lá.

Cecelia ajeitou o chapéu e Becky cobriu a cabeça com o capuz. Caminhavam uma junto à outra. O hoteleiro, o senhor Sheffield, estava junto à porta como se tivesse parado todo o dia ali, esperando que elas aparecessem. Esboçou um amistoso e inocente sorriso em direção a elas.

— Oh, senhora Fletcher e senhora James. Que prazer voltar a vê-las.

Tinham lhe dado nomes falsos. Cecelia lhe orientou que quando tivesse encontros fora de casa, sempre usasse seu sobrenome de solteira. Isso era comum e, embora ela pertencesse à aristocracia, tornando quase impossível passar completamente desapercebida, dar-lhe-ia um certo anonimato. O sobrenome de solteira de Becky era James, mais comum ainda, assim seguiu seu conselho.

Ambas saudaram o senhor Sheffield, mas Becky não o olhou nos olhos. Tudo aquilo era muito estranho para ela, porque estava certa que o senhor Sheffield sabia que tinha reservado o quarto mais elegante para encontrar-se em segredo com um homem. Entretanto, quando teve oportunidade, deu-lhe uma olhada de rabo de olho, a única coisa que viu foi uma expressão amável e sem censura.

Ela não entendeu essa reação, não esperava isso de ninguém, nem sequer de alguém a quem estava pagando.

O senhor Sheffield as conduziu até seu minúsculo, mas elegante e bem mobiliado escritório. Toda o andar térreo do hotel cheirava a café, tabaco e noz-moscada, mas as demais peças eram maiores e o espaço dissipava os aromas. Não era uma combinação desagradável, embora para Becky parecesse muito masculina. Isso não a surpreendeu, já que no hotel pareciam hospedar-se sobre todos ricos comerciantes que vinham à Londres a negócios.

O senhor Sheffield virou-se para uma tábua de madeira onde as chaves estavam penduradas.

— Pedi que limpassem o comôdo especialmente para você, senhora James. Há uma seleção de queijos, pãezinhos,

frutas, e as garrafas de bebidas que recomendou. — Fez uma pausa. — Seu convidado já chegou.

Um instantâneo calor abrasador lhe subiu na face.

— Obrigado, senhor Sheffield.

Entregou-lhe a chave, ela a pegou com força, deu meia volta e desejo-lhe boa noite.

Cecelia riu baixinho enquanto caminhavam pelo corredor.

— Você é adorável.

Em Becky o rubor se intensificou, então disse:

— Adorável?

— Adoro ver como se ruboriza e fica nervosa cada vez que viemos aqui. Como se o senhor Sheffield não lidasse com este tipo de coisa todos os dias.

— É por isso que não julga ninguém? — murmurou Becky, se perguntando, se todos os homens que viu nos corredores e nos salões, estavam ali realmente por negócios, ou para viver tórridos encontros com seus amantes.

— É claro. Paga-lhe bem, não destrói sua propriedade e é respeitosa. Que direito teria de julgá-la?

— Sabe o que estou fazendo? E por que estou aqui?

— Claro que sim.

Becky suspirou e começou a subir a escada. O mundo era na realidade muito diferente de como o tinham apresentado quando era mais jovem. Sempre tinha pensado que havia certas leis morais que todo mundo acatava e que todo mundo defendia. Que existia o correto e o incorreto, o bem e o mal. Em seu casamento tinha visto o genuíno mal e

em sua família o verdadeiro bem, mas muitas outras coisas que tinha contemplado se confundiam no meio do espectro de cinzas.

— As pessoas são tão complicadas — murmurou ao chegar ao primeiro andar e virou para subir para a segunda parte da escadaria.

— É assim! — Assentiu Cecelia.

— Os fatos também são complicados.

Sua amiga ficou em silêncio por um momento.

— Sim. — Disse finalmente. — Isso também é verdade.

Um enjoativo aroma de âmbar e cravo anunciava que se aproximava outra mulher. O farfalhar de suas saias precedia à volumosa presença que se aproximava. Surpreendida, Becky levantou os olhos e viu um par de olhos cor avelã rodeados por escuras manchas. A mulher cravou os olhos nela por um instante e Becky pareceu reconhecê-la.

A dama virou-se para Cecelia.

— Com sua permissão — Disse com voz altiva. Recolheu a saia para passar e continuou até a escada.

Quando desapareceu de sua visão, Cecelia e Becky tinham chegado ao outro patamar. Esta se deteve e apertou o corrimão da escada.

— Eu a conheço — sussurrou.

Sua amiga franziu a testa.

— Conhece?

— É lady Borrill. Seu marido se senta junto de meu primo Tristan no Parlamento. São amigos. Sabia que

moravam em um hotel enquanto reformam sua casa, mas não sabia que era aqui.

Cecelia deu uma olhada escada abaixo.

— Bem, pois ela não parece ter reconhecido você.

Como podia não reconhecê-la? Becky a tinha visto várias vezes. Embora fosse verdade que jamais lhe pareceu a mulher mais inteligente do mundo, lady e lorde Borrill se hospedaram na mansão Calton durante um mês no inverno anterior a que Becky chegou à cidade para a temporada social.

— Olhou-me com desaprovação — sussurrou.

Sua amiga lhe dedicou um sombrio olhar.

— Não pode saber. O mais provável é que não te reconheceu.

— Eu... eu não acredito. Oh, Cecelia, ela deve saber o que estou fazendo aqui.

— É claro que não.

— Como pode estar tão segura disso? — Embora Becky mantivesse um tom de voz baixo, suas palavras soavam como um grito. — Estou em um hotel da cidade, enquanto ela sabe muito bem que moro na casa de meu irmão. Por que eu estaria aqui?

— Está comigo. — explicou sua amiga com paciência — e não sabe nada sobre mim. Sua primeira hipótese será que está aqui para me visitar.

Becky fechou os olhos, apertou os punhos e voltou a relaxá-los, tentando liberar-se da tensão. Lady Borrill não tinha razões para pensar mal dela. Era provável que não a tivesse reconhecido, com aquela capa escura cobrindo-lhe o

cabelo. Se tivesse lembrado dela, teria parado para saber sobre sua família.

Estava sendo tola.

— Tem razão. Suponho que estou um pouco nervosa.

— Como é natural. — Cecelia sorriu. — Venha. — Estendeu-lhe a mão, notou seu aperto para lhe dar segurança, enquanto continuavam a caminhar pelo corredor.

— Invejo você. — Disse Cecelia com um sussurro.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Por quê?

A outra suspirou.

— Não há nada como a primeira vez...

— Mas... não será minha primeira vez.

Um enorme sorriso iluminou o rosto de Cecelia.

— Oh! Não compreende, minha querida. Há uma primeira vez física, que é o que já experimentou, e uma primeira vez visceral, que acredito é o que a espera, esta noite.

Becky negou ligeiramente com a cabeça e soltou uma risada nervosa.

— Não acredito!

Capítulo 2

Ao ouvir o som do trinco da porta se fechando, Jack se virou da frente das garrafas de vidro que havia no bar, com uma taça de brandy na mão.

Lady Rebecca fechou a porta e entrou na sala. Seus passos eram como um sussurro sobre o tapete cinza escuro com estampa de espirais azuis. Sua imagem lhe lembrou à rainha do inverno, gélida perfeição, esbelta, elegante e perfeita. Seu comportamento era aristocrático, reservado, seu porte rígido e impassível, em alguns momentos, totalmente frio.

Jack esboçou um sorriso tímido. Ele tinha visto suas defesas se derreterem, tornando-se cálida e suave e florescer como a primavera. Seu objetivo era voltar a ver essa mudança aquela noite e, se Deus ajudasse, muitas mais vezes, nos dias que se seguiriam.

Depois de saudá-la com um aceno de cabeça, Becky tirou a capa e a pendurou no gancho dourado que havia ao lado da porta.

O coração de Jack tinha acelerado ao vê-la e agora acelerou ainda mais. Apertou a taça e ficou petrificado, percebendo a tensão em seus nervos.

Em vez dos vestidos grossos da moda, nesse momento a jovem vestia um delicado vestido transparente, de estilo francês *fin-de-siecle* (final dos tempos), que lhe enfatizava as femininas formas como uma Afrodite. O decote era profundo, revelando a forma arredonda e altiva de seus seios, e um fino bordado que unia o tecido para chamar a atenção para aquela parte de sua anatomia, e que se podia ver as escuras sombras de seus mamilos. A saia abraçava a sutil curva de seus quadris e revelava o contorno de suas sedosas pernas por baixo. Becky permanecia ali, quase sem respirar, como uma bela oferenda.

Confiava nele, Jack ficou surpreso ao admitir isso. Confiava que não lhe faria nenhum mal.

Uma pontada de culpa cravou em seu interior, rugindo de desejo e tocou sua alma.

Maldição. Não havia outra maneira. Respirou fundo para se recompor.

— Você gosta? — A melodia da voz feminina afugentou sua culpa e a olhou fixamente.

— Sim. — Murmurou. — Muito.

A jovem perdeu um pouco de sua rigidez.

— Fico feliz.

Jack se virou para o bar e pegou a taça para oferecer-lhe.

— Xerez?

Ela aceitou com um sorriso de gratidão, rodeando a taça com seus pálidos e delicados dedos.

— Obrigada!

Seguiu-a até o sofá prateado que havia no centro da sala e esperou que se sentasse nas elegantes almofadas e bebesse um gole, antes de sentar-se a seu lado.

Ali era onde a tinha beijado duas noites atrás. Podia ver a lembrança do beijo na profundidade de seu olhar. Possuía os olhos mais fascinantes que Jack já tinha visto. Às vezes eram de um azul escuro, como a meia-noite, outras vezes, como naquele instante, de um índigo profundo.

A necessidade de voltar a tomar sua boca o queimava e seu membro endureceu, antecipando-se. Entretanto, foi ordenado a manter a calma. Aquela noite devia ser especial. Não podia estragar tudo.

Contemplou-a durante um momento. Terminou o brandy e deixou a taça na mesinha.

Estendeu um braço, passou-lhe a mão por detrás da pálida nuca e a trouxe para mais perto. Ela se deixou ir sem resistência, enquanto um suspiro, um som quase desesperado, escapava de seus lábios.

Jack a aproximou mais e mais, até que seus lábios se encontraram e o contato fez pulsar o sangue que percorria em suas veias.

Seus lábios eram como pétalas de rosas. Tão suaves, tão tentadores. Delicado e doce.

Segurou-a junto a ele, fechou os olhos e sentiu que cheirava a flores de primavera. Outra prova de que começava a derreter todo aquele gelo inicial. Roçou-lhe o nariz quando tocou sua boca. Becky permanecia imóvel, esperando, com a pele fria, ofegante, com a ansiedade lhe umedecendo.

— Poderia ficar aqui a noite toda — murmurou Jack junto de sua boca. — Exatamente aqui.

Uma vez mais, percorreu-lhe os lábios com suavidade. Agarrou-lhe o pescoço com força, mantendo-a imóvel, e contornou seu lábio superior com a língua, deleitando-se com seu sabor.

— Jack — suspirou ela, movendo apenas a boca junto à sua. Apertou o abraço, rodeando sua cintura com os dedos.

— O que? — Roçou-lhe a boca com sensualidade ao falar. — O que você quer?

Becky estava imóvel. Pareceu que tinha deixado de respirar. Ele abriu os olhos e descobriu que ela os tinha fechado. Permanecia imóvel, como uma perfeita estátua de porcelana.

Afastou-se o suficiente para observar seu rosto. A forma ovalada, a suave pele, os lábios vermelhos. A negra extensão de seus cílios e o desenho escuro de suas sobrancelhas. Seus cabelos brilhantes e preto, que suspeitava ser naturalmente liso, formava cachos que emolduravam seu rosto.

Separou os lábios e resistiu ao impulso de tocá-los novamente, fosse com seus lábios ou percorrendo-lhe com os dedos.

— Quero você. — Disse ela.

Jack paralisou. Espantado!

Tinha notado seu desejo, é claro. Em todos os encontros Becky tinha sido receptiva a cada um de seus avanços. E sim, tinha confirmado isso, com aquele vestido que escolhera para essa noite.

Entretanto, não esperava que dissesse, ao menos não tão rápido. Jack tinha planejado dedicar a noite para libertá-la de sua timidez, acalmá-la, tranquilizá-la, fazer com que se sentisse cômoda e disposta. Obter que não só o desejasse, mas também necessitasse dele.

Encontraram-se cinco vezes antes, cada uma das quais fazia parte da estratégia dele para chegar até aquela noite, para poder executar seu plano sem problemas. O ritmo da sedução tinha sido perfeito. Tinha planejado cada detalhe.

Ao ouvir suas palavras, o desejo se acendeu em seu sangue de mil maneiras diferentes, mas não podia submeter-se ao mesmo nem às vontades de seu corpo. Ainda não. Não, agora, olhou para o relógio que havia no suporte da lareira, mais uma hora.

Apertou os dentes. «Maldição.»

— Becky... — Ele deslizou as mãos pelo pescoço dela, entre as omoplatas, e foi baixando mais, até chegar à curva de sua cintura. Então a beijou. A pressão das mãos dela em seus braços era irresistível. Seus lábios se encontraram com violência e soltaram um som gutural. Becky era uma mistura tóxica de agressividade impetuosa e feroz com doce incerteza, era indecisa mas valente. Feroz e submissa. Treva e luz.

Quase sem poder respirar e com ela ainda em seus braços, deixou o beijo suspenso no ar.

— O que foi? — sussurrou Becky e suas palavras foram como uma suave carícia em seu rosto. — Por que tem dúvidas?

Aproximou-a sem soltá-la e a sentou em seu colo. Ela inclinou a cabeça e o olhou fixamente, confiante.

Jack correu um dedo pela linha de seu cabelo, logo pela suave pele da face. Era tão jovem, e parecia mais jovem ainda, mas irradiava certo ar de experiência que dava a impressão de que era muito mais velha.

Becky se inclinou para seu copo de xerez, bebeu um bom gole e sorriu ligeiramente.

Deslizou-se de seu colo e se afastou dele quando apoiou o copo na mesa. Jack observava erguer barreiras entre os dois, a ficar fria e distante. A primavera havia desaparecido tão rapidamente como tinha chegado.

Ela olhou para ele fixamente.

— Não o entendo, — disse.

Ele franziu a testa.

— A que está se referindo?

— Não entendo por que está aqui comigo. — Suspirando, apertou o braço machucado. — Sou nova nisto, Jack. E com certeza pouco atraente, você pode escolher qualquer viúva em Londres com muitas mais habilidades de sedução, das que eu possuo. Então por que...

O desconforto tomou conta dele e lhe oprimiu o peito como se estivesse sendo atravessado por uma bala de canhão. Cobriu a mão com a que Becky acariciava o braço.

— Se eu quisesse outra pessoa, não estaria aqui. Pode ter certeza disso.

— Mas por que, então? — Fitou-o com seus olhos azuis, procurando descobrir a verdade e Jack soube que devia voltar

a mentir para ela novamente.

— Me intrigou desde o início.

Isso não era uma mentira. Possivelmente fosse mais um omitir fatos, do que mentir.

— Por quê?

— Porque você me fez lembrar de mim mesmo — respondeu ele, antes que pudesse pensar se essa resposta era a mais inteligente.

— O que quer dizer?

Acariciou-lhe o braço.

— Você sofreu. Experimentou a dor.

Ela estremeceu.

— É uma bela mulher, Becky. Uma perfeita dama. E desde que te vi pela primeira vez, quis conhecê-la melhor.

— Onde você me viu pela primeira vez?

— No Museu Britânico.

— Tenho lembranças aquele dia. Também foi a primeira vez que vi você.

— Ah, é? — Jack acreditava que ela não o tinha visto.

— Sim. Apoiou-se na parede com uma postura despreocupada, mas olhando a todos com firmeza. Parecia muito interessado nas pessoas ao redor.

Ele sorriu. Estava em Londres pouco tempo e havia estudado os ingleses, sua própria terra natal, comparando-a com as pessoas que tinha conhecido em suas viagens.

— ...Você também... me intrigou — disse Becky. — Eu o achei muito atraente. Queria saber quem era, mas nenhuma das damas com quem estava conhecia você.

— Perguntei a Stratford sobre você essa mesma tarde — acrescentou Jack. — Ele, por sua vez, interrogou lady Devore. — E aqui estamos.

Becky franziu o cenho.

— Mas o que pôde ver em mim naquele dia? Não fazia mais que contemplar as obras com minhas amigas.

O negou com a cabeça.

— Você sim, contemplava as obras. Elas conversavam. Estava separada delas.

Becky ficou intrigada ainda mais.

— Sem eu perceber.

— Sim, foi assim. Observei você. Não podia identificar o que era, mas havia em você algo diferente.

— Agora você me conhece melhor e compreende que é a perda de meu marido, que algumas vezes, pode me fazer parecer distante. E o acidente que me deixou com o braço deformado.

Jack apertou-lhe levemente o cotovelo, e ela se encolheu. Soltou-a imediatamente.

— Machuquei você?

— Não — ela murmurou.

Entretanto, ele viu um brilho em seus olhos.

— Em seu braço pode ver-se a tragédia que você viveu, mas não fale de você como uma entrevada nem como uma deformada, por favor. Jamais pensarei em você nesses termos.

Ela respirou fundo.

— E você?

— O que achou mim?

— Disse que eu lembrava você pelo meu sofrimento. Parece saber tudo sobre mim. Agora deve me falar sobre o seu.

Jack deixou escapar uma amarga risada.

— Não deveria esperar que o tivesse esquecido, certo?

Becky negou com a cabeça, com expressão sombria.

Sabia que devia lhe dizer a verdade, mas até onde? Devia omitir algumas coisas e, além disso, certamente, haveria mentido. Mas essas eram mentiras que estava acostumado a dizer. Becky ouviria alguma das versões da história nos próximos dias, não tinha dúvida.

Seria muito mais fácil levá-la diretamente para à cama. Possuir seu doce corpo, com sua delicada e macia pele. Seduzi-la, levá-la ao êxtase, inundar-se em seu interior e experimentar a saciedade que tinha antecipado no que agora parecia uma eternidade. Seu corpo ordenou que ele agisse.

Mas ele já tinha ido longe demais. Estava seguro de que não poderia controlar seus desejos baixos, por muito mais tempo.

— Doze anos atrás, eu era um jovem de dezoito anos. — Becky assentiu e ele prosseguiu. — Eu estava... bem, me envolvi em um escândalo.

Doze anos atrás, lady Rebecca era uma menina de dez anos que vivia protegida nos vales de Yorkshire Dales. Naqueles dias, não tinha ouvido nada dos eventos que o tinham marcado os últimos doze anos.

Inclinou a cabeça.

— Que tipo de escândalo?

— Tinha a ver com uma dama a quem conhecia desde a infância e com seu marido, um marquês. Todo mundo assumiu que eu estava envolvido só porque a conhecia antes...

— Envolvido no quê? — Perguntou ela.

Jack olhou fixamente para a frente, contemplando a pequena, mas elaborada lareira de mármore. Alguém tinha acendido o fogo, que ardia alegremente atrás de uma tela oriental. Flexionou os dedos e apoiou as mãos nos joelhos para parecer relaxado. Odiava falar daquilo. Detestava. Mas tinha que fazer isso, Becky provavelmente escutaria uma versão da história que faria de Anne uma prostituta e a ele em um depravado sedutor de mulheres casadas.

Inesperadamente, sua garganta fechou, por conta de seus nervos. Tinha planejado esse encontro, mas não para falar de seu passado, de seu exílio, de Anne, nem das circunstâncias que rodearam sua morte. Entretanto, Becky era importante. Devia conhecer a história, pelo menos, as partes que de uma ou outra maneira lhe chegariam por bocas alheias e que descreveriam de uma maneira menos piedosa. Ela precisaria de munição para responder à crueldade dos fofoqueiros, os que tentariam destruir sua relação só pelo puro prazer que lhes produziria.

— O casamento dela tinha problemas. Era conhecido que o marquês tinha uma amante, e sua esposa... chamava-se Anne... — Assim foi como ele disse. Seu nome. O nome que

não tinha pronunciado em voz alta há anos. Saiu-lhe mais suavemente do que tinha imaginado.

Becky se intrigou.

— Continue!

— Estava muito infeliz.

Ela soltou um murmúrio de compaixão.

— Uma noite, quase de madrugada, o marquês foi assassinado entre a porta de seu clube e os estábulos.

— Um momento. — Becky levantou a mão para interrompê-lo — Acredito que li sobre isso. O marquês de Haredowne foi assassinado em... 1815, não foi?

— Sim — disse Jack. Sua voz soou tensa como um nó de uma corda sob a pressão de uma tormenta. Uma só rajada bastaria para rompê-la.

Ela franziu a testa, concentrada.

— Lembro que atiraram nele para roubá-lo, mas o som do disparo atraiu a atenção dos transeuntes, então fugiram antes de poder roubar alguma coisa.

— Essa é a versão geral do que ocorreu.

— Sua esposa morreu naquele mesmo dia, não foi?

Jack assentiu com a garganta seca.

— Mas ela morreu por causas naturais, enquanto que ele foi assassinado — continuou Becky. — Foi uma terrível tragédia.

— Sim. Foi. Uma terrível tragédia.

— Oh, Deus. — Erguendo-se, olhou-o com os olhos arregalados. — Antes que as autoridades pudessem averiguar

o que tinha ocorrido, um jovem cavalheiro se viu implicado no crime.

— Sim.

— Era você — sussurrou. Jack assentiu.

— Acusaram-lhe de assassinar o marquês de Haredowne. — Piscou solenemente, como se não se desse conta de que aquilo significava. Não cabia dúvida de que era isso. Não havia dúvidas de que ela era tão inocente como podia ser uma jovem viúva.

A forma como contasse aquilo determinaria seu destino. Jack não ignorava que essa informação assustaria à maioria das damas da boa sociedade londrina. Todas essas informações poderiam afastar ela de sua vida para sempre. Só podia implorar que ela fora tão única como seus atos prévios lhe tinham indicado que era.

— Consideraram-me livre de todas as suspeitas — acrescentou.

— Também lembro disso. Uma testemunha apresentou um álibi e o juiz decidiu que era impossível que um jovem cavalheiro, ou seja, você tivesse cometido o crime.

— É verdade. — Jack descobriu que estava nervoso e se esforçou por manter-se quieto e controlar a voz. — Como sabe tanto sobre o assunto? Já que era uma menina nessa época.

— Haredowne era um nobre, assim foi um caso do qual não se falou muito. Li sobre isso depois.

E aparentemente lembrava-se de cada detalhe. Jack a olhou com inusitado respeito.

— Mas você... — Becky o interrompeu, olhando-o ainda surpresa. — Era você. — Respirou fundo e sacudiu os ombros, como que para se livrar de um fardo. — O que ocorreu?

— Quer dizer depois?

— Não... quero dizer, estava lá quando o assassinaram? Por que acusaram você?

Jack se deu conta nesse momento de que ela tinha colocado entre os dois toda distância que o sofá permitia. Tinha que ser muito cuidadoso.

Permaneceu quieto.

— Acusaram-me por causa de meu relacionamento com a esposa do marquês. Disseram que eramos amantes.

Becky se manteve em silêncio. Jack a observou e viu que o estudava com o cenho franzido. Deixou de olhá-la e fechou os olhos para não detectar nenhum tipo de horror em seus olhos.

Anne e ele tinham sido amantes quando eram mais jovens, mas não naquela época. Não haviam se tocado desde o dia que ela veio chorando para dizer-lhe que se casaria com o marquês de Haredowne.

— O boato era verdeiro? — Perguntou Becky.

Jack apertou a mandíbula com força.

— Não. Não era. — Sua voz soou com o poder de sua convicção. — Tenho feito coisas contrárias aos meus princípios e a minha honra, mas tocar uma mulher casada é uma linha que não cruzei. Não queria ser o homem com quem

uma mulher engana seu marido. Nem sendo um homem tão desprezível como o marquês de Haredowne.

Os sedutores cílios negros de Becky baixaram e subiram quando piscou, seus olhos azuis fixaram-se nele. Sua voz foi pouco mais audível que um suspiro.

— Acredito em você.

Jack passou a mão pelos cabelos.

— De qualquer maneira, por causa desse rumor, as suspeitas recaíram imediatamente sobre mim.

Ela assentiu, mas ainda apertava o corpo contra a extremidade oposta do sofá. Deus, queria abraçar ela pela cintura e arrastá-la outra vez para seu colo. Doíam-lhe os dedos de desejo de voltar a tocar sua pele de porcelana. Entretanto, não podia fazer isso, não até que acalmasse seus temores.

— Apareceu uma testemunha que explicou que eu estava em outro lugar no momento do assassinato e a acusação foi arquivada dois dias depois da morte do marquês.

Becky assentiu.

— Entretanto, o escândalo foi enorme. Estou certo que você pode imaginar.

Seu rosto demonstrou compreensão.

— Oh, sim. Posso imaginar.

Jack sabia algo sobre a família de Becky. Não eram alheios aos escândalos. Nem tão esnobes como a família de Anne... O pai dela jamais teria aceito menos que um nobre para casar com sua filha, enquanto que o irmão de Becky se

casou com uma mulher de classe baixa, a atual duquesa de Calton tinha sido uma criada.

Desde o começo, tudo o que tinha descoberto sobre lady Rebecca Fisk, seu passado e sua família, o tinha convencido de que aquele era o caminho que devia seguir. E cada momento que passava com ela confirmava sua convicção. Gostou dela. Ele a desejava. E, o mais importante, ele precisava dela.

— Meu pai me enviou para longe — prosseguiu. — Me ordenou que desaparecesse até que os rumores se dissipassem. Não voltei oficialmente para a Inglaterra até agosto deste ano. Antes disso, a última vez que pisei em chão inglês foi na primavera de 1815.

Seguiu-se um longo e doloroso silêncio.

Revelar tudo lhe tinha acontecido foi mais difícil do que esperava. Mas já tinha terminado. A única coisa que podia fazer era aguardar. E ter esperança.

— Esteve fora por muito tempo — murmurou Rebecca.

— Doze anos.

— Mas nesse tempo explorou o mundo inteiro.

— Bem, não o mundo inteiro...

Ela suspirou.

— Sempre sonhei conhecer o mundo. — África, Ásia, Polinésia... fascinam-me as culturas indígenas. Mas em especial eu adoraria conhecer a América.

— América? Por quê?

— Acredito que os americanos possuem muitas das qualidades que admiro, curiosidade, amor por aventuras,

valentia, pragmatismo. Sempre me pareceram pessoas empreendedoras e imaginativas. — Esboçou um nostálgico sorriso. — Embora esteja seguro de que minhas suposições infantis têm pouco que ver com seu verdadeiro caráter.

— Não, acredito que muito do que diz é verdade. Entretanto, como em qualquer lugar, na América existem todos os tipos de pessoas.

— Gostaria de poder viajar... ir para aonde quisesse e fazer o que eu quisesse. Desejaria poder ser marinheiro... mas aqui estou eu, esposa e irmã de um duque. Não é o que me agrada.

— Viajou pelo Reino Unido?

Becky hesitou.

— Um pouco. Fui várias vezes à Londres à Yorkshire, onde Garrett tem residência. — Contemplou o fogo. — Estive também no sul da Escócia por alguns dias e com meu marido morei, por um tempo, em Warwickshire. Mas, na verdade, não conheci muito do país. Tenho uma casa na Cornualha, é da minha mãe, mas jamais estive lá.

Com cautela, Jack segurou uma de suas mãos, entre as suas. Era tão macia, tão frágil.

— Se pudesse escolher uma profissão, qual seria?

Levou um longo momento para pensar e finalmente sorriu.

— Seria cirurgiã.

— Verdade?

— Eu o surpreendi novamente. — Não podia imaginar a aquela delicada e elegante criatura serrando ossos, suturando

feridas e fazendo curativos nos moribundos.

— Sim, parece que sim — respondeu com voz grave. — Acredito que deva ser uma profissão muito gratificante. Um pouco difícil, mas mesmo assim deve valer a pena.

— Estou de acordo — disse ele, lembrando de Smith, o cirurgião do Gloriana. Afogou-se no último outono, com outros três marinheiros, em um temporal junto à costa da Jamaica. Smith era seu amigo e uma boa pessoa. Tinha que ser um tipo especial de homem para ser cirurgião.

Becky abraçou os joelhos e o olhou fixamente.

— Por que não retornou antes para a Inglaterra? — perguntou finalmente. — Doze anos é muito tempo.

— Não era bem-vindo. Como sabe, meu pai é membro do Parlamento e meus irmãos têm suas próprias aspirações. Não queriam que o irmão mais novo estragasse suas chances de triunfar.

— Isso é tão cruel.

— Entendo suas dúvidas em me permitirem retornar, não posso culpá-los.

Isso não era mentira. Depois de doze anos, estava tão afastado de sua família como estaria qualquer um. Desde sua volta tinha visto seu pai e a seu irmão mais velho somente uma vez, e o encontro tinha sido duro e formal, além de extremamente desconfortável. Não tinha nenhuma intenção de repetir a experiência.

— Meu pai se tornou conselheiro da Coroa, por isso minha ausência não foi exatamente prejudicial para sua

carreira. — Respirou fundo. — Entretanto, a Inglaterra é meu lar e minha intenção é ter uma vida aqui, agora que voltei.

Becky concordou.

— Sim. É claro.

Jack pegou o copo da mesinha. Levantou-se e foi até o bar para servir-se de mais um brandy enquanto ela terminava seu xerez. Ao verter o líquido âmbar no copo, disse:

— Fale-me de seu marido.

Ela estremeceu e Jack imediatamente se arrependeu de suas palavras. Não podia entender por que tinha começado esse assunto, exceto, pensou com pesar, pelo fato de que ele tinha revelado uma parte sua e queria que ela revelasse algo de si mesmo em troca. Na verdade, foi infantil da parte dele.

Retornou ao sofá, deixou o copo de lado e voltou a acariciar sua sedosa e suave mão.

— Me perdoe. Não precisa responder.

— Meu marido. — Becky fez um esforço por engolir e o olhou fixamente, como se estivesse decidida a responder, por muito que lhe custasse. — Ele... fugimos para nos casar. Apenas o conhecia. A princípio, estava loucamente apaixonada. — Tomou um longo gole, terminando o xerez baixou o copo vazio até seu colo.

Jack franziu a testa.

— Mas depois não?

— Não. Depois não. William não era... — Desviou o olhar e se ruborizou um pouco. — Não era um bom homem.

O efeito de suas palavras em Jack foi imediato. Sua visão tingiu-se de vermelho. A pele esquentou quando as

lembranças o assaltaram como uma inundação, muito rápido para que pudesse controlá-las. Fechou o punho com força.

— Ele machucou você?

— Sim. — Apertou com força a mão dela e franziu novamente a testa. — O que passa, Jack?

Afrouxou o punho e lhe acariciou o braço.

— Foi responsável por isto?

— Não. Não diretamente. O acidente ocorreu alguns dias depois de sua morte. — Negou com a cabeça, confusa. — Está zangado comigo?

Ele tentou sorrir, mas temia que saísse uma horrível careta. Na verdade, sua reação não tinha nada a ver com ela, só com suas lembranças. Por que sua mente tinha feito aquela conexão no instante em que ela havia dito que William Fisk não era um bom homem? Becky era uma mulher diferente com um marido diferente, em um momento diferente.

— Não, não estou zangado com você.

— Por que...? — Sua expressão mostrou que ele entendeu de repente. — Está zangado com ele.

Não sabia nada do que tinha passado entre ela e seu marido. Becky era diferente de Anne. Becky estava segura. Se William Fisk fez com ela o que fez, estava morto. Tentou acalmar a agitação de seu sangue e disse com os dentes cerrados.

— Não suporto homens que abusam de inocentes.

Ela riu com tristeza.

— Eu não sou inocente.

— Possivelmente seja mais do que pensa.

— Não. Sou uma viúva. Vi... — fez uma pausa e seu olhar ficou distante — muito distante — ela terminou suavemente.

Jack esfregou as palmas das mãos. Deus, estava comportando-se como um imbecil. Nada daquilo era culpa de Becky. O que quer que lhe tivesse acontecido tinha terminado.

E também tinha acabado para ele. Deveria saber como controlar suas lembranças um pouco melhor.

— Sinto muito — disse.

— O que?

— O que quer que seja que ele tenha feito a você. E sinto por ter feito você lembrar disso.

Esboçou um débil sorriso.

— Eu também sinto que você tenha sofrido.

Permaneceram sentados em um silêncio confortável por um bom tempo. Com cada minuto que passava, o corpo de Jack se fazia mais consciente da presença dela. Nos últimos doze anos, só tinha sentido luxúria muito ocasionalmente, especialmente quando Gloriana deixava o porto para passar longos meses no mar. Entretanto, a sensação que Becky despertava nele era diferente. Havia luxúria, mais avassaladora que nunca, mas também algo mais, havia ternura. O desejo de abraçá-la contra seu corpo, de mantê-la perto e simplesmente respirar seu perfume, como se sua doçura e sua essência pudessem filtrar-se através dele e lhe dar um pouco de paz.

Essas ideias não faziam sentido ele sabia disso. O fato de que realmente gostava dela era um bônus, mas não tinha sentido enganar-se a si mesmo e acreditar que algo mais do que a desesperada necessidade de dinheiro o tinha incitado a procurá-la.

Pressionou-lhe a palma da mão dela.

— Quando eu toco em você... — Fez uma pausa para procurar as palavras certas para descrever a embriagadora sensação que lhe produzia. — Sinto algo muito intenso.

— Intenso — sussurrou Becky. Soltou-lhe a mão e logo voltou a entrelaçar os dedos com os seus. — Sim, intenso.

Levantou as mãos, ainda entrelaçadas, e beijou lentamente cada um dos dedos dele.

— Adoro suas mãos. São tão grandes e tem dedos tão largos. — Roçou-lhe os calos. — Endurecidos pelo trabalho e ao mesmo tempo tão elegantes. Tão masculinas.

Jack fechou os olhos, profundamente seduzido pelo simples contato de sua pele.

Tratava-se de negócios, nada mais. Só sedução. Necessitava de algo que ela tinha e sabia como consegui-lo. Certo que havia alguns benefícios inesperados no acordo, pensou, deleitando-se com seu perfume floral. Gostava de lady Rebecca Fisk e a respeitava. Cuidaria dela e jamais lhe machucaria deliberadamente.

Mas se não precisasse de sua fortuna, jamais teria feito o esforço de conhecê-la.

Capítulo 3

Cecelia a tinha aconselhado que fosse prática, assim Becky não deveria demorar. Não tinha ido ao hotel Sheffield para escutar declarações de amor, de fato, uma declaração semelhante por parte daquele homem lhe teria dado medo e a teria feito fugir para Yorkshire antes do amanhecer.

Desejava Jack Fulton desesperadamente. Mas se continuassem falando sobre assuntos tão sombrios e tristes, jamais o teria. Como ele parecia tão vacilante para seduzi-la, parecia que ela mesma deveria fazer isso.

Olhando sua dura feição, baixou a mão e a levou ao colo.

— Eu gosto de seu sabor.

Jack arqueou uma sobrancelha.

— Meu... sabor.

— Sim.

— E que sabor eu tenho?

Becky se inclinou para trás para pensar.

— Um sabor de limpo, como sabonete.

Ele fez uma careta.

— Não como cloro — o tranquilizou e levou mais um tempo para pensar melhor. — Como o veludo.

— E, veludo tem sabor?

— Acredito que deva ter. Ele é macio e suave.

— Entendi. Acredito. — Jack franziu a testa.

— Mas também percebo um toque masculino. Brandy. E também salgado, como uma recordação do mar.

— Não há nada de bom?

— São coisas que me lembram que estou beijando um homem — o corrigiu. — O prefiro beijar um, do que uma mulher, apesar de tudo.

Sorriu um pouco e ele também. Seus olhares se encontraram e os dois ficaram sérios. O sorriso se apagou do rosto de Jack.

— Becky, eu...

Ela lhe cobriu os lábios com os dedos.

— Estou feliz que tenha falado do seu passado. Significa muito para mim saber que é direto e honesto comigo.

Ele não a olhou nos olhos. Em troca, levantou uma das mãos e percorreu a provocadora linha do decote de seu vestido. Ela ficou sem fôlego ao notar o roçar dos dedos sobre a curva de seu peito, o toque áspero, na pele suave. Olhou-o nos olhos, mas Jack tinha o olhar fixo onde seus dedos se arrastavam, sobre a pele dela, e os olhos obscurecidos de desejo.

Deteve-se no final do «V», onde o tecido juntava-se entre seus seios. Esboçou um meio sorriso e sua expressão era de travessura, igual um pirata prestes a saquear um navio cheio de tesouros.

Becky tinha se trancado há muito tempo. Naquele momento estava abrindo um dos cadeados, apenas aquele

que tinha a ver com seus desejos carnais. Entretanto, muitos desses ferrolhos ainda permaneciam fechados, mas ela os verificava sistematicamente. Havia um que mantinha seu coração em uma vitrine de cristal e que estava fortemente protegido. Outro que protegia sua confiança, uma espécie de guardião, esse também estava a salvo. Depois haviam outros mais que ficavam como sentinelas guardando sua alma, sua mente e seus pensamentos. Esses estavam enfraquecendo um pouco e precisaria reforçá-los.

O que estava acontecendo entre Jack e ela estava a nível da pele. O que queria aquela noite era simples, queria que a tocasse. Toda ela. Queria que aqueles ásperos dedos percorressem seu corpo, que acariciassem cada centímetro da sua macia pele.

Nesse instante os deslizava pela pele descoberta de seus seios. Fechou os olhos, concentrando-se no rastro quente de seu toque. Jack cobriu um seio com a mão, apertando-lhe com delicadeza, com a palma aberta sobre a ligeira camada fina do tecido que os separavam.

O mamilo de Becky respondeu de imediato, ficou rígido, procurando por mais. Agarrou a manga e puxou o vestido do ombro, deslizando o tecido e revelando mais pele.

A palma da mão de Jack ardia. Moveu-a, raspou-lhe o sensível mamilo e ela prendeu um grito.

— Você gosta de ser tocada aqui? — Murmurou ele.

Ela não podia mentir. Não podia fingir que era uma recatada donzela. Não podia fingir ser o que não era.

— Sim!

Jack baixou a cabeça, aproximou-a um pouco mais, e tomou-lhe um dos seios com a palma da mão e fechou a boca sobre o mamilo endurecido.

Becky apertou-lhe o ombro, aproximando-o mais dela. O movimento de seus lábios sobre sua pele era excitante. Aquela parte era tão sensível que o forte movimento de seus lábios era quase doloroso, mas era uma dor mais que deliciosa. Uma dor que arrepiou sua pele, a fazia vibrar até as pontas dos pés e estremecer de prazer.

Jack puxou a outra manga e deixando à vista o outro seio. Cobriu com a mão o que estava lambendo e deu atenção ao outro, lambeu, sugou e moveu a boca sobre ele, de uma maneira que Becky jamais imaginou que fosse possível. Acariciou-lhe os ombros e acariciou os encaracolados cabelos de sua nuca. Jack estava brincando, com o polegar, um dos mamilos ainda úmido por seus beijos, isso irradiava raios de prazer por todo corpo de Becky, terminando no meio de suas pernas.

Um certo sentimento se formava em seu interior, era uma sensação diferente, a de estar subindo a algum cume, uma altura que não podia descrever e que tinha experimentado poucas vezes.

Jack cravou os dentes sobre o mamilo e puxou-o. A sensação em Becky ficou mais forte, ardeu, como uma explosão de luz que se condensava, contraía-se e se preparava para percorrer por suas veias.

Afrouxou a pressão dos lábios, beijando o lugar que acabava de mordiscar e ela suspirou. O estalo de luz se

aquietou, sua chama se tornou pequena e agradável dentro dela.

Como se Jack soubesse que Becky não suportaria ser abandonada assim, afastou os lábios de seus seios, mas não as mãos, que fechou sobre um dos seus seios e, os acariciou e massageou enquanto subia a boca por seu decote até chegar ao pescoço.

Ela inclinou a cabeça para trás para lhe oferecer sua pele e ele a tomou toda, tal como Becky desejava. Jack alternava entre roçá-la brandamente, lambê-la, sugá-la com força e mordê-la. Ele a fez ofegar sem deixar um só centímetro de seu pescoço sem ser explorado por seus lábios.

Continuou subindo, percorreu-lhe a linha da mandíbula e finalmente retornou a seus lábios, onde lhe deu um tenro beijo no canto da boca.

— Becky, quero você. Jamais esqueça disso.

— O que...?

Mas o ataque de sua boca a interrompeu. Já não era suave, seus lábios a fizeram embarcar em uma urgente viagem de sensações. Forte, imponente e opressora, tomou o controle de sua boca.

Como resposta, ela estremeceu, empurrou e puxou. Devolveu-lhe o beijo, então recuou a seu toque, com os sentidos oprimidos. O corpo dele estava junto ao dela, pesado e duro, tão masculino, tão grande, tão dominante. O tecido de sua camisa, de suas calças e a do vestido se enredavam, mas os rígidos contornos do corpo de Jack a tocavam por todos lados. Com a coxa e braços firmes e fortes a segurou e a

deitou sobre o sofá. A protuberância sólida de sua ereção pressionou contra sua perna.

De repente, Jack subiu em cima dela e Becky se deu conta de que ela estava deitada de costas, com a saia emaranhada entre as coxas, o cabelo despenteado, com o penteado que ao Josie havia levado tanto tempo para fazer, totalmente desfeito.

Ele a olhou e pôde ver o desejo em seus escuros olhos. Uma rajada de ar frio sussurrou sobre seus seios e seus mamilos se enrijeceram ainda mais.

Becky não sentiu nenhum impulso em se cobrir. Olhou Jack com os olhos entreabertos, com uma excitação queimando seu interior. Queria que ele a visse assim. Desejava que contemplasse seus seios nus com luxúria. Que tivesse desejo por ela.

Jack respirava com dificuldade.

— Deus, olhe o que faz comigo.

— O que faço? — Sua intenção era que a pergunta saísse suave e insinuante, como se tivesse experiência na arte da sedução, mas em troca soou brusca e cheia de desejo.

— Me faz esquecer... — As palavras se desvaneceram.

Becky o olhou fascinada enquanto se esforçava para tirar o lenço do pescoço.

— Esquecer?

O acessório de seda deslizou por fim e Jack o lançou por cima do encosto do sofá.

— Faz-me esquecer de mim mesmo. Esquecer de quem sou, de onde estou, do que estou fazendo...

— Não é assim mesmo que deveria ser?

— Acha que é assim?

— Eu... — Seu estômago revirou-se ao ver que seus lábios arqueavam em um travesso sorriso. Aquele sorriso seria sua perdição, — sim, acredito que seja assim.

Encantada, o olhou enquanto ele desabotoava os botões do pescoço, alto e rígido. Com um só movimento, Jack tirou a camisa pela cabeça e todo o ar que Becky desapareceu.

Seu peito era uma obra de arte. Jamais tinha visto nada semelhante. Os músculos tensos, a pele profundamente bronzeada, cada centímetro era firme. Quando respirava, os músculos do abdômen expandiam e ela se esforçou para olhá-lo nos olhos.

Jack a contemplou assombrado, quando Becky se deu conta de que o olhava boquiaberta, apertou os lábios com força.

— Foi casada? — Sua voz era suave.

— Fui.

Arqueou uma sobrancelha, inquisitiva, mas ela não queria falar de William, do tipo tão diferente de homem que era. Não queria pensar em nada mais que no que aquilo tinha diante de dela.

— Mas nunca tinha visto algo assim — acrescentou.

— Gosta do que vê? — Aquela voz penetrou em seus sentidos como uma fita de cetim.

— Sim. — Apoiou-se nos cotovelos e, ficando de joelhos junto a ele, abraçou-o pela cintura.

Sua pele era suave mas firme, sem pelos, com exceção do leve atalho que ia do umbigo à cintura baixa de suas calças negras.

Becky apertou os seios contra seu flanco enquanto se inclinava sobre ele e, em seu interior, a explosão de calor voltou com o contato. Jack colocou um braço pelas costas, aproximando-a mais, enquanto ela se inclinava para explorá-lo com os lábios.

— Aqui está. — Deslizou os lábios em sua pele. — Esse sabor. Humm!

— Veludo?

— Humm!

A risada de Jack ressonou em seu peito. Subiu as mãos pelas costas de Becky até os cabelos e tirou com brutalidade as fivelas, que os prendiam.

Acariciou-lhe o peito, absorvendo a maciez de sua pele com as pontas dos dedos. Procurou o umbigo e acariciou o pelo que descia, então, voltou para os duros músculos de seu peito e riscou círculos ao redor dos pequenos mamilos.

Subiu mais, concentrada por completo em sua exploração. Jack tinha uma pequena cicatriz na cintura, uma do lado esquerdo do peito e outra no ombro, seus mamilos eram pequenos, redondos e de um rosa escuro, embora não tanto como os seus.

— Tem um cabelo muito bonito.

— E você tem um belo abdômen. — respondeu ela, inclinada sobre a estreita linha de pelo que desciam do umbigo. Tocou-lhe a cicatriz. — O que aconteceu?

— Oh, isso! — Suspirou ele. — Um acidente com um anzol. A ferida em si é menos séria do que foi a infecção.

Becky estremeceu.

— Graças a Deus você se curou.

Percorreu-lhe a cintura e logo baixou a mão descaradamente sobre a protuberância delineada no tecido apertado.

Jack se manteve imóvel, suspenso, enquanto ela explorava o contorno de sua ereção, fascinada por seu tamanho, extensão e volume. Pela primeira vez desde que se decidiu agir dessa forma, Becky sentiu uma pontada de medo.

Como era possível que um órgão tão grande entrasse em uma mulher? Como era possível sentir prazer com uma coisa assim?

Já havia passado muito, muito tempo. Mal podia lembrar como William tinha feito isso. Além disso, tinha sido muito apaixonado por ela, mas sempre que tinham relações sexuais, o quarto ficava escuro. Além disso, aquela parte de sua anatomia, só tinha entrado em contato com um ponto específico da sua.

Apesar de seu desconcerto, seu corpo não hesitou em nenhum momento. Sua temperatura aumentou, doía, estava morrendo de ansiedade, secretamente ela implorava que ele se conectasse com ela de forma mais íntima.

Uma parte dela, a parte sempre analítica, dizia que essas sensações eram naturais, eram a instintiva resposta humana à atração física. E o instinto funcionava de maneira recíproca,

pela evidente ereção dele, sabia que Jack a desejava, o que, por sua vez, fazia com que aumentasse seu próprio desejo.

Puxou o cabelo dela e desabotoou o vestido, percorrendo sua coluna com um dedo. O ar frio lhe acariciou a pele nua e a fez suspirar.

— Quero tirar isso de você. — disse ele, levantando o tecido que cobria suas costas. — Quero ver você inteira.

Becky lhe cobriu com as mãos, a sólida ereção, e o olhou através dos cílios.

— Nesse caso, seria justo que eu também o visse. Todo por inteiro.

— Você vai me ver, querida. — Outra vez aquele travesso sorriso. — Eu prometo.

Becky o acariciou sobre o tecido e ergueu a mão. Percorreu-lhe o contorno dos marcados músculos do estômago com os dedos e seguiu subindo até seu peito. Riscou-lhe as clavículas, desceu por um braço, fascinada pelas elevações e formas de seus músculos, apertando-os com sua mão.

Desejou ser uma artista. Poderia desenhá-lo. Não, melhor, esculpi-lo, porque era sua forma o que a deixava sem fôlego. Seu corpo bem cinzelado e esculpido lhe lembrava uma estátua criada por um italiano a quem os deuses deram vida. Como se fosse David de Michelangelo. Jamais tinha ido a Florença, mas tinha visto retratos dele nos livros.

No entanto, comparado com Jack, David era um menino magricela. Jack era mais alto, mais largo, maior, mais forte e maior da cabeça aos pés. Especialmente...

O calor se formou no seu rosto quando voltou a olhar com fascinação aquela parte dele que tanto a intrigava.

— Levante-se — Ordenou ele em voz baixa.

Becky olhou para ele. Se ficasse em pé, deslizaria o vestido e ficaria nua.

Jack não deixava de fitar seus olhos. Gentilmente, afastou uma mecha de cabelo que tinha caído sobre a testa dela e a colocou de volta atrás da orelha.

— Você quer isto, certo?

— Eu... — Sua voz falhou e decidiu ser honesta. — Há muito tempo. E... estava casada. O que aconteceria...?

O que aconteceria e ela tivesse razão a respeito de como os assuntos da carne se sobrepunham aos do coração? O que aconteceria uma vez que lhe desse seu corpo também lhe entregasse seus sentimentos?

Os escudos que a protegiam se fariam em pedaços. Já não estaria a salvo. Estaria tão vulnerável como estava com William.

Com um som baixo que soou como um gemido de desgosto, Jack a arrastou para seu corpo e a abraçou contra si. Seus peitos se chocaram com o suave calor de seu torso e ela suspirou de alegria. A maciez e a comodidade de sua pele nua contra a sua proporcionavam um inexplicável prazer.

— Jamais farei mal a você de propósito, Becky. Jamais. — Tremeu a voz ao dizer aquilo.

A crueza de seu tom delatava sua honestidade. Todo seu corpo ecoou a voz e ela sabia que dizia a verdade.

Confiava nele como não confiava em mais ninguém. Na realidade não tinha permitido que isso a incomodasse, bem, não muito. Já tinha prometido a si mesma que não permitiria que a machucassem, nem Jack, nem ninguém. Mantinha sempre a guarda alta, poderia proteger-se da dor.

— O que aconteceu...? — Sua voz voltou a sumir. Haviam tantas perguntas pendentes. O que aconteceria se ela não estivesse à altura do que ele esperava de uma amante? O que aconteceria se doesse? O que aconteceria se ficasse grávida?

Simplesmente, não podia tomar tudo tão leviano como faria Cecelia. Uma união como aquela tinha um grande significado. Quando tirasse a roupa, tiraria os únicos escudos tangíveis que tinha. Como alguém podia banalizar com semelhante união?

Só conhecia Jack há poucas semanas. Não estavam casados. Se ele sentisse algum desejo de casar-se com ela, teria ido falar com seu irmão em vez de ir a um encontro furtivo, em um hotel, no meio da noite.

— Não — disse Jack em voz baixa, — não farei mal a você. Darei somente prazer. Sem remorsos.

— Sem remorsos, — repetiu Becky calmamente. Deslizou-lhe os braços ao redor de sua cintura e apoiou a cabeça em seu ombro. — Não sou inocente, Jack, mas acredito ser para algumas coisas. Estes encontros são muito novos para mim. Antes desta noite, o único homem que tinha visto sem camisa, foi meu marido. No escuro. Não sabia até agora, mas tirar a roupa me deixa vulnerável. Eu não gosto de

ser vulnerável... mas... — debateu-se para encontrar as palavras corretas. — De uma maneira essencial e temerosa, desejo ser vulnerável diante de você.

— Isso soa bem. — Acariciou-lhe as costas até onde o vestido tinha caído, na altura de seus quadris. Ela entregou-se a seu abraço, consolada por suas carícias. — Não sou o tipo de homem que se aproveita de uma dama e depois a despreza. Aconteça o que acontecer entre nós, deve saber que tomarei todas as precauções para te proteger, tanto seu corpo como seu espírito.

Foi um bonito discurso. Becky não se surpreendeu, sabia que um homem podia dizer qualquer coisa para levar uma mulher para a cama. Mas a tranquila veemência de sua voz a ajudou muito a afugentar seus medos.

— Desejo você, Becky. Do momento em que te vi quis fazer amor com você.

Ela quase soltou uma gargalhada. Acreditava que era uma completa depravada por ter pensado exatamente o mesmo.

— Mas essa atração não basta para descrever o que sinto esta noite. Há muito mais.

Ela também se sentia assim, Jack era um homem. Que mais poderia querer ele? Inclinou a cabeça e o olhou intrigada.

— Verdade?

Passou o polegar por seu lábio inferior e apertou-o com suavidade.

— Você é muito linda, suponho que saiba. Se destaca do resto das mulheres.

Seus ombros ficaram tensos. Falar de sua aparência a deixava desconfortável. Jamais se sentia bem com isso. Sempre se olhou no espelho e viu uma estranha, uma mulher assustada e solitária, que parecia mais velha do que a idade que realmente tinha. Uma mulher que tinha cometido trágicos e terríveis enganos e que quase tinha destruído todas as pessoas a quem amava.

— Você não gosta que falem da sua beleza. — Não era uma pergunta. Jack riu, mas o som delatava amargura. — Eu também não.

Becky permaneceu em silêncio.

— É disso que se trata, não vê? Com você senti uma conexão que jamais senti com mais ninguém. Sinto que há algo natural que nos une, algo que está além da atração física.

Essas palavras a acalmaram apesar dos alarmes que soavam dentro de sua cabeça. O que Jack dizia era muito sério. Falava de uma conexão mais íntima do que luxúria.

— Nenhum de nós pode saber o que acontecerá no futuro, mas aconteça o que acontecer, não tenho intenção de deixar você indefesa.

Becky apoiou uma mão em seu peito.

— Você é muito nobre, Jack.

Depois de uma tensa pausa, ele disse em voz baixa:

— Jamais cometa o erro de acreditar que sou nobre.

Aquilo não fazia sentido. Falava de suas honoráveis intenções — bom, tão honrosa como podiam ser naquelas circunstâncias, então disse que não era nobre. Becky entrecerrou os olhos.

— Então você mentiu?

— Não.

— Fala de suas intenções e depois me diz que não possui nobreza. Como pode ser?

— Algumas coisas são simples, como meu desejo de ter você e te dar prazer enquanto a possuo, meu desejo de manter você a salvo de qualquer perigo. Outros aspectos de minha personalidade são muito mais complicados e certamente menos nobres.

Becky concordou e outra vez a consciência de seu corpo pressionando contra a pele quente dele a invadiu. Suspirou de satisfação.

— Levou-me muito longe — disse Jack calmamente. — Cada segundo que não estou dentro de você, cresce meu sofrimento.

— Não parece estar sofrendo.

Procurou a mão dela nas costas, a pegou e baixou até o duro contorno rígido de sua ereção.

— Mexeu comigo desde a primeira noite em que ficamos sozinhos. Agora acontece que quando estou com você, como quando estamos separados, não posso deixar de pensar em você. — Olhou-a contrariado. — Isso é bastante desconfortável para um homem depois de um certo tempo.

Becky se esforçou para não sorrir.

— Pediria desculpa se a parte malvada que há em mim não estivesse tão feliz de ouvir isso.

O gemido que Jack deixou escapar quando ela apertou seu pênis foi a clara evidência de seu desespero e Becky quase sentiu pena por ele.

— Vem para a cama comigo — disse Jack e em sua voz havia uma crescente combinação de súplica e ordem.

Ela apoiou a mão aberta sobre a ligeira curva de seus músculos peitorais e fechou os olhos.

— Sim, leve-me.

Levantou-se e a agarrou em seus braços como se fosse leve como uma pluma. O vestido, ainda enrolado na cintura, enrugou-se nos quadris. Jack a levou para o quarto, fechou a porta com um chute, após entrar.

O quarto estava decorado com elegância. Nas paredes haviam quadros que representavam paisagens do continente. O tapete era lilás com matizes dourados, combinando com o papel das paredes. Velas queimavam em candelabros de parede que projetavam brilhos dourados ao redor. A cama estava no centro. Sobre ela um dossel, de carvalho finamente esculpido, cordões dourados rematavam as cortinas que eram de veludo azul escuro, que quase pareciam negras. Em cima da colcha, bordado do mesmo azul que as cortinas, havia grande quantidade de almofadas de cor púrpura clara, negro e dourado.

Era uma habitação decorada para entrevistas ilícitas. Becky tentava não pensar no senhor Sheffield planejando-o

assim, mas não podia evitá-lo. Sentiu uma estranha opressão no peito.

Jack tirou a colcha e a manta, deitou ela sobre o suave lençol e lhe colocou a cabeça com delicadeza entre as almofadas. Becky o olhou enquanto tirava o vestido e, de repente, esqueceu-se por completo do senhor Sheffield.

— Não queria atrapalhá-lo, — disse, quando o tecido se ficou preso entre o traseiro dela e a cama.

Becky levantou os quadris e o suave tecido deslizou para baixo por suas pernas, deixando-a completamente nua.

Concentrou-se em manter a respiração serena enquanto ele tirava as calças. Apertou os lábios e se apertou os lençóis quando viu que ele tirava as botas e a calça deslizava por seus estreitos quadris. Uma vez nu, engatinhou pela cama até chegar ao seu lado.

Apertou-a contra ele, tentando unir cada centímetro entre seus corpos, dos pés a cabeça, sua ereção cavou na coxa de Becky.

— Vou demorar — murmurou como que para si mesmo. — Pode ser que seja difícil, mas vou demorar. — Cobriu-lhe o rosto com as mãos abertas. — Lembra o que disse para você antes.

— Lembra...? — Perguntou ela fracamente.

— Nunca farei mal a você. Lembra?

— Eu... sim. — disse. — Lembro.

Jack a beijou com ternura, bebendo de seus lábios como se fossem ambrosia. Becky agarrou seus fortes ombros, a

cabeça girava e a necessidade ardente se espalhava por seu corpo como um doce veneno.

Ele baixou a áspera mão de seu rosto, por seu pescoço até chegar aos seios, com movimentos voluptuosos e circulares, roçou-lhe o mamilo, o que a fez se retorcer e gemer dentro de sua boca.

Moveu a mão até a curva de seus quadris aproximando-a mais para ele. Incapaz de conter-se, Becky apertou seu corpo contra o seu, necessitava dele mais perto, queria mais.

— Assim. — murmurou Jack. Deslizou a mão para baixo, entre as pernas de Becky, ela se contorceu de tal modo que quase caiu da cama.

— Muito rápido?

— Não — sussurrou. — Não.

Com firmeza, pôs a mão sobre seu monte, Becky ofegou. Sentiu como se um raio penetrasse em seu interior e brilhos de prazer a invadiram.

Apertou mais os dedos. Abraçou-se a Jack como se sua vida dependesse disso. Ele começou a mover a mão entre suas dobras sensíveis e úmidas.

— Oh — ofegou ela e arqueou.

Mantinha os olhos abertos, fixos nos de Jack, ignorando o impulso que a fazia fechá-los com força. Ele também a olhava, firme e determinado.

— Quero que venha para mim.

Becky emitiu um som incoerente. Tinha estado perto de gozar antes, quando ele dispensou tanta atenção a seus seios, naquele preciso instante não sabia se poderia. As sensações

eram muito poderosas. Quase opressora. Jack a olhava fixamente. Becky notava seu sexo ainda mais duro fazendo pressão contra sua coxa. Retorceu-se contra ele e o buscou da mesma maneira que procurava suas carícias. A luz das velas dançava por seus largos ombros lhes dando um brilho de bronze.

Ele era tão bonito. Seus olhos, obscurecidos pelo desejo, cintilavam com luxúria. Impulsionava os quadris com ânsia e o áspero som de sua respiração afogava o da exalação de Becky enchendo o ar da sala com seu desejo.

Entretanto, não a deitou na cama nem a possuiu. Excitava-a com paciência e lentidão, até que ela gemeu. Becky cravou as unhas em seus ombros e estremeceu da cabeça aos pés. A sensação, – Oh, uma sensação tão boa, demoníaca e inebriante que pensou que iria explodir em chamas, – era um ardente sol de prazer que se expandia em seu interior, irradiando deliciosas chamas por todo seu corpo.

Soltou um gemido estrangulado.

Jack aumentou a pressão de seus dedos e apertou aquela área sensível até que ela se retorceu, afastando-se e ofegando.

— Isso.

Sentiu que ia sair de sua própria pele se ele continuasse. Não o fez. Suavizou as carícias de seus dedos e riscou delicados círculos ao redor daquele ponto tão sensível. Quieto, a observou.

Becky se deu conta de que estava muito atento, inclinado sobre seu corpo. Estava aprendendo o que a fazia gemer, o

que a fazia estremecer-se. O que a fazia gozar.

Deslizou um dedo dentro dela, ele ficou sem fôlego. Pressionou a testa contra seu ombro, tremendo enquanto ele se movia dentro de seu corpo, descobrindo seus lugares mais secretos, seus desejos mais íntimos, as carícias que a faziam soluçar de necessidade e de alívio.

— Venha para mim, querida. Goze quando estiver pronta.

Empurrou seus dedos mais profundamente. Becky pensou que ia romper-se em pedaços ou que gritaria, que pediria que parasse ou que colocasse os dedos mais fundo, mais rápido, que fizesse algo para liberá-la, para lhe tirar aquela tensão que tinha construído em seu interior e que a oprimia com urgência e necessidade.

Ouviu o latejar do sangue em suas veias, sua própria respiração agitada e a dele sobrepondo à dela.

Com um soluço que saiu do mais profundo de sua garganta, gozou. O núcleo ardente e compacto que se condensou em seu interior de repente, explodiu em um milhão de faíscas de prazer que dispararam por cada nervo do corpo. Ficou imóvel, incapaz de mover-se, de falar, de respirar, enquanto essa sensação a possuía, mais poderosa que qualquer outra sensação física que jamais havia experimentado.

Jack não parou. Seguiu acariciando-a durante o poderoso orgasmo, enquanto ela se segurava com força seus dedos em seu interior. Becky começou a tremer, rodeando os braços em suas costas, tentando encontrar suporte até que

novamente agarrou seus ombros. Ele era seu salva-vidas. Mantinha-a conectada a terra, evitava que se partisse em pedaços.

— Meu Deus, — o ouviu dizer, como se estivesse muito longe. — Meu Deus, Becky...

As contrações de seu corpo começaram a diminuir e seus peritos dedos continuavam ali, evitando que se desmoronasse e devolvendo-a lentamente à realidade.

Deu-se conta de que estava ofegante. Estava suando — ou estava chorando? — Afastou uma mecha de cabelo de seu rosto. As lágrimas rolavam pela face e ele as enxugou com beijos.

— Não chore. Por favor, querida, não chore.

Ouviu-se um sonoro rangido por trás das portas que davam ao corredor, Becky ficou imóvel. Jack se separou dela e a cobriu-a com a manta.

A porta se abriu batendo contra a parede, ao abrir Becky ouviu gritos. Foi tomada pelo pânico, enquanto uma espécie de cacofonia soava em sua cabeça. Jack seguia na cama, com ela, tinha o torso nu, mas os lençóis o cobriam até a cintura. Virou-se para a porta.

Becky se cobriu até o pescoço.

— Rebecca!

Oh, Deus! Era a voz de seu irmão.

Capítulo 4

Quatro anos atrás, Garrett teria sacado uma arma e disparado em Jack, ali mesmo. Mas agora tinha mudado e era um homem mais tranquilo, mais feliz, menos propenso a lançar-se às ações, sem pensar. Sua esposa tinha tido muito a ver com essa domesticação.

Entretanto, havia uma poderosa agressividade em sua voz.

Becky se virou para a porta e afogou um grito ao descobrir o que, ou melhor dizendo, quem estava ali. Não era só seu irmão. Como se isso não fosse suficientemente horrível, parecia que a metade da população de Londres estava amontoada na porta.

Becky viu seu primo, Tristan, atrás de Garrett. A fúria escurecia seu rosto. Sua esposa, Sophie, estava a seu lado, e, atrás deles, um grande grupo de pessoas que Becky não conhecia.

— O que está acontecendo? Deixem-me ver. — Lady Borrill afastou um jovem rapaz e entrou no quarto. Os outros se apertaram atrás dela.

Becky tinha estado em situações comprometedoras antes. Tinha combatido o pânico entristecedor e se manteve

firme, mas naquele instante a única coisa que queria era encolher-se até ter o tamanho de uma ervilha e desaparecer sob os lençóis ou, melhor, desvanecer-se por completo e jamais voltar a ver nenhuma daquelas pessoas. Olhou-os muda, incapaz de mover-se nem de falar. Agarrava os lençóis com tanta força que as unhas cravaram na palma das mãos e lhe machucaram a pele.

Durante um longo momento de tensão, não houve mais que um ensurdecedor silêncio. Logo, de repente, começou o rebuliço. Uns murmuravam, outros gritavam e todas as palavras se mesclavam. Garrett se aproximou da cama com a cara pálida, os lábios tensos e os punhos apertados. Parecia que ia matar Jack Fulton com suas próprias mãos.

Sophie se apressou, agarrou-o pelo braço, tentando segurá-lo. Disse-lhe algo, mas Becky não pôde entender suas palavras, em meio a toda aquela confusão.

Tampouco pôde decifrar o que dizia Garrett. Entretanto, viu que afastava Sophie como um cavalo que tira uma mosca de cima.

— Bastardo — ele retrucou, levantando os punhos. — É minha irmã a quem está desonrando.

— Que demônios estão fazendo aqui? — Gritou Jack. — Saiam deste quarto. Agora!

Garrett se aproximou da cama.

— Eu vou matar você.

Sophie havia virado para olhar à multidão que se reunia atrás deles e Becky a ouviu gemer de espanto.

— Meu Deus!

Garrett ficou paralisado, sua expressão parecia uma tensa máscara. Logo respirou fundo e se virou para a entrada do quarto. Quando falou, sua voz foi como uma ordem baixa e ameaçadora.

— Saiam todos daqui.

Ninguém se moveu.

— Agora! — Gritou.

As pessoas puseram-se em movimento e, em questão de segundos, a multidão estava dispersa e haviam fechado a porta. No comôdo só ficaram Sophie, Tristan e Garrett com Becky e Jack.

Garrett foi de novo para cima de Jack.

Este se ergueu, levantando as mãos.

— Eu adoraria brigar com você, duque, mas este é o momento e o lugar?

— Sim.

Em Jack invadiu uma tensão.

— Façamos isto de forma civilizada. Um desafio formal? Armas ao amanhecer?

— Punhos — rebateu Garrett. — E agora.

Possivelmente Kate não tinha domesticado seu irmão tanto como Becky acreditava. O temor pela vida de Jack lhe trouxe novamente a voz.

— Não, Garrett — disse em um sussurro. — Deixe-o em paz.

Os olhos azuis de seu irmão a olharam um instante e depois se desviaram. Sua postura não tinha mudado, seu comportamento, tampouco. Como sempre, o que ela dizia não

o afetava em absoluto. Kate era a única pessoa que podia tranquilizá-lo, que podia acalmar aquela fúria, mas ela não estava ali.

Tristan se aproximou dele e agarrou seu ombro, para segurá-lo — só momentaneamente, Becky sabia disso — a uma distância segura de Jack.

Os gélidos olhos azuis de Garrett voltaram a posar nela, que viu um músculo da mandíbula apertar. Então, seu irmão olhou para Jack.

— Saia da cama, maldito.

Jack se levantou, cobrindo-se com uma das almofadas. Os músculos de seu traseiro se contraíram e flexionaram quando ele levantou. Sem ele, Becky se sentiu indefesa e, com a extremidade do olho, viu o minúsculo brilho de sua ereção que ficou à mostra.

Garrett apontou imperiosamente para a porta que dava ao corredor.

— Vá se vestir. — disse a Jack.

Este agarrou suas calças e deu uma olhada para Becky, que assentiu.

— Como queira. — E saiu do quarto. Garrett se inclinou e recolheu algo do chão. Era o vestido quase transparente que Becky estava usando ao chegar. — Deem algumas roupas para ela.

Entregou o vestido a Sophie e se foi para o corredor. Tristan o seguiu, fecharam a porta. Becky estremeceu. Pelo menos, podia ter uma pequena esperança de que Tristan evitasse que seu irmão atacasse Jack.

Lady Borrill havia dito a ele. Devia ter reconhecido Becky e foi contar a Tristan e Sophie, que estavam jantando com Garrett. Com sua gravidez muito avançada, Kate não estava se sentido bem para sair e tinha preferido não ir ao jantar. Lady Borrill lhes teria informado que Becky estava ali, metida em algo não respeitável e, é claro que Garrett tinha ido apressado para o hotel, arrastando com ele a todos, sem pensar nas consequências.

O irmão de Becky era indiferente ao decoro. Se acreditasse que ela estava em perigo, arremeteria contra o que fosse, sem pensar em mais nada.

Becky segurou um soluço.

Sophie levou uma mão ao elegante coque loiro que estava na altura da nuca e se apressou em ir para a cama. Ao andar, agitou a saia cor café de seu vestido de noite e arqueou uma sobrancelha com preocupação.

— Oh, Becky!

Ela sabia que o tom de censura que havia em sua voz não era intencional. Entretanto, Sophie sempre a fazia se sentir como uma menina travessa.

— Passe-me o vestido, por favor.

Em silêncio, Sophie o deu. Apertou os lábios ao ver quão transparente era o tecido e como se vislumbravam através dele os seios de Becky. Olhou o resto do comôdo, era evidente que procurava por algo mais que fosse mais adequado para cobri-la.

Finalmente suspirou.

— Bom, teremos que a cobrir com o lençol para irmos ver os cavalheiros.

Becky cruzou os braços, tentando conter o tremor.

— Não tenho nenhuma intenção de ir ver os cavalheiros. Já tive suficiente de cavalheiros por esta noite. — Do outro lado da cama havia uma porta que se supunha que daria para o corredor de fora, planejava sair por ali. Não tinha vontade de enfrentar Tristan nem Garrett e, ao pensar em Jack, ficou muito confusa pelas recentes emoções.

O mais urgente que tinha a fazer era evitar que Garrett matasse Jack e, embora pudesse contar com a ajuda de Tristan como uma medida temporária, a única pessoa no mundo capaz de fazê-lo encontrar a razão era sua esposa. Becky falaria com Kate e esta encontraria uma maneira de evitar o confronto.

— O que quer dizer? É claro que devemos ir…

— Não. — disse ela — Por favor, Sophie, me leve para casa. Quero ver Kate.

ଓ ♥ ଌ

Jack colocou a camisa e esfregou a nuca ao ver os dois homens. Percebeu a hostilidade no ambiente.

O duque o olhava fixamente, com os olhos entrecerrados e a mandíbula apertada. Era uma espécie de gigante loiro, com uma vermelha cicatriz do tamanho de um xelim, sobre a sobrancelha esquerda. Se Jack não tivesse enfrentado homens como ele antes, possivelmente se sentiria intimidado

agora. Mas era marinheiro há muito tempo e homens como o duque de Calton, embora não fossem fáceis de encontrar em um hotel de Londres, eram bastante comuns no mar.

O primo do duque, Tristan, o visconde de Westcliff, olhava-o por trás dos ombros de Garrett. Não parecia tão furioso como seu parceiro. Era mais alto mas mais magro que seu primo e, enquanto que a camisa e o lenço deste se viam enrugados por debaixo da jaqueta, lorde Westcliff estava vestido impecavelmente, com um fraque de cetim negro, um lenço branco imaculado e uma agulha de ouro no colarinho. Tinha o cabelo castanho escuro e traços aristocráticos. Nesse instante, não demonstrava nenhuma expressão, mas se vislumbrava uma eloquente tensão em sua mandíbula. Todos seus movimentos pareciam calculados e seus inteligentes olhos escuros não se perdiam em detalhes.

O duque de Calton era muito mais expressivo que lorde Westcliff. Via-se claramente que queria matá-lo, mas algo o segurava. Sem muito interesse, Jack se perguntou o que seria.

Depois de um longo momento de silêncio, Jack soltou um suspiro. Estava preparado para aquilo e de fato o esperava, embora não gostasse de ter que manipular aquelas pessoas, que, além de suas peculiaridades, pareciam boas pessoas.

— Que diabo fazia com minha irmã? Sabe quem é ela? — Perguntou Garrett, soltando faíscas pelos olhos.

— Sei quem ela é.

«Certamente que sei», pensou com amargura.

O duque deu um passo adiante e lorde Westcliff o seguiu.

— Então, deve saber que matarei qualquer um que a toque, e muito mais alguém que desonre e arruíne sua reputação.

Interiormente, Jack estava envergonhado. Essa noite havia se comportado como um canalha de primeira classe.

Na realidade, era um canalha. Se não fosse teria tido outro tipo de vida. E não teria feito o que estava fazendo com aquelas pessoas nesse momento. O ódio de si mesmo inundou seu peito. Que vilão habilidoso ele era. E tudo para quê? Para salvar a própria pele. Por culpa do condenado Tom Wortingham, maldito bastardo.

Jack levantou a mão para impedir que lorde Westcliff adicionasse mais a que havia dito o duque. Sua voz foi suave.

— Atrever-me-ia a dizer que sua reputação já não está mais em perigo. Ela é uma viúva.

Os dois homens o olharam em silêncio, era um silêncio carregado de rancor.

Jack demorou um momento em medir seu principal adversário. Os homens propensos à violência justa moviam-se por uma combinação de concessões e lógica. Certamente, isso não incluía a provocação, coisa que ele naturalmente tendia a fazer.

Jack suspirou novamente. Não há mais golpes ao ar. Possivelmente o melhor seria ir direto ao ponto. Deixou cair as mãos ao lado do corpo e olhou para os dois homens.

— Entendo sua raiva. — Fez um esforço para falar em tom humilde... e conseguiu. Foi um verdadeiro testemunho de quão importante considerava aquele momento. — Não desejo que este terrível momento cause nenhuma dor a lady Rebecca.

Era a pura verdade. A constatação o teria desconcertado, se não tivesse tão decidido a conseguir seu objetivo.

— Viu quem presenciou o espetáculo esta noite? — perguntou-lhe lorde Westcliff. — Compreende o impacto que isto terá em sua reputação?

— Não quero envergonhar lady Rebecca — prosseguiu Jack. — Ver que zombem dela ou manchem sua honra de qualquer forma me causaria um grande pesar. — Ergueu-se, afirmando sua postura e sua voz. — Estou disposto a fazer o que for para evitar isso.

— Deveria ter pensado nisso antes de trazê-la aqui — grunhiu o duque.

— Às vezes, nestes assuntos, o coração fala mais alto que o bom julgamento.

— O coração? — zombou o duque de Calton. — Acredita que sou idiota? O que vi aqui era mais que a voz da carne. O coração não teve nada que ver com isto.

— Está equivocado, — disse Jack lentamente.

Lorde Westcliff o olhou desafiante, como se tentasse ver além de suas palavras. Mas fazia muito tempo que Jack tinha levantado uma barreira de aço que ninguém podia cruzar. Ninguém podia penetrar nela, nem ver sua verdadeira motivação. Não permitiria.

Olhou lorde Westcliff nos olhos.

— Tenho intenção de fazer o que é certo.

ଓ ♥ ଌ

— Oh, Kate, — chorou Becky, jogando-se nos braços de sua melhor amiga.

A proeminente barriga de sua cunhada evitava que pudesse ir mais à frente em seu abraço. A duquesa estava grávida de oito meses de seu segundo filho. A primeira, Jessica, de dois anos, dormia junto aos filhos adotivos de Kate e Garrett. Jessica tinha nascido em Londres e Garrett confiava no médico que havia a trazido ao mundo, assim tinha decidido ficar na cidade até que nascesse o novo filho. Sophie e Tristan também ficaram para fazer companhia aos dois, embora, para falar a verdade, sempre preferiam estar em Londres que no campo.

A escura trança de Kate ia até a cintura e vestia um ligeiro xale de flanela sobre os ombros. Estava acordada, esperando Garrett, quando Becky chegou.

— Shhh, acalme-se. — Kate a acolheu entre seus braços.

— Gostaria que você estivesse lá. Poderia ter feito com que ele encontrasse a razão...

— Não se preocupe, tudo ficará bem.

— Como pode saber disso?

O bebê deu um forte chute contra o ventre de sua mãe e Becky a soltou um pouco.

— Vê isso? Ele também está de acordo. Tente compreender. Seja o que for que tenha acontecido, não pode ser tão ruim assim.

Ela se desabou em um dos sofás estampados de flores, abraçou os joelhos e tentou acalmar-se.

— O que aconteceu?

Becky fechou os olhos.

— Estava na cama, nua. Com um cavalheiro. Envolta em... em...

Kate levantou uma mão para impedir que sua cunhada continuasse gaguejando.

— Entendo. — Parecia ligeiramente surpresa, mas não decepcionada.

— Eu... lady Borrill me viu no hotel e estou segura de que foi contar a Sophie e a Tristan. Garrett estava com eles esta noite e todos subiram correndo e viram...

— Oh, Becky querida. — Kate se sentou no sofá a seu lado e passou um braço pelos ombros. — Garrett e Tristan estão zangados com o cavalheiro, mas é assim que tem que ser. Não cabe dúvidas de que é embaraçoso para seu irmão e seu primo que lhe vejam em um momento tão pessoal e privado, mas uma vez que passe a fúria, tudo voltará para a normalidade. Não tema, quando Garrett retornar para casa, acalmá-lo-ei e tenho certeza de que Sophie fará o mesmo com Tristan.

— Não duvido de que o fará, se não for muito tarde. Jack, o cavalheiro com o quem eu estava, sugeriu um confronto.

Kate ficou rígida.

— Bem, se planejam um duelo, não acontecerá até manhã no mínimo. Eu lembrarei a Garrett que a seu filho gostaria de conhecer o pai.

Os olhos de Becky encheram de lágrimas e sua cunhada apertou um de seus ombros. Kate a compreendia. Kate sempre a compreendia.

— Quem era o cavalheiro, Becky? — A voz de sua cunhada era suave e tranquila.

— Chama-se Jack Fulton, é filho de um conselheiro da Coroa e acaba de retornar a Inglaterra depois de uma longa ausência de muitos anos. Cecelia nos apresentou... eu gostei dele imediatamente. — Sentiu calor na face. — O sentimento era mútuo. Havíamos nos... nos encontrado várias vezes. Esta noite foi a primeira vez que... que tivemos intimidades.

Kate suspirou.

— E lady Borrill os viu?

— Sim — sussurrou Becky. — E também outras pessoas a quem não conheço, hóspedes do hotel... — Nunca em sua vida se deprimiu, mas o estofado da cadeira que tinha em frente começou a mover-se diante de seus olhos. Agarrou-se ao braço do sofá e fechou os olhos com força.

Kate apertou os dentes.

— Lady Borrill é conhecida por ser muito fofoqueira.

— Sei disso.

— As testemunhas farão com que se saiba o que aconteceu esta noite. Não há maneira de evitar.

— O que vou fazer? Oh, Deus, esta família não precisa de outro escândalo. Desculpe, Kate. Sinto tanto.

Inclinou-se e escondeu o rosto entre as mãos. Depois de tudo o que tinha feito a seu irmão, a Tristan, a Sophie e a Kate. Quatro anos de vida irrepreensível tinham servido muito pouco para diminuir a culpa que sentia pelo desastre que tinha causado ao fugir para casar-se com William.

Finalmente, Becky tinha decidido provar para si mesma, ir além da traição de William e demonstrar que era uma mulher forte que merecia ser amada. Tinha falhado de uma maneira espetacular.

Kate lhe acariciou o cabelo.

— Uma vez me disse que o escândalo não podia te alcançar.

— Não. — respondeu fracamente. — Possivelmente não a mim, mas sim ao resto de vocês.

De dentro das dobras de seu manto, Kate tirou um lenço de linho.

— Ao longo dos anos, já disse umas mil vezes que a culpa é uma emoção sem sentido. Não ganha nada com ela. É inútil e improdutiva, exceto que causa um terrível dano a quem a sente.

— Não é apenas culpa, Kate, mas arrependimento. Desejaria...

Deus, o que ela desejava? Certamente, não se arrependia de ter conhecido Jack, e tampouco de que a houvesse tocado nela. De um modo egoísta, quis cada beijo, cada carícia e cada palavra que tinham compartilhado e não podia desejar

que não tivessem existido, por muita culpa e arrependimento que sentisse naquele instante.

— Esse homem importa-se com você? Esse tal senhor Fulton?

— Sim.

Cecelia teria franzido a testa ou possivelmente teria rido. Mas Becky não estava admitindo que o amava, isso teria sido tão impetuoso e tolo como apaixonar-se à primeira vista por William Fisk, há quatro anos atrás. Mas sim, se importava.

— Admira-o? — Perguntou Kate.

— Sim.

— Deve ser inteligente então. Muito letrado.

Kate conhecia muito bem o tipo de homem que podia interessar a Becky.

— E muito viajado, — disse ela.

— É um homem honrado?

Becky pensou duas vezes. Jack lhe tinha advertido que possuía uma natureza pouco honorável. E, entretanto, seus atos indicavam o contrário. Era amável, consciencioso, cuidadoso. Inclusive naquele momento, a lembrança de seu olhar quando a tocava a fazia estremecer. Quando a porta do quarto do hotel se abriu e todas aquelas pessoas entraram, sua primeira reação tinha sido protegê-la dos olhos curiosos.

— Sim, Kate. Acredito que é honrado.

— Então, só há uma resposta clara, — disse Kate em voz baixa. Suspirou e enxugou as lágrimas de sua amiga com seu lenço. — Deve se casar com ele.

Capítulo 5

No dia seguinte pela manhã, Becky se apressou em ir para o quarto dos meninos para ver Kate. Depois que a jovem saudou as crianças, Kate deu instruções a babá e logo saiu com Becky para o corredor e fechou a porta.

— Esta manhã recebi uma carta de Sophie. — Kate parecia exausta, o bebê a manteve acordada toda a noite. Tirou a sapatilha e se apoiou na parede para esticar-se e esfregar o arco do pé ligeiramente inchado. — Ainda não está claro quem escreveu a nota informando a Garrett de seu paradeiro.

Becky cruzou de braços.

— Estou certa de que foi a horrível lady Borrill. Olhou-me de uma maneira cortante na escada e logo foi com sua escandalosa notícia direto a Tristan e Sophie.

— Garrett não está certo de que foi ela. Diz que tinham terminado de jantar e que foram a pé até a casa de Sophie e Tristan, quando um homem a cavalo deteve a carruagem, entregou um bilhete ao chofer e fugiu antes que Garrett pudesse vê-lo.

— O que dizia a nota exatamente?

— Que você se encontrava em problemas e dava o nome do hotel. Garrett ordenou ao cocheiro que fosse diretamente para lá, quando chegaram, saiu disparado doa carruagem com Sophie e Tristan atrás. Entrou no hotel correndo, arrancou a informação e a chave do dono e logo subiu a escada voando. Todos os gritos atraíram a atenção dos curiosos, mas conhece Garrett. Não prestou nenhuma atenção. — Kate voltou a baixar o pé ao chão e olhou para Becky, com seus escuros olhos cheios de compaixão.

— Garrett mandou-me chamar a seu escritório — disse Becky. — Vim perguntar a você se pode me acompanhar.

Kate se ergueu, então agarrou a mão de Becky, a levou ao coração.

— Becky, é minha amiga mais querida, mas ele não me pediu que fosse, a não ser a você. Acredito que deve enfrentá-lo sozinha.

Por um rápido instante, Becky pensou em lhe suplicar, mas era consciente de que se apoiava muito em Kate e que tinha que começar a virar-se por si mesma. Em parte por essa razão se esforçou tanto por fazer-se amiga de Cecelia.

Kate a compreendia. Nos últimos quatro anos, tinham vivido juntas muitas tragédias, tristezas e amor. Estavam tão unidas como duas mulheres podiam estar, sem nenhum laço de sangue as unindo.

— Sei que devo ir sozinha — disse Becky finalmente. — Mas eu não gosto da ideia de enfrentar ele sem você.

Kate sorriu.

— Por que tem tão pouca confiança em sua própria valentia? Eu vejo muita força em você, Becky. Só é o Garrett. Pode falar com ele, sei que pode.

Garrett a tinha visto fazia só umas poucas horas em uma postura muito mais que comprometedora, com um homem a quem não conhecia. Seguia decidido a matar Jack? Não havia tornado a ouvir uma palavra sobre o duelo, assim possivelmente Kate tinha conseguido tirar da cabeça de seu marido essa ideia, quando retornou para casa à noite. Havia retornado surpreendentemente então. Não muito depois de que ela e Kate tivessem conversado no salão. As duas tinham ouvido os cascos dos cavalos e tinham olhado pela janela, onde viram a carruagem aproximando-se da casa. Momentos mais tarde, Garrett tinha saído dela, aparentemente ileso. Becky tinha passado o resto da noite rogando que Jack gozasse da mesma boa saúde.

Deixou Kate e desceu as escadas. Na porta do escritório de seu irmão, apertou as mãos pelo nervosismo sobre a saia de tafetá vermelha e brincou com o pingente pendurado no pescoço. Então respirou fundo e bateu na porta.

— Entre! — Disse Garrett com voz rouca. Becky abriu a porta, deu um passo para frente e ficou imóvel ao ver seu irmão e Jack em pé.

— Rebecca — cumprimentou-a Garrett do outro lado da reluzente mesa de mogno.

Jack, que tinha levantado do sofá de veludo verde que havia enfrente a mesa, fez-lhe uma silenciosa reverência. Estava vestido com mais elegância que de costume, levava um

colete bordado na cor vermelho escuro, um lenço impecável, calças cinza escura e uma entalhada jaqueta que ressaltava a largura de seus amplos ombros e a estreiteza de sua cintura.

— Boa tarde, Garrett. — Tremia-lhe a voz e ficou sem ar. — Senhor Fulton. Não... não esperava vê-lo aqui.

Jack olhou para Garrett e sorriu para ela com ternura.

— Sua excelência e eu fizemos um acordo para falar do... do desafortunado episódio de ontem à noite.

— Entendo! — Com movimentos precisos, deu a volta para fechar a porta. O irrevogável do som do trinco retumbou em sua cabeça.

Virou-se para os dois homens, que ainda estavam em pé, olhando-a. Relaxou as mãos e se obrigou a baixar os ombros. Então inclinou a cabeça para o Jack.

— Tranquiliza-me vê-lo são e salvo.

— Se soubesse que temia por mim — respondeu ele em voz baixa, — teria explicado a você que sou muito duro de abater, milady.

— Alegra-me ouvir isso.

Mantendo-se bem ereta e com a cabeça erguida, cruzou a sala atapetada e se sentou no sofá, estampado de flores ao lado de Jack. A esse sinal, os dois retornaram a seus assentos.

Becky tentou sorrir para Jack enquanto passava os dedos pelas rosas bordadas no braço do sofá. A consciência de sua proximidade, depois de tudo o que tinha acontecido, arrepiou-lhe a pele.

O sorriso dele fazia que lhe marcassem profundos sulcos, muito profundos para serem chamadas de covinhas, na face. Brilhavam-lhe os olhos quando sorria e seus lábios... oh, aqueles lábios tão eróticos...

Garrett pigarreou e ela deixou de contemplar Jack para olhar para seu irmão. Estava sentado muito rígido, com seu engomado colarinho, e os olhava, com os olhos semiabertos.

Deslizou uma folha impressa sobre a reluzente superfície da mesa.

— Isto já corre por aí.

Fez um nó na garganta de Becky. Jack agarrou o papel e o aproximou para ler. Apertou os lábios.

— O quê? — sussurrou. — O que é isso?

Sem dizer uma palavra, ele deu para ela.

A página mostrava uma caricatura dos dois. Estavam na cama, em uma postura indecente. O artista tinha desenhado grandes gotas de suor e ambos olhavam boquiabertos para a porta, na qual aparecia pessoas com abajures. O rosto ovalado de Becky, era largo e exagerado e tinha os cabelos escorrido e escuro, jogados sobre os travesseiros. O artista também tinha desenhado enormes peitos como globos, tão grandes como a cabeça. Esparramados sobre a colcha, que se via, quase por inteiro, exceto os mamilos.

À frente da multidão estava Garrett apontando uma pistola, com a cara contraída de raiva e com a cicatriz em cima da sobrancelha reluzindo como um sol.

A legenda ao pé da página dizia: «A hipocrisia da alta sociedade: a viúva mais piedosa de Londres, fria durante o dia

mas ardente à noite».

Becky leu. Manteria a calma. Mostrar-se-ia forte. O escândalo não a alcançaria.

Apoiou o papel em seu colo e levantou os olhos para seu irmão e para o Jack, que a observavam com cautelosa expressão.

— Bom — disse ela, — isto é lamentável, mas era de esperar.

— Você me decepcionou, Rebecca — disse Garrett.

— Porque eu disse que era de se esperar? Bem, era.

— Não, não é por isso. Fiquei decepcionado que... encontrou-se com um homem dessa maneira. — Apontou para o papel que ela tinha no colo.

Becky respirou fundo.

— Garrett, compreendo que o que viu deva ser muito difícil para um irmão ver...

Ele fez um som gutural e indecifrável.

— ...mas deve entender que sou adulta. O senhor Fulton também é. O que possa ter ocorrido entre nós é um assunto privado que acabou muito mal, por sua culpa e por culpa dos outros, nos ter interrompido de semelhante maneira.

— Haviam-me dito que estava envolvida em um problema. — Respondeu Garrett com brutalidade. — O que sugere que deveria ter feito?

— Possivelmente bater na porta primeiro? Ou haver tomado o cuidado de que todos em Londres não estivessem ali para presenciar o evento?

Sentiu-se bem ao notar que a ira lhe subia ao rosto. Era muito melhor que o desespero, a vergonha e a culpa que a embargavam da noite anterior.

Garrett semicerrou os olhos.

— Não fiz nenhuma das duas coisas, o que foi positivo. O senhor Fulton me confirmou que não consumaram nada. Se tivesse esperado, se tivesse sido mais educado e tivesse batido na porta, não sei dizer o que teria acontecido.

— O que tivesse acontecido não é da sua conta!

Olhou para Jack, com a face ainda mais quente. Ele a olhava assombrado, quase como se não pudesse acreditar que se atrevia a repreender seu irmão.

Garrett teve a delicadeza de mostrar-se arrependido.

— O que está feito, feito está, Rebecca. Agora devemos enfrentar às circunstâncias, que toda a sociedade sabe de sua relação com o senhor Fulton.

— É verdade! — Inclinou a cabeça. A ira a abandonou tão rapidamente como tinha chegado. — E sinto muito.

— Fulton e eu estivemos falando sobre o assunto... — Garrett fez uma pausa.

— Ah, sim?

— Sobre como podemos resolver isso da melhor maneira possível.

— E? — agarrou-se ao braço do sofá. Sabia o que viria a seguir.

— Ofereceu-se para casar-se com você.

Com os olhos arregalados, virou-se para Jack.

— Ofereceu-se? Você?

Não tinha esperado que ele oferecesse nada. Mas bem, acreditava que Garrett o tinha ameaçado com uma pistola e exigido que lhe propusesse casamento.

— Sim — respondeu Jack. — Lembra o que eu disse a você? — Que jamais deixaria você enfrentar algum problema, fossem quais fossem as circunstâncias. — Mantenho minha palavra.

— Asseguro a você que não deve sentir-se obrigado a fazer semelhante coisa. Se meu irmão o obrigou...

Ele levantou uma das mãos para interrompê-la.

— Não. — Sua excelência não me forçou a nada. A ideia foi minha.

— Mas...

— É a solução mais evidente — disse Garrett. — Dado o que ocorreu, é a melhor maneira de salvar sua reputação e aplacar os rumores.

Ela fez um esforço para puxar o ar.

— É claro que entendo o que se espera que façamos depois de semelhante escândalo. Entretanto, não me importa minha reputação. — Já sabe disso, Garrett.

— A princípio, isso está muito bem — disse seu irmão e Becky detectou uma familiar obstinação em sua voz. — Sei o que pensa do escândalo e da sua reputação, Rebecca, mas o que será do resto de sua família que não é tão invulnerável como você, diante destas coisas?

Becky estremeceu.

Jack se inclinou para frente e estendeu uma das mãos para tocar a dela.

— Nada eu gostaria, mais que tudo no mundo, em fazer de você minha esposa.

Becky o olhou fixamente. Aquilo era uma proposta. Jack Fulton estava pedindo-a em casamento. Pedindo que passasse o resto da vida a seu lado como sua esposa. Estava exigindo sua confiança e seu amor. «para sempre.»

— Tenho uma casa perto de Richmond. Não é muito grande, mas estará perto de sua família e prometo que farei todo o possível para te dar todo o conforto.

Era uma proposta muito diferente da que tinha recebido de William, no meio da noite, quatro anos atrás. Esse dia não havia declarações de amor. Jack não estava de joelhos, lhe rogando desesperadamente que fugisse com ele, nem lhe dizendo que não poderia viver nem um momento mais sem ela a seu lado.

Não havia nenhum romantismo. Jack Fulton estava lhe propondo casamento no escritório de seu irmão, com ele sentado enfrente a eles. A intensão que havia por trás daquela proposta não ia além de amenizar o efeito do escândalo e salvar sua reputação. Não tinha nada a ver com seus sentimentos por ele, nem com os dele por ela.

Sentiu uma pressão no peito e se moveu com desconforto no assento. Olhou primeiro para seu irmão e então para Jack. Com cautela, esticou o braço para pegar a mão que Jack lhe oferecia. Pesava como se fosse aço.

— Não me conhece — sussurrou.

— Sim, eu a conheço, Becky. Conheço o suficiente para saber que serei feliz com você. E acredito que você também

será feliz comigo.

Ela deu um desesperado olhar para Garrett. Certa que ele entendia como se sentia! Mas o rosto de seu irmão era duro e indecifrável.

— Eu tampouco o conheço — disse Becky. — Nos conhecemos há menos de um mês.

— Sou um homem simples. Não há muito mais do que já viu.

— Sua família e sua origem são muito conhecidas. A diferença de... — Garrett lhe calou a voz, mas Becky sabia o que ele ia dizer: «Ao contrário de Fisk».

Nenhum deles sabia nada sobre William, antes de que ele chegasse a sua casa. Ela não sabia nada de seu passado nem de suas motivações quando fugiram para Gretna para se casarem.

Em vez disso, toda a Inglaterra conhecia a família Fulton. O pai de Jack era um conselheiro do rei e já tinham sido objeto de escrutínio público. Tudo aquilo era muito diferente do que tinha ocorrido com William.

Garrett pigarreou e se dirigiu a Jack.

— Estive revisando seus assuntos pessoais. — Ver que o outro arqueava as sobrancelhas, surpreso, o duque de Calton respondeu encolhendo os ombros para pedir desculpa. — Algumas pessoas tentaram se infiltrar em nossa família. Manchar nosso nome, roubar nossa fortuna. Já nos aconteceu mais de uma vez. Por isso deve compreender por que é importante para mim me assegurar a qualidade moral de qualquer homem que se relacione com minha irmã.

Supondo que ela concordaria em casar-se com ele, seu irmão já tinha investigado Jack. Becky soltou um imperceptível suspiro de aborrecimento.

Com a mão apertando a dela, Jack deu de ombros, mas não foi capaz de sorrir.

— Pode investigar meus assuntos privados e tudo o que for necessário. Colaborarei no que seja preciso.

Garrett voltou a olhar para Becky.

— O senhor Fulton se viu obrigado a abandonar a Inglaterra por causa de um escândalo.

— Sei disso. Ele explicou isso para mim.

— Verdade?

Becky deu uma olhada para Jack, agradecida de que tivessem falado disso na noite anterior.

— O senhor Fulton foi falsamente acusado de um crime, mas as acusações foram retiradas e, por vergonha e ambição, sua família o enviou para longe com a esperança de que a boa sociedade esquecesse o escândalo.

— Ele também explicou a você por que o implicaram no assassinato do marquês Haredowne?

— Sim, também me explicou isso.

— Disse que estava apaixonado pela esposa do marquês?

— Bem... — Olhou novamente para Jack. — Não.

— Não é exatamente assim — disse Fulton em um tom neutro. Soltando a mão dela.

O gélido olhar azul de Garrett se fixou nele.

— O nome da dama era Anne Turling. Casou-se com o marquês de Haredowne menos de um ano antes e você se

opôs ao matrimônio, queria à dama para si mesmo.

Becky umedeceu os lábios e respirou pausadamente. Não era isso exatamente o que havia dito para ela.

Jack apertou os lábios, mas não respondeu.

— Então, quando atiraram no marquês, todos os olhos se voltaram para você.

— Mas ele não fez isso. — Becky apertou o panfleto que tinha no colo tratando de não olhar para o desenho de caricatura.

— Não, não fez — disse Garrett, sem deixar de olhar para Jack. — O marquês foi assassinado na porta de seu clube, na rua Chesterfield, e Fulton estava em um bordel de Drury Lane nesse momento.

Becky permaneceu imóvel. Tampouco lhe havia dito que estava visitando um prostíbulo. Mas, na realidade, por que deveria fazer isso? Não era assunto dela, o importante era que não tinha estado presente no local do assassinato. Então era um moço jovem. Visitar bordéis era o que todos os moços jovens faziam, embora tentassem ocultar isso das inocentes damas de boa família. Não deveria estar chateada absolutamente, ela tampouco era inocente. Era uma mulher com mais experiência do que se esperaria na sua idade e era muito consciente de que a libertinagem era frequente entre os homens de sua classe.

Garrett a olhou.

— Prenderam-no, mas não houve julgamento. A acusação foi desprezada sobre a base de que um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Becky alisou a saia com a palma das mãos abertas, como se quisesse lavar as mãos sobre o assunto.

— Não tenho a menor ideia por que estamos falando disso. Não foi culpado e isso é o que importa. Seja como for, é irrelevante para o assunto em questão.

Nada daquilo a afetava. Nem o fato de que Jack tivesse visitado prostíbulos, nem que tivesse estado apaixonado pela tal de Anne Turling, nem que tivesse desejado casar-se com essa mulher. Tinha acontecido há doze anos atrás, Por Deus!

— Lady Rebecca tem razão — disse Jack. — É irrelevante. Todos esses eventos ocorreram há muitos anos e eu passei outros tantos tentando esquecê-los.

Garrett reclinou-se em sua cadeira.

— O tempo transcorrido depois desse desagradável incidente é um espaço em branco, porque passou no mar e ninguém pode saber nada do que ocorreu lá, exceto os outros marinheiros. Entretanto, quando Tristan e eu fomos aos moles esta manhã, encontramos um marinheiro aposentado de seu navio, o Gloriana.

— Verdade? — disse Jack sem nenhuma entonação.

— Descreveu-o como um homem culto mas muito calado. Parece que lhe queriam bastante bem e que no geral era reservado. Mencionou alguns episódios de dissipação na costa, mas isso não significa nada. — Encolheu os ombros. — Estaria mais preocupado se não tivesse havido nenhum.

— Terminou? — Perguntou Jack, tenso.

Becky lhe deu uma olhada. Uma cor bronze escuro lhe cobria a face. Não podia culpá-lo. Ninguém gostaria que

invadissem sua intimidade e Garrett não estava sendo delicado nem sutil.

— Essas são coisas que eu já sabia — disse ela, fez-lhe um gesto para dispensá-los. — Bom, de qualquer modo, não afetam a minha opinião sobre o senhor Fulton absolutamente.

— Queria que conhecesse seu passado antes de seguir adiante, Rebecca. — Garrett colocou as mãos sobre a mesa. — Apesar dos escândalos e da libertinagem, não acredito que suas intenções sejam ruins.

Bom, se isso não era uma entusiasmada recomendação por parte de seu irmão, Becky não sabia o que podia ser. Por sua parte, ela tampouco acreditava que as intenções de Jack fossem más. Porém...

Ele fixou seu olhar nela.

— O passado terminou. Agora só olho para o futuro.

— E como vê seu futuro, Jack? — Perguntou-lhe em voz baixa.

— Vejo-o aqui, na Inglaterra. Quero ter um lar na terra onde nasci. — Fez uma pausa. — E quero ter com você.

— Por quê?

— Não é só pelo escândalo. Isso foi só o catalisador. Eu teria perguntado a você sobre isso em algum momento, mas foi necessário o episódio de ontem à noite para que abrisse os olhos e visse a verdade.

Garrett se mexeu desconfortavelmente, mas Jack o ignorou. Deslizou da cadeira e se ajoelhou diante Becky, pegando suas mãos e apertando-as, parecia decidido e

honesto. Suas palavras foram com iscas de prata, a promessa de algo brilhante e reluzente, algo que ela não tinha pensado ser possível em seu caso, desde a morte de William. Esperança. Felicidade. Amor. Tudo verdade. Por um breve momento, ela acreditou que poderia abrir seu coração, revelar sua alma, baixar aqueles escudos que havia trabalhado tão duro para erguer e estar segura com este homem. — Quero fazer bem as coisas. Por favor, se case comigo. Por favor, seja minha esposa.

Parecia tão decidido, tão honesto. Suas palavras eram um prateado chamariz, a promessa de algo luminoso e reluzente, algo que ela não tinha acreditado possível em seu caso desde a morte do William. Esperança. Felicidade. Amor. Tudo verdadeiro, inclusive seguro. Por um breve instante, acreditou que podia abrir seu coração, revelar sua alma, baixar aqueles escudos que lhe custaram tanto com aquele homem.

A tentação era quase insuportável. Permaneceu sentada em silêncio por um longo momento, envolta em uma batalha entre seu coração, sua consciência e seu senso comum.

Tinha o «sim» na ponta da língua, onde a palavra se movia precariamente, três letras a ponto de sair e selar seu futuro para sempre.

Não podia deter o escândalo, mas sim salvar sua reputação e, o mais importante, salvar sua família do escárnio da sociedade. Podia fazer o correto, o que todos esperavam, o que as lições de sua juventude lhe tinham ensinado que era a única solução aceitável.

Olhou para Jack. Seus olhos escuros e seu cabelo negro iluminado pelo sol que formava um sutil ponta em sua testa. A forma de seus ossos, mandíbula forte, nariz reto, olhos ligeiramente amendoados. As tênues linhas que rodeavam esses olhos, seu arredondado lábio inferior. A noite anterior, ela havia tocado aqueles lábios com a língua, tinha-o saboreado. Tinha-o apanhado entre os dentes e o tinha mordido. Deus, como o desejava. Ainda.

Entretanto, seu rosto era a de um desconhecido.

Olhou para seus dedos entrelaçados. Sua mão era muito maior que dela, mais escura. Tão masculina. Tão diferente.

Tão desconhecida.

O bom senso era uma característica que não possuía há quatro anos atrás. Sem ele, colocou-se em uma união deplorável com um mau homem. Possivelmente Jack não fosse mau, nem falso, mas podia lança-se em outra união tão rapidamente? Terminaria no mesmo pântano de solidão e desgraça em que se encontrou depois de casar-se com William e dar-se conta de que ele jamais a tinha amado?

Jack lhe apertou a mão com força e ela levantou o olhar. Tinha os lábios, — Deus, aqueles belos lábios estavam apertados.

— Becky?

Ela soltou um suspiro.

Deus! Possivelmente fosse egoísta além do imaginável, mas não podia. Não voltaria a arruinar sua vida. Nem sequer para mostrar ao mundo que podia manter a cabeça erguida e assumir as consequências de seus atos. Nem sequer para pôr

fim a um escândalo. Nem sequer porque aquele homem pudesse lhe proporcionar um orgasmo que mudaria sua vida com pouco mais que uns movimentos de seus dedos.

Durante anos, acreditou ser incapaz de voltar a amar. E a verdade era que não amava Jack Fulton. Como podia se não o conhecia?

Ele tampouco a amava. Viu amabilidade em seus olhos, admiração. Não tinha dúvidas de que queria protegê-la e cuidar dela, inclusive fazê-la feliz. Por alguma razão, Jack realmente acreditava que queria casar-se com ela. Mas não a amava.

Possivelmente era verdade que a sociedade via o casamento mais como uma transação do que como uma forma de unir duas pessoas compatíveis, que se amavam. Mas isso não era correto nem aceitável, não para Becky. Outra mulher de sua classe teria prosseguido adiante com o assunto sem o menor escrúpulo, mas ela havia a muito tempo percebido que era diferente da maioria das mulheres.

Por mais bonito e desejável que fosse Jack Fulton, por mais que a fizesse se sentir bem, não podia casar-se com ele. Não podia voltar a arruinar sua vida. Não podia meter-se em um matrimônio sabendo que não conhecia a fundo o homem com quem estava a ponto de unir-se para sempre.

— Eu não sei. — Respirou fundo. — Eu preciso... preciso um pouco de tempo.

Tempo era algo que Jack não tinha.

— Quanto tempo? — perguntou.

Becky negou com a cabeça.

— Não sei dizer.

O pânico oprimiu o peito de Jack e não pôde falar durante um momento.

Finalmente, levantou a cabeça e a olhou. Sua voz soou muito baixa.

— Por quê?

— Já disse antes — disse ela, — Não o conheço. Não o suficiente como para... — soltou-se de suas mãos e as moveu com um gesto envolvente. — Tudo isto.

Jack apertou os dentes, fazendo um esforço para não gritar que já tinham passado por tudo aquilo, que já lhe havia dito tudo o que era importante que soubesse dele.

Deus, queria aquela mulher! Desejava-a. Desejava-a em sua cama como a nenhuma outra mulher que tivesse conhecido. Esses loucos impulsos de fazê-la sua, de protegê-la, cuidá-la, de amá-la inclusive, confundiam-se com sua premente necessidade de dinheiro. E, juntos, eram mais que suficiente para que fizesse qualquer coisa para consegui-los.

— Há outra explicação — interveio o duque de Calton. Jack o olhou e Garrett continuou. — O marido de Rebecca era um descarado, e não só isso, estava louco. Estava decidido a me arruinar e a roubar dela seu dinheiro. E estes eram seus pecados menos graves. A vacilação de minha irmã é completamente compreensível.

Com o estômago encolhido, Jack ficou surpreso ao constatar quanto ele se parecia com o primeiro marido de Becky. Não estava decidido a arruinar ao duque de Calton,

mas Deus sabia o que desejava, melhor dizendo, necessitava, o dinheiro de lady Rebecca.

Entretanto, também era diferente. De maneira nenhuma queria machucá-la como tinha feito o bastardo com o que se casou. Jack jamais se comportaria com ela como um descarado. Assegurar-se-ia bem disso, porque se Becky chegasse a descobrir, entenderia o quanto se parecia com seu primeiro marido e o veria como um traidor. Far-lhe-ia mal e Jack não queria feri-la.

— Eu não sou esse homem.

— Não, não é — concordou ela. — Quando confiamos em William tampouco o conhecíamos absolutamente, para nosso pesar. — Becky esboçou um débil sorriso, — Depois aprendi que a maioria das pessoas são boas. É muito estranho encontrar alguém que possa viver em um nível de engano como o de meu falecido marido.

— Se acredita que eu não seja como ele, então por que duvidas?

— Eu... — Inclinou a cabeça. — É porque não te conheço o suficiente. Por mais que acredite em você, e em meu coração sinto que não se parece em nada com ele, mas não posso correr este risco.

Sentou-se mais ereta, com as mãos apertadas no colo, onde tinha aquele horroroso papel, só o observando, Jack queria pegar o presumido cartunista e quebrar-lhe o pescoço. A caricatura o enfurecia, embora o ajudou em uma parte importante de seu plano. Entretanto, parecia não ter sido suficiente.

Dirigiu-se ao duque.

— Tínhamos decidido que o casamento era o melhor.

— Sim — concordou o duque de Calton. — Mas em última instância, a decisão cabe a minha irmã.

Ela soltou um suspiro de alívio e, por um instante, Jack lamentou que o duque lhe desse liberdade de escolher sobre o assunto.

— Eu disse a Sua Graça que não quero ver você sofrer por causa disso, Becky. — Disse Jack, olhando fixamente o panfleto. — Tampouco quero que alguém sofra. — Apoiou as mãos nos joelhos como se não tivesse nada a esconder. — E quero você. Deus...! Quero que saiba o quanto a desejo a meu lado.

Enfatizou a palavra «desejo», porque, maldita seja, realmente a desejava. Muito mais do que desejava o laço da força.

Ela corou e deu uma olhada a seu irmão.

— Sinto-me muito mal por causar dor a minha família... novamente. Não há nada que deseje menos no mundo que isso, Garrett. Mas, por favor, compreendam os dois o meu raciocínio. Meu casamento foi tão... difícil... — Olhou para Jack e fez um esforço para engolir. — Sinto muito, Jack, mas não posso me casar com você.

Capítulo 6

Uma semana depois que a pegaram na cama com Jack Fulton, Becky abriu a porta da sala e parou.

Kate e Garrett estavam no meio da sala, abraçados de uma maneira um pouco mais decente de como Jack e ela tinham sido descobertos. Separaram-se um do outro, mas Garrett manteve a mão sobre o ventre de sua esposa, para cobri-lo, enquanto sua saia deslizava até o chão, cobrindo somente as pernas. Kate estava meio despenteada e tinha as faces rosadas.

Becky ficou paralisada na porta.

— Oh... Deus!

Garrett sorriu. Aquele sorriso podia iluminar uma sala e, depois dos anos que tinha vivido na pobreza e no isolamento, cada um de seus sorrisos era uma bênção. Embora frequentemente fosse visto sorrindo como um tolo apaixonado por Kate, raramente compartilhava essa bênção com outras pessoas.

E podia sorrir, certo? Afinal, o objeto de seu afeto era sua esposa. O que quer que tivessem feito, era perfeitamente aceitável.

Kate levou o dorso da mão à face ruborizada.

— Sinto muito... procuro meu livro — disse Becky e apontou para o volume de Antígona que estava no sofá estampado.

Garrett segurou a mão de Kate, Becky sentiu inveja. Seu irmão e Kate eram boas pessoas e mereciam toda a felicidade e todas as bênçãos que tinham. Tinham sido muitas nos últimos quatro anos e Becky estava agradecida por isso. Entretanto, não podia evitar sentir ciúmes.

— Estávamos prestes a tomar o chá. — Kate fez uma vã tentativa de arrumar o cabelo. — Por favor, fique conosco.

— De acordo. — Becky se sentou no sofá, junto ao livro, e sua cunhada serviu o chá no serviço de prata que havia na mesinha.

— Talvez devesse dizer-lhe agora — disse Garrett, enquanto Kate lhe dava uma fumegante xícara e sentava-se ao lado de Becky. Garrett sentou no sofá em frente, de costas à lareira.

— Dizer-me o quê?

Kate hesitou. Então apoiou a xícara no pires e o deixou na pequena mesa de mármore que havia junto ao sofá.

— Por favor, não fique zangada comigo, mas convidei Jack Fulton e sua família para jantar depois de amanhã.

Becky a olhou boquiaberta.

— Por que foi você c...?

— Fulton veio ontem visitar-nos, enquanto você estava com lady Devore — explicou Garrett. — E Kate resolveu convidá-los. Quando soube que seu pai e seu irmão estavam na cidade a poucos dias, convidou-os.

Becky olhou para sua cunhada com os olhos espantados. Ela levantou uma das mãos num gesto que tentava acalmá-la.

— Sei que foi apressado de minha parte e que provavelmente teria que ter consultado você antes, mas gosto dele. Parece... bem... — sorriu-lhe como se desculpando — ... parece muito apaixonado por você.

— Eu... recusei sua proposta de casamento — lembrou-lhe Becky.

— Não exatamente — disse Garrett. — Se mal me recordo, me disse foi que necessitava de um tempo para pensar. Que precisava de tempo para conhecê-lo melhor. Kate tem razão, que melhor maneira de conhecê-lo que convidando-o para jantar?

— E a sua família — acrescentou Kate, colocando uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha. Kate sempre pensava na família. Para ela, não havia nada mais importante no mundo.

— Não tive notícias dele após o ocorrido, — comentou Becky. — Acreditava que tivesse decidido me esquecer e seguir em frente.

Esses eram os pensamentos que a tinham invadido nos últimos dias, enchendo-a de inquietação, dúvidas e inclusive de um pingo de arrependimento. Uma parte dela se perguntava se por medo e desconfiança não teria renunciado a sua última esperança de ser feliz.

— Pois tem intenções de seguir em frente. Ainda espera poder convencer você — disse Garrett.

— Verdade? Mas por quê? — Viu como ficou furioso quando disse que não. Não disse uma palavra, mas apertou os punhos e viu seus lábios ficarem brancos pela pressão. Becky acreditava que tinha ferido seu orgulho masculino e que a situação não tinha conserto. — Estou surpresa que ele queira voltar a me ver, muito mais ainda de que queira jantar aqui com sua família.

— Às vezes não é tão fácil renunciar ao amor — disse sua cunhada em tom tranquilo.

Becky pegou o livro do sofá e o levou ao peito.

— Pelo amor de Deus, Kate. Ele não me ama.

— Está segura disso?

— Não me conhece o suficiente para me amar. O que sabe de mim?

Sua cunhada acariciou com calma a curva de sua barriga.

— Como pode saber disso? O amor varia tanto quanto as pessoas. Como pode saber com tanta segurança que o amor não pode surgir depois de um mês que se conheceram? Para ser honesta, eu me apaixonei por seu irmão antes de conhecê-lo formalmente. — Kate e Garrett compartilharam um secreto sorriso antes que ela voltasse a olhar para Becky. — Ele parece decidido a conquistar você. Por que outro motivo persistiria em algo assim? Por que motivo aceitaria o convite para jantar? Por que estaria tão interessado em confraternizar com nossa família?

Becky fechou os olhos. Deus! Tinha sentido falta dele nos últimos dias. Seu corpo o desejava. Não podia deixar de

pensar em Jack, lembrando a simples alegria de estar a seu lado, de falar com ele, enquanto revivia os eróticos prazeres que tinha despertado em seu corpo. Desejava vê-lo de novo, inclusive quando sabia que o melhor era não voltar a vê-lo.

Kate franziu a testa.

— Não quero que se sinta obrigada a participar do jantar conosco. Entenderei se preferir ficar em seu quarto.

— Isso seria muito covarde da minha parte. — Esfregou a testa com os dedos e olhou para sua cunhada. — Diga-me a verdade, Kate, acha que devo me casar com ele?

— O que eu acho não tem nada a ver com o que deve fazer. Tem que ser o certo para você. Garrett e eu só queremos que você seja feliz.

O escândalo tinha aumentado nos últimos dias. Quando Becky caminhava pelas ruas, as damas murmuravam atrás de seus leques. Ela podia manter a cabeça alta por enquanto, mas já estava cansando-se disso.

Estremeceu e uma mescla de ansiedade e medo lhe percorreu sua espinha.

— Jantar. Muito bem.

Kate deu um sorriso fraco.

— Devo dizer que gosto de Jack Fulton. Espero que algum dia as coisas funcionem entre vocês. O escândalo acabaria se você casasse com ele agora, mas também penso que não se pode pôr em risco a felicidade. Tome seu tempo para decidir se é isso o que quer. Mas realmente espero que dê uma oportunidade ao cavalheiro.

ଓ ♥ ଌ

O dia do jantar com Jack e sua família tinha chegado. Essa tarde, Becky se sentou em seu sofá favorito no salão perto da lareira, para esquentar os pés, com seu livro ainda no colo, sem abrir. Essa noite seria a primeira vez que Becky veria Jack desde a manhã em que ele tinha feito a proposta de casamento, uma semana atrás. Mas nessa ocasião, toda sua família estaria ali, inclusive tia Bertrice, que havia chegado de Yorkshire esta manhã, com sua afiada língua, para passar umas férias em Londres.

Alguém bateu na porta e Becky viu um lacaio aparecer no salão.

— Tem visita, milady. O senhor Fulton está aqui.

Jack! Não esperava vê-lo até o jantar. Levantou do sofá, deixou o livro de lado e alisou a saia de cor cinza.

— Chegou cedo.

— Sim, milady.

— Por favor, faça-o entrar.

Momentos mais tarde, Jack entrava envolto em uma aura de masculina virilidade. Era alto, ombros largos e tinha tudo o que, sozinha a noite, Becky imaginava que deveria ter um homem perfeito.

Assim que entrou na sala, deteve-se e esboçou um sorriso. O lacaio saiu e fechou a porta atrás de si.

— Graças a Deus — disse Jack, sua voz era uma mescla de grosseria e suavidade. — Achei que jamais voltaria a vê-la sozinha.

Ela brincou com as dobras de sua saia.

Em dois compridos e silenciosos passos sobre o tapete, ele chegou ao seu lado. Rodeou-lhe a cintura com um dos braços e a trouxe para perto de seu corpo.

Todos os músculos do corpo de Becky se contraíram, mas quando a boca de Jack descendeu sobre a sua, sentiu derreter-se.

Seus lábios eram a sobremesa mais deliciosa, suave, cremosa, apaixonada, tão sedento dela como ela estava dele. Tirou as mãos de sua saia, rodeou-lhe o pescoço com os braços e o beijou com toda a força das emoções conflitantes que a tinham confundido nos últimos dias.

Se tudo pudesse ser sempre assim... A culpa e o medo desapareceriam, como se caíssem ao chão e esparramassem a seus pés, deixando-a limpa, fresca e pura. Jack a segurava pela cintura.

Isso era estar unidos. Se pudessem permanecer assim, juntos, inseparáveis...

Mas tudo terminou cedo demais. Ele a empurrou delicadamente e encostou a testa na dela.

— Senti sua falta — murmurou e Becky sentiu sua respiração nos lábios.

— Eu também senti sua falta.

— Estou ficando louco de desejo por você.

Devia lhe dizer a verdade? Admitir que também o queria? Que tinha desejado desesperadamente suas carícias desde a última vez que tinham se visto?

Em uma ocasião havia se sentido também assim com William, mas esse sentimento tinha desaparecido muito mais rápido do que ela imaginou. Tudo tinha sido produto de sua delirante imaginação, igual à segurança que sentia entre os braços do Jack. Porque também isso tinha demonstrado ser falso, pois era entre seus braços onde estava quando todas aquelas pessoas invadiram o quarto, na semana passada.

Ele acariciou seu rosto com o dorso da mão.

— Você também me deseja. Posso sentir isso. — Movia os lábios perto de sua orelha e seu fôlego lhe acariciava seu lóbulo. — Vamos acabar com esta tolice, case-se comigo.

Becky suspirou. Por muito que desejasse, não podia sugerir que se encontrassem novamente no hotel Sheffield. Jack já não desejava isso. Queria mais. Muito mais.

Ele se afastou um pouco e lhe acariciou a testa.

— Tomei uma decisão a uma semana. Quero você e estou disposto a me casar com você.

Ela o olhou consternada.

— Como pode dizer isso tão rápido? Como pode comprometer-se por toda a vida com alguém a quem nem conhece?

Jack deu de ombros.

— Escolhi meu caminho e nada me fará mudar de ideia. Nem agora, nem nos próximos dez anos. Isto é o que quero. Você é o que quero. — Olhou-a, com seus escuros olhos brilhando com intensidade. — Você compreende?

— Acredito... que sim. — virou-se. — Mas para mim não é assim tão simples.

— Por quê? — Perguntou ele.

Becky cruzou os braços sobre o corpete cinza brilhante, fechando-se na presença dele.

— Jamais pensei que voltaria a me casar. Acreditava que viveria o resto de meus dias como uma viúva, dedicada aos livros.

Jack riu.

— Você dedicada aos livros?

Uma vez mais, surpreendeu-a o pouco que sabiam um do outro. Deixando de lado o escândalo, ele queria passar o resto de sua vida com ela apoiando-se em pouco mais que a atração carnal que os unia. Não sabiam nada mais um sobre o outro, além disso.

Recordou aqueles largos dias em Kenilworth, depois de casar-se com William. Este se mostrava distante e ela tinha começado a dar-se conta de que não eram tão bons como casal, como a tinha feito acreditar. Nunca havia se sentido tão sozinha.

Desde a morte de William, aproximou-se de sua família e, mais recentemente, de Cecelia, e, embora estava fisicamente sozinha, esse sentimento não era nada comparado com a profunda solidão que tinha vivido em Kenilworth.

Não teve que fazer um grande esforço de imaginação para imaginar que poderia acontecer o mesmo com Jack. Ele era um solteiro habituado a viver sozinho. Tinha trinta anos e até então tinha perambulado pelo mundo e tido amantes, quando sentia vontade. Estava acostumado à sua liberdade.

Possivelmente tinha amado uma moça em algum momento, mas isso tinha sido há muito tempo. Ele tinha alguma ideia de como conhecer, conhecer realmente, a uma mulher? Tinha ideia, a menor que fosse, de como ser um marido? E agora, ela tinha alguma ideia de como ser uma boa esposa?

— Becky? — Tocou-lhe o cabelo, lhe acariciando carinhosamente as mechas de sua nuca. — Eu faria você feliz — disse ele com voz tranquila mais muito séria, — juro que a faria.

— Faria? — virou-se para ele, procurou seus olhos e neles não viu nada mais que promessas.

— Juro, — repetiu Jack. Seus lábios se aproximaram outra vez dos dela, doces e quentes. Seu suave toque produziu efeito em todo seu corpo, relaxou seus músculos e apagou todo rastro de resistência.

— Case-se comigo, — sussurrou contra seus lábios.

— Não! — Respondeu Becky, também em um sussurro. Estremeceu ao notar que ele ficava tenso. — Jack... eu...

Agarrou-a pelos ombros, mas não se afastou dela.

— Não quero que soe tão definitivo.

Dê-lhe uma oportunidade, havia-lhe dito Kate. Seria ridículo, por não dizer estúpido, rechaçar a Jack por medo de que fosse igual a William.

— Deve me dar um tempo.

A firmeza daquelas mãos em seus ombros era sutil, mas ela a notou.

— Desejo você, Becky. Agora.

— Não estou preparada.

Com uma risada aguda e frustrada, Jack se afastou e se passou uma das mãos pelos cabelos loiros.

— Vou convencer você do contrário. Tem medo pelo que aconteceu a você na última vez. Mas esquece algo muito importante, eu não sou ele.

— Sei disso. Só que... Por favor, seja paciente comigo.

— Não sou um homem paciente.

— Levará um tempo para eu voltar a confiar.

— E se eu ganhar sua confiança?

Algo em sua insistência a lisonjeava. Podia ver a ferrenha determinação em seus olhos.

— Então... se isso acontecer... sim, consideraria a ideia de me casar com você.

Ergueu os ombros e a olhou fixamente com seus olhos escuros, demonstrando que aceitava o desafio.

— Então ganharei sua confiança. Não levará muito tempo.

Parecia muito convencido disso, mas Becky não pensava o mesmo.

— Espero que tenha razão — disse com um discreto sorriso.

— Tenho razão. Até o final do mês estaremos no altar.

Parecia gostar do desafio, e sua arrogante autoconfiança a comoveu ainda mais. Com um amplo sorriso, pressionou seu corpo contra o dele, olhando-o entre os cílios.

— Acha isso mesmo?

— Sim, acho. — Beijou-lhe a testa. — Não posso esperar para te fazer minha.

ଓ ♥ ଌ

Jack estava rigidamente sentado, apertava com os dedos a taça de vinho e sua veia do pescoço latejava. Reprimia a necessidade que sentia de arrancar o lenço. Não desejava que seu pai e seu irmão estivessem ali, mas a duquesa os havia convidado e ele não estava em condições de contrariar seu desejo.

Por desgraça, não o tinha sentado perto da Rebecca. Em troca, a tia dela, lady Bertrice, que o observava todo o momento agudamente com seu monóculo, estava a sua direita. Seu remelento olho direito, ampliado, lhe dava arrepios, embora, se fosse sensato, dar-se-ia conta de que não havia forma que a mulher soubesse de nada. Se o duque de Calton não tinha descoberto nada em sua investigação sobre sua vida privada, estava seguro que uma anciã ainda menos conseguiria.

Entretanto, não gostava da forma que lhe cravava aquele olho azul.

Lady Westcliff estava sentada à esquerda de Jack, entre ele e seu pai. Bertrand, seu irmão mais velho, estava sentado em frente a eles, ladeado por Becky, com um glorioso vestido de seda cor nata, e lady Devore. Bertrand e o pai de Jack se comportavam tão atenciosamente com o duque e sua família que revirava o estômago de Jack.

O visconde Westcliff, sentado à direita do duque de Calton, era a presença mais agradável na mesa, equilibrando com destreza o mau humor do duque e as adulações da

família de Jack. Ele e sua esposa evitavam que a conversa recaísse em banalidades... ou que acabasse por completo.

Depois que serviram o segundo prato, o pai de Jack suspirou e se inclinou para trás na cadeira, apoiando uma das mãos em sua proeminente barriga enquanto com a outra elevava a taça, com o mindinho levantado em um efeminado gesto. Falou bem alto, para que sua voz chegasse ao outro extremo da mesa.

— Sua excelência, devo lhe agradecer mais uma vez por ter convencido meu filho que faça o que é correto e faça as coisas como se devem ser com sua encantadora irmã. Só lamento é que a dama o tenha rechaçado.

Todo mundo ficou em silêncio e Jack olhou para Becky. Tinha a boca tensa e os olhos fixos no linho da toalha, além do seu prato de veado.

Garret olhou para o pai do Jack com frieza.

— Eu não convenci seu filho a nada. Foi ele quem decidiu que o matrimônio era a melhor coisa a se fazer.

Jack não olhou para seu pai. Não era a primeira vez que se perguntava como era possível que qualquer pessoa, e muito mais o rei da Inglaterra, tivesse tanta fé naquele homem para convertê-lo em seu conselheiro particular. Mas, claro, o muito honorável Edmund Fulton sempre se esforçava muito mais, quando que tinha algo a ver com sua carreira política do que com o que tinha a ver com Jack. E se pensasse no rei Jorge IV... bem, possivelmente não era tão de se surpreender, apesar de tudo. Jack não conhecia o rei, mas

tinha ouvido, tinha muitos traços e costumes em comum com seu pai.

Jack sempre tinha sido o favorito de sua mãe. Seu pai se dedicou somente aos dois filhos maiores e nunca lhe tinha prestado muita atenção, exceto quando necessitava alguém em quem projetar suas frustrações se as coisas não saíam como ele desejava.

Quando tinha seis anos, tinha culpado ele de que as colheitas se apodreceram em Hambly por causa do excesso de chuva. Quando tinha oito, tinham-no acusado de influir em uma decisão particularmente importante no Parlamento. Quando tinha doze, foi o único responsável pelo fracasso do investimento que seu pai tinha feito em um canal.

Entre os doze e os dezoito, Jack esteve em um colégio longínquo e tinha engenhado para evitar a seu pai quase todo o tempo. Mas, aos dezoito, o assassinato do marquês de Haredown coincidiu com o fracasso do irmão do meio de Jack, Edward para conseguir uma promoção à fila de capitão na Guarda Armada de sua majestade. É obvio, isso também foi culpa de Jack.

Depois que retiraram as acusações contra ele, enviaram Jack imediatamente para o estrangeiro e semanas depois de ter abandonado a Inglaterra, sua mãe morreu repentinamente. Jack só soube da morte, muitos meses depois. Tinham ancorado em Sidney e, em meio da angústia e a dor pela morte de sua mãe, Jack recebeu uma carta de seu pai.

Em que dizia que sua mãe tinha morrido por sua culpa, porque teve o coração quebrado pela vergonha que Jack tinha causado à família.

Ele sabia que isso não fazia sentido, pois sua mãe tinha sido seu mais inquebrável e incondicional apoio durante cada segundo daquele terrível episódio. Entretanto, uma parte dele se murchou e morreu com aquelas palavras. Amassou a carta, aproximou-a de uma vela e a viu arder, prometendo a si mesmo que jamais voltaria a escutar uma só palavra que dissesse seu pai.

Becky apertou os lábios ainda mais quando o homem soltou uma gargalhada.

— Pode ter por certo, milorde, que jamais teria imaginado que meu filho colocaria a cabeça no lugar e se casaria, especialmente com alguém de uma família tão distinguida como a sua. É um canalha de primeira ordem, que gasta toda sua renda em festas e mulheres.

Jack apertou os punhos. Suas palavras não só eram injustas, seu pai e ele se relacionaram muito pouco nos últimos doze anos, mas também não estavam ajudando absolutamente nada, para que Jack parecesse bem ao olhos do duque.

Jamais tinha compreendido seu pai. E nunca o faria. A única coisa era contar as horas que faltavam para que o jantar terminasse. Só teria que voltar a ver seu pai e seu irmão felizmente em seu casamento, e então ficaria longe deles até a seguinte obrigação familiar, que Jack esperava que não fosse em breve.

O duque encolheu os ombros.

— Deve você saber que investiguei sua vida particular e não encontrei nada fora do normal.

O pai de Jack prosseguiu alegremente.

— Não, realmente, jamais pensei que ele firmasse a cabeça. A fidelidade não é o forte de nossa família, não é assim, Bert?

Bertrand, que frequentemente deixava sua esposa no campo e se dedicava a exibir-se nos múltiplos eventos em Londres com sua amante pelo braço, bebeu o que restava de seu vinho e limpou a boca com o guardanapo. Jack não sentia muito afeto por esse irmão, que tinha passado a maior parte da sua infância, recordando a Edward e a ele sua superioridade como primogênito e herdeiro.

O duque de Calton apertou os olhos e lorde Westcliff interrompeu a conversa com a taça de champanhe na mão.

— Acredito que estamos nos precipitando um pouco. Os interessados ainda precisam entrar em acordo antes de comprometer-se em uma relação permanente.

— O certo é que o matrimônio é a melhor solução. De fato, é a única solução — insistiu o pai de Jack.

Bertrand escolheu esse momento para abrir sua tola boca.

— O que diz meu pai é verdade. Desde que... que os descobriram, meu irmão e a dama estão na boca de toda Londres. Ouvi inclusive que um dramaturgo está adaptando a história desse momento tão comprometedor para uma obra sobre a moral da classe aristocrática.

Jack pensou que esse dramaturgo tiraria mais proveito se apoiasse sua história na vida de seu irmão do que na sua, mas decidiu não responder. Não podia abrir a boca sem mostrar quanto isso tudo o desagradava, o comportamento de seu pai e de seu irmão, e não manifestaria seu ódio ali. Por muito tentado que estivesse por fazer, a verdade era que eram seus parentes e que não queria danificar mais ainda a imagem que a família de Becky tinha dele.

A seu lado, lady Bertrice murmurou algo ininteligível e jogou umas ervilhas à boca.

O pai de Jack se inclinou para frente e se dirigiu à dama, por cima de Jack e de lady Westcliff.

— O disse, senhora?

A anciã engoliu as ervilhas e levantou o garfo.

— Eu disse que não é pouco o que minha sobrinha sofreu, sendo como é uma das mais distintas de sua classe.

O pai de Jack arqueou as sobrancelhas, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Verdade? — Perguntou.

— Humm. — Lady Bertrice voltou a levantar seu monóculo e olhou através dele. Percorreu a mesa com os olhos, da ponta, onde estava o duque, ainda um pouco zangado, até a outra, onde se sentava a duquesa. — Apostaria que qualquer dos que estão sentados nessa mesa esta noite poderia superar Rebecca em libertinagem, tanto em atos como em pensamentos.

Lorde Westcliff riu gentilmente.

— Não tenho dúvida de que tem razão nisso, tia.

Lady Bertrice cravou seus olhos ampliados em sua sobrinha, sentada do outro lado da mesa, diante dela. Becky a olhou fixamente, com os ombros tensos sob o formoso vestido de seda.

— Claro que seria mais fácil para todos nós se não fosse também tão teimosa. — A dama deslizou o olhar para o duque. — Esse traço provém de nosso ramo familiar, sem dúvida, porque você é igual, moço.

— Não é teima — disse Becky com firmeza, sem deixar de olhar para sua tia.

A tranquilidade que tinha mostrado antes do jantar tinha desaparecido, estava tensa e séria. Tinha uma aura de majestosa distância que, com aquela coroa de cabelo cor ébano, tornava-se na rainha do inverno vestida de seda marfim. Estava muito bonita.

— Por favor, me diga o que é então se não teimosia — Lady Bertrice insistiu.

— Senso comum.

O pai de Jack não pôde conter uma risada.

— Senso comum? Sério? Como pode o senso comum provocar semelhante escândalo?

— Totalmente de acordo — concordou Bertrand. — Acredito que o que o senso comum requer, ou, melhor dizendo, o que obriga, é o matrimônio.

Becky negou com a cabeça enquanto apoiava cuidadosamente o garfo em seu prato e levantava o olhar para o irmão de Jack, sentado a sua esquerda.

— De fato, não é assim. O senso comum obriga a ter cautela. O matrimônio é para sempre e requer, portanto, muita reflexão. Lançar-se a ele de uma maneira precipitada pode causar muito mais dano que o que dramaturgos, artistas e rumores podem sequer imaginar fazer.

Falava por sua experiência pessoal e Jack sabia disso.

— Estou de acordo, — disse lady Westcliff. — E aponta algo muito comum entre os de nossa classe, a tendência a decidir sobre tais assuntos sem pensar o suficiente.

A duquesa, sentada no extremo da mesa, tinha passado a maior parte da noite em um contemplativo silêncio, mas agora resolveu falar.

— Isso mesmo, — assentiu Kate. — Sempre me entristece ver quantas uniões infelizes há entre os de nossa classe. Tantas esposas que passam muitos meses separadas de seus maridos e, quando se busca a causa, invariavelmente é porque suas uniões se apoiaram em considerações financeiras do que na apreciação mútua.

Lady Westcliff e a duquesa tentavam levar a conversa para assuntos gerais, longe de Becky e Jack, e este estava grato. O jantar já durava quase uma hora e, durante esse tempo, tinha observado a pressão que se exercia sobre Becky e se sentia impotente para impedir.

Aquela não era a forma de conquistá-la. O jantar tinha sido um engano. Podiam conversar a respeito de adequação, das expectativas e do escândalo o resto de suas vidas, mas isso não era o que ela desejava. Não era o que necessitava.

Becky queria paz. Necessitava se libertar do medo. E a forma de fazer isso era estar com ela a sós, falar com ela, tocá-la. Demonstrar que era diferente de William Fisk, que era quem podia lhe dar a felicidade que ela acreditava ser impossível.

O pai de Jack golpeou a mesa com a mão.

— Eu entendi! — exclamou. Sorriu para Becky do outro lado da mesa, com um brilho juvenil. — Finalmente compreendo suas dúvidas, milady. Igual a mim, você sabe que meu filho é um folgado, é claro que é! Não tem nada, embora você acredito que seja mais rica do que o rei, e ele muito bem poderia estar atrás de você por causa do seu dinheiro. — Sorriu amplamente. — Não a invejo, menina. Entretanto, é um assunto de decoro e de dever, não acha? E também desse condenado escândalo. Se não fizer nada para sossegar os rumores, estes só crescerão. Há crianças em sua família a quem poderia afetar no futuro.

Becky esboçou um meio sorriso, algo duro.

— Obrigado, senhor.

O homem arregalou os olhos.

— Bem... de nada!

— A solução agora está clara — prosseguiu ela, com voz tranquila, mas com um tom de aço.

— Bom, isso é excelente! — berrou o pai de Jack.

Ela pareça imponente, serena, elegante. Tinha as costas retas e os olhos frios e claros. Possuía mais força de que Jack supunha. Primeiro, tinha evitado o decoro e se arriscou ao rechaço permanente da sociedade a não aceitar sua proposta

de casamento e agora pressentia que estava a ponto a dar a seu pai uma lição de vida. Apesar de que sabia que a solução não seria compatível com seus interesses, a admiração de Jack por ela cresceu.

— Você tem razão a respeito de como crescerá o escândalo e também sobre os efeitos que terá em minha família, — disse com polida educação.

Bertrand murmurou sua aprovação. Sua família a olhava fixamente, imóveis — alguns com os garfos no ar, — e em Jack fez um nó na garganta ao ver sua expressão. Eles sabiam o que ia acontecer a seguir, assim como ele.

Becky ficou em pé. Imediatamente, Jack colocou o guardanapo de lado e levantou também. Todos os homens fizeram o mesmo. O pai de Jack enganchou o pé da cadeira no tapete persa e foi o último a levantar-se.

Ela se dirigiu a toda a mesa.

— Se continuamos nos relacionando eu e o senhor Fulton, só jogaremos mais lenha na fogueira. Vou partir de Londres até que o escândalo se dissipe. Tenho a intenção de me afastar por completo desta situação. — Seu olhar azul posou em Jack. — Desculpe-me, senhor Fulton, mas acredito que é o melhor a se fazer.

Tantos sentimentos misturados dentro dele — respeito, emoção, afeto, temor, alarme, que logo que mal conseguia dizer uma palavra.

— Becky…

Ela inclinou a cabeça em um gesto de cortesia, deu meia volta e abandonou a sala.

Capítulo 7

Jack alcançou Becky quando esta colocava a mão no corrimão da escada e punha o pé no primeiro degrau. Agarrou-lhe o pulso, deteve-a e ela se virou para olhá-lo.

— Não vá.

Becky negou com a cabeça com pesar.

— Não existe outra solução.

Apertou-lhe o pulso, com sua mão quente sobre a sua pele fria.

— Sim, há. Case comigo. Arrumaremos depois todo o resto.

Becky apertou os lábios, inclinou-se para ele e baixou a voz.

— E o que acontecerá se não conseguirmos arrumar? O que acontecerá se nos encontramos em uma união lamentável para o resto de nossas vidas?

— Isso não acontecerá. — Sua voz era firme, e seu olhar estava determinado.

Ela não compreendia como podia estar tão seguro, mas logo lembrou uma coisa. É claro. Jack nunca tinha casado. Não sabia quão horrível podia ser estar casado com uma pessoa que te despreza.

— Solte-me, Jack. — Sua voz era tranquila mas firme.

Ele suavizou o aperto, mas não soltou.

Becky deu uma olhada para a sala de jantar e não viu nenhum movimento, virou-se para ele.

— E seu pai tem razão? E se realmente for um folgado, um canalha? E se quão única coisa que quer de mim é minha fortuna? E se costuma ser tão inconstante como eles?

Tinha ouvido rumores a respeito das infidelidades de seu pai e de seu irmão. Não era cega nem surda, essas eram as coisas que falavam as damas casadas e as viúvas da boa sociedade de Londres.

Jack cravou o olhar em seus olhos.

— Não sou como eles. Em seu coração, você sabe que eu não sou como eles.

Becky o olhou durante um momento e se sentiu tentada a dizer que sim, dizer que sabia que estava sendo muito teimosa e que na realidade acreditava nele.

Em troca, negou com a cabeça.

— Não. Eu não sei.

No fundo dos escuros olhos de Jack houve um brilho de raiva, agudo e pungente, ele cerrou os dentes.

— Como poderia? — prosseguiu ela. — Só passamos juntos algumas horas. — Inclusive menos tempo de que tinha compartilhado com William antes de entregar-se a ele. — Não é suficiente.

— Não vá, Becky. Não saia de Londres.

Do outro lado do vestíbulo a porta se abriu e Kate apareceu ante eles, com um sonoro rangido de saias. Fez uma

pausa ao chegar ao pé da escada e inclinou a cabeça para Jack. Este soltou o punho de Becky.

— Boa noite, senhor Fulton.

Sem mais palavras, pegou sua cunhada pela mão e subiram juntas a escada. Jack não disse nada, mas Becky sentiu o calor de seu olhar enquanto desapareciam de seu alcance.

Não se deu conta de que estava contendo a respiração até que entraram no quarto. Exalou e logo inalou profundamente enquanto Kate fechava a porta com firmeza atrás delas.

— Sinto ter demorado tanto. — Kate desabou na cama de Becky. Tinha as faces rosadas pelo esforço de ter subido a escada depressa. — Havia certas águas agitadas para acalmar na mesa.

Becky se afundou em seu sofá cor pêssego.

— Estou bem, consegui lidar com ele. — Tentou sorrir para Kate. — E obrigado por acalmar as agitadas águas.

— Foi minha culpa, por ter convidado todos. Realmente, não tinha ideia de que o pai e o irmão do senhor Fulton fossem tão... — Suspirou e trocou de assunto. — Você realmente vai nos deixar?

— Acredito que sim.

— Mas para onde irá?

Becky deu de ombros.

— Não sei. À mansão Calton O... — Fez uma pausa, pensando em outro lugar ao qual poderia ir. Seawood, sua casa na Cornualha. Era o único lugar no mundo que

pertencia a ela e somente a ela. Mas nunca tinha estado lá, nem tinha visto o lugar, não tinha nem ideia do que fazer lá...

— À mansão Calton — decidiu com voz firme. Era a casa em que tinha crescido. Conhecida e segura.

Todos os traços de vivacidade desapareceram dos olhos castanhos de Kate.

— Oh, querida.

Alguém bateu na porta, o estômago de Becky encolheu. Olhou a porta e, como não disse nada, Kate perguntou:

— Sim?

— Sou eu, Cecelia.

Becky relaxou os ombros com alívio.

— Entre.

Lady Devore entrou, como uma compacta e elegante massa de energia. Fechou a porta com calma e se se virou para Becky.

— Que homem tão abominável é o senhor Fulton pai e que horroroso esse Bertrand se parecer com ele. Entretanto, não assemelham em nada ao jovem senhor Fulton. Você está bem, Becky? E realmente pensa em abandonar Londres ou não foi apenas uma ameaça?

— Sinto que é o melhor a ser feito.

— Onde irá?

— À mansão Calton, em Yorkshire.

— Por favor, não vá — rogou Kate com uma voz que era quase um sussurro. Ela colocou a mão no ventre. — Esteve presente no nascimento de Jessica e também quero que esteja aqui para o nascimento deste bebê. Eu... preciso de você.

— Oh, Kate. — Becky se sentiu cheia de impotência. Sua cunhada tinha razão. Não podia partir de Londres, tinha que estar ali para o nascimento do bebê. Entretanto, queria sair da cidade, fugir do escândalo e de Jack Fulton. — Não quero ir e abandonar você, mas...

— Para quando espera que nasça o bebê? — perguntou Cecelia.

— Ainda faltam algumas semanas — respondeu Kate. — Mas sempre existe a possibilidade de que chegue antes.

Cecelia assentiu com energia.

— Então, tenho a solução perfeita. Deve vir a minha casa. Jack Fulton não tem por que saber que está lá. Na mansão Devore há muita tranquilidade, poucas vezes recebo visitas. Poderá ter tempo e espaço para estar sozinha e pensar sem a pressão de sua família. — Olhou para Kate como pedindo desculpas. — Sem querer ofender, sua excelência.

Kate não parecia zangada absolutamente, pelo contrário, estava aliviada.

— Não estou ofendida, milady. — Virou para Becky. — Entendo que necessite tempo para refletir e o aprovo de todo coração. Lady Devore tem razão, é a solução perfeita. Ninguém tem por que saber que permanece na cidade e terá tempo para pensar. E eu, terei a segurança de que estará por perto e que poderá vir no momento em que eu necessitar.

Becky levantou do sofá e foi sentar na cama, junto de sua cunhada.

— Perdoe-me, Kate. Estão todos divididos entre o desejo de que seja feliz e o de me afastar do escândalo, posso sentir

como uma negra nuvem sobre todos nós. Não quer me pressionar e, entretanto, para mim é difícil poder tomar uma decisão nestas circunstâncias.

Kate lhe apertou a mão.

— Sinto muito que se sinta assim, acredite não é minha intenção.

— Sei disso — disse Becky. — De verdade, eu sei. Mas assim é como me sinto.

Sua cunhada assentiu com gravidade e lhe encheram os olhos de lágrimas.

— Então, o melhor é que vá. Por um breve tempo. Espero que retorne logo para junto de nós.

— Farei isso. Prometo.

As três conversaram alguns minutos mais, concretizando tudo para que Becky ficasse algumas semanas na casa da Cecelia e Kate pudesse enviar a ela uma mensagem quando chegasse o momento do parto.

Mandaram chamar Josie e ajudaram à donzela, um pouco zangada, a fazer as malas. Pouco tempo depois, toda a bagagem estava em uma das carruagens de Garrett e, a meia-noite, o carro chegava à entrada da mansão Devore. Cecelia conduziu Becky ao quarto de hóspedes, o qual ela tinha usado para se arrumar no dia de seu encontro com Jack, Josie a ajudou a se trocar, deitou-se na macia cama e, depois de uma hora olhando o teto escuro, adormeceu em um agitado sonho.

Ao despertar, tarde, na manhã seguinte, raios de luz brilhantes penetravam entre as cortinas de brocado escuro.

Josie a ajudou a colocar um vestido de musselina cor rosa pálido e desceu para tomar o café da manhã, já era quase meio-dia. A sala do café da manhã da casa de Cecelia tinha teto alto e estreitas janelas que davam a um pequeno jardim. As cortinas estavam abertas e o sol banhava a sala com raios dourados. Os brancos painéis que cobriam as paredes contrastavam com a cor bordô da seda que cobriam as paredes. Havia um armário de carvalho em um dos cantos e uma mesa redonda a qual fazia jogo, no centro da sala.

Cecelia ficou em pé para recebê-la e disse a ela que também tinha acabado de descer. Ofereceu-lhe um ligeiro café da manhã, com chocolate quente, ovos quentes, um pouco de bacon e torradas.

Becky se sentou em frente a sua amiga e, enquanto um criado as servia, Cecelia falou dos últimos rumores que percorriam a cidade. Não só revelava a natureza de Becky, diziam também que o mundo a tinha descoberto em pleno ato de libertinagem, tinha rechaçado a Jack Fulton. Deste tinham tornado herói nesse caso tão desafortunado, tinha demonstrado sua verdadeira natureza de cavalheiro ao tentar salvar a reputação dela lhe oferecendo casamento.

Depois de que Cecelia lhe relatou as notícias, Becky suspirou.

— Parece que as mulheres sempre ficam com a pior parte nos escândalos, enquanto que os homens são perdoados facilmente. Entretanto, eu não sou mais culpada do que ele.

Sua amiga esboçou um sorriso.

— Absolutamente certa. É só outro exemplo das injustas cargas que a sociedade deposita sobre as mulheres.

Becky se recostou na cadeira e bebeu um gole do espesso e doce chocolate quente.

— Bem, fico feliz em ficar com a pior parte da culpa, antes eu que minha família.

Cecelia arqueou uma inquisitiva sobrancelha e largou a xícara.

— Eu gosto de pensar que sou imune a escândalos. Mas se tivessem atacado Garrett, Kate, Tristan ou Sophie, ou a qualquer dos meninos, realmente poderiam ter me feito mal. Em troca, podem me chamar de egoísta e luxuriosa até o fim do mundo e que eu suportarei bem.

Era verdade, pelo menos em parte. Era luxuriosa, seus sonhos da noite anterior, demonstravam isso. Tinha sonhado com os lábios de Jack Fulton lhe acariciando o corpo. Tinha sonhado com suas mãos, como a tocavam, levando-a ao cume da paixão. Despertou mais de uma vez e descoberto que seus próprios dedos se moviam nos lugares onde ele a havia deixada louca de paixão, como se imitasse suas carícias, mas parecia impossível evocar as sensações que Jack lhe tinha provocado.

Já sentia falta dele. Sentia falta de seu escuro olhar quando a observava dos pés a cabeça. Sua irresistível mistura de ternura e urgência.

Entretanto, sabia que tinha tomado a decisão correta. Na verdade, os matrimônios se construíam com muito menos do que Jack e ela tinham compartilhado. Inclusive na época

atual, não era estranho encontrar esposas que não conheciam seus maridos apenas por algumas apresentações formais antes de unir-se a eles para toda a eternidade. Mas isso não era para Becky.

— Pensa no senhor Fulton? — Perguntou-lhe Cecelia delicadamente.

Ocultou sua expressão por trás da xícara de chocolate.

— Bom… sim.

— Não é difícil descobrir seus pensamentos, Becky — sua amiga deu uma pequena mordida em sua torrada com manteiga. — Como se sente com o que ocorreu ontem à noite?

Becky baixou a xícara e suspirou.

— Confusa, com certeza. Pergunto-me se tomei a decisão certa, embora esteja segura que é o melhor que poderia ter feito nestas circunstâncias.

— Acredito que realmente impressionou ao pai dele, que homem pretensioso.

Ela franziu a testa e olhou para o prato.

— Não me entenda mal, Becky — prosseguiu Cecelia. — Me alegro de que o tenha impressionado. Alegra-me que tenha impressionado a todos.

— Por quê?

— Quando você se torna imprevisível, se coloca em uma posição de poder.

Fez uma expressão de dúvida.

— Suponho…

— É verdade. As pessoas não sabem o que esperar de você e isso a faz imponente.

Becky arqueou as sobrancelhas.

— Eu?

— É claro. É muito bonita, mas além disso é muito tranquila e um rato de biblioteca. Aos dezoito anos fugiu para Gretna com um desconhecido. Passou os últimos quatro anos em silenciosa escuridão, construindo uma reputação de viúva tímida e estudiosa, mas então, aos vinte e dois anos, a descobrem na cama com um enigmático descarado. Não acha que tudo isso te dá um ar de mistério?

— Acredito que foi o que alimentou os rumores.

— Bom, isso também, é claro. Mas me atreveria a dizer que é uma mulher intimidadora para a maioria.

— Não estou intimidando Jack — surpreendeu a si mesmo ao dizer essas palavras e se repreendeu por trazer à tona esse assunto, outra vez.

— Não tinha notado — Cecelia sorriu. Golpeou brandamente com as unhas a superfície laqueada da mesa. — Isso já é alguma coisa, certo?

Não tinha sentido. Como todo mundo, sua amiga parecia admirar Jack Fulton e, embora não a pressionasse abertamente, Becky sentia a pressão da mesma maneira que com sua família.

Por que era ela a única que duvidava em unir-se a esse homem? Como Jack Fulton tinha conquistado todo mundo tão facilmente? Era ela a única pessoa racional e cautelosa que tinha ficado sobre a face da Terra?

Cecelia deu outra mordida em sua torrada e, passou a ocupar-se da pequena pilha de correspondência que tinha

junto ao prato. Olhou Becky por cima de uma folha branca de bordas brilhante.

— Uma amiga minha, a senhora Pionchet, convidou-me para um baile de máscaras na próxima sexta-feira.

— Verdade? — Perguntou Becky intrigada. Tinha ouvido falar dessas selvagens e licenciosas festas, que tinham sido tão populares no século anterior. Tinham perdido popularidade entre a alta sociedade londrina por sua tendência de terminar na luxúria e no vício. Essa era outra coisa que demonstrava que Becky tinha estado muito protegida, nem sequer suspeitava que no mundo se seguissem organizando bailes de máscaras.

— Viria comigo? A Georgiana adoraria.

Becky fez um esforço para engolir e logo negou com a cabeça energicamente.

— Não. É muito cedo. Não deveriam me ver em público. Ainda não.

«Nem em um ano, no mínimo», pensou.

— É um «baile de máscaras». — Cecelia apoiou o convite nessa mesa. — Essa é precisamente a ideia. Só nossa anfitriã e eu precisamos conhecer sua identidade.

Se ninguém a reconhecesse, que problema haveria? Becky esboçou um tímido sorriso.

— Vou pensar.



Jack saiu do quarto de hóspedes da moderna casa do conde de Stratford depois do meio-dia, sabia que seu amigo nunca se levantava antes do meio-dia. Foi à pequena sala de jantar onde havia uma variedade de embutidos e queijos dispostos em um aparador, junto a um bule de prata. Cheirou o bule com curiosidade e suspirou, concordando. Café. Como ele, Stratford preferia café preto e forte a chá.

Serviu-se de uma xícara e se aproximou da mesa, onde havia uma pilha de jornais no centro. Jack a comparou mentalmente com o elaborado centro de mesa de flores do desastroso jantar da noite anterior e decidiu que gostava mais de uma organizada pilha de jornais.

Depois que Becky se foi, Jack tinha partido para casa de Stratford, onde tinha se sentado no salão a esperar que seu amigo chegasse de uma noite de festa. Quando o fez, contou-lhe sobre o sórdido jantar e Stratford escutou com assombrada expressão. No final, tinha-lhe dado uma palmada nas costas e disse:

— Bem, está claro por que prefere estar em minha casa que retornar ao gentil calor de sua família. Pode ficar aqui todo o tempo que quiser, amigo.

Dito isso, Stratford pediu desculpas e se foi dormir, deixando Jack pensando no sofá, junto a lareira, até que a cinzenta luz do amanhecer abriu caminho por entre as cortinas.

Sentou-se em uma das acolchoadas cadeiras e pegou o primeiro jornal da pilha. Assentiu com aprovação ao ver que era o Times do dia. Tinha aberto o jornal e estava lendo as

notícias e tomando café — um dos prazeres mais puros e simples da vida, pensou Jack— quando chegou Stratford.

Graças a seu irritante criado, o conde estava barbeado, penteado e vestido com esmero, com um rígido colarinho alto, um colete estampado e uma jaqueta de lapela de veludo. Uma vez, disse estar muito satisfeito a Jack que seu criado achava que com ombros largos como os seus e uma cintura tão estreita, podia viver sem cintas. Entretanto, o bom homem lhe tinha recomendado também que deixasse de beber álcool e de comer tanto, porque esses hábitos o fariam engordar a tal ponto que terminaria por ter que incluir um espartilho entre seu guarda-roupa.

Jack riu, consciente de que ele jamais sucumbiria a tais medidas só por um requisito da moda. Stratford provavelmente faria isso algum dia, mas não podia culpá-lo por isso. Seu amigo era conde e essa era uma das desvantagens de ter nascido com tão aristocrático privilégio. O estilo era obrigatório, sem importar quão ridículo ou efeminado fosse.

Possivelmente Stratford continuasse praticando boxe até entrar na meia idade, mantendo assim seu magro corpo de pugilista e jamais tivesse que se preocupar em usar um espartilho masculino.

Jack sorriu por cima do jornal.

— Bom dia.

Stratford se serviu de uma xícara de café e se sentou à sua frente.

— Bom dia.

Jack lhe entregou uma seção do Times e seu amigo a abriu. Leram em silêncio. Um lacaio preencheu de café o bule e Jack se levantou para servir-se de mais. Quando retornou para seu lugar, com a xícara fumegante, Stratford colocou o jornal sobre a mesa.

— A Inglaterra é muito chata nesta época do ano.

Levantou os olhos do artigo que estava lendo.

— É? Não tinha notado.

— À medida que passam as semanas, nas festas é a única coisa em que se pensa. As pessoas se reúnem, mimam seus entes mais queridos, que esqueceram ao longo do ano, falam sobre o amor, a alegria e todas essas bobagens. Condenadamente chato, se quer saber minha opinião. — Com um estremecimento, bebeu outro gole de café—. E Maria... tornou-se muito superficial e exigente. Quer mais dinheiro para comprar adornos e vestidos e, francamente, estou cansado de ceder a seus caprichos.

— Vai deixá-la? — Perguntou Jack.

Maria era amante de Stratford no momento, uma amante que seu amigo tinha adquirido há muito tempo.

— Certamente. — Stratford sorriu e bebeu um bom gole de café, como se quisesse se fortalecer com ele. — Mas não hoje, quando me sinto assim... — depois de uma pausa, disse: — Não sinto que pertenço a Londres nesta época do ano.

— Pertence onde então? Partirá para sua casa em Sussex?

— É obvio que não. Retornar a esse antigo casarão e me submeter as incessantes perseguições de minha mãe? Deus!,

o Natal em Londres é um destino muito melhor que esse. — Encolheu os ombros. — Recebi um convite de um amigo de Northumberland, William Langley, que diz que a caça tem sido boa este ano. — Fez uma pausa, inclinou a cabeça, e sua expressão se tornou introspectiva, como se procurasse a fonte de seu descontentamento. — Me aborrece caçar.

Jack o olhou nos olhos, seguro que não falava de cervos nem de perdizes.

— E não estou de humor para viajar — prosseguiu Stratford. — Suponho que isso significa que estou destinado a sofrer outro Natal em Londres. — Esboçou um meio sorriso. — O mais conveniente seria que fechasse os olhos e os abrisse outra vez em um lindo janeiro com neve.

— Ano novo, vida nova — disse Jack serenamente.

Stratford soltou uma risada irônica.

— Se isso fosse possível.

Jack o compreendia muito bem, antes de conhecer Becky, tinha frequentemente essa sensação de desconforto e descontentamento. Levantou a xícara para brindar então bebeu em um gole, o que tinha sobrado do café.

Como se quisesse arrancar a melancolia, Stratford deixou de lado o jornal e levantou da cadeira, batendo com os polegares na xícara.

— Então, agora que lady Rebecca demonstrou ser de opinião e abandonou Londres, o que pensa em fazer?

Jack respondeu tranquilamente.

— Ainda pretendo me casar com ela.

O conde riu.

— Você disse que ela deixou bem claro que não ama você.

— Deixou claro que não me ama ainda. Mas farei com que ela mude de ideia.

— Ah, sim? Como?

Ele deu de ombros e fixou os olhos no fundo de sua xícara, como se fosse um adivinho que pudesse ler ali seu futuro.

— Não sei exatamente. Mas eu devo fazer isso. E, como sabe não tenho muito tempo.

— O chantagista pediu o dinheiro para meados de dezembro, certo? Sendo assim você tem um mês.

— Sim, apenas um mês. — Jack tinha pensado em solicitar mais tempo a Tom, mas o adoecia pensar que o encontro estava fora de seu controle, por mais que o homem quisesse mudar. Tom não lhe disse nada, mas Jack tinha notado seu desespero. Havia algo mais que pura cobiça na demanda de seu amigo.

Jack olhou para Stratford. Nunca antes tinha lhe ocorrido procurar mais informação sobre o falecido marido de Becky, não queria saber nada desse homem. Agora, entretanto, surpreendeu-o em se dar conta de que possivelmente fosse uma boa ideia farejar um pouco na personalidade de Fisk. Precisava fazer uma melhor ideia do que Becky tinha vivido.

— O que sabe sobre William Fisk?

— Humm. — Stratford deu um bom gole em seu café. — Bom, quando considera o tipo de homem que era, as dúvidas

da dama têm muito sentido.

Jack se inclinou para frente.

— Por quê?

— Lady Rebecca não conhecia Fisk antes que fugissem para casarem-se em Gretna. Não sei exatamente quanto tempo, mas sim posso dizer o seguinte, Fisk era um bastardo. Manipulou o duque de Calton e a sua família para que confiassem nele, mas depois se soube que só queria lady Rebecca por causa de sua fortuna. Sabe-se que sua família é muito discreta, mas os rumores dizem que, pouco depois do casamento, Fisk teve uma amante e que esteve envolto em contrabando. O primeiro navio não resultou ser tão lucrativo como planejava, então seus sócios o assassinaram na operação.

— Seus sócios foram condenados?

— Não sei... — Stratford deu de ombros. — Não acredito. Todos estes fatos aconteceram em Warwickshire então, sua família se mudou para Yorkshire, não foram vistos em Londres, durante um ano.

Jack suspirou com os lábios apertados. Apesar das similares motivações iniciais, ele não se parecia em nada com Fisk. Não teria uma amante. Por que necessitaria uma tendo uma mulher como Becky, em sua cama? Estava preparado para comprometer-se com ela. E, quando se comprometia com algo, nada podia romper aquela decisão.



Era diferente de Fisk. Maldição. Era diferente.

Apertou as mãos sobre a xícara de café vazia.

— Então... — Stratford o observou, — o que vai fazer?

— Segui-la aonde quer que tenha ido. Fazer que me ame — respondeu ele. — Tenho um mês para obter essa façanha. Não há outra alternativa.

— É claro que há. A dama já tomou uma decisão. Nesse caso, parece-me que seria mais fácil encontrar uma nova noiva que tentar perseguir esta por toda a Inglaterra, para convencê-la.

Jack arregalou os olhos e tentou eliminar a careta de desgosto que desenhavam seus lábios. Stratford tinha razão, devia considerar. Mas quando pensava na noite anterior, na fortaleza de Becky, em sua fria determinação quando deu as costas a seu pai, soube.

Queria ela e não a deixaria ir.

Stratford fez um gesto com a mão.

— Não há ninguém em Londres agora, assim poderia ir ao campo, ouvi dizer que Hampshire é uma zona particularmente rica em herdeiras neste momento. Participe de algumas dessas tediosas celebrações camponesas e em menos de uma semana encontrará uma nova moça com quem se casar. — Inclinou-se para seu amigo. — Procure uma que seja mais velha. Uma solteirona que acredita que perdeu sua oportunidade. Com seu aspecto e seu sangue aristocrático, será muito fácil apanhar uma mulher madura com um bom dote.

A ideia de ir atrás de outra mulher, que não fora Rebecca Fisk, revirava-lhe o estômago.

— Não.

Stratford compreendeu a situação.

— Não quer fazer isto da maneira mais fácil, não é verdade?

— O nível de dificuldade não tem nada que ver — respondeu ele rigidamente.

— Eu sei. É ela a quem você quer.

Jack apertou os dentes.

— E a mais ninguém.

— É minha imaginação, Fulton, ou sente algo bastante profundo por essa dama?

Ele manteve sua expressão imperturbável.

— A única coisa que sinto profundamente agora, é por minha própria vida. E lady Rebecca Fisk será quem vai salvá-la.

— Humm... — Stratford levou os dedos ao queixo e se reclinou contra a cadeira. — E como pretende seduzir ela?

— Seduzi-la? — A palavra saiu da boca de Jack como se fosse estrangeira e exótica. — De que diabos você está falando?

Seu amigo arqueou uma sobrancelha loira.

— Não me diga que me jamais seduziu uma mulher.

— Deitei-me com mulheres, sim.

— Então, sabe que não é disso que estou falando.

Jack tentou pensar no passado. Muito tempo atrás, cortejar uma mulher teria parecido algo completamente alheio

a ele. Com Anne tinham sido primeiro amigos e depois amantes. Jamais a tinha «seduzido». Depois de sua morte, esteve na cama com outras mulheres, mas tinha sido fácil, sugestões sussurradas, aceitações falsamente tímidas. Nunca tinha se esforçado tanto com nenhuma outra mulher como com lady Rebecca. Olhou para Stratford.

— Suponho que jamais cortejei, seduzi, nem persegui uma mulher além de uma noite.

Seu amigo riu, negando com a cabeça.

— Não me surpreende.

Becky era uma pessoa muito mais complicada do que parecia à primeira vista e disso podia deduzir-se que conquistá-la seria também muito mais complexo. O plano de Jack para levá-la ao altar não funcionou na primeira tentativa, mas tampouco estava por completo descartado. Teria sido muito pior se ela tivesse descoberto quem tinha orquestrado a entrega daquela carta a seu irmão... então tudo teria terminado para ele.

— Nesse caso, deve me dizer o que devo fazer. — Jack se inclinou para frente, esperando instruções. — Mas, por favor, tenha em conta que não temos tempo para um cortejo normal. Precisarei acelerar as coisas. Muito.

Stratford massageou o queixo.

— Então, deve bombardeá-la. Cortejo acelerado o chamaremos.

— Diga-me como.

— Primeiro, deve escutar cada palavra de sua conversa.

— Lady Rebecca não tagarela.

Olhando-o com desconfiança, seu amigo baixou a mão para pegar sua xícara.

— Todas as damas o fazem — disse com paciência. — A menos que seja muda e sei que não é, ouvi dizer que ela fala.

— Fala — respondeu Jack, — conversa, mas não tagarela.

Stratford encolheu os ombros.

— Muito bem, se você diz. Quando ela falar, deve fingir que está prestando atenção. Atenciosamente.

Jack pensou nas conversas que teve com ela, como tinha devorado cada palavra dela como um lobo voraz, e deu de ombros.

— Feito.

— Deve elogiá-la incessantemente. Seja poético e lhe fale sobre seus cabelos loiros, sobre sua sedosa pele, de sua deliciosa figura...

— Seu cabelo loiro?

— Bem, tem que fazer ela acreditar, é claro. Sedosos cachos de ébano? Não sei. — Fez um gesto com a mão. — E lhe diga quão valiosa ela é para você. — Interrompeu e piscou. — Bem, essa é a verdade, não é? Seus quarenta mil são valiosos para você.

De repente, desejou que seu amigo não soubesse a verdade. Olhou-o sem lhe responder.

Stratford soltou uma gargalhada.

— Tinha razão — disse em voz baixa.

Jack se negou a morder o anzol.

O outro ficou sério e o olhou fixamente aos olhos.

— Não tem com o que se preocupar, Fulton. A verdade a respeito de Lady Rebecca e você, irá comigo pro túmulo.

— Sei disso. — Jack confiava nele. Por muito que o incomodasse com isso e o pusesse a prova, sabia que compreendia.

Stratford rompeu o tenso silêncio e prosseguiu com suas instruções.

— Pergunte-lhe: «Para que serve a luz, se não para ver Lady Rebecca? O que é a alegria se ela não estiver por perto?». E deve compará-la com um dia de verão.

Ou um dia de inverno, pensou Jack. Olhou-o com ironia.

— Então, devo citar Shakespeare.

— Oh, sim. A Byron, a Shakespeare, a Milton... a todos eles. Inclusive, melhor, deve escrever sua própria poesia. Envie-lhe flores, joias, presentes caros.

Jack suspirou.

— Todo isso sonha bastante tolo. — Para não mencionar que Becky era a irmã de um duque e que, não tinha dúvidas, de que devia estar acostumada às coisas caras. Por outro lado, ele não tinha dinheiro para comprar nada luxuoso.

— Tem razão, é completamente tedioso. — Stratford sorriu. — Mas asseguro a você que é mais eficaz.

Jack o olhou em silêncio, elaborando um plano em sua cabeça. Podia ser eficaz para a maioria das mulheres. Mas Becky não era como a maioria das mulheres.

Capítulo 8

Na tarde seguinte, Jack andava de um lado para o outro no saguão de entrada da mansão Devore. A cada passo que dava, golpeava a coxa com um buquê de crisântemos e margaridas. Que diabo a estava atrasando tanto?

Estava nervoso, admitiu. E se Becky não gostasse de flores? E se não gostasse do pequeno amuleto que ele tanto se esforçou por amarrar os caules?

Olhou para a porta que dava para a sala e se parou um instante, contemplando a possibilidade de invadir sem ter sido convidado.

Não. Estava ali para lhe perguntar para Becky se permitia ser cortejada, não para agir como um selvagem pagão. Esboçou um pequeno sorriso ao lembrar aos nativos das ilhas Sandwich. As pessoas mais amistosas e abertas que tinha conhecido. Os britânicos, com todas as suas regras e refinadas convenções, podiam aprender bastante com eles.

Finalmente, ouviu o farfalhar de saias. Parou de repente, apertou o buquê de flores e virou-se.

Não era Becky.

Suspirando, tirou o chapéu.

— Lady Devore.

Cecelia inclinou a cabeça, deu uma olhada para o buquê de flores que ele segurava com força e tornou a olhá-lo.

— Senhor Fulton.

— Eu vim ver Becky.

Ela arqueou as delicadas e escuras sobrancelhas e gesticulou para a porta que havia atrás dela.

— Precisamos conversar, senhor Fulton. Importaria de me seguir até a sala?

Jack a seguiu e se sentou na cadeira para a qual ela apontou. Lady Devore sentou-se em um sofá que havia em frente. Uma criada trouxe chá e serviu-os um pouco. Jack dispensou e a dama fez um sinal para que a criada se retirasse.

Quando ela saiu, lady Devore perguntou:

— Como sabe que ela está aqui?

Ele se deu conta que seguia apertando o buquê de flores, por isso deixou o ramo em seu colo e colocou as mãos sobre os joelhos.

— Visitei o duque e à duquesa. Não queriam trair a confiança de lady Rebecca, é claro, mas me deram suficientes pistas como para que eu não tivesse dúvidas de que deveria estar aqui. — Senti um grande alívio ao descobrir que não abandonou Londres, depois de tudo.

Lady Devore riu.

— Não era um segredo de estado, mas não acredito que ela ficará feliz ao saber que descobriu seu esconderijo tão facilmente.

Jack não respondeu. Se pensava que não ia encontrar ela ali, a tinha subestimado.

— Deveria ir direto ao ponto. — disse Lady Devore: — ela não deseja ver você. É compreensível que esteja alterada pelo que ocorreu ontem à noite, mas agora que rejeitou tão abertamente, você e sua família, Lady Rebecca acredita que você vai querer seguir em frente com sua vida. Acha que está ansioso para se casar e espera que a busca por outra esposa comece em breve.

Jack respirou fundo. Quando falou, sua voz soou calma e controlada.

— Realmente acredita que sou tão inconstante?

Lady Devore suspirou.

— Realmente, não sei. Precisa de tempo, senhor Fulton. Aparentemente, mais tempo do que você está disposto a lhe dar.

Encontrou os frios e escuros olhos da mulher.

— Eu gostaria de falar com ela.

“Dir-lhe-ei que se esse for o seu desejo. Esperarei”.

— Não, hoje não. Falarei com ela sobre o assunto E... possivelmente consiga convencê-la. Parece que você não dormiu nada. Vá para casa, descanse bem a noite e volte amanhã.

— Poderia colocar você de lado — disse ele com um tom de voz calmo. — Poderia abrir caminho até o Becky pela força e pedir que falasse comigo agora.

— Poderia fazer isso — assentiu Lady Devore com serenidade, — mas você é um cavalheiro e não fará isso.

Ela tinha razão, não podia arriscar que Becky se afastasse ainda mais dele. No momento, devia dar pequenos passos, mas a veria de novo, em breve. Descobriu nos últimos minutos, algo muito importante e ficou surpreso, Lady Devore parecia estar firmemente do seu lado. Jack ficou em pé e lhe entregou o buquê.

— Daria isso a ela?

A mulher concordou pegando o buquê.

— É claro.

Jack fez uma reverência, deu-se meia volta e se foi.

ᘓ ♥ ᘒ

Uma semana mais tarde, um criado bateu na porta do Becky. Levava um pequeno pacote que tinha chegado recentemente para ela. Cecelia, que estava sentada em um canto, bordando um vestido para uma de suas pequenas sobrinhas, riu quando o criado se foi.

— O que o senhor Fulton mandou hoje?

Ela se sentou na beira da cama e deslizou o dedo sob o selo do pacote. Abriu-o. Dentro havia um tecido rústico, dobrado. Becky o acariciou e suspirou de prazer.

— É um xale feito com estampa da Polinésia, eu acho.

— Do que?

— De estampa. — Passou os dedos pelos desenhos geométricos do tecido. — É um tecido que os nativos das ilhas do Pacífico confeccionam com a casca de uma árvore tropical.

Cecelia negou com a cabeça.

— Outra raridade para adicionar a sua coleção.

— Sim. — Becky sorriu ao olhar sua penteadeira, e percorrer com os olhos o que Jack vinha enviando nos últimos dias. O buquê que tinha enviado um dia depois do jantar, ainda fresco no vaso. Junto ao mesmo, havia uma pequena escultura de um homem, de grossas formas com grandes olhos redondos, um papel que levava sob o braço dizia que era um pingente muito antigo, esculpido em um dente de baleia das ilhas Fiji. Becky tinha posto a figura na penteadeira, e pensado que o via bastante desconcertado, entre pequenas bandejas de prata e potes de cosméticos.

Na outra ponta da penteadeira estava o buquê que Jack lhe tinha enviado no dia seguinte, em um vaso negro, uma espécie de cabaça redonda do Hawai. Em sua suave e negra superfície se viam várias delicadas linhas e triângulos pintados com cor vermelha terrosa. Tal como explicava o bilhete de Jack, as xícaras tinham muitas funções para os havaianos. Usavam-nas para tudo, desde tigelas para água até tambores para danças nativas. Acrescentou que, durante seus dias de navegador, tinham se tornado muito úteis. Mas desta vez a tinha usado como um vaso. Uma dúzia de grandes Amarílis repousavam nele, junto com outras flores rosa escuro com várias pétalas brancas.

Becky se perguntava se ele sabia que o rosa era sua cor preferida. Provavelmente. Parecia ter lido em sua mente. De qual outro modo poderia saber que, uma ponta de flecha indiana que encontrou em uma expedição de caça em Boston

teria muito mais significado para ela, do que qualquer adorno espalhafatoso?

Com um melancólico suspiro, voltou-se para o tecido estampado, desdobrando-o para admirar o desenho. Franziu a testa ao estendê-lo sobre a cama, porque tinha um grande corte no centro. Agarrou a nota que Jack tinha colocado entre as dobras, sentou-se na beira da cama e leu as palavras de Jack, com crescente emoção.

— Não é um xale.

— Que diabos é então? — Perguntou Cecelia, concentrada em seu bordado.

— Diz que é uma *tiputa*, um tipo de manto das ilhas Pitcairn.

— Oh!

— Das ilhas Pitcairn — repetiu Becky enfaticamente. — Você sabe, onde alguns dos homens do capitão Bligh se instalaram depois do infausto motim. Jack foi para às ilhas Pitcairn!

— Verdade?

Oh, Meu Deus! Cecelia não compreendeu. Becky passou a mão pelo rústico tecido. Ele tinha escrito que um jovem o tinha dado como gesto de amizade, embora esse menino não vestisse mais que um tanga e joias feitas de conchas, falava inglês e era menos corpulento, tinha a pele mais clara que os polinésios e estava claro que era neto dos participantes do motim.

— Cecelia, — disse ela, tentando não deixar transparecer a censura que antecipava sua pergunta, — já leu alguma

coisa sobre William e Bounty?

Sua amiga a olhou e arqueou as sobrancelhas.

— Lembro de ter ouvido algo a respeito. — Levantou um ombro para deixar claro o pouco que lhe importava o assunto. — Mas isso se passou há muito tempo, antes de nascermos.

— Sim, mas Jack conheceu um dos descendentes desses famosos bandidos. Esses homens serão sempre lembrados e Jack conheceu um deles! Sabia disso!

— Estou vendo. — Estava claro que Cecelia não compreendia sua emoção. Becky suspirou e olhou para a *tiputa*. Com era incrível que Jack tivesse estado lá e que um membro da família dos amotinados tivesse feito aquele tecido.

Guardaria ele para sempre, como um tesouro, junto com o resto dos fascinantes objetos que ele tinha enviado. Uma parte dela dizia que devia devolvê-los, que ao aceitá-los não fazia mais que lhe dar esperanças. Mas não podia evitar. Eram muito maravilhosos para renunciar a eles.

Abriu novamente o bilhete de Jack e ficou olhando a linha final, escrita com sua letra compacta e apertada: «Quando verei você?». Respirou fundo e disse:

— Acho que vou escrever uma carta.

Finalmente tinha conseguido chamar a atenção da Cecelia, que a olhou.

— Ah, sim? Para o senhor Fulton?

— Sim. Para lhe agradecer... por tudo isto.

Sua amiga esboçou um sorriso malicioso.

— Parece que não tem intenção de devolvê-los.

Nos últimos dias, Becky tinha debatido entre se devolvia os presentes ou ficava com eles. Agora não podia evitar sorrir quando olhava para eles.

— Para falar a verdade, não acredito que possa.

— Conquistou você com essas raridades?

— Sim. — Virou-se para a Cecelia. — Mas não deve ser fácil de me influenciar. Meu marido também me seduziu no princípio.

A outra negou com a cabeça.

— Lamento apoiar seu relacionamento com o senhor Fulton, contra seu critério, Becky, mas não posso evitar pensar que ele e você têm a chance de realmente cuidar um do outro.

— Você acha?

— Sim, acho. — Cecelia duvidou e, quando voltou a olhar para ela, havia uma sombra de preocupação em seus olhos. — Mas sei que será cautelosa.

— Serei. — Becky percorreu com o olhar os maravilhosos presentes que Jack lhe dera. — Devo ser.

ᘓ ♥ ᘒ

Na manhã seguinte, Becky despertou cedo e não voltou a dormir mais. Jack ia visitá-la nesse dia e estava mais confusa do que nunca a respeito de como tratá-lo. Se antes seu coração tinha nublado sua razão, sem dúvida, estava fazendo isso agora. Estava nervosa além de cheia de ansiedade e puro medo.

Tinha passado toda a noite pensando nas palavras que deveria dizer para ele. Tinha um discurso escrito mentalmente, mas não sabia se seria capaz de pronunciá-lo. Supunha que dependeria de suas reações.

Quando o criado entrou na sala para dizer a Cecelia e a ela que Jack tinha chegado, esforçou-se para manter a calma.

As duas ficaram em pé e sua amiga a abraçou.

— É só um homem. Jamais esqueça que os homens são criaturas simples.

E, com essas palavras, desapareceu da sala. Becky esperou com as mãos cerradas, e depois um minuto, abriu a porta e Jack entrou.

Ao vê-lo ficou sem fôlego, estava tão bonito como sempre, mas dessa vez não tinha feito nada para dissimular seu lado mais malicioso. Vestia uma calça preta por dentro de botas pretas Wellington, com colete e jaqueta combinando. Em uma das mãos, segurava um livro pesado e antigo.

Becky fez um esforço para engolir enquanto ele fechava a porta e virava para olhá-la. Em seus olhos brilhava uma mescla de desejo e de posse, mas se comportou de maneira distante e em tudo como um cavalheiro.

Percorreu ela inteira com os olhos, antes de olhar dentro de seus olhos.

— Becky.

Nervosa, levou a mão em seu corpete de seda verde escuro, e fez uma reverência.

— Senhor Fulton.

Jack arqueou uma das sobrancelhas.

— Não sou mais Jack?

— Eu... não sei.

Deu um passo na direção dela, que sentiu calor, em todo o corpo. Um calor ardente que subia por sua espinha, seu peito, por sua face.

— Agradeço por todos os presentes — disse ela quase em um sussurro. Seu repentino sorriso alcançou seus olhos e suavizou o gesto.

— Gostou deles?

— Muito. São maravilhosos.

Seu sorriso a derreteu. Queria saber todos os detalhes a respeito daqueles objetos. Queria sentar com ele e ouvir a explicação, dia e noite, tudo o que ele devia ter para contar dos lugares aos quais tinha estado.

— Trouxe uma coisa para você. — Deu-lhe o livro. — Não é muito, mas...

Ela o pegou, pesando o grande volume com ambas as mãos. Era um livro muito usado, bastante gasto pelo uso, que se titulava Dicionário de Cirurgia Prática. Tinha manchas de graxa na capa e suas páginas cheiravam a sal e umidade própria do mar.

— Era de Smith, o cirurgião do navio Gloriana.

Becky olhou o livro, com seu título gravado em dourado. Jamais tinha recebido um presente semelhante. Tinha lido muitos textos de medicina e cirurgia, mas eram volumes que tinha tomado emprestados da biblioteca da mansão Calton e da casa de Londres, além de comprar com seu dinheiro várias

publicações esporadicamente. A ninguém tinha ocorrido lhe dar de presente um livro assim. Ninguém mais que Jack.

— Smith morreu há um ano e em seu testamento me deixou seu livro.

Antes de que ela pudesse protestar por lhe dar um presente de tanto valor sentimental, Jack esboçou um sorriso.

— Foi sua última brincadeira. A tripulação pensou que era muito engraçado. Todos sabiam que eu não desejava ler nada sobre hérnias, concussões e amputações. Mas... — Ele hesitou. — Pensei que talvez você quisesse.

— Sim, eu quero, — disse Becky em voz baixa, estreitando o livro contra seu peito. — Obrigado, Jack.

Seu sorriso era devastador, com aquelas covinhas nas bochechas e o reluzente brilho de seus olhos. Aproximou-se das cadeiras e lhe fez um gesto para que se sentasse. Ela sentou-se em um dos sofás de veludo que havia em frente às cadeiras de vime. As almofadas do sofá eram duras, nem de tão cômodas como sua cadeira preferida na sala de Garrett. Sentou-se ereta e apoiou os dedos no braço estofado.

Em vez de tomar assento em uma das cadeiras que ela tinha indicado, Jack sentou-se na estreita almofada que havia a seu lado. Não era um sofá para duas pessoas, pensou Becky, a menos que se tratasse de dois amantes.

Não muito tempo atrás, tinha pensado nele como seu amante. Apertou com força o braço do sofá. Era uma mulher inteligente, amável, bem educada e muito culta. Entretanto, o que queria era ser uma mulher forte e com confiança em si mesma. Como Cecelia. Como Sophie e Kate.

— Deveria lhe devolver todos os presentes. — Fixou os olhos em seu rosto, aproximando o quadril contra o braço do sofá para não tocar seu corpo. Apoiou a mão livre no livro que tinha no colo.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Oh!

— Sim. — Sua voz era sombria, mas em um sorriso se formava no canto de sua boca. — Mas não posso. São especiais, únicos e sou muito egoísta.

— Bem. Quero que os guarde.

— Por que está aqui, senhor Fulton? — Procurou um indício em seu rosto. Não entendia por que estava tão empenhado em lhe trazer aqueles presentes tão incomuns, tão especiais, em vê-la... em seguir adiante por aquele louco caminho.

— Desejo pedir formalmente permissão para cortejá-la.

— Para me cortejar? — repetiu confusa. Não tinham ido bastante longe, mais à frente do que um cortejo?

— Comecei da maneira errada. Jamais pensei... — Fez uma pausa, respirou e prosseguiu. — Jamais pensei que quereria algo mais que...

— Não quero — disse ela rapidamente.

— Eu tampouco quero — prosseguiu Jack, — mas agora há algo mais. Mais coisas que quero explorar. — Baixou o olhar para seu colo e logo a olhou. — Sei que estou muito longe de você, tanto social como financeiramente...

Becky soltou um estranho som, mistura de risada e tosse.

— Por favor, não me diga que acredita que minha recusa tem a ver com disso!

— Não, não acredito. Descobri bastante rápido que sua família não é a típica família aristocrática. — Fez uma pausa. — Becky, o tempo que passamos juntos... foi um dos melhores momentos da minha vida.

«Da minha também», ela queria dizer. E ficar a sós com ele, conversando nus na cama, depois de fazer o amor apaixonadamente, saciados. Queria abraçar seu peito nu e falar e falar do mundo até que o cansaço os vencesse. Queria dormir a seu lado, e ao despertar, fazer amor e falar um pouco mais. Essas ideias eram perigosas.

— Isto não tem nada a ver com o escândalo? Nem com minha família?

— Não. Só tem a ver com você e comigo.

Ela apertou as mãos sobre o livro que tinha no colo.

— Senhor Fulton, acredito que é possível que as coisas funcionem entre nós com o tempo, mas minha primeira prioridade é amenizar os estragos que esse escândalo causou em minha família. Eu gostaria muito de voltar a vê-lo, mas só quando os rumores acabarem. Se decidir que não quer esperar... — interrompeu-se, fez um esforço para engolir e prosseguiu, — compreenderei. E por favor, desculpe-me por me haver comportado tão grosseiramente com seu pai. Não faz parte de mim, absolutamente. Lamento qualquer inconveniente que tenha causado a você.

— Não me causou nenhum inconveniente. — Pegou-lhe a mão e a cobriu com a sua. — Me senti orgulhoso.

— O quê?

— Esteve magnífica. — Levou sua mão à boca e a apoiou contra os lábios.

— Perdi o bom senso. Rara vez isso me acontece.

Jack baixou a mão e a olhou aos olhos.

— Me alegro que agiu assim. Meu pai mereceu.

Olhava-a com intensidade, como se pudesse vê-la realmente, não só a superfície, ou seu braço ferido, mas ela, seu verdadeiro eu. Moveu-se no assento tentando recuperar o equilíbrio.

— Becky... desejo você.

Levou um momento para recuperar o fôlego antes de voltar a falar.

— Deve entender que não posso permitir que o resto de minha vida dependa de um efêmero «desejo».

— Não. Não é efêmero.

Becky ignorou essa declaração.

— Não posso apoiar meu futuro em um sentimento físico. Me comprometer a passar o resto de minha vida com um homem que não conheço.

— Sou um homem que te deseja. A você e a ninguém mais. O que mais falta?

Ela apertou as mãos diante do corpo.

— Muitas mais coisas, Jack.

Ele passou os dedos pelos cabelos, agarrou uma mecha e fechou os olhos, derrotado.

— Tem razão. Por isso estou aqui, para te propor um cortejo formal.

— Isso seria uma farsa — respondeu ela calmamente, — Sendo que é de domínio público que nos deitamos.

Jack negou com a cabeça.

— Não falo de um cortejo para mostrar ao mundo, Becky. Um entre você e eu. Ninguém mais precisa saber disso, nem fazer parte dele.

Ela vacilou. Ele baixou a mão da cabeça, ficando um pouco despenteado. O desejo de arrumar-lhe o cabelo a invadiu, mas reprimiu o impulso.

Cheirava tão bem, um perfume tão salino, limpo e masculino... seus lábios eram flexíveis e suaves, sabia por experiência própria. Queria os aproximar dos seus, sentir o roçar sobre sua pele.

— Não vou renunciar, Becky. Quero me casar com você algum dia e esse dia será em breve.

— Há muitas damas disponíveis que estão muito mais qualificadas e muito mais dispostas a se casar do que eu.

— Não me interessa nenhuma delas. Esposas não são cavalos. Não escolherei uma mulher entre as mulheres que estão disponíveis e, no caso de que algo dê errado, lhe dar uma palmada no lombo e buscar outra.

Era tão distinto do resto dos homens. Tão concentrado, tão obstinado. Por que ela? Sentiu um suave tremor na espinha.

— Já encontrei à mulher que quero.

— E se a mulher que quer não tem desejo por... — fez uma pausa, não podia dizer que não sentia desejo por ele, isso seria mentir...— de casar-se?

— Então eu a faria mudar de ideia.

Becky desviou o olhar, porque sentia que a temperatura de seu rosto aumentava com cada segundo que passava.

— Deve ir agora — sussurrou.

— Sim, eu irei. — Sua voz era áspera. Tirou o livro das mãos e o deixou de lado. Então inclinou sobre ela e falou tão perto ela que pôde sentir seu hálito na face. — Mas você vem comigo.

Capítulo 9

— Aonde vamos?

Jack a olhou. Becky tinha as faces rosadas e mordia o lábio inferior incessantemente desde que ele a tinha ajudado a subir na carruagem.

— Já conto, é uma surpresa. Mas prometo que você vai gostar. — Deslizou os dedos sobre os dela. Com o polegar, brincava com o fino laço de sua manga. — Estamos quase chegando — murmurou.

Para aonde se dirigiam estava há minutos de distância da casa de Lady Devore e não havia muito movimento nesse dia em que a promessa de chuva pesava no ar.

Becky o olhou nervosa.

— Não devem nos ver juntos.

— Eu sei. — Apertou-lhe os dedos. — Não farei nada que possa prejudicar ainda mais sua reputação.

Ao ouvi-lo, ela soltou uma cínica gargalhada.

— Suponho que não tenha mais importância. Minha reputação já não tem conserto.

Fez que sua voz soasse baixa, mas no brilho de seus olhos podia-se notar uma tristeza, cujo o escândalo tinha causado. Escândalo causado por ele.

Tinha que ter feito, lembrou-se Jack. O fim justificava os meios.

Uma tempestuosa rajada de vento acompanhou à carruagem até o final da rua Bond, onde parou na esquina da Piccadilly. Jack desceu, deu meia volta para ajudar Becky.

Ambos levantaram os olhos para a fachada do Hall.

— O museu está fechado esta tarde. Estão dando os toques finais para a última exposição, antes que abram ao público, mês que vem.

— Sua exposição africana?

Jack sorriu.

— Achei que teria te informado. Organizei uma visita privada para nós.

Becky ficou imóvel por um momento. Então, com lentos movimentos, colocou seu braço no de Jack.

Jack estava a seu lado, na calçada, olhando o edifício do Egyptian Hall, desfrutando da confiança de seu gesto e da alegria de sua expressão. As pessoas passavam ao lado deles e da rua chegavam diversos sons. Deseja estar a sós com ela. A imagem de seu corpo, nu e suave, na obscuridade do hotel Sheffield, apareceu em sua lembrança e todo ele se endureceu, em especial uma parte particular de sua anatomia, de uma maneira muito dolorosa.

Deus, desejava-a! Perguntava-se como faria para abandonar o leito quando estivessem casados.

O melhor seria que se concentrasse no presente, para que suas lembranças carnais se desenfreassem e seu estado se pusesse muito evidente. Estava agradecido que o dia

estava frio e de vestir um pesado casaco de lã. Apertou-lhe uma mão com a mão, o negro de suas luvas contrastava com o branco das dela.

— Sabe o que diz aí? — Assinalou para os símbolos esculpidos na fachada do edifício.

— Acredito que esses hieróglifos não têm sentido — respondeu Becky. — O arquiteto afirmou que o desenho deste lugar vinha do templo de Dendera, mas... — Franziu a testa. — Possui certas características egípcias, embora acredite que não seja uma representação correta.

— Mas você nunca foi ao Egito.

— Não, não fui. — Encolheu os ombros. — Possivelmente esteja equivocada, é claro.

Olhou-a com a extremidade do olho. Estava claro que ela não acreditava que estivesse equivocada. Jack tampouco acreditava. Becky lia com entusiasmo e com impecável atenção aos detalhes.

Entraram no museu e o conservador se apressou a recebê-los. Stratford conhecia o homem e, graças a isso, permitiram-lhes visitar o museu nesse dia. Depois de apertar a mão de Jack vigorosamente e de fazer uma reverência a lady Rebecca, pegou-lhes os casacos e se desculpou, dizendo que tinha muito trabalho a fazer por causa da iminente inauguração e que esperava que eles se sentissem em casa. Isso também estava planejado. Jack queria que a visita fosse privada.

O homem desapareceu por uma das salas laterais e Jack levou Becky pelo silencioso vestíbulo de entrada para ver a

coleção de história natural da África do Sul. Entraram na grande sala do museu. O lugar tinha sido redecorado na última vez que Jack esteve ali, quando ainda era um menino. Uma ostentosa combinação de estilos modernos e egípcios. As colunas estavam pintadas de cores terrosas e na parte superior tinham imagens de deusas egípcias. À esquerda deles, entre duas extravagantes colunas, havia dois cães vivos que dormiam em uma jaula. Becky se aproximou deles e leu a placa que havia na jaula: «Caninos africanos: espécimes do Cabo». Os cães eram bastante pequenos, com traços de lobo e pelagem com manchas irregulares de cor preta, vermelho, amarelo e branco.

Enquanto Becky observava os animais, Jack desviou o olhar para o centro da sala, onde havia um grupo de patos, gansos e pássaros dissecados sobre um tecido azul que simulava um lago. No centro do mesmo via-se a reprodução de uma criatura monstruosamente gorda que não reconheceu.

— Suponho que não puderam adquirir espécime viva desse — murmurou.

— Humm! — Disse Becky enquanto se aproximava. — Um hipopótamo. É enorme, verdade?

— Eu não gostaria que um desse me atacasse — respondeu Jack. — Parece ser capaz de comer um navio inteiro.

— Sabe-se que podem ficar bastante agressivos — disse ela. — De vez em quando, atacam botes no Nilo.

— Suponho que devemos nos alegrar por não vivermos na África. Assim não corremos o risco de nos encontrar com bestas ferozes como estas.

— Oh! Não sei. — Havia um tom de ironia em suas palavras. — Há bestas ferozes aos montes na Inglaterra. A maioria pertencente à espécie humana.

Jack riu, mas ao mesmo tempo se deu conta de que havia verdades em suas palavras. Mais verdades do que tinha gostado em admitir.

Algo se moveu, chamando sua atenção, olhou para o outro lado da sala. Em um canto tinha uma jaula, não maior do que a que continha os cães, mas o animal que havia nela sim era muito maior. A criatura tinha chifres e os olhava entre as grades com olhos escuros e aquosos. Era incrivelmente feio, um pouco menor que uma vaca, de pele preta, patas finas, uma juba de pelos emaranhados e uma barba larga pontuda. Os chifres enrolavam para cima das orelhas e movia as narinas.

— O que é isso? — perguntou, espantado e intrigado.

— Acredito que é um Gnus, — murmurou Becky. — Coitado, não consegue nem se mover.

Jack a olhou, contemplou a compaixão que se refletia em seu rosto e a postura de seu corpo enquanto se inclinava entre as grades para acariciar o focinho do aflito animal. Sentiu que algo abrandava em seu interior.

Era tão distinta. Tão diferente das mulheres que tinha conhecido. Era, decididamente, especial.

— Olhe, — murmurou. — Corria livre pelas planícies africanas com sua manada e agora... está sozinho e prisioneiro. Quase se pode ver em seu olhar como lhe escapa o espírito. — Olhou para Jack com os olhos tristes.

— Deveríamos liberá-lo? — sussurrou, olhando mais para Becky que para o Gnus.

— Gostaria de poder fazê-lo. — Piscou com força. — Mas do que adiantaria? Em Londres morreria. Apanhá-lo-iam outra vez ou lhe matariam... — Suspirou. — Não há liberdade aqui.

— Sente muita compaixão por uma criatura da qual não sabe nada.

— Sei algumas coisas sobre os Gnus — disse ela — Li sobre eles.

— Claro que sim.

— Apesar de seu aspecto selvagem, são mais afáveis que muitos filhos de Deus. Vivem em pequenas manadas e protegem uns aos outros. Nenhum deles merece que o apanhem, metam-no em uma jaula e o separem de tudo o que conhecem.

— Isso certamente é certo. — Contemplou-a. A via muito bela, com suas escuras mechas frisadas caindo por debaixo do chapéu de veludo verde, as bonitas lapelas de seu casaco de seda verde musgo e seus brilhantes olhos azuis como a noite, tão expressivos e cheios de sentimentos. Aquele sombrio olhar, tão triste, tão cheio de vida e das experiências que tinha passado, impressionou-o profundamente.

Seu marido a tinha maltratado e a tinha convertido em uma mulher dúbia e insegura, temerosa em liberar-se e abrir seu coração. Convencida de que não podia sobreviver a outro desengano. Jack a entendia perfeitamente. Ele havia se sentido igual depois da morte de Anne.

Jack queria que Becky deixasse de sofrer. Queria protegê-la, mimá-la, até que tivesse suficiente confiança em si mesma para liberar-se. Até que fosse bastante segura para se permitir ser feliz.

Não permitiria que ninguém mais a machucasse. Nunca mais.

— Venha. — Becky sorriu, mas a tristeza permanecia em seu olhar. Suspirando, agarrou-lhe o braço outra vez e se afastaram do Gnus. — Vamos caminhar um pouco.

Assim agarrados, começaram a passear lentamente pelo museu. Seus passos ecoavam no chão de madeira enquanto avançavam pelas silenciosas salas.

Quando chegaram ao segundo piso, olharam pelas janelas dianteiras e contemplaram a chuva que caía lá fora.

Jack se inclinou mais perto dela e sentiu seu perfume. Seu aroma era doce e fresco, como as Amarílis que lhe tinha enviado.

Segurou-lhe uma das mãos e tirou a luva. Becky o olhou assombrada, mas não tentou detê-lo, guardou a luva no bolso interior do seu colete.

— Uma vez conheci uma adivinha, — disse ele — no porto de Kingston. Dizia que podia ler o futuro de uma pessoa na palma de sua mão.

— Leu o teu?

— Oh, sim. Disse que eu teria uma vida longa e próspera. Contou as linhas que saíam desta aqui, mais profunda... — deslizou os dedos pela linha que tinha embaixo do mindinho — ...disse que serei pai de três filhos.

Becky olhou para a mão e franziu a testa.

— Quantos meninos terei eu, segundo seu método?

— Três.

Ela conteve a respiração.

— Isso não significa nada.

— É verdade — assentiu ele, calma.

— Eu... Sabe? Tenho razões para acreditar que sou estéril.

— O que faz você pensar assim?

— Estive casada durante quatro meses e não fiquei grávida.

— A concepção pode levar mais de quatro meses.

Becky engoliu com dificuldade e assentiu.

— Tinha esperança que... se ficasse grávida, William deixaria de me ignorar. Que voltaria a me amar.

Quatro meses. Nos quais seu marido rapidamente se converteu em um bastardo.

— As pessoas não têm muito controle sobre essas coisas. Possivelmente um poder superior decidiu que não era o momento.

Becky ficou mais quieta.

— Possivelmente. Se tivesse tido um filho de William, agora seria órfão e saberia que seu pai era... — Tremeu-lhe a

voz.

Jack fechou as mãos sobre as dela, agarrando seu pulso. A vidente também lhe havia dito que viveria um grande amor em sua vida e que, se não fosse cuidadoso, perderia esse amor.

Sabia, simplesmente sabia, que havia algo de verdade no que a velha bruxa lhe havia dito. Falava-lhe de Anne. Mas era muito tarde para eles, já que a tinha perdido.

Possivelmente estivesse falando de Becky.

A formosa Rebecca Fisk, filha de um duque, com a alma ferida e tão rica. Podia amar a essa mulher? Certamente gostava dela. Tinha gostado desde o início e esse sentimento crescia cada vez que a via, que era testemunha das particularidades de sua personalidade, que descobria algo a mais dela.

— A confiança — disse em voz baixa— é um ato de fé. Alguém deve tomar a decisão de abandonar as dúvidas e liberar-se dos receios. Deve apegar-se à convicção de que a alma em que deposita essa confiança a cuidará e jamais a destruirá.

— Dei toda minha confiança a William tão facilmente. — Escureceu o semblante. — Muito facilmente.

— Sim, a entregou com generosidade e com toda sua inocência. Mas não vai fazer isso novamente.

— Não. — Apertou os olhos com força.

— Compreendo.

— Então entende por que não posso confiar em ninguém, nunca mais?

— Entendo, Becky. Mas não há uma maneira que eu possa demonstrar a você, sem indício de dúvida, que não farei mal a você, posso dizer isso uma e muitas outras vezes, mas isso não é uma prova.

— Não, não é.

— As palavras não têm sentido, só os atos darão a prova que necessita.

— Sim.

Jack encolheu os ombros, então levou sua mão à boca, separou-lhe os dedos e beijou brandamente cada um dos nódulos.

— Então, a única coisa que posso fazer é tentar te mostrar o que sinto. O quanto desejo ver você feliz. E como será a vida a meu lado.

— Pode fazer isso? — Abriu os olhos e o olhou com um olhar parecido ao desespero. — Mas o que demonstraria isso? William... — Falhou-lhe a voz e tentou de novo. — William era tão amável, tão carinhoso, apaixonado inclusive, antes de fugirmos juntos. E logo que nos casamos... — Seus olhos umedeceram e ela os desviou.

— Aí é onde entra em ação o ato de fé.

— Mas — sussurrou— e se eu não confiar?

— Fará isso — prometeu ele. Desejava seus lábios. Muito. Puxou-a mais ainda, trazendo-a contra seu corpo.

Becky cravou o olhar nos seus, com as pupilas dilatadas, Jack não sabia bem se era pela emoção ou pela surpresa.

— Seu chapéu está entre nós. — Disse ele em voz baixa. Ela levou a mão na fita que tinha atada ao redor do queixo e,

com um rápido movimento dos dedos, soltou o laço. Tirou o chapéu com cuidado, assegurando-se de que nenhum dos fios de palha prendesse em seus cabelos. Deixou-o na beira da janela e retornou a seu lado.

Havia mais tráfico lá abaixo, no Piccadilly. Se alguém olhasse para cima, pela janela do Egyptian Hall, veria Jack com Becky entre seus braços. Isso não importava mais.

Colocou um dedo em seu queixo, levantou-lhe o rosto. Ela não resistiu. Sempre com suavidade, aproximou sua boca da dela.

Jack fechou os olhos e cada nervo de seu corpo ficou em alerta. Mas se obrigou a ser suave, a beijá-la de forma que seus lábios acariciassem os dela com delicadeza. Seu sabor era tão doce.

Becky não resistiu, não se afastou dele. Seus lábios se moviam temerosos sobre os seus, deslizou as mãos por seus braços, rodeou-lhe a cintura, apertou-a mais contra seu corpo e mostrou a ela o quanto a desejava.

Ela apertou os ombros de Jack e entrelaçou seu pescoço com seus braços. Abriu a boca e moveu os lábios com mais intensidade sobre os dele, ele acariciou seu rosto com a palma da mão aberta. Não havia nada mais suave, mais quente nem mais doce que a curva de sua face.

E seu sabor, Deus... tocava-lhe a língua com a sua, seguro de que jamais teria o suficiente. Becky gemeu brandamente dentro de sua boca, enquanto lhe acariciava o cabelo da nuca, tocava-o e o estimulava em um lugar que ele jamais pensou que gostaria tanto.

Calmamente, afastou-se um pouco, mas se manteve o suficientemente perto para sentir sua agitada e cálida respiração.

Acariciou-lhe o rosto e os braços, notou as irregularidades dos ossos no braço direito e entrelaçou os dedos com os seus. Logo esboçou um sorriso.

— Nunca cortejei uma mulher.

— Por quê?

Encolheu os ombros.

— Jamais senti desejo de fazer isso.

— Até agora?

— Até agora.

— Por que eu, Jack?

— Eu gosto de você. — disse ele.

Depois de dizer, recordou a verdadeira razão pela qual a cortejava e isso fez um nó em sua garganta.

Mas não tinha mentido. Gostava dela. Não ia recitar Shakespeare nem escreveria um soneto sobre isso, porque era um fato simples. Além disso, Shakespeare não parecia necessário, por sua expressão, estava claro que Becky entendia o significado de suas simples palavras.

— Você... também gosto de você. — Ela não parecia nada contente com essa revelação. — Com muito esforço, estou tentando, mas parece que não posso evitar.

Estava balançando à beira de um abismo de insegurança pessoal. Jack tinha que distraí-la. Apertou-lhe as mãos e disse:

— Vamos explorar o resto das salas.

Ela suspirou aliviada e assentiu.

— Sim.

Devolveu-lhe a luva e o chapéu. Becky voltou a colocar a luva e prender a fita do chapéu sob o queixo, enquanto saíam da sala. Na galeria romana, olharam a pintura que ocupava a maior parte da parede que ficava mais afastada. O quadro se chamava “A morte de Virginia”.

— Lembro vagamente dessa história — murmurou ele. — Virginia... estava a ponto de converter-se em escrava do tirano... — Apontou para o homem que estava no tribunal, no meio do fórum romano.

— Ápio Claudio.

— Sim. Esse é seu nome.

— E esse aí é o pai dela... — Becky apontou outro homem que levantava uma faca manchada de sangue, para a figura que estava no tribunal. A seus pés, achava-se uma moça toda encolhida. — Virginio. Assassinou a sua própria filha para salvá-la de uma vida de sofrimento junto a Áipo Claudio.

E continuou falando da pintura, nomeando os edifícios de Roma que apareciam na pintura, o fórum, a rocha Tarpeia, o templo de Júpiter, o templo de Vênus Cloacina. Quando se deu conta de que ele a olhava, interrompeu-se de repente e ficou vermelha até a ponta das orelhas.

— Sinto muito.

Jack esboçou um amplo sorriso.

— Nunca conheci a uma sábia. É fascinante.

— Talvez você ache isso por que, — disse rigidamente, olhando a pintura. — Para a maioria de meus pretendentes bastava saber que eu era sábia o suficiente para saírem correndo aterrorizados.

— Teve muitos pretendentes? — Começaram a andar para a porta de saída da sala romana. — Não. Não muitos.

— Por que fugiam ao saber que era uma sábia? — Insistiu Jack.

— Porque, sem sermos verdadeiros criminosos, somos os personagens mais odiosos da sociedade.

— Quem disse isso?

— É de um artigo do The British Critic que li alguns anos atrás.

— Acredito que quem encontra as «odiosas» sábias, como diz, não é mais que um homem ciumento de que uma mulher possa ser mais inteligente e educada que ele.

Ela sorriu.

— Entretanto — prosseguiu—, sempre tive a impressão de que as sabichonas eram mulheres afetadas e pomposas, cheias de vaidade. — Sorriu enquanto começavam a descer as escadas. — Daí minha surpresa quando você se definiu dessa forma.

— Então está de acordo com a afirmação de que somos «odiosas».

— Se alguma vez pensei assim, já não penso mais.

Becky respirou fundo.

— Concordava com a ideia simplificada e preconcebida de que é uma sabichona.

— Possivelmente tenha razão. Insisto que você apresenta o termo de uma maneira que me faz mudar de ideia.

— Suponho que significa coisas distintas para diferentes pessoas, mas para mim, é uma mulher que está interessada na aquisição de conhecimento e em sua aplicação.

— Sei.

— Enquanto que para algumas mulheres interessa desenhar, cantar ou tocar piano, eu prefiro os livros e os conhecimentos que estes contêm. — Encolheu os ombros. — É uma questão de preferência, nada mais.

Chegaram ao pé da escada. Com a extremidade do olho, Jack viu que se abria uma porta e aparecia a escura figura do conservador, que se aproximou.

— Você toca piano?

— Sou, e sempre serei, somente uma aprendiz.

O homem lhe agradeceu a visita e lhes devolveu os casacos. Jack segurou o casaco de Becky para que ela vestisse. Uma vez fora do prédio, o cocheiro se aproximou com um grande guarda-chuva, protegidos apressaram-se a subir na carruagem de Stratford.

Jack pegou a mão de Becky enquanto rodavam por Mayfair e imaginou que a raptava e a arrastava para o altar.

Mas quando chegaram à porta da casa de lady Devore, lembrou a si mesmo que era um cavalheiro. Despediu-se de Becky, tocou a ponta do chapéu, beijou-lhe o dorso da mão e disse que sinceramente esperava voltar a vê-la muito em breve.

Odiou ver como se afastava dele. E quando a porta se fechou, sentiu-se completamente sozinho.

Capítulo 10

Na noite seguinte, Jack relaxou diante de um animado e crepitante fogo, bebendo uma taça de um bom brandy com Stratford.

— Então... — Reclinando-se no sofá, o conde cruzou as pernas. Estava vestido para sair, com um colete cinza, pouco chamativo mas elegante, e uma jaqueta transpassada com lustrosas lapelas de cetim. — O que esta acontecendo agora?

Jack bebeu um gole de brandy e o líquido queimou sua garganta.

— Estou derrubando suas defesas.

— Sério? — Stratford negou com a cabeça, pensativo. — Realmente impressionante, tendo em conta sua amiga.

— A quem se refere?

A expressão de seu amigo não denotava nenhuma emoção.

— Lady Devore. Conheço essa mulher, Fulton. É um pedaço de gelo e pode guardar rancor por uma vida toda. Surpreende-me que não a tenha colocado contra você.

— Foi muito generosa comigo — respondeu Jack e logo acrescentou. — Você teve um namorico com ela e, entretanto, o trata com cortesia.

— Trata-me com mais cortesia do que deveria, mas por dentro ferve de raiva. Odeia-me, posso ver isso em seus olhos. — Tirou um grão de pó da manga. Não pareceu que essa afirmação o afetasse. — Havia dito as palavras em um tom monótono e seguro que em Jack produziu certo desconforto. Possivelmente o conde estivesse mais cansado do mundo do que ele.

— O tempo corre, Fulton. — Stratford acomodou-se em seu assento. — Faltam menos de um mês. Quase não há tempo suficiente para planejar um casamento, sem falar de casar-se com ela de maneira adequada, retirar o dinheiro de seus fundos e gastá-lo sem levantar suspeitas.

— É verdade — disse ele. — Mas decidi fazer as coisas dia após dia. Estou contente com meu progresso. Como eu disse, estou derrubando suas barreiras.

— Sua técnica de cortejo acelerado pode não ser suficiente. — Seu amigo franziu a testa. — O que fará se ficar sem tempo? Recorrer a uma herdeira solteirona e levá-la a Gretna? Ou possivelmente renunciar a todo o plano e fugir para o continente?

— Se fugir para o continente ou para qualquer outro lugar, jamais poderei retornar a Inglaterra. — Olhou o fogo melancolicamente e roçou os lábios com o copo quase vazio. Não tinha medo de perder Becky, mas Stratford tinha razão, estava ficando sem tempo. Entretanto, não podia forçá-la a ir mais rápido do que estava disposta, não faria isso. Se a forçasse, corria o risco de perdê-la.

No entanto, se chegasse tarde de mais, se não pagasse a tempo, Tom tornaria pública as provas que o incriminavam e seria enforcado ou obrigado a abandonar a Inglaterra para sempre. Não podia aceitar nenhuma dessas alternativas.

— Uma herdeira, então? — perguntou Stratford, com mais leviandade do que a situação requeria.

— Não, maldição. Não quero uma herdeira e você sabe disso.

Alguém bateu na porta e os dois viraram.

— Sim? — Perguntou o conde.

Um lacaio muito nervoso, entrou e olhou para Jack.

— Há um cavalheiro que quer vê-lo, senhor.

Ele franziu o cenho.

— A mim? A esta hora? Quem...?

O recém-chegado apareceu junto ao lacaio e Jack grunhiu quando a figura de um homem alto e magro apareceu diante deles. Era a última pessoa que queria ver, alguém que o seguia constantemente desde que eram jovens e que o perseguia desde que tinha retornado a Inglaterra. O homem que conhecia cada movimento de Jack e estava extorquindo-o, Thomas Wortingham, o filho do pároco e amigo de infância, quando ele estava em Hambly.

Stratford olhou para Tom e para Jack e arqueou uma sobrancelha. Ao ver a expressão de Jack, compreendeu tudo.

— Oh! — disse calmamente, levantou-se e lhe estendeu a mão. — Stratford.

O outro homem fez uma reverência que em Jack fez encolher o estômago.

— Tom Wortingham, milorde. É um prazer conhecê-lo, um verdadeiro prazer. Que casa elegante a sua.

Jack era amigo de Tom desde os anos passados em Hambly, no colégio. Quando retornava para casa, nas férias, repartia seu tempo entre Tom e Anne. Frequentemente, os três passavam o dia juntos. Mais tarde, Tom acompanhou Jack a Londres.

Sabia tudo dele. Absolutamente tudo, o que era muito frustrante. E o fato de que tinha sido seu amigo mais próximo e ainda o traísse, tornava tudo um pouco pior.

Deslizou o olhar para o conde. Stratford já sabia, mas não conhecia a história completa e Jack preferia que ficasse assim. Demônios, não queria que ninguém soubesse nada. Já era bastante ruim que Tom tivesse essa informação.

Não tinha dúvida de que o homem tinha estado espiando pela janela toda noite, observando Jack e a Stratford enquanto conversavam. Tinha decidido visitá-los e provavelmente teria tentado usar seu enjoativo encanto com o mordomo, mas quando seus esforços não surtiram efeito, tinha entrado sem convite.

— Tom, este não é bom momento…

Stratford fez um elegante movimento com a mão.

— Tolice. Vou sair, mas por favor, Wortingham, fique todo o tempo que achar necessário. Desfrute do brandy. — Sorriu para Jack. — Vejo você amanhã?

— Sim — respondeu ele, incomodado, porque gostaria que o conde tivesse jogado o intruso na rua. — É claro.

Tom não tinha nada que fazer ali e Jack queria que se fosse. Sua curiosidade, entretanto, superava seu desejo de vê-lo desaparecer. Queria saber o que tinha ido lhe dizer, tinha esperança que seu antigo amigo acabasse com tudo.

Com um simpático «boa noite», Stratford os deixou sozinhos e fechou a porta com cuidado.

Tom levou a sério a oferta do conde, foi ao bar e se serviu de uma generosa taça de brandy. Bebeu um longo gole, baixou a taça e observou Jack por cima da borda, com seus olhos cinzas.

— O que sabe de sua situação?

— Muito pouco. Muito pouco.

Sempre muito pálido, Tom parecia um fantasma diante da luz da lareira. Tinha um rosto largo, era alto, muito magro para sua altura, e vestia uma roupa que ficava solta e larga sobre o corpo. Seu físico não tinha mudado dos dias de sua desajeitada juventude. Sorriu e seus pálidos lábios pareceram mais magros do que eram.

— Sempre tão reservado, — disse — inclusive com seus poderosos amigos. Um conde, verdade?

Jack não mencionou que Stratford era segundo filho e que jamais tinha esperado herdar o condado.

— Há coisas que é melhor que o mundo não saiba.

Jack lhe observou as mãos. Eram longas e pálidas, como o resto do corpo, e as sombras de seus dedos se prolongavam ainda mais sobre o papel cor marfim da parede que tinha detrás dele.

— Sabe que não posso estar de acordo com isso, Jack.

— Sei. — Poderia matá-lo ali mesmo, naquele instante, a não ser porque Tom lhe tinha advertido que se algo lhe acontecesse, seu encarregado entregaria as provas às autoridades.

Não importava. Jack não era um assassino. Já não mais. Só queria que tudo aquilo terminasse.

— O que quer? Por que me seguiu até aqui?

Tom encolheu os ombros.

— Sabe que estive observando você. Vim porque estou preocupado. Preocupa-me que não vá adiante. Ainda espero que consiga, por seu próprio bem e pelo meu, mas, entretanto, estou profundamente preocupado.

— Terá seu maldito dinheiro.

— Terei? — Cravou seus pálidos olhos nele. — Não sei, Jack. A mulher te rechaçou. Sei que ela tem mais que suficiente, mas está claro como a água que não te quer.

— Vai querer.

— Está seguro de que esta é a melhor maneira de conseguir as quinze mil libras? Porque preciso, Jack. E você também.

Tom se moveu ligeiramente e ele viu um vulto no largo bolso de sua jaqueta. Tinha uma pistola. Temia que Jack tentasse matá-lo? Ou a levava para usar contra aqueles que realmente queriam lhe fazer mal?

Jack tinha a suspeita de que, atrás daquilo tudo, havia alguns personagens muito mais sujos que Tom Wortingham. Não queria saber quem nem o por quê. Não queria saber nada

sobre Tom. Só queria lhe dar o maldito dinheiro e esquecer do assunto.

Tornou-se vital para ele. Entregar as quinze mil libras e fechar esse capítulo de sua vida, assim poderia recomeçar outra vez, sem todos os malditos remorsos e culpas do passado, que o tinham amargurado a vida durante tantos anos.

O pálido olhar cinza seguia fixo nele.

— Possivelmente, se não conseguir obter o dinheiro dela, eu possa.

Em Jack endureceu cada músculo do corpo e sentiu um frio gélido.

— Não tocará nela.

O outro deu de ombros.

— Sabe que farei o que for necessário. Não duvidarei em usá-la para conseguir meus fins. Tenho que ter esse dinheiro, Jack. Sua vida está em jogo E...

Interrompeu-se mas ele sabia o que tinha estado a ponto de dizer: «...e a tua também».

— Olhe — disse entre dentes, — sou consciente da data para a que quer o dinheiro, mas se tocar nela... — Fez uma pausa, porque sabia que não responderia pelos seus atos se Tom fizesse algo com Becky. Quando continuou, suas palavras soaram frias e calma. — Se você se aproximar dela, se falar com ela, se ousar se comunicar com ela de qualquer forma, vai se arrepender.

O outro homem fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Faltam menos de quatro semanas.

— Entregarei o dinheiro no tempo certo — respondeu ele com voz fria. — Agora, saia.

— Está certo disso? Porque tudo está a ponto de ruir, Jack. Sabe que odeio fazer isto...

— Não precisa mentir.

Tom duvidou e logo assentiu. Seu olhar era inexpressivo, como de um réptil.

— Muito bem. Só vim para advertir você. Estarei te observando. Não faça nada estúpido, Jack.

«Jack, Jack, Jack.» por que repetia seu nome? Era como se tentasse reiterar o fato de que tinham sido bastante próximos para chamar-se por seu nome primeiro nome, e que sempre seriam.

Levantou uma mão. Não ia complicar mais as coisas misturando sua própria culpa em tudo aquilo. Nem tampouco ia ceder ao convencimento de Tom de que lhe devia algo, não só por seus anos de silêncio, mas também por ter roubado Anne.

Só importava uma coisa, se não lhe desse o dinheiro, Tom levaria aquelas, malditas provas às autoridades e a Jack o pendurariam em uma forca.

E ele queria viver. Queria uma vida na Inglaterra. Queria com Becky.

Conhecia Tom desde que usavam fraldas. Frequentemente, seu antigo amigo carecia de bom senso, mas não era tolo e já teria pensado em todas as eventualidades. A prova que o incriminava consistia em uma declaração assinada com testemunhas, guardada em um lugar secreto.

Ninguém sabia onde, exceto Tom e seu comparsa, um homem cuja identidade Tom mantinha em segredo. E se alguém lhe fizesse algum mal, ou se Jack não entregasse o dinheiro a tempo, seu comparsa revelaria tudo.

— Vá — disse. — Não preciso que venha me alertar. Desapareça da minha vida. Terá o seu dinheiro no dia 15 de dezembro, como me lembrou.

Quinze mil no dia 15.

Tom apertou os lábios.

— Deveria ir atrás de alguma outra.

— Não — disse Jack.

— O que tem essa mulher de especial? Não é como Anne. Anne era uma beleza voluptuosa e essa é alta e insípida, não tem nada onde deveria ter as tetas...

— Saia daqui, Tom — grunhiu Jack. Tremiam-lhe as mãos. De repente, o cristal de seu copo estalou e sentiu uma dor aguda na palma da mão. Abriu a mão e os cacos caíram sobre o tapete.

Tom olhou o corte em sua mão e deu um precavido passo para trás. Conhecia muito bem a debilidade de Jack quando se tratava de sangue, mas desta vez o viu apertar os dentes e manter o controle.

— Muito bem. Mas estarei por perto, Jack. Para me assegurar de que não estragará tudo. Como tem feito com todo o resto.

Apressou-se a sair da sala e o deixou manchando de sangue o tapete. A cabeça de Jack dava voltas, mas se manteve firme, sem olhar o ferimento. Quando via sangue se

deprimia. A tripulação do Gloriana sempre brincava que no final de sua primeira viagem, nada podia afetá-lo, exceto a «visão do líquido vermelho». Uma ou duas vezes tinha sofrido trotes, quando os marinheiros o chamavam à enfermaria para que visse uma cabeça cortada ou um braço quebrado. O cirurgião do Gloriana tinha contado sobre seu desmaio mais de uma vez. Inclusive na última viagem, de volta da Jamaica, um guarda da marinha o tinha chamado uma noite à porta de seu camarote e, com um amplo sorriso, perguntou-lhe: «O capitão Calow se feriu no joelho, gostaria de subir para vê-lo, senhor Fulton?».

Jack tirou o lenço e amaldiçoando o dia em que conheceu Tom Wortingham, contemplou o fogo quase apagado e envolveu a mão ferida com o tecido.

Capítulo 11

O baile de máscaras não era um evento que reunisse o melhor da sociedade, mas os convidados eram bastante distinguidos. A maioria eram da sociedade mais refinada que permanecia na cidade e outros tinham viajado de lugares tão longínquos como Devonshire para ir à celebração anual da senhora Pionchet.

Cecelia tinha explicado para Becky que a festa de disfarces estaria cheia de damas e cavalheiros dispostos a transpassar a soleira do escândalo, mas pouco decididos a exibir abertamente seu espírito aventureiro diante do mundo. Se as pessoas falhassem em seus disfarces, podia ser alvo de rumores, mas aqueles cuja identidade continuava sendo um mistério podia ser tema de especulações às vezes durante meses.

Cecelia considerava o disfarce como um pouco simples. Não teria que gastar uma fortuna em conseguir o perfeito traje de sotaina ou de deusa grega, dizia. Ao contrário, a maioria dos convidados levavam trajes de noite com dominós e chapéus para dissimular suas identidades. O acessório mais importante era a máscara, que escondia os traços das pessoas e obrigava a todos ter que adivinhar. Explicou para

Becky que o anonimato proporcionava um bom entretenimento, embora lhe advertiu que alguns comportamentos podiam impressioná-la.

A festa era no dia 23 de novembro, dois dias depois da visita de Becky e Jack ao Egyptian Hall. Cecelia vestia um vestido de seda âmbar adornado com dúzias de laços, e ela um vestido de tule, sobre uma anágua de cetim de cor azul clara, com uma ampla fita na cintura, que acabava em um laço, cujas tiras iam até os pés. As largas mangas que lhe cobriam os braços estavam enfeitadas com botões de seda e vestia luvas brancas de pelica brilhantes. Usava dois braceletes, um colar de pedras egípcias e na cabeça um chapéu de veludo preto decorado com plumas douradas, inclinado com desenvoltura. Cós de veludo preto fazia jogo decorando seu traje de seda azul.

A festa tinha lugar em uma imensa mansão, nos subúrbios de Londres. Enquanto a carruagem de Cecelia caminhava na escuridão — os dias eram muito curtos nessa época do ano, — sua amiga lhe explicava que Georgianna Pionchet era viúva de um diplomata francês. Tinha nascido no seio de uma distinta família britânica e tinha vivido com seu pai, um dos oficiais de Wellington, em Bruxelas, durante a guerra dos Cem Dias. Em meio desta, tinha fugido para casar-se com um francês. Sua família a tinha deserdado, mas ela e seu marido tinham prosperado depois do fim da guerra e voltaram para Londres. Da morte de seu marido, cinco anos atrás, sua casa se tornou a sede de algumas das mais emocionantes e esperadas festas da Inglaterra.

— Por que nunca ouvi falar dela? — Perguntou Becky.

Cecelia riu.

— Era muito jovem e sua família a protegeu para que não soubessem nada sobre ela, mas asseguro a você que se acaba conhecendo ela cedo ou tarde. Sua festa a fantasia é o acontecimento mais esperado da temporada. Logo verá por quê.

A carruagem avançou pesadamente pelo largo caminho e finalmente parou em uma clara e muito bem iluminada entrada, lotada de carruagens. Ao ver que se aproximava um ajudante, Becky se dispôs a descer do carro, mas Cecelia a agarrou pelo braço.

— Espere — sussurrou. — A máscara!

— Oh! — Becky pegou sua meia máscara, que tinha deixado no assento em frente, junto com a de Cecelia. Era feita de seda, dura, da mesma cor de seu vestido, bordada de veludo preto. Ao redor brilhava com pó de safira e os recortes para os olhos tinham forma amendoada. «Olhos de gato», tinha pensado Becky quando viu a máscara pela primeira vez.

Cecelia amarrou-lhe a fita atrás da cabeça e Becky fez o mesmo com ela. A máscara de sua amiga era uma abominação fantasmagórica branca que lhe cobria completamente o rosto, mas Cecelia a adorava, quando a viu na loja, exclamou com regozijo que ninguém poderia identificá-la.

Um lacaio as recebeu na porta e as levou por um corredor acarpetado, iluminado com resplandecentes candelabros de parede dourados. Abriu a porta e fez uma

reverência, as duas amigas entraram no salão sem serem anunciadas.

O salão cavernoso estava lotado com convidados, a maioria deles vestidos como Cecelia os havia descrito, com capas largas, soltas e coloridas, complementadas com chapéus ou capuzes. Todos tinham o rosto coberto. Alguns com máscaras que cobriam a metade do rosto, pretas e simples, ou com cores que combinavam com a roupa, outras eram máscaras muito mais elaboradas inclusive a de Becky, brilhante, pintada e com pedras preciosas. As pessoas estavam reunidas em grupos onde conversavam e riam, o ruído era muito alto. Estava claro que aquela não era uma das festas sem graça da boa sociedade.

Nas paredes tinham candelabros dourados e no centro da sala uma enorme luminária, essa era toda a luz da estadia e não era suficiente. Para Becky o lugar pareceu bastante sombrio e fúnebre, como o cenário de um teatro durante uma ópera, do que um salão de baile. Da multidão emanava um denso e penetrante aroma humano. Os serventes, vestidos com roupas brancas e pretas e com simples máscaras escuras, deslizavam por entre a massa de corpos, equilibrando as bandejas cheias de taças de vinho e champanhe. Em meio a alegria, Becky conseguiu distinguir os acordes da música, que fluíam no vasto espaço.

Cecelia lhe apertou a mão.

— Bem, vamos procurar Georgianna?

— Como vamos encontrar alguém nessa multidão?

Não esperava que sua amiga a ouvisse com tanto barulho, por isso se surpreendeu quando esta lhe respondeu rindo:

— Oh, nós a encontraremos.

Uma mulher passou junto a elas, rindo também, e quase atropelou Becky. Enquanto tentava recuperar o equilíbrio, um homem mascarado, com traje roxo, roçou nela ao passar, perseguia descaradamente à mulher.

— Meu Deus! — exclamou Becky.

Cecelia sorriu.

— Isso nem sequer começou. Já verás.

Ela nunca tinha estado em meio a uma multidão tão buliçosa e alegre como aquela e parecia bastante opressor. Permitiu que Cecelia a levasse e abriram caminho por entre a multidão sem soltar as mãos.

De repente, sua amiga parou bruscamente que Becky quase trombou com ela. Um homem estava parado em frente a elas, era alto, de cabelo escuro, com uma meia máscara negra sobre um reto nariz romano. Olhando para Cecelia.

— Oh, céus! — Ficou surpresa.

Com os lascivos lábios arqueados em um malicioso sorriso os escuros olhos do homem brilhavam como se a tivesse reconhecido. Os três se contemplaram em um prolongado instante, então ele fez uma zombadora reverência antes de voltar a emprestar atenção em seus companheiros.

Cecelia soltou um suspiro. Voltou a agarrar a mão de Becky e continuaram.

— Não é adorável que justo ele me reconheça com esta máscara? — Perguntou com um pingo de sarcasmo.

— Quem é? — perguntou Becky.

— Oh, não me atreveria a dizer seu nome em voz alta. De todo modo, não acredito que o conheça. No verão passado tivemos uma aventura. Agora já terminou, mas ele ainda não se deu conta. Ali está nossa estimada anfitriã. Venha, vamos saudá-la.

Pararam diante de uma mulher alta e generosamente bem dotada, que vestia um vestido de seda cor tijolo e uma máscara da mesma cor, adornada com rubis. Seu chapéu media quase meio metro e plumas de cor vermelha saíam do lado. Não era estranho que não fosse fácil encontrá-la, com sua envergadura e o chapéu, era a mais alta que todos.

Virou-se para elas e esboçou um amplo sorriso com sua generosa boca. Atrás da máscara, olhos alegres as observava e Becky se deu conta imediatamente que a mulher já tinha descoberto sua identidade. Fez uma reverência e a senhora Pionchet correspondeu

— Boa noite! — saudou a anfitriã. Sua voz era suave e rouca.

— Boa noite! — respondeu Cecelia. — Eu gostaria de apresentar minha melhor amiga.

— Seja bem-vinda, querida! — Disse a senhora Pionchet.

— Obrigada. — Respondeu Becky. O fato de que ninguém pudesse usar nomes a desorientava um pouco.

A anfitriã fez um gesto com a mão e apareceu um garçom com uma bandeja com taças de champanhe. Pegou uma das

taças e a deu para Becky. Então ofereceu outra para Cecelia.

— Viu o conde por aí, viscondessa? — Perguntou.

— Não, não o vi.

— Venham, então. — Disse fazendo um gesto com seus dedos vestindo uma luva preta. — Vou apresentar vocês.

O conde era um homem baixo, calvo e com um marcante sotaque francês, mais uma vez, ninguém disse nenhum nome. A senhora Pionchet se referia a ela como «a dama» e a Cecelia como «a viscondessa». Era tudo muito estranho, pensou Becky. E não lhe escapou o detalhe de que o conde olhava fixamente para Cecelia e que lambeu os lábios quando se afastaram dele.

A senhora Pionchet apresentou-as a muitas pessoas. Becky permanecia em silêncio e só falava quando se dirigiam a ela. Estava fascinada pelos disfarces e pelas atitudes das pessoas a sua volta. Era um mundo muito diferente.

Cecelia e ela encontraram um pouco de espaço e puderam ficar em um dos cantos da sala. Ao longo das paredes, em espaços intercalados, havia biombos com elaboradas pinturas chinesas e, quando Becky expirou atrás de uma delas, afastou-se imediatamente, muito nervosa. Havia um casal, ela com as mangas do vestido abaixadas e mostrando uma parte dos seios, abraçavam-se, em um sofá que havia atrás do biombo.

Ao ver seu olhar, Cecelia riu.

— Não me diga.

— Bom, não o farei — respondeu ela inocentemente. — Becky, pelo amor de Deus. Não seja dissimulada.

Cecelia tinha razão, não devia ficar horrorizada, nem sequer surpreender-se. Ela tinha abraçado um homem — mais que um, na realidade. — Entretanto, a evidente decadência daquele lugar fazia que começasse a sentir-se um pouco incomodada.

Não julgava ninguém, como poderia? Becky fez muito mais com Jack, um homem com quem não estava casada, do que estavam fazendo aquele homem e aquela mulher, atrás do biombo. Entretanto, ela não pertencia a esse mundo. A seu redor, homens e mulheres flertavam, eles eram agressivos e as mulheres sedutoras. Ela não queria flertar com ninguém... com ninguém dos que estavam ali.

Cecelia tinha se afastado um pouco e Becky viu que um homem, magro, vestido de preto, sussurrava-lhe algo ao pé do ouvido. Sua amiga murmurou uma resposta e ele se afastou, então voltou para junto de Becky.

— Becky... — Ela deu uma olhada na direção em que se afastava o homem.

— O que está acontecendo?

— George... o homem com quem nos encontramos mais cedo, disse a várias pessoas que estou aqui... com ele. — Apertou os lábios, zangada. — Disse que me aguarda no terraço. Não tenho ideia de quais são suas intenções, mas acredito que devo explicar a ele a situação em termos claros...

— É claro que sim.

— Eu não quero deixar você aqui.

— Posso ver que o assunto a incomoda, Cecelia, assim acredito que deveria ir esclarecer isso. Não se preocupe

comigo, não estarei sozinha — assegurou e apontou para a senhora Pionchet. — Olhe, nossa anfitriã se aproxima.

A dama vinha de braços dados com um cavalheiro mascarado que apresentou como «o baronet». Cecelia fez uma educada reverência e logo se desculpou. Apertou a mão de Becky, mais uma vez, e se foi.

A senhora Pionchet e o cavalheiro a levaram com eles e apresentaram a várias pessoas, para Becky, todas pareciam iguais. Sentia-se enjoada pelas champanhes e não gostava da maneira com que cada um dos homens a quem era apresentada a observava, como se quisessem determinar se era um pedaço de carne que valia a pena cravar o garfo.

Ao ver um sofá estofado de veludo, vazio entre um dos biombos chineses e a porta do terraço, Becky disse:

— Oh, siga adiante, senhora Pionchet. Acho que eu vou me sentar por um momento.

A mulher não discutiu. Deu-lhe outra taça de champanhe na mão e desapareceu com o baronet, abrindo caminho entre a multidão.

Becky bebeu um gole de champanhe e observou as pessoas caminharem pelo salão. Viu como um homem fazia uma proposta para uma mulher, viu como à mulher ficou envergonhada, rodeou-lhe o pescoço com os braços, aproximou e sussurrou algo em seu ouvido. Provavelmente uma resposta afirmativa porque, em questão de segundos, os dois desapareceram.

Outro casal brindava, beberam suas taças cheia de champanhe em um só gole e então inclinaram a cabeça para

trás e gargalharam. A evidente alegria fez Becky invejá-la e encher os olhos de lágrimas.

Sacudiu a cabeça. Por que estava se sentindo tão melancólica? Tinha um certo vazio no estômago. A solidão, era assim. Entretanto, não sentia desejo de se relacionar com nenhum desconhecido. Nenhuma das pessoas que estavam ali lhe interessava.

Nada tinha mudado, pensou com pesar. Jamais se sentiria à vontade em eventos sociais. Era tão tímida, gostava tanto dos livros. Toda uma sábia.

Uma risada aguda se ouviu do outro lado do biombo e Becky inclinou a cabeça. Tinha ouvido essa risada antes.

— Viu o panfleto que mostra os dois na cama? — A pessoa que falava era uma mulher, mas não reconhecia sua voz. — E o duque com a enorme cicatriz que tem, olhando para eles furioso? Quase morri de tanto dar risada!

Becky ficou imóvel. Tinha percebido que Jack e ela eram o tema das conversas nas festas e nos salões, mas pensou que sussurrariam sobre sua desgraça e sua vergonha. Não esperava que as pessoas rissem deles.

— O senhor Fulton é um homem tão bonito. — A voz pertencia à pessoa que riu no início. Por seu agudo tom nasal, soube quem era: Lady Borrill, a mulher com quem cruzou na escada do hotel Sheffield, a que tinha informado Garrett e que estava entre a multidão que entrou no quarto, para ver Becky e Jack.

A outra dama fez um desdenhoso som com o nariz.

— Muito bonito. Poderia ter qualquer mulher de Londres em sua cama e escolheu essa. Pode imaginar? — Fez uma breve pausa e logo, em um tom aborrecido, acrescentou. — Essa jovem que é como um camundongo de biblioteca. E, para completar, entrevada!

Becky ficou sentada, quieta, petrificada atrás de sua máscara. Não reagiria. Sabia que as pessoas a julgavam e a desprezavam por seu braço quebrado. Sabia que falavam dela e que Lady Borrill era quem tinha gerado todo aquele escândalo. Não era nenhuma surpresa.

— A família cai em desgraça a cada ano — prosseguiu Lady Borrill. — É pela influência do visconde Westcliff que toda sociedade de Londres, não a rechaça.

— Mas nem sequer a boa reputação do visconde sobreviverá a um golpe como este!

Lady Borrill suspirou sonoramente.

— Duvido. De minha parte, jamais voltarei a falar com nenhum deles. E você tampouco deveria fazê-lo. Pense como ficaria nossa reputação se nos vinculassem com os James.

— Minha filha é amiga da filha do duque.

— Pois deveria pôr fim a essa amizade, imediatamente.

— Oh, é claro. Fique certa de que farei isso — respondeu a outra mulher, cuja voz Becky não tinha conseguido reconhecer. — Ordenarei que deixe de relacionar-se com ela o mais rápido possível.

— O que faz uma dama tão formosa como você sozinha neste isolado sofá?

Becky se surpreendeu ao notar os úmidos dedos que lhe acariciavam o pescoço. Ficou em pé de um salto e se virou para ver a pessoa que a deixava louca. Piscou surpresa e observou o desconhecido. Atrás dele, a festa continuava. Tinha estado tão imersa na horrível conversa que seguia atrás do biombo que esqueceu onde estava.

O homem, com sotaque francês, levava um paletó na cor mostarda, uma meia máscara marrom e uma capa de feltro, não lhe parecia família. Pelo odor de seu hálito, era evidente que tinha bebido. Procurou em sua memória, tentando recordar se a senhora Pionchet os tinha apresentado. Não podia recordar. Haviam muitos franceses na festa e depois da primeira dúzia de apresentações sem nomes, Becky tinha deixado de emprestar atenção.

— Só descansando... ejem... Monsieur — respondeu, tentando ser amável, embora lhe repugnasse a forma a qual lhe havia tocado o pescoço.

Ele levantou um dedo para lhe percorrer a clavícula. Era um gesto que pretendia ser sedutor, mas Becky se afastou sentindo-se irremediavelmente suja. Horrorizada, olhou os arregalados olhos do homem. Uma vaga lembrança das regras do decoro a invadiu, sabia que o que tinha que fazer era lhe dar uma bofetada e sair dali. Mas esse pensamento lhe chegou muito tarde. Ele já rodeava seu pescoço com os dedos e a aproximava.

— Só um beijinho, né? — Murmurou em seu ouvido e seu hálito lhe cobriu o rosto.

O pânico a invadiu. Estavam rodeados de pessoas, mas ninguém prestava a menor atenção. O homem a abraçou com braços sólidos como aço e a puxou contra seu corpo.

Um par de lábios pequenos e brilhantes descendiam até os seus.

Não, isso não ia acontecer. Machucaria ele seriamente. Colocou o joelho entre suas pernas, como se fosse aproximar-se um pouco mais. Ele suspirou de prazer, estava claro que pensava que ela se renderia a seus irresistíveis avanços amorosos.

Mas então se afastou dela repentinamente, mãos fortes os separaram com tanta força que pôde sentir a tensão. Prendeu um grito de surpresa diante da brusca intervenção e, ao levantar os olhos, viu uma mão bronzeada sobre o ombro coberto pelo paletó mostarda do outro homem.

— Jack — disse ela quase em um sussurro, sua voz estava cheia de alívio, de felicidade, de verdadeiro prazer. Olhou para ele, mas ele não a estava olhando. Olhava com expressão implacável para o desconhecido, por trás da máscara negra.

— Fora. — Sua voz era amável, mas tinha um tom que fazia com que cada palavra parecesse uma adaga afiada. — E jamais volte a se aproximar dessa dama, compreendeu?

— Sim! — disse o francês com um lânguido sorriso, — Acredito que seja sua?

Jack deu uma rápida olhada para Becky e voltou a olhar para o desconhecido.

— Sim — respondeu, tranquilo mas seguro de si mesmo. — Sim, ela é minha.

E então o empurrou. O homem se desequilibrou até tropeçar contra um grupo de farristas, que pensaram que a forma que o homem se chocou contra eles era a coisa mais engraçada que tinha acontecido. Ajudaram-no a levantar-se e alguém lhe deu uma palmadinha nas costas, ninguém olhava para Becky nem para Jack.

— Oh! Jack, me alegro tanto que esteja aqui.

Sua expressão não se suavizou. Olhou-a fixamente.

— Estava beijando aquele homem?

Seus olhos brilhavam de dor. Não! Deus, não! Becky negou com a cabeça energicamente.

— Não! Ele me agarrou. Estava tentando me defender…

Jack fez um som zombador.

— Não me pareceu isso.

Ela fechou os olhos para conter um repentino acesso de choro. As mãos tremiam. Agora que tinha terminado, o horror do que acabava de passar, o terror se apoderou dela. O homem podia ter levado ela dali gritando que ninguém teria feito nada.

Os joelhos fraquejaram, então, voltou a sentar no sofá.

— Ele ia me beijar. — Disse, tratando de manter a calma desesperadamente. — No início me assustei, mas depois só queria ir embora. Estava prestes a lhe dar uma joelhada nas… nas… — Olhou para Jack, incapaz de terminar a frase.

Jack a observou durante um longo instante e apertou os lábios. Sua expressão se transformou em outro tipo de fúria.

Becky soube que ele acreditava nela.

— Ele lhe fez algum mal?

— Agarrou-me com muita força...

Ele entreabriu os olhos e apertou os punhos. Virou, claramente com a intenção de procurar pelo francês, mas Becky agarrou seu braço.

— Mas, não me fez nada. — Sorriu-lhe timidamente. — Estou bem, de verdade. Só um pouco assustada. Jamais me aconteceu algo assim.

Jack parecia um pouco mais calmo, olhou às pessoas que os rodeavam. Os convidados estavam aparentemente cada vez mais bêbados, se tocavam e se abraçavam, na frente de todos no salão. Becky já não ouvia as vozes das duas damas atrás do biombo, provavelmente tinham ido fazer suas próprias conquistas. «As hipócritas», pensou com amargura.

— Por que está aqui? — Perguntou-lhe Jack.

— Cecelia me trouxe. Eu tinha curiosidade em conhecer. — Nesse momento pareceu-lhe ser uma razão bastante fraca. — Não me reconheceram... ouvi falarem de mim, de minha família. E depois esse homem. Oh! Jack, quero ir.

Ele assentiu com firmeza.

— É claro.

— Refiro-me a... quero fugir. Não só daqui, mas também de tudo. — Queria sair da mansão Calton, como tinha planejado no princípio..., mas não posso deixar Kate.

— Compreendo.

Abraçou-o e o olhou.

— Queria poder sair de Londres. Deixar para trás o julgamento dos outros. Ir para algum lugar onde tudo isso não exista.

Mas até em Yorkshire existiria escândalo. Os insultos não seriam tão abertos como em Londres, mas em troca, seriam brutais em suas sutilezas.

— Venha. — Jack agarrou sua mão. — Tirarei você daqui.

Escaparam do enorme salão de baile. Levou-a para a carruagem — a de lorde Stratford, deduziu ela — quando ele começou a lhe pôr o pesado casaco sobre seus ombros, Becky lembrou-se da amiga.

— Oh, Deus! Cecelia está no terraço. Não saberá onde estou.

— Ocupar-me-ei disso. Fique aqui. — Deixou-a bem protegida e voltou para dentro da casa. Poucos minutos depois, retornou. — Informei a lady Devore que está comigo.

Sorriu agradecida enquanto Jack falava com o cocheiro, Becky retirou a máscara e a deixou de lado. Então reclinou sobre o assento de veludo violeta e se permitiu um momento de paz, pela primeira vez em várias horas. Jack sentou-se ao seu lado, retirou também a máscara, colocou-a no assento em frente e se recostou no banco. Quando a carruagem se pôs em marcha, segurou-lhe a mão.

— Sinto muito, deveria ter chegado antes.

— Não esperava absolutamente que viesse e me alegro muito que tenha vindo — disse com sinceridade.

— Não estava certo que estivesse aqui, mas Stratford mencionou que lady Devore havia sido convidada e me disse exatamente que tipo de reunião se tratava. Pensei que se tivesse decidido acompanhá-la... bom, quis vir só para me assegurar de que você estava bem.

Becky o olhou com ar zombador.

— Essa foi a única razão pela qual me socorreu? Para se assegurar de que ficaria bem?

Sustentou-lhe o olhar.

— Sim!

Por alguma razão, ela sentiu que sua garganta secava e que as lágrimas lhe ardiam os olhos. Possivelmente só estivesse cansada.

— Obrigada! — Sussurrou ela.

Capítulo 12

Passou mais tempo do que Jack tinha suposto antes dela suspeitar de alguma coisa. Afastou-se dela e fechando um pouco a cortina, como se quisesse se isolar do mundo, recostou-se contra a porta da carruagem e fechou os olhos.

Após um tempinho, ela virou-se para ele.

— Já não deveríamos estar em Mayfair? Ou, ao menos, mais perto do centro da cidade...

Jack escolheu as palavras com muito cuidado.

— Não vou levá-la para casa de Lady Devore.

Becky arregalou os olhos.

— O quê?

— Disse que queria ir para longe, assim estou te levando para outro lugar.

— Mas não posso abandonar Londres! Kate está a ponto de...

Ele levantou uma mão e lhe pôs dois dedos enluvados nos lábios.

— Shhh! Eu disse a sua amiga aonde estávamos indo. Quando sua cunhada precisar de você, ela nos avisará imediatamente.

Ela abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas a fechou de repente. Abriu outra vez.

— Mas... se alguém nos... seríamos a piada da sociedade.

— Tolices. — Jack lhe segurou sua mão e lhe acariciou a suave pele. — Ninguém mais que Lady Devore e Stratford, que mandarei a carruagem de volta, sabe onde estamos. Estaremos completamente sozinhos.

Becky olhou-o fixamente e uma onda de confusos sentimentos como, surpresa, medo, negação, ansiedade a invadiram.

— E se as pessoas nos descobrirem... Bem, não foi você que disse que o escândalo não pode te atingir?

— Sim, mas estava equivocada. Quando afeta à reputação de toda minha família... — então disse — ... é doloroso.

Jack tentou não fazer uma careta de desgosto. Odiava que as coisas negativas a afetassem. Odiava que as pessoas falassem mal dela. Como podiam? Era a mulher mais bela, mais doce, mais inteligente e mais fascinante que tinha conhecido.

Embargou-o a frustração. Desejou que fosse possível voltar no tempo e torcer todos os ossos dos fofoqueiros de Londres até que a crueldade lhes saísse pela medula. Não podia, é claro, mas isso daria a ela alguma paz.

— Vamos para à casa que tenho perto de Richmond. Estaremos longe de Londres, mas o suficientemente perto para retornar em qualquer momento. — Entrelaçou os dedos com os dela e lhe deu um leve aperto. — Precisa ficar longe da

cidade agora mesmo e eu posso te dar essa liberdade. Me permita fazer isso.

— Meu irmão jamais aprovaria isto, — murmurou.

— É sua vida, não dele.

— Nos encontrará. Já esteve a ponto de te matar uma vez.

Jack arqueou uma sobrancelha com cinismo.

— O que te faz pensar isso?

— Vi o instinto assassino em seu olhar quando nos encontrou no hotel Sheffield.

— Seu instinto assassino não é o mesmo que querer minha morte.

— Não conhece meu irmão. O que ele... — Sua voz falhou e desviou o olhar. — Quando Garrett decide fazer algo, nada pode detê-lo.

— Eu poderia...

Durante um momento, Becky olhou pela janela em silêncio. A carruagem avançava pela beira do rio e a lua cheia projetava um débil brilho sobre o caminho. A pouca distância, a água escura do Tamisa fluía entre os ramos da vegetação.

Finalmente, virou-se para ele.

— Ainda quer casar comigo?

— Sim.

Os músculos das costas de Jack se contraíram enquanto esperava que lhe respondesse, perguntando se ela concordaria que a levasse de volta para casa de Lady Devore nesse mesmo instante ou se casaria com ele ali, nesse exato momento.

— Isto é um plano... uma artimanha para me obrigar a me converter em ser sua esposa?

Isso o deixou estupefato. Não muito tempo atrás, tinha sido uma maquiavélica tática da qual não poderia ter negado. Mas desde que tinha visto sua vulnerável reação diante o abraço amoroso do desconhecido, a única coisa que tinha pensado era em tirá-la dali. Em proteger ela dos lascivos olhares que se cravavam nela, das línguas bífidas que a rodeavam. De abraçá-la, defender ela de tudo aquilo. De mantê-la a salvo. E conhecia o lugar perfeito para fazer isso: a casa em que tinha planejado viver com ela quando se casassem.

Olhou-a aos olhos e com total honestidade disse:

— Não é uma artimanha. Não estava pensando em me casar com você quando disse a Cecelia que vínhamos aqui nem quando dei instruções ao condutor. Só pensava em seu desejo de se afastar dali.

Passaram longos minutos de silêncio antes de que Becky falasse outra vez.

— O que acontecerá se você conseguir, Jack? Se me convencer de que será um bom marido para mim, se me fizer acreditar que seremos felizes juntos e eu me casar com você? — Brilharam-lhe os olhos no escuro interior da carruagem. — O que acontecerá se não for assim? O que acontecerá se todas as suas promessas se quebrarem, depois que estivermos casados? O que acontecerá se eu não estiver feliz? O que acontecerá se para mim for impossível voltar a ser feliz de novo?

— Não é impossível.

— Como pode saber?

Porque ele tinha pensado a mesma coisa, um dia.

— Simplesmente sei, — disse.

Equivocou-se quando, com tanta rapidez, disse a Stratford que somente importava o dinheiro dela. Não, Becky lhe importava muito, muito mais que o dinheiro. Quando disse isso, ela podia salvar sua pele, mas nos dias que se seguiram, depois do jantar de famílias, quando a viu ir, algo mudou nele e essa compreensão floresceu em seu peito como uma flor.

Tinha mentido para Stratford nesse sentido. Tinha estado confuso e inseguro e tentava convencer-se do contrário, tratando de se apegar à promessa de juventude que a si mesmo há doze anos atrás, não voltar a amar outra mulher depois de Anne.

Becky se afastou mais uma vez e voltou a olhar pela janela.

— É um comerciante, Jack, assim deve entender a que me refiro quando digo que sou um produto danificado.

— Eu também sou um — disse ele. Por muitas razões que ela jamais saberia.

— Por que não escolhe alguém mais conveniente, então? Alguém mais fácil que eu? Alguém melhor?

Lady Rebecca Fisk era a única mulher que Jack queria. A única mulher para ele.

— Ninguém é melhor para mim, só você.

ଓ ♥ ଌ

A casa era linda e acolhedora, ficava à beira do Tamisa. Enquanto subiam pela entrada, Jack lhe explicou que a tinha alugado na manhã em que a pediu em casamento, e que ali era onde esperava que vivessem depois de casados. Ao que parecia, não havia criados, mas Jack lhe disse que arrumaria um para trazer comida pela manhã.

Uma vez dentro da casa, tirou-lhe o paletó dos ombros e a fez sentar-se em um sofá, na parte mais escura do salão. Becky se deu conta de que tinha esquecido um argumento de peso para negar-se a ir embora dali, não tinha roupa.

Levantou os olhos para ele e o calor que subiu por sua face, parecia crepitar entre eles. Possivelmente as roupas não lhe fizesse tanta falta. Só em pensar se ruborizava.

— Fique aqui — disse Jack.

Ela não se moveu e ele acendeu um abajur e o fogo da lareira. Enquanto fazia isso, Becky tirou as luvas e o observou discretamente. Por ser tão corpulento era bastante ágil. Executava cada movimento com uma precisa destreza.

Quando o fogo crepitou alegremente, Jack pegou o abajur com uma das mãos e Becky com a outra e a ajudou ficar em pé.

— Venha, mostrarei a casa para você.

Levou-a pelo salão e através de uma pequena sala de jantar até que chegaram à cozinha. Subiram ao primeiro piso por uma estreita escada que dava ao primeiro andar, lá haviam três quartos, dois deles eram pequenos e o terceiro

muito grande. Em resumo, uma casa singela, mas organizada, limpa e cômoda.

No quarto maior, Jack fez uma pausa, virou-se para ela e lhe acariciou a face. Becky inclinou a cabeça para ele, buscando-o instintivamente. Olhou-a um momento, seus olhos eram tão escuros e irresistíveis, ela sentiu um enorme desejo de tocá-lo.

Nesse momento, roncou-lhe o estômago. Jack pegou sua mão.

— Está com fome?

Becky sorriu.

— Suponho que as aventuras da noite tenha aberto meu apetite.

— Bem, não há nada para cozinhar, mas acredito que vi algumas maçãs bastante apetitosas na despensa na última vez que estive aqui.

Levou-a para a sombria cozinha e se aproximaram da despensa, onde, realmente havia uma cesta com maçãs. Jack as pegou, junto com uma garrafa de vinho e duas taças, retornaram ao salão, onde o fogo crepitava alegremente na lareira. Ela se sentou no sofá, com as pernas dobradas sob o corpo. Colocou a cesta no lugar que havia a seu lado, Jack sentou-se do outro lado da mesma e escolheu duas maçãs. Oferecendo uma à Becky.

— Obrigada.

As chamas iluminavam seu rosto e o calor penetrava pelo grosso e rígido tecido de seu vestido. Deu uma dentada na

maçã e inalou seu fresco aroma misturado com das lenhas e suspirou de prazer.

Admirou o perfil de Jack enquanto ele abria a garrafa de vinho e derramava nas taças. Tinha um queixo forte, a testa alta, o nariz reto e, meu Deus! Aqueles sedutores lábios...

Ele levantou os olhos e a descobriu olhando para ele.

— Sinto tanto sua falta, — disse em voz baixa. — Senti falta de te tocar. Ainda a desejo. — Fez uma pausa e baixou mais a voz para lhe perguntar: — Você ainda me deseja?

Ela duvidava.

— Desejar, era diferente... antes.

O semblante dele se escureceu e lhe ofereceu uma das taças.

— Como?

— Eu dava menos importância a você. — Bebeu um generoso gole. O vinho era encorpado e saboroso, seu sabor se misturava bem com o gosto ácido da maçã.

— Eu pensei que você seria uma viúva como Lady Devore. No início acreditava que seria como ela, mas me surpreendi. Não se parece nada com ela, absolutamente.

Becky prendeu o fôlego.

— O que sabe você de Lady Devore?

— É cínica.

— Eu também sou.

— Não, não como ela. Ela já renunciou, enquanto que você... A esperança ainda brilha em seus olhos. Às vezes tenta escondê-la atrás de uma máscara fria, mas está aí, implorando para que a libertem.

— Não acredito. — Becky fechou os olhos e logo os abriu lentamente, com o desejo de apagar o que fosse que Jack viu neles.

Tinha abandonado a esperança quatro anos atrás. Podia lembrar do momento exato. Foi uma noite antes de William morrer. Tinha-o seguido escada abaixo no meio da noite e se escondeu enquanto ele falava com seu criado, então ela descobriu a verdade. Para William, Becky não importava nada, só tinha casado com ela para roubar seu dinheiro, um dinheiro que planejava usar para levar sua amante à França... depois de assassinar Becky.

Concentrou-se na maçã e, por um momento, os dois comeram e beberam em silêncio. O único som que se ouvia era o som das dentadas nas maçãs e o crepitar do fogo.

Jack deixou a maçã de lado.

— Não tenha medo de mim.

Como podia não temer ele? Desejava-o como jamais tinha desejado nada em toda sua vida e tinha um medo imenso dos sentimentos que lhe provocava.

Aproximou a mão do joelho dela e brincou com o tule de seu vestido e com as camadas de sua saia e anágua.

Becky inclinou a cabeça.

— O que é isso?

— O quê?

Levantou a mão e a passou sobre a sua. Tinha uma ferida que cruzava a palma da mão.

— Cortou-se. O que aconteceu?

Jack negou com a cabeça e esboçou um aflito sorriso.

— Quebrei uma taça de brandy. Acho que não tínhamos nada mais delicado que o fino cristal de Stratford a bordo do Gloriana. — Encolheu os ombros. — Logo estará melhor.

Bebeu o restante do vinho e olhou o relógio que havia sobre a lareira. Ela seguiu seu olhar e viu que eram mais da uma hora.

— É tarde, — disse.

— Está cansada?

— Sim. Deveria ir para cama, mas... — Abatida, não desviou o olhar do relógio. — Não consigo desabotoar sozinha os botões de meu vestido.

— Eu a ajudarei. — Sua voz era baixa, desprovida de segundas intenções.

Com um movimento abrupto, Becky se levantou e lhe deu as costas. Como ele não se moveu nem falou nada, olhou para ele por cima do ombro e arqueou as sobrancelhas inquisitiva.

Jack ficou em pé e sua presença pareceu encher o pequeno salão.

Cheirava a maçãs e a vinho, seu aroma a embriagava. Enjoava-a de tal modo que mudou a postura para não cambalear.

Ele apoiou as mãos, grandes e pesadas, nos ombros dela, estabilizando-a e lhe cobrindo com elas todas as costas. Apertou as ombreiras das mangas, então baixou as mãos até seu pulso, voltou a subir até chegar a nuca.

Roçando o pescoço de Becky com as pontas dos dedos, desabotoou o primeiro botão, levou um tempo para cada um

deles, como se o processo de despi-la o fascinasse.

Quando finalmente terminou, baixou-lhe as mangas do vestido pelos ombros e os braços. Ela o ajudou tirando os punhos. O tecido caiu pelos joelhos e Jack se dispôs a continuar com os botões da anágua. Quando caiu ao chão sobre o vestido, Becky deu um passo por cima do amontoado de roupas.

— Fez isso muito bem. — Estendeu o vestido e as anáguas sobre uma cadeira. — É evidente que despiste a muitas mulheres.

Arrependeu-se imediatamente do que havia dito. Não era seu problema quantas mulheres Jack tinha despido.

— Nunca despi você. — Sua voz era baixa, mas áspera como cascalho.

Becky cobriu a roupa interior com a mão e o olhou com nervosismo.

— Importaria de...?

— É claro que não, — ele se virou.

Colocou as firmes mãos contra as rígidas baleias do espartilho. Jack desatou o nó que Josie tinha feito no dia anterior pela manhã e soltou as cintas. Quando ele se abriu, ela o passou por cima da cabeça ficando só com a regata. Deu meia volta, agarrou o espartilho e o apoiou no peito.

— Melhor?

— Sim, obrigada. — Mordeu o lábio e desviou os olhos com a peça ainda cobrindo seu peito.

Ele tirou o espartilho de suas mãos e o deixou na cadeira.

— Não deveria ficar tão tímida comigo.

— Normalmente, não fico na presença de um homem somente de regata.

— Lembra o que vestia naquela noite?

— Sim. — As faces de Becky se acenderam.

— Era mais transparente do que o veste agora.

Seus sentimentos para o com Jack eram diferentes então, mas, embora fosse verdade, aquele vestido tinha produzido nela um pouco de vergonha, não era nada comparado com a que sentia nesse momento. Esboçou um meio sorriso.

— Tem razão.

Apertou-a brandamente contra ele e passou um braço por sua cintura.

— Venha, levá-la-ei para acima.

Saíram do rol de entrada e subiram as escadas. Era muito estreita para subir um ao lado do outro, assim Jack pegou sua mão e a conduziu para cima. Voltou a olhar para ela ao chegarem no andar de cima.

Uma vez no cômodo, ele se afastou e a deixou sozinha no meio do quarto. Depositou o abajur em uma mesa vazia e se aproximou da janela, olhou para fora, como se quisesse assegurar-se de que não havia ninguém rondando na escuridão. Então fechou as cortinas.

Jack despertava em Becky emoções fortes como jamais sentiu. Fazia que se sentisse débil, delicada, completamente frágil. Como podia não sentir medo quando um momento atrás somente um olhar seu a tinha feito se sentir tremente

como um potro recém-nascido e inseguro, como se estivesse na beira de um precipício mortal?

Pegou-a pela mão e a levou para cadeira que havia diante da pequena penteadeira coroada por um espelho quadrado com moldura de madeira.

— Sente-se.

Com cautela, ela obedeceu e o olhou inquisitiva, mas olhava para seu cabelo, não para o rosto. Massageou-lhe habilmente a cabeça, enquanto lhe tirava as presilhas, desfazia-lhe as tranças e deixava seus cabelos soltos.

Então, agarrou a escova da penteadeira e passou delicadamente por seus cabelos embaraçados, mecha por mecha, fazia isso com tanta calma que era um exercício mais de prazer do que de dor. Becky fechou os olhos e quase ronronou ao sentir as passadas da escova na cabeça e ao longo dos cabelos, até soltá-los por completo.

— É como eu imaginava, — murmurou ele.

Ela abriu os olhos de repente e o olhou, seguia concentrado no cabelo.

— A que se refere?

— A seu cabelo. Suave, brilhante e tão negro que parece quase azul. Como seus olhos.

— Meus olhos são azuis. Azul escuro.

— Às vezes fica um tom violeta escuro. E, com esta luz, seu cabelo tem o mesmo brilho. Jamais vi um brilho semelhante. Tão belo.

Deixou a escova na penteadeira e afundou as mãos em seus cabelos, movendo os dedos entre as mechas. Então,

sorriu para o espelho e massageou a base do seu crânio.

— Oh! — Disse ela. — Isso é delicioso. — Lutou contra o impulso de fechar os olhos e gemer de prazer, quando ele intensificou as massagens.

Moveu os dedos por seu pescoço e seus ombros até que Becky os sentiu mornos e lânguidos. Reclinou-se contra a cadeira enquanto seguia eliminando o que ela sentia, como uma tensão acumulada por anos.

Finalmente, agarrou-lhe os ombros.

— Agora levarei você para a cama.

Passou-lhe um braço por debaixo dos joelhos e a levantou. Deu uns poucos passos e se deteve na ponta da cama, onde a deitou, percorreu sua perna com a mão até roçar a liga, a qual desatou e colocou-a de lado. A seguir baixou-lhe a meia, tomando seu tempo. A sensação de seus dedos enquanto lhe percorriam a pele nua era como um sonho.

Desejava-o perdidamente. Desesperadamente. Tinha-o desejado em Londres e o desejava nesse momento. Mas por muito que seu corpo desejasse entregar-se a ele, sua mente combatia esse desejo. Não seria sensato, advertia-lhe a lógica. Aquilo era diferente da noite do hotel. Nesse momento se sentia atraída por ele de uma maneira mais profunda, o que fazia dessa atração algo muito mais perigoso.

Jack começou a baixar-lhe a outra meia, o sedoso roçar de seus dedos despertava nela um profundo prazer em todos os sentidos.

Ele se afastou para deixar as meias na penteadeira e retornou instantes depois.

Becky viu seu largo corpo baixar-se sobre ela. Jack abriu a mão, acariciou-lhe um braço com a ponta dos dedos e fez uma pausa no cotovelo ferido. O cobriu com a palma aberta e inclinou a cabeça. Becky olhou sua mandíbula, quadrada e máscula, coberta por uma incipiente barba nas proeminentes maçãs do rosto. Seus lábios, ágeis, voluptuosos e suaves, de um rosado do mais masculino, descendiam inexoravelmente sobre os seus.

Seus lábios tocaram os dela. Ela se ergueu apoiando-se no braço bom, e afundou os dedos na suavidade de seu cabelo, abraçando-o, mas resistindo ao mesmo tempo ao impulso de apertar-se contra ele. Jack pressionou os lábios sobre os seus e os acariciou-os com a língua.

Seus fôlegos se mesclaram e ela o sentiu na boca com a tentadora suavidade de uma pluma. Tinha sabor de vinho, mas sua essência masculina era muito mais embriagadora. Ele baixou as mãos por seus ombros até a curva de seus seios, as deslizando pelos quadris e pelas coxas até chegar a suas costas e terminar em seu traseiro.

Becky sentiu um formigamento nos seios, e seus mamilos roçaram contra o tecido da camisa de Jack como se procurassem por algo, que os tocasse. Deles desejavam suas carícias.

Rebolou e se arqueou, apertou as pernas para sufocar as crescentes vibrações que ali estava sentindo.

Se aproximou mais dele e apertou as palmas das mãos contra sua nuca, trazendo-o mais contra ela. Abriu-se para ele, correspondendo as investidas de sua língua e de seus lábios, mordendo-o e lambendo-o. Sua necessidade e prazer cresciam com seu sabor, com a respiração que compartilhavam.

— Jack. — Sussurrou ela. Seu desejo se fez mais sólido, o desespero de estar perto de alguém... não de alguém, precisamente dele. O desejo de perder-se, de perder toda consciência de onde começava e onde terminava seu corpo.

A mão de Jack percorreu seu estômago e subiu, lhe roçando os rígidos seios. Becky gemeu, surpreendida pela sensação vibrante que se agitou entre suas pernas.

Jack não deixou a mão quieta sobre os seios, mas as subiu para sua clavícula e seu ombro, por seu pescoço, por sua mandíbula até lhe rodear a face. Havia uma intensa energia entre os dedos dele e a pele dela, um sutil zumbido que ressonava em suas veias.

— Confia em mim? — murmurou Jack contra seus lábios.

— Eu... — Fechou os olhos. — Talvez.

Ele a beijou nos lábios e, calmamente, soltou-se de seu abraço.

— Boa noite, Becky!

Pegou o abajur e se foi deixando-a sozinha na escuridão.

Capítulo 13

Jack estava acordado, jogado na cama, olhando para o teto. Tinha demorado horas para acalmar a urgente necessidade que percorria em seu sangue, ao deixar Becky. A luta por não perder o controle lhe tinha exigido mais força do que sabia que possuía. Depois de fechar a porta detrás de si, ficou no corredor por longos minutos, com a testa apoiada contra o frio gesso da parede.

«Paciência.» Não podia sacrificar o frágil vínculo que crescia entre eles, não podia deixar que o desejo jogasse por terra o senso comum.

Ela precisava de tempo para ordenar seus sentimentos, para desfazer o domínio de seu falecido marido que ainda estava em seu coração. Se Jack tivesse seis meses, poderia seduzi-la e fazer com que o amasse completa e honestamente. Demônios. Podia seduzi-la até que fosse ela quem implorasse para se casarem.

Mas não podia dar-se a esse luxo. Para 15 de dezembro faltavam três semanas. Tom estava por perto. A Jack não o surpreenderia que estivesse inclusive ali fora naquela gélida noite. O homem era ardiloso e tinha experiência em perseguilo.

Quando Jack tinha dezesseis anos, um amigo da escola o tinha convidado para passar as férias de inverno na casa de sua família, em Somersetshire. Uma noite, Jack tinha saído pela janela para ver a primeira nevasca da temporada e encontrou Tom Wortingham em pé sobre a grama, sorrindo e saudando-o com a mão. Muito surpreso para pensar com clareza, disse que seu amigo e a sua família que o tinha convidado para passar a noite. Então, Tom tinha inventado uma história sobre uns parentes que tinha em Somerset. Mas Jack sabia que na realidade o estava seguindo todo o caminho desde Kent. Isso o tinha incomodado, mas aqueles eram dias de despreocupada juventude, então, encolheu os ombros diante do estranho comportamento de seu amigo.

Agora, anos mais tarde, Jack não tinha dúvidas de que Tom Wortingham ainda era capaz de atos como aquele. E não só isso, tinha um interesse pessoal em saber seu paradeiro. Até que tivesse os quinze mil na mão, Tom estaria perto.

Suspirando, Jack fechou os olhos com força. Fazia muitos anos que se deu conta de que Tom Wortingham não estava muito bem da cabeça. Tinha escondido o lado selvagem de sua loucura durante muito tempo, de sua forma pura e sua inteligência literária, que Jack não se deu conta até que Anne morreu. Jamais esqueceu o grito de horror de Tom quando disseram a ele o que tinha acontecido. A morte de Anne tinha sido suficiente para apagar qualquer impulso que seu amigo tivesse tido para fingir que era um membro respeitável da sociedade.

No começo, Tom tinha insistido que a morte dela era culpa de Jack. E, além de esbanjar o pouco dinheiro que seu pai lhe tinha deixado, era provável que tivesse passado os últimos anos planejando vingar-se dele.

Às vezes, ele também se sentia responsável. Não havia um dia em que não sentisse pontadas de culpa e remorso. No fundo de sua alma, sabia que tinha feito tudo o que pôde por Anne, que tinha feito tudo para salvá-la, o que permitia andar de cabeça erguida.

Mas apesar de tudo o que tinha passado, Jack conhecia Tom Wortingham desde que eram meninos e sabia o que podia esperar dele. Se algo podia dizer sobre Tom é que era fiel a sua palavra. Suas ameaças não eram em vão. Se Jack não lhe entregasse o dinheiro, não duvidaria em levar a condenada prova às autoridades. Se Jack, em troca, desse o dinheiro, entregaria a prova e o deixaria em paz. Sim, sempre mantinha sua palavra. Depois de tudo, era filho de um vigário.

Fora como fosse, não importava o tão perto que estivesse Tom essa noite. Jack queria ficar na Inglaterra, maldição, e não queria morrer como um criminoso fugitivo da forca. Tom teria seu dinheiro em tempo. E logo, tal como tinha prometido, desapareceria da vida de Jack para sempre.

Virou-se de lado e olhou a porta fechada do pequeno dormitório. A cama era dura e estreita, diferente daquela em que dormia Becky, que era macia e o dobro de largura. Perfeita para dois.

Era preciso que a deixasse sozinha, mas fazê-lo quase o tinha matado. Essa noite ela o desejava. Tinha suspirado docemente em sua boca, tinha-o beijado com entrega e paixão, tinha notado seus dedos acariciando sua nuca, abraçando-o contra ela. Ainda ofegava quando saiu do quarto.

O que estaria fazendo nesse momento? Estaria também acordada na cama? Pensava nele? Naquele beijo? Estaria tocando-se, imaginando que era Jack quem a acariciava naqueles lugares que ele morria para voltar a explorar?

O desejo se acendeu outra vez percorrendo seu sangue e seu membro endureceu ao pensar em sua delicada e suave mão acariciando-se, com os lábios abertos, olhos fechados, imaginando que era ele quem lhe dava prazer.

Jack ardia de excitação, duro como uma vara, furiosamente agitado. E terrivelmente doloroso.

— Demônios — disse com os dentes apertados. «concentre-se em outra coisa!» Mas não podia. Becky era a única coisa que podia pensar. Sua suave, doce e ofegante pele. Seus suspiros de prazer quando ele se afundava nela e se apertava contra ele.

Só em Becky.

ଓ ♥ ଌ

Becky dava voltas na cama sem descanso, de um lado para o outro. Embora a cama fosse suave, não conseguia encontrar conforto. Notava que os lençóis lhe raspavam a

pele, a regata lhe enrugava na cintura, tinha frio e o peso das mantas não a esquentavam.

O pior de tudo era que não podia deixar de pensar em Jack. Na suave pressão de seus lábios sobre os seus, na forma em que lhe tinha acariciado o cotovelo quebrado. Não como lhe repugnasse, mas sim como quisesse proteger-lhe, Jack havia deixado claro que queria se casar, a pesar dela ter deixado clara sua intenção. Mas a queria. Parecia que desfrutava de sua presença. Dava-lhe prazer falar com ela. Possivelmente não era mais que uma ilusão, possivelmente não pensava nisso quando se tocava. Entretanto, havia algo que estava muito claro, desejava-a. Tinha visto a sombra de sua protuberância em suas calças quando ele se afastou. Desejava-a intensamente e, entretanto, não tinha aproveitado deste seu poder. Queria esperar até que ela confiasse nele.

Seria capaz de dar esse passo? Enquanto estava ali, fria e sozinha, o impulso de tentá-lo crescia a cada minuto.

Jack tinha deixado claro que ainda queria que se casassem, apesar de como ela tinha tentado afastá-lo. Ainda a queria. Parecia desfrutar de sua presença. Dava-lhe prazer falar com ela. Achava-a bela por fora... e possivelmente também por dentro.

Esfregou o cotovelo machucado e dobrou os dedos trementes. Queria confiar nele. Se ia confiar em alguém além dos membros mais próximos de sua família, queria que fosse Jack.

«Oh, Deus!». Apertou a manta contra o peito e olhou fixamente o sombrio teto. Estava apaixonando-se por ele.

«Não...» Não, não podia ser. Acreditou ser incapaz de voltar a amar alguém depois do que William lhe tinha feito. Mas de que outra maneira podia explicar esse agitado sentimento, aquelas urgentes sensações, aquele desejo, aquela esperança? Eram sentimentos muito diferentes da emoção que sentia no estômago quando tinha fugido para Gretna com William. As de agora eram mais profundas, intensas e tão reais que quase lhe doíam.

Sua situação ainda era bastante precária. Mas, com seus cuidados, Jack tinha demonstrado que queria casar-se com ela, queria fazê-la sua. Seus atos tinham posto em evidência que ela importava para ele. Também que a compreendia como ninguém nunca a compreendeu.

A única coisa precisava era acreditar. Derrubar as barreiras que tinham construído a seu redor durante tanto tempo e confiar nele. Essa era a parte mais difícil.

Jack não tinha motivos para fingir que a admirava se não era realmente assim. Era tão diferente de William. Ela tinha se comportado com uma teimosa cautela desde que o tinha conhecido, mas não tinha levado em conta o fato de que agora era mais velha, mais amadurecida que quando estupidamente tinha acreditado nas manifestações de amor eterno de William. Nesse momento, se este fosse chorando declarar sua paixão imortal, saberia que não eram mais que enganos e falsas palavras. Farejaria suas mentiras com a mesma destreza que um cão de caça.

Quando Jack lhe expressava sua admiração, podia ver a verdade em seus escuros olhos, e o olhar era o espelho da

alma.

Estaria acordado em algum outro quarto do corredor? Estaria pensando nela como ela pensava nele?

Ainda tinha tanto medo... Mas Jack tinha razão, não encontraria paz até que superasse o temor e permitisse que prevalecesse seu instinto. Este lhe dizia que confiasse em Jack Fulton. E o coração lhe dizia que o desejava, possivelmente mais do que ele desejava ela.

Desde que era menina, Becky só desejava uma coisa, ser feliz. Sempre tinha sido solitária, sempre tinha vivido afastada do mundo, isolada em um universo de fantasia e imaginação. Logo, fariam quatro anos, pensou que tinha encontrado o que sempre tinha desejado, alguém que a amasse desesperadamente, alguém que lhe daria tudo o que necessitasse. Durante poucos dias, tinha sido verdadeiramente feliz. Mas logo William se afastou dela de maneira cruel e brutal e com isso lhe tinha roubado todos seus sonhos. Tinha passado os últimos quatro anos acreditando que a felicidade não era mais que outra fantasia impossível. Entretanto, nas últimas semanas, Jack lhe tinha demonstrado indícios de que podia ser algo real.

Afastou os lençóis e saiu da cama. O ar estava gelado, cobriu-se com os braços e caminhou descalça sobre o frio chão de madeira. No corredor, as duas portas estavam fechadas. Jack podia estar atrás de qualquer uma delas, dormido ou acordado, ou podia estar lá embaixo. Não havia nenhuma luz nem se ouvia nenhum som.

A primeira porta rangeu quando ela a abriu. Com uma careta de desgosto, olhou o quarto e o encontrou vazio. Voltou a sair e se dirigiu para a segunda porta. Abriu-a um pouco mais lentamente que a primeira.

Distinguiu o contorno de figura contra o escasso resplendor projetado pela luz da lua que penetrava pelas cortinas. Estava sentado na beira da cama, olhando para a porta.

— Becky? — perguntou com um sussurro.

Ela entrou na habitação.

— Sim.

— O que acontece? — perguntou-lhe. — Não consegue dormir?

— Eu... não. Não podia. — Conteve a respiração. — Estava pensando.

Ele assentiu com a cabeça e ela se aproximou.

— Ainda tenho tanto medo. — disse ela.

Jack estendeu um braço, encontrou sua mão e a cobriu com a sua.

— Sei disso.

— Não quero sofrer mais, Jack... quero ser feliz.

— Becky... — ele ficou em pé e a estreitou entre seus braços. — Quero fazer você feliz. Mais que tudo no mundo.

Ela estremeceu dos pés a cabeça, estremecendo com muita violência para abraçar ele. E, imediatamente, Jack lhe percorreu o corpo com as mãos, acariciou-a através da seda de sua regata, lhe esquentando a pele gelada e lhe sussurrando ao ouvido palavras de consolo.

— Shhhhhhh! Tudo ficará bem. Você vai ver. Solucionaremos, tudo, querida. Seremos felizes juntos.

Ela apertou seu corpo contra o seu. Jack tinha o torso nu e só vestia os calções. Sua pele era suave, cálida e acolhedora e podia sentir como sua dureza crescia através do tecido que os separava.

Becky conseguiu levantar uma de suas trementes mãos para lhe acariciar a face e sentiu a aspereza da barba que crescia.

— Confio em você, Jack.

A respiração dele falhou e mesmo na escuridão, ela pôde ver sua real vulnerabilidade brilhando em seus olhos. Jack inclinou a cabeça.

— Não prejudicarei você.

— Será honesto comigo? Sempre?

Depois de um pequeno silêncio, ele disse:

— Sim.

— E eu serei honesta com você, sempre. Prometo.

Jack fechou os olhos, apertou-os e logo voltou a abri-los. O olhar de vulnerabilidade de segundos antes tinha desaparecido.

— Deixa que te faça minha. Me deixe amar você.

— Sim — sussurrou ela, incapaz de conter o tremor de sua voz.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços. Ele a levantou sem dificuldade e a levou para a cama maior, onde voltou a deitá-la. Desta vez se deitou de lado, olhando para ela na penumbra.

— Isto é... — A voz lhe falhou na garganta enquanto engolia com dificuldade.

— O quê?

Fechou os olhos com força.

— Desejei-a durante muito tempo, Becky. Não sei... possivelmente não... quero agradar você, mas...

Empurrou o ombro dele até que ele se deitou de costas, então levantou a camisola até as coxas e se sentou em cima dele. Olhou-o sem falar nada, porque sua própria ação fez com que os lábios de sua vagina se abrissem sobre a dureza do pênis dele, a única coisa que os separava era o linho de seu calção.

— Deus! — exclamou Jack com voz afogada. Olhou-a e seu olhar refletiu a surpresa de Becky, que se deu conta de que ele também tremia.

Ela ficou sem ar, com o peito sufocado que não podia respirar.

— Desejo tanto você — conseguiu dizer com um fio de voz.

Ela agarrou-se na pele de seus ombros e se moveu para cima e abaixo contra seu membro, mordendo-os lábios para não gemer.

Acariciou-lhe o peito, sentindo as pontas de seus mamilos se arrepiarem contra as palmas abertas de suas mãos, então, desceu pelas curvas de seus músculos, valendo-se de seu tato para explorá-lo na escuridão. Quando chegou ao umbigo, acariciou os músculos do abdômen e seguiu

descendo pelo rastro de pelo que levava a cintura de seus calções.

Ainda sentada sobre ele, procurou os laços do calção, baixou com cuidado a roupa expondo sua ereção. Desejou que houvesse mais luz, porque não podia ver nada mais que a sombras ao redor.

Tirou os calções de uma vez, então Becky, com movimentos hesitantes, agarrou seu pênis. A respiração de Jack a animou e aumentou a pressão ao redor de sua rigidez.

Jamais tinha sido tão audaz com William. Olhou para ele.

— Você gosta disto?

— Sim — respondeu com um fio de voz.

Moveu o punho, acariciando a dureza sólida e sedosa. Fascinava-a. Voltou a mover a mão, desta vez para baixo.

— Becky — grunhiu ele. — Pare.

Soltou-o imediatamente.

— Sinto muito!

Jack a agarrou por debaixo dos braços e puxou de volta pra ele. Mas dessa vez não havia nada entre eles e Beck sentiu a quente extensão de sua dureza entre as pernas e engasgou.

— Não — disse ele com voz tensa. — Sou eu quem sente. Eu... Deus! Suas carícias me levaram ao limite da explosão.

— Por quê? — Era pura curiosidade. Entretanto, enquanto fazia a pergunta, ela se movia sobre ele, e com cada movimento de sua pele contra a dela, o prazer a preenchia em ondas.

— Porque é uma sensação boa. Muito boa.

Ela sorriu. Era um sorriso de conquista, um sorriso de poder. Poderia levar aquele homem à beira da satisfação apenas tocando-o.

— Me beije, — ele ordenou.

Ajoelhou-se para beijá-lo na boca. Quando seus lábios se encontraram, uma corrente de energia os atravessou, conectando-os, e Jack assumiu o controle. Segurou-a com uma das mãos sobre suas costas esguia e a outra segurando seus cabelos. Não podia se mover. Tampouco sentia vontade de fazer isso.

Sua boca se apoderou da dela, explorou com a língua com avidez e sensualidade. Seu sabor a invadiu, quente, salgado, másculo, dominante.

Jack mordiscou seus lábios e logo suavizou a área com quentes beijos, deixando um rastro de puro prazer em vez de dor. Enquanto isso, seu sexo deslizou pelas partes mais sensíveis de seu corpo.

Sem deixar de beijá-la, colocou-a de costas e se inclinou sobre seu corpo, dando a impressão de que tinha o dobro de largura que ela.

Com a áspera ponta do polegar lhe acariciou a maçã de seu rosto e deslizou sua boca sobre a dela. Saboreou sua pele, seu queixo, seu nariz, suas pálpebras e então abaixou. Desamarrou o decote de sua camisola para ter acesso a seus seios, deslizou a boca e as mãos sobre os ansiosos seios e os mamilos até que a fez gemer e se contorcer. Ela queria mais

dele, o prazer que podia lhe oferecer, a satisfação que só ele podia lhe dar.

— Por favor, Jack, por favor...

Ele abafou suas palavras com outro de seus beijos ardentes e irresistíveis. Becky agarrou seus ombros enquanto ele se estendia a mão e colocava na entrada de sua vagina. Com as mãos ainda em seu cabelo, penetrou-a.

Ela soltou um grito e arqueou convulsivamente.

— Oh, Deus! Machuquei-a?

— Não. — Ela se contorceu, aproximando e afastando-se para aumentar o prazer. Ele saiu, gemeu ao sentir seu membro quente e duro deslizar para dentro de seu interior.

— Tão doce — murmurou contra sua boca. — Tão apertada.

Becky fechou os olhos e suspirou de prazer.

Permitiu que o poder absoluto de seu desejo e de seu amor crescessem e queimassem a desconfiança e o medo. Sem o medo que a cegava, voltou a ver com clareza.

Seria dele, na verdade, já era. Seu amante. Logo, seu marido. Ela era dele.

Amava aquele homem. Gostava de como a fazia se sentir. E assim, tão pertos, tão conectados, não podia conceber um momento mais de sua vida sem ele.

Estava tão apaixonada... E esse sentimento não lhe causava dor. Nem despertava seu medo. Pelo contrário, fazia com que se sentisse poderosa. Invencível. Ele era a beleza em forma de homem. Inteligente e experiente. Carinhoso e possessivo. E ela merecia todas essas coisas.

Ele via qualidades idênticas nela. Desejava-a tanto como ela o desejava.

— Jack — disse enquanto se movia em seu interior com ritmo de prazer, — Jack.

O prazer crescia como um vendaval de belas e escuras nuvens intensas do tempo.

— Não posso parar — ofegou ele.

Becky logo que pôde falar, pela tormenta que se abatia sobre eles, disse:

— Não pare.

Ele movia seu forte corpo em rápidos e profundos golpes. Movia-se mais rápido e mais forte em cada investida e exalava bruscas respirações. Logo afundou os dedos em seu cabelo e a tormenta estalou em uma violenta chuva de prazer que a fez tremer toda enquanto cravava as unhas nos seus ombros.

— Becky — disse, com uma mescla de sussurro e gemido. Ficou rígido e quieto.

Em meio aos batimentos do coração devido ao prazer, ela o sentiu contrair-se em seu interior.

Perdeu toda consciência do mundo exterior, com exceção do ponto em que estavam conectados. Voltou para a terra quando seus batimentos cardíacos diminuíram e ele relaxou sobre ela.

Jack apoiou a testa sobre seu ombro.

— Sinto muito.

Becky piscou.

— Pelo quê?

— Fui muito rápido. Não te dei prazer, foi egoísmo da minha parte. — Ela notou que cerrava os dentes. — Maldito imprudente.

Becky se levantou e acariciou sua face, virando o rosto para que a olhasse.

— Deu-me muito prazer. Muito prazer.

Jack soltou um profundo suspiro.

— Venha aqui, querida.

Ficou de lado e a aproximou dele, apoiando suas costas em seu peito.

Ficaram assim longos e deliciosos minutos. Antes dele chegar, a cama de Becky estava fria, mas nesse momento um ligeiro fio de suor lhe percorria o corpo.

— Está com calor?

— Um pouco.

Afastou-se uns centímetros e tirou a regata pela cabeça, deixando-a completamente nua. Desfez-se do inútil tecido e voltou a aproximá-la de seu corpo.

— Encaixa aqui com perfeição — murmurou.

Sim, me encaixo. Ela sussurrou meio sonolenta e se acomodou contra seu corpo. Sua calidez era uma atrativa promessa de bem-estar. De felicidade.

Jack permaneceu ainda acordado por muito tempo depois, até que a respiração de Becky se fizesse mais pesada e seu corpo mais relaxado junto ao dele. Seguia abraçando-a e não queria deixá-la ir. Tinha-lhe prometido honestidade. Entretanto, havia duas coisas que jamais lhe revelaria. A primeira, a verdade a respeito da morte do marquês de

Haredowne. A segunda, o motivo inicial pelo qual tinha arquitetado casar-se com ela.

Estava apaixonando-se pela preciosa mulher que tinha entre os braços. Aquelas duas verdades lhe fariam muito mal, anulariam a confiança que com tanta generosidade lhe tinha devotado, romperiam o vínculo que tinham estabelecido.

Não podia fazer isso. Ou, pior, não podia fazer isso a si mesmo. Necessitava muito dela. Era muito egoísta.

Cheio de ódio por si mesmo, fechou os olhos e elevou uma prece a Deus para que ela nunca o pusesse em uma situação em que devesse lhe mentir. Seria honesto em tudo, com exceção dessas duas coisas, e Deus sabia que suas intenções para lady Rebecca Fisk eram completamente puras e honradas.

«Por favor, Deus, não permita que eu lhe faça mal.»

Estreitando-a contra seu corpo, caiu em um sonho intranquilo.

Capítulo 14

Na manhã seguinte, Becky desceu a escada justamente quando Jack retornava do povoado, aonde tinha ido procurar o café da manhã na casa da proprietária. Quando se foi dali a primeira vez, avisou à mulher — uma viúva serena e imperturbável, com uma nuvem de cabelo avermelhado e um rosto cheio de marcas do tempo — a possível chegada de Becky e ele à casa sem um aviso prévio. Tinha-lhe advertido então que necessitaria provisões e agora ela, muito solícita, tinha-lhe preparado um simples café da manhã e lhe tinha prometido carne guisada.

Becky titubeou na porta da cozinha quando Jack se virou. Sentiu uma opressão no peito ao vê-la. Estava tão linda, com sua regata amarrotada. Alisou os cabelos com os dedos e o recolheu em uma trança nas costas. Ficou olhando as sugestivas elevações que apareciam por debaixo do decote.

— Bom dia — murmurou e levantou os olhos para olhar seu rosto. — Café?

— Oh! Sim, obrigada.

— Sente-se. Servirei uma xícara. Também temos pão-doces açucarados e ovos.

Becky assentiu e se sentou à mesa. Jack pôs um prato com comida e uma fumegante xícara de café diante ela e logo se sentou a seu lado, em frente a seu próprio café. Becky bebeu um pequeno sorvo e, pela careta que fez, lhe pareceu que não estava acostumada a tomar.

Degustaram do café da manhã em um cômodo silêncio e ele se deu conta de que faltava a pilha de jornais que sempre tinha na casa de Stratford. E se deu conta também de que estava muito mais gostoso tomando café com Becky.

Quando terminaram, ele levou os pratos para a pia, arregaçou as mangas e os lavou. Ela o seguiu, contemplando com expressão de verdadeiro assombro.

— Que estranho.

Com os braços mergulhados na água até os cotovelos, Jack a olhou.

— O que é o estranho?

— Está lavando a louça.

— E...!

— Jamais conheci um cavalheiro que lavasse os pratos.

— Não conhece muitos cavalheiros.

— É verdade.

— E não temos serventes para que façam o trabalho por nós. — Levantou uma das mãos ensaboadas para ela e lhe perguntou. — Gostaria de me ajudar?

Becky apertou os lábios.

— Não tenho a menor ideia por onde começar.

— Não me diga que nunca em sua vida lavou um prato.

— Nunca em minha vida lavei um prato.

— Nem sequer quando era menina e brincava de correr atrás dos serventes e de seus filhos?

— Não, eu jamais brinquei de correr.

— Oh! — Disse ele. — Nem pulou, saltou, jogou?

— Não. — Apoiou-se no batente da porta, completamente relaxada. — Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos e minha mãe quando tinha seis. Garrett comprou sua nomeação no exército quando eu era muito jovem e esteve ausente a maior parte de minha infância. Minha tia Bertrice se assegurou de que eu estivesse segura e bem, mas não era a mais maternal das pessoas e me dissuadia de qualquer comportamento infantil.

Sua melancólica expressão provocou em Jack um sentimento de pena. Tinha estado sozinha inclusive quando era uma menina. Deu-lhe a esponja.

— Bom, então, eu ajudarei você. Pegue a esponja e passe pelo prato. Quando estiver limpo, enxague aqui na água.

Ela arregaçou as mangas e seguiu suas instruções. Ele assentiu prontamente e quando ela tirou o prato limpo da água, ele indicou como colocá-lo para que secasse.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntou-lhe e lhe deu outro prato.

— Meu pai morreu de derrame e minha mãe de tuberculose.

— Lembra bem deles?

Becky mergulhou o prato na água com sabão.

— De meu pai, não. Lembro de um homem muito severo de cenho franzido, mas não estou segura, porque minha

lembrança dele é muito vaga. Da minha mãe a lembrança é um pouco melhor. Sempre foi muito delicada e parecia ser infeliz. Eu não podia levantar a voz nem fazer muito ruídos em sua presença porque esses comportamentos a perturbavam. Sempre pensava que estava triste por alguma coisa que eu tinha feito, mas agora penso nisso e não posso imaginar o que poderia ter sido.

— Duvido que estivesse triste por algo que você tivesse feito, Becky.

Terminaram de lavar os pratos em silêncio, foram ao salão, onde Jack acendeu o fogo e sentou-se ao seu lado no sofá. Ela apoiou a cabeça em seu peito e ele brincou com uma sedosa mecha de seu cabelo enquanto olhavam as chamas crepitarem.

— Está tão tranquilo aqui, — murmurou Becky. — É como um sonho. Quando formos embora, despertarei em um mundo completamente diferente.

— As asperezas do mundo não podem apagar o que compartilhamos aqui. — O que esperava que continuassem compartilhando. Estava estranha e inexplicavelmente nervosa. Os dois sabiam que eles iam unir-se em casamento outra vez, mas a pergunta era quando. Jack queria escolher o momento certo.

— Espero que tenha razão.

Beijou-lhe a testa.

— Sei que tenho.

— As asperezas do mundo exterior apagaram o que Anne e você compartilhavam? — sussurrou ela momentos depois.

Contra sua vontade, Jack ficou tenso, mas se obrigou a relaxar.

— Eu disse para você que os rumores eram mentiras. Depois de que ela se casou, não fomos mais amantes.

Becky estava muito quieta entre seus braços.

— Mas foram antes de que ela se casasse.

— Sim.

Ela suspirou.

— Isso foi há muitos anos. Eu era um jovem de dezessete anos.

— Sei.

— Eu não gosto de falar dela — admitiu. — Não falo dela com ninguém.

— Compreendo. — Fez uma pausa. — Tampouco eu gosto de falar de William. Mas pode me contar isso agora... se quiser. Sei que você não gosta de falar disso, mas... — A voz dela sumiu e logo acrescentou, — possivelmente eu deveria saber.

Tinha razão. Entretanto, fazia um nó em sua garganta. Tinha que ser muito cuidadoso. Cuidadoso em não mentir, embora tampouco podia lhe revelar a verdade.

— O que você gostaria de saber?

— Me fale dela.

Jack ficou em silêncio por um longo momento.

— Fomos amigos — disse finalmente. — As terras de seu pai faziam limite com as de Hambly, a propriedade do meu pai em Kent. Tínhamos a mesma idade, bem, ela era meio ano

mais velha que eu. Parecia muito mais velha quando éramos jovens.

Tentou falar de coisas superficiais, mas à medida que as dizia, sentia que tudo aquilo era mais profundo e que estava penetrado debaixo de sua pele. Anne, com seu alegre sorriso, seu cabelo loiro e seus olhos azuis, era uma radiante flor cheia de vida.

— Amava-a?

Jack olhou na profundidade de seus olhos, azuis como o oceano, tão diferentes dos de Anne. Eram completamente diferentes.

Ele não a perderia.

— Amava sim.

Becky desviou o olhar e lhe pegou seu queixo e obrigou ele a olhar para ela.

— Pediu que dissesse sempre a verdade.

— Às vezes a verdade dói. Sei que não deveria ser assim, mas é.

— Não mentirei, Becky. Você não quer escutar minhas mentiras.

— Tem razão. — Apertou os punhos. — É injusto de minha parte, mas desejaria que não a tivesse amado.

— Não a amo mais. — Abraçou-a mais e beijou seus olhos, saboreando o sal das lágrimas contidas. — Foi há muito tempo. Éramos jovens. E os jovens amam com paixão.

— Sim, é verdade.

Jack se deu conta de que Becky só era três anos mais velha que Anne era quando morreu. Mais velha que Anne,

sim, mas ainda tão jovem... E quatro anos atrás escapou de sua família para casar-se. Mesmo que seu marido a destruísse, devia ter amado muito ele, como ele tinha amado Anne.

— Há algo que sempre me perguntei sobre o amor — murmurou Becky.

— O quê?

Umedeceu os lábios e levantou os olhos de um azul escuros para ele.

— Uma vez que se amou alguém com tanta intensidade, é possível voltar a amar outra pessoa com a mesma intensidade?

Não lhe respondeu, ficou olhando seu formoso rosto ovalado em silêncio.

— Durante muito tempo, acreditei que não poderia voltar a amar mais ninguém, depois do que aconteceu com o William — murmurou ela. — Mas, depois, quando vejo meu irmão...

— O que aconteceu com seu irmão? — Jack tinha ouvido coisas sobre o divórcio do duque de Calton e Sophie, a atual viscondessa Westcliff. Fazia muito pouco tempo que tinha retornado a Inglaterra e não lembrava dos detalhes dos matrimônios e dos filhos do duque.

— Quando eu era menina, Garrett estava perdidamente apaixonado por Sophie. Casou-se com ela quando eu tinha seis anos. Eram muito felizes juntos e quando ele foi para Waterloo, Sophie estava grávida. Retornou oito anos depois. Todos acreditávamos que tinha morrido, quando finalmente

apareceu, eu já tinha dezoito anos, sua filha sete e Sophie havia se casado com Tristan, seu primo e herdeiro, que também tinha assumido o título de duque de Calton.

— Santo Deus! — Disse Jack. — E o que fez?

— Tomou posse de seu título e de suas terras e tentou recuperar Sophie. Ainda a amava, e ela o amava também, mas os dois tinham mudado muito em todos esses anos que tinham ficados separados. Sophie chegou a amar Tristan mais do que imaginava. Não podia deixá-lo. Finalmente, Garrett compreendeu que ela jamais retornaria para ele, por isso se divorciou e compartilham a custódia da menina.

— Incrível — murmurou Jack.

— Você viu Tristan e Garrett juntos. Em geral, o ambiente é cordial, embora estranho e incômodo para a maioria das pessoas. Minha família é uma das famílias mais estranhas que já encontrei, estou certa disso. Entretanto, são as pessoas mais adoráveis e generosas do mundo. E qualquer um de nós se sacrificaria um pelo outro.

Apesar de suas complexas relações, a família de Becky soava muito superior à sua.

— Deve ter orgulho de pertencer a uma família assim.

— Tenho. — Respondeu com tranquilidade. — Muito orgulho. — Olhou-o. — Possivelmente tenha visto quão profundos são os sentimentos de meu irmão por sua esposa. Kate é minha melhor amiga e os dois lutaram muito para ficarem juntos. Garrett tem trinta e nove anos, e ainda ama apaixonadamente, embora já não seja mais um jovem e Kate não é a primeira mulher quem amou.

Jack a olhou e acariciou seu lábio inferior com o polegar.

— Assim sendo, seu irmão é a demonstração viva de que é possível voltar a amar. Mas eu não preciso de nenhuma prova.

— Você pode realmente voltar a amar, Jack? Amar tão apaixonadamente como na primeira vez?

— Sim. — Murmurou e se inclinou para beijá-la. — Possivelmente já amo.

Rodeou seu pescoço com os braços, beijou-o e apoiou o peito contra sua camisa, com uma necessidade urgente e explícita que lhe produziu uma ereção imediata. Lady Rebecca, tão reservada, tão estudiosa, tão melancólica e calada, tinha demonstrado quão apaixonada podia ser na cama. E isso o encantava.

Acariciou-lhe os quadris, subindo as mãos pela estreita cintura e as deslizando entre seus seios, acariciando-lhe sobre a regata.

Baixou uma das mãos e levantou-lhe a saia, acariciando a suavidade da pantorrilha e das coxas. Era pura seda, uma mulher ansiosa que ofegava com suas carícias. Maldito fosse se não a desejava a cada segundo do dia.

Pressionou a mão entre as pernas e a deslizou entre as dobras úmidas de seu sexo. Ela arqueou para recebê-lo.

Deslizou os dedos uma e outra vez, massageando o clitóris e, finalmente, enterrou um dedo em seu interior.

— Ah! — Becky estremeceu sobre sua mão e agarrou grosseiramente sua camisa. Ainda sentada junto a ele no

sofá, moveu-se para frente e para trás, ruborizada, com os olhos entreabertos e brilhantes de paixão.

Empurrou seu dedo mais fundo e acrescentou um segundo dedo, roçando um ponto em seu interior que a fez tremer e gemer, fazendo seu corpo se apertar sobre seus dedos. Seguiu acariciando-a, então ela chegou ao clímax.

Não deixou de olhá-la nem por um instante, porque com cada respiração, com cada ofego, com cada gemido de prazer se excitava. Fazia que a desejasse mais e mais. Que a amasse mais.

— Jack! — Sussurrou, com os olhos fixos nos seus. — Jack... por favor.

Sem retirar a mão, ele desceu do sofá e se ajoelhou, diante dela, separando suas pernas com suavidade e aproximando-a para a beira do sofá, de modo que ficou completamente exposta para ele.

Agarrando-se nas almofadas, Becky olhou-o com os olhos espantados.

— O que vai...?

Mas interrompeu a fala quando ele se inclinou para frente e beijou a entrada de seu sexo, antes de passar a língua por suas pregas úmidas.

— Jack!

Ele se afastou, lambendo seu sabor primaveril nos lábios e a olhou.

— O que... o que está fazendo?

— Provando seu sabor. — Moveu os dedos, ainda afundados dentro dela e a viu lutar para se concentrar em

olhar para ele.

— Por quê?

— Porque quero. — Esboçou um sorriso torto e se inclinou outra vez sobre ela. Moveu ritmicamente os dedos e a língua, empurrando mais fundo, acariciando suas paredes interiores e massageando-as com a língua, concentrando-se na pequena ponta do clitóris. Fez movimentos circulares sentindo como se endurecia sob sua língua e o sugou delicadamente. Dobrou os dedos dentro dela para lhe acariciar mais ainda o ponto que a levaria ao êxtase.

Becky correspondeu de imediato, surpreendendo-o. Sentiu como ela apertava as coxas perto das suas orelhas, puxou seu cabelo com os punhos fechados enquanto gritava seu nome. Todo seu corpo pulsava em volta de seus dedos, contra seus lábios. Seu doce e almiscarado sabor inundou sua língua.

Jack a acariciou enquanto ela atingiu o orgasmo e assim que ela terminou, afastou-se. Rapidamente, tirou as calças e a regata. Então se acomodou para ajustar-se a ela, que estava recostada no braço do sofá.

Não podia esperar nem um segundo mais. Tinha que possui-la.

Ele rapidamente se posicionou e empurrou o pênis dentro de sua entrada quente, úmida e com desejo. O prazer o invadiu com tal intensidade que viu luzes brancas piscando diante de seus olhos. Deteve-se, sentindo-a, então agarrou seu cabelo, enquanto tentava recuperar um pouco da prudência.

Becky o olhou, encantada e cheia de prazer. Deslizou as mãos por seu corpo, acariciando-o, rodeou suas costas com as pernas, empurrando-o para trás com os calcanhares.

Jack apertou os dentes para controlar o impulso de arremeter contra ela implacavelmente, de alcançar sua libertação por completo, procurou mover-se em um ritmo lento, cada investida era mais profunda que a outra, um pouco mais forte. Essa conexão era algo que os dois tinham que saborear, como uma lenta ascensão ao céu.

Todos seus músculos esticaram e seus testículos apertados contra o corpo. Tinha o pênis cada vez mais grosso e duro, apertou a mandíbula com tanta força que acreditou que ia partir. Ela ia pelo mesmo caminho que ele, seus músculos contraíam e endureciam pouco a pouco. Passou acariciar o corpo dele com suavidade a mover-se nervosamente e sem direção precisa. Agarrou-se a ele como se sua vida dependesse disso. Baixou as pálpebras com força e de sua boca surgiram gemidos de prazer, embora tinha os lábios apertados, formando uma fina linha.

Jack a observou. Tinha os músculos e a mandíbula tensos, seu alívio estava tão perto... manteve os olhos abertos e se concentrou em olhar à mulher que amava, tão bela em êxtase.

Finalmente, deixou vir a libertação, tremendo, sacudindo-se, pulsando em torno dele. Separou os lábios, arqueou o corpo emitiu o som de um magnífico orgasmo. Toda ela apertou-se ao redor de seu membro com muita força, aprisionando-o junto a ela..

Ele também subiu até o topo aproveitando a onda e, com um gemido e um empurrão profundo, desabou-se nas agitadas águas. Seus tremores combinaram, então ele derramou sua semente, seu coração e sua alma profundamente em seu interior.

— Becky — sussurrou enquanto se recuperava.

Colocou-se a seu lado, entre ela e o respaldo do sofá, de frente ao fogo e, abraçou-lhe, apoiou o queixo em sua cabeça. Becky, sussurrou enquanto se recuperação. Percebeu que nessa postura encaixavam perfeitamente.

Jack olhou fixamente para o fogo com os olhos entreabertos, num confortável silêncio.

Um momento depois, ela murmurou:

— Você acha realmente que vai funcionar?

— Ao que está se referindo?

— Nós!

— Sim.

Ele disse a palavra com confiança e vigor. Apesar de quão diferentes tinham sido suas vidas nos últimos anos, eram muito mais compatíveis do que ele podia imaginar. Tempo atrás, tinham percorrido um caminho parecido, mas a vida de cada um tinha tomado rumos diferentes, Jack, tinham sido acusados de assassinato, e Becky, seu marido tinha morrido. Entretanto, algo os tinha unidos e agora voltavam a seguir o mesmo rumo. Um caminho de cura que levava a um futuro mais brilhante do que o purgatório monótono que os dois tinham vivido até então.

Pressionou o corpo com mais força contra o seu e lhe acariciou o quadril.

— Eu também.

— Case-se comigo, Becky.

Ela pensou, respirou fundo se ergueu por debaixo de seu braço. Finalmente, sussurrou.

— Sim, Jack, eu caso com você.

A força dessas poucas palavras ecoou por todo o corpo dele, que fechou os olhos com força, cheio de emoção. Apertou-a entre seus braços e jurou a si mesmo que, independente do que acontecesse com ela faria as coisas direito.

Capítulo 15

Um momento mais tarde, Jack se moveu atrás dela, adotando uma postura mais cômoda.

— Quer subir? — Sua voz ressonou no silêncio da sala. Inclusive o fogo era quase mudo, pouco mais que um sussurro na lareira. Aparentemente, a madeira tinha consumido sua salva crepitante.

Ela assentiu.

— Quer me contar sobre William Fisk? — Perguntou ele. — Devo saber o que é exatamente ocorreu entre vocês.

Becky respirou lentamente.

— Eu tinha dezoito anos. Mas ainda muito imatura. Tinha vindo à cidade para minha primeira temporada e para minha apresentação ao rei. Nenhuma das duas coisas chegou a acontecer.

— O que houve?

— Conheci o William.

— Quem era? Onde o conheceu?

— Retornou do continente com Garrett. Eram muito bons amigos... ou isso era o que meu irmão pensava. — Fechou os olhos. — Eu gostei dele de imediato. Era tão amável, tão bonito. Era uma época muito difícil para Garrett,

e William era a única pessoa capaz de acalmar meu irmão, não confiava em ninguém, assim eu fiz o mesmo. Era um convidado em nossa casa e começou a visitar meu quarto toda noite, em segredo. No princípio só conversávamos, mas logo começou a me beijar, a me acariciar. — Suspirou. — Me enganou muito facilmente. Eu estava louca por ele.

Jack permanecia em silêncio, com os braços rodeando seu corpo. Becky lhe acariciando as mãos.

— Pediu-me que fosse sua esposa e nesse momento, só umas semanas depois de nos conhecermos, estava tão apaixonada que disse sim, claro. Nada no mundo podia me fazer mais feliz. — Riu com amargura. — Falou com meu irmão, que estava encantado com a união, ao contrário de Sophie que nunca aceitou.

— Por quê? — perguntou Jack.

— Não confiava nele. De todos nós, ela foi a primeira em ver sua verdadeira personalidade. Ela e Tristan.

— Entendo — murmurou Jack.

— Uma noite, William veio ao meu quarto. Disse que Garrett e Sophie queriam atrasar o casamento, mas que ele me amava e não podia esperar para me fazer dele. Disse que queria casar-se comigo o quanto antes possível. Que fugíssemos para Gretna para podermos ser marido e mulher.

Jack murmurou algo incompreensível atrás dela.

— Eu concordei e fomos em plena noite. Sophie, Garrett e Tristan nos perseguiram e tentaram nos deter, mas escapamos deles. Casamo-nos assim que chegamos a Gretna.

— Fez uma pausa. — Depois disso, tudo deu errado, Jack. É muito difícil falar disso.

— Tudo bem, querida. — Seu fôlego era um sussurro contra seu ouvido. — Tudo terminou.

Às vezes, para Becky parecia que ainda estava presa naquela desgraça, então, a solidão de seus primeiros dias de casamento descendiam sobre ela como uma mortalha. Mas não era assim com o Jack. Quando estava com ele, a solidão parecia ser a coisa mais longínqua do mundo.

— Voltou-se distante. Mudamo-nos de um lugar a outro até terminar em Kenilworth, em Warwickshire. Ali se tornou ainda mais frio. Eu sabia que algo não ia bem e comecei a me dar conta de que tinha cometido um horrível engano.

— Uma noite despertei e William não estava lá. Tinha um enorme desespero por voltar a ganhar seu amor... que pensei que podia descer para buscá-lo e, quando o encontrasse, lhe servir um drink e lhe fazer uma massagem nos pés, para mostrar que podia ser uma boa esposa. A única coisa que queria era fazê-lo feliz.

— O que aconteceu não foi culpa sua, — disse Jack com voz áspera e rouca.

Ela fechou os olhos.

— Desci as escadas e o encontrei falando com seu criado. Não me ouviram chegar. William dizia que eu era insípida e aborrecida e que me conhecer tinha sido uma grande desgraça para ele. — Baixou o tom da voz até convertê-la em um seco sussurro. — Planejava assassinar a Garrett e a mim,

depois pegar meu dinheiro ir para Paris e viver lá como um príncipe com sua amante.

Jack ficou rígido.

— Deus santo.

— Odiava Garrett. Culpava-o pela morte de seu próprio irmão na guerra. Esse plano... era sua vingança.

— Devia estar louco.

— Sim, acredito que estava.

— E o que aconteceu?

— Garrett atirou nele.

— O que se dizem por aí é que seu marido foi alvo de um bando de contrabandistas.

— Sim, isso é o que se diz. Mas o que se diz por aí frequentemente são boatos e, neste caso, é uma história que se inventou para proteger o duque de Calton. Meu irmão foi quem assassinou meu marido.

— Deus, Becky! — Jack soava emocionado.

Ele se moveu para poder olhá-la. Queria ver seu rosto.

Para sua surpresa, tinha os olhos marejados de lágrimas. Apertou-lhe o ombro com força.

— Estava louco, Becky. Só um homem transtornado faria mal a você de propósito.

Ela o olhou fixamente, e continuou:

— Só um idiota pensaria que você é insípida ou aborrecida. É linda, inteligente e cheia de vida. — Tentou tirar aquelas palavras de sua mente, mas não conseguiu.

— Às vezes penso que sim.

— Não. — Falhou-lhe a voz com sua própria convicção. Ela suspirou e ele a aproximou mais. — Obrigado.

— Por quê?

— Acima de tudo, por me contar essa história. Mas sobre tudo... — Percorreu-lhe o braço com as mãos até chegar em suas costas...— obrigado por me entregar sua confiança. Agora entendo quão difícil deve ter sido para você.

Os lábios tremeram quando ela tentou sorrir.

— Agora, já não me custa. — inclinou-se para ele e lhe deu um beijo na comissura dos lábios. — Não acredito que fui uma estúpida por fazer o que fiz? — Sussurrou contra sua pele. — Por ser tão ingênua?

— Não. Era jovem e inocente. Manipulou você para que acreditasse que o amava, porque foi vulnerável e necessitava que alguém a amasse.

— Fiz mal a minha família. Coloquei-os em perigo. Quase fui responsável pela morte de meu irmão.

— Ele enganou você por completo. Inclusive se tivesse triunfado a sua intensão de assassinar seu irmão, não teria sido tua culpa. Longe disso.

— Realmente acha isso?

— É claro que sim, ele fez mal a você. — Inclinou a cabeça, tocou-lhe a testa com a sua e fechou os olhos. — E isso eu não posso suportar.



Na manhã seguinte, Becky e Jack acordaram cedo e, depois de passar uma hora na cama falando e fazendo amor, levantaram-se e se vestiram. Planejavam caminhar até Richmond, contratar uma carruagem e estar em Londres antes do meio-dia.

Tomaram um rápido café da manhã com pão e manteiga, Jack rabiscou uma pequena carta para a proprietária da casa, agradecendo por seus cuidados e lhe dizendo que partiam daqui a alguns minutos. Becky se penteou, prendeu os cabelos em um coque singelo, pois não podia fazer outra coisa.

Jack a olhou e esboçou um sorriso enquanto ela lutava para fechar os botões de pérola das luvas.

— Deixe-me ajudar. — Murmurou. — Jamais abotoou as próprias luvas!

— Não estas. — Admitiu. — São muito mais complicadas que a maioria.

Estendeu uma das mãos.

— Venha, eu te ajudarei.

Teve que tirar suas próprias luvas para ajudá-la e, quando terminou com a primeira mão, Becky não podia conter a risada de tanto que ele resmungava dizendo que com aquela quantidade de minúsculos botões, não poderiam sair antes de meio-dia.

— Normalmente não leva tanto tempo — murmurou ela. — Mas eu tenho uma só mão que funciona bem e seus dedos são muito grandes. Necessitamos de ajudantes.

— Ou nos desfazer destas condenadas luvas.

Becky pôs-se a rir, mas se interrompeu quando ele levou sua mão coberta com a luva à boca e lhe apertou os lábios contra a suave pele do pulso.

Ela soltou a mão, abraçou-o e o beijou na boca.

— Não poderei fazer isto em público. — Beijou-o outra vez. — Assim queria te beijar e te abraçar uma última vez...

— Tolice. — Com aquele sorriso maroto arqueou os lábios. — Esta noite, na casa de seu irmão...

— Na casa de meu irmão! — exclamou ela com um grito afogado, arregalando os olhos.

— ...e muitas, muitas noites mais no futuro.

Seus lábios voltaram a se encontrar em um beijo ardente de tirar o fôlego. Finalmente, ele se afastou um pouco, percorreu-a com os olhos e ficou contemplando as luvas.

— Diabo — disse, — queria arrancar toda essa roupa e possuir você aqui nesse chão, mas levaríamos meio dia para irmos embora. As condenadas luvas requerem cada uma um quarto de hora.

Sorridente, ela estendeu a mão e passou os dedos por cima de sua ereção. Logo, impulsivamente, ajoelhou-se e a beijou através do tecido da calça.

— Becky, o que está...?

Já estava desabotoando os botões. Sem esforço, deslizou ao mesmo tempo as calças e os calções pelos estreitos quadris.

Levantou os olhos para vê-lo.

— Temos tempo.

Quando terminasse, ele apreciaria aquelas «malditas» luvas tanto quanto ela. Eram feitas de um material muito suave e fino e não só eram as mais bonitas que tinha, mas também as mais cômodas.

Segurou-o, já duro como o aço, entre as mãos e o acariciou. Logo iniciou um roçar rítmico, movendo a pele de pelica para cima e para abaixo por toda a extensão de seu membro. Após alguns segundos, Jack apoiou as mãos pesadamente em seus ombros.

— Becky...

— Humm?

— Eu...

Mas Becky apertou os lábios contra a ponta de seu pênis e ele ofegou e estendeu os quadris para ela, que se afastou mordendo o lábio. Queria ele...? Podia ela...?

Deslizou os dedos por seu membro, voltou a beijar-lhe e posou nele a boca hesitante.

Jack soltou um grunhido comprido e profundo e lhe pressionou o pescoço, animando ela a continuar.

Assim o fez. Abocanhou seu pênis o mais que pôde na sedosa dureza e deslizou entre seus lábios. Tinha um sabor salgado, almiscarado, masculino. Manteve-o ali por um momento e depois começou a lhe mover os quadris para frente e para trás. Quando ela começou a afastar-se novamente, ele fez mais pressão em seu pescoço e Becky inclinou-se para frente com obediência, deslizando os dedos enluvados sobre seu membro.

Ele se afastou um pouco e a surpreendeu com movimentos repetitivos, imitando o ato sexual. Era isso o que ele queria? Sua teoria provou isso. Afastou-se mais uma vez até quase tirá-lo todo de sua boca, então ela voltou a sentir a pressão de sua mão em seu pescoço. Inclinou-se para frente, acolhendo-o novamente em sua boca, tão profundamente, como podia.

Jack fez um ligeiro som. Por debaixo de seus dedos e entre a sensível pele de seus lábios, ficando cada vez mais duro.

«Sim.»

Becky o tentou mais uma vez, mas nesse momento ele não fez nada. Ela retrocedeu, e então, antes que a empurrasse, voltou a agarrá-lo em sua boca, acariciando a sedosa pele de seu membro com a língua.

— Sim, Becky — disse ele com a voz quase como um gemido. — Sim.

Fez uma e outra vez, mantendo o ritmo, movendo os lábios sobre ele, experimentando-o com a pressão e a profundidade de suas carícias, descobrindo que quanto mais fundo chegava, mais Jack estremecia. E quando se afastava, e movia a língua até a ponta, lhe tirava um pouco do cabelo e gemia.

Descobriu sua textura e sua forma, seu sabor e seu tato e imitava a forma em que ele se movia dentro dela para mover-se ao redor de seu eixo.

De repente, Jack apertou os punhos em seu cabelo e suas coxas ficaram rígidos.

— Vou... ah...

Foi incapaz de terminar a frase. Ficou imóvel, sujeitando-a com firmeza contra ele. Becky não pôde continuar... nem sequer podia mover-se. O membro dele contraiu entre seus dedos, entre seus lábios, sobre sua língua. E sua semente derramou-se em sua boca.

Ela fechou os olhos e engoliu convulsivamente uma e outra vez.

Finalmente, Jack ficou calmo, soltou-lhe o cabelo e se afastou. Becky permaneceu ali, aturdida, ele então, ficou de joelhos diante dela, apertou-a entre seus braços e beijou o topo de sua cabeça.

Ela se deu conta de que ele tremia.

— Deus, Becky. Não tinha que fazer isso. Não era minha intenção te obrigar...

— Mas... eu quis fazer. Não gostou?

— Se eu gostei de...? — afastou-se para olhá-la. Agarrou-a pelos ombros e a sacudiu um pouco. — Me encantou. Ninguém... bom... — interrompeu-se e negou com a cabeça. — Não importa.

Ela levantou as mãos cobertas com as luvas e tocou seu rosto para poder olhar para ele. Estava tão confusa.

— O que? Do que falava?

— Nenhuma outra mulher tinha feito isso por mim. — Conteve a respiração —. Sem... retribuição.

Becky franziu a testa.

— Por que não?

— Bem, mulheres... em geral, não parecem gostar muito disso.

Ela lambeu os lábios e sentiu o sabor penetrante e salgado. Em Jack escureceu o olhar então grunhiu baixinho.

— Seria muito depravado de minha parte se dissesse que eu apreciei muito?

Jack riu abertamente e a abraçou.

— Estaria ainda mais inclinado a pensar que sou o homem mais afortunado da terra.

— Devemos ir — sussurrou ela, embora seu corpo desejasse permanecer ali.

Suspirando, ele ficou em pé e a ajudou a levantar-se também. Arrumou as calças colocou as luvas, enquanto Becky prendia o chapéu de veludo. Agarrando sua mão, guiou-a para a porta. Quando a porta se abriu, os dois pararam de repente, boquiabertos pela surpresa que a figura que estava na soleira, causou.

Uma rajada do frio outonal os recebeu e o punho escuro de Garrett acertou o rosto de Jack.

Capítulo 16

O golpe fez com que Jack soltasse a mão de Becky. Cambaleou para trás e Garrett avançou sobre ele, pelo minúsculo vestíbulo, com o punho levantado para voltar a golpeá-lo.

Mas dessa vez, Jack estava preparado. Moveu-se para evitar o golpe e lançou um murro no estômago de Garrett.

— Basta! — gritou Becky. — Parem agora mesmo!

Agarrou o braço de seu irmão quando este o levantava para voltar a atingir Jack. Ficou nas pontas dos pés e se esforçou para apartar eles.

— O que está fazendo, Garrett? Pare com isso!

Seu irmão virou, olhou-a por um instante, então voltou a olhar para Jack, que grunhiu e levantou os punhos.

— Espere-me lá fora, Rebecca — ordenou Garrett, soltando-se de seu braço.

— Não!

Não voltou a olhá-la. Em troca, adotou uma postura de luta.

— Levarei você para casa assim que terminar com ele.

Ela suspirou.

— Não fará isso! Se eu for a algum lugar, será com Jack.

Garrett tentou lançar outro murro na cara de Jack, mas ele se esquivou.

Becky agarrou o braço de seu irmão e tentou retirá-lo com todas suas forças. Mais era como tentasse levantar um tronco de árvore. Não pôde movê-lo, mas conseguiu chamar sua atenção. Garrett lhe deu uma olhada por cima do ombro e franziu a sobrancelhas espessas e agora vermelhas.

— Basta de brigas! Acabou! Decidi me casar com ele. Estávamos saindo para ir para casa.

Seu irmão permaneceu rígido, virou para olhar Jack, que seguia com os punhos em alto, preparado para o seguinte ataque.

— Sequestrou você da casa de lady Devore. Ela veio me ver...

— Jack disse que para ela que eu viria com ele. Eu vim voluntariamente. Pedi que ele me tirasse de lá.

— Ela sabia que estava com ele, mas diz que esperava que retornasse para sua casa nessa mesma noite. Como não retornou, há mais de um dia, estava preocupada.

— Disse-lhe... — Começou Jack. Então apertou os dentes e negou com a cabeça. — Ela estava... com alguém. Estava distraída.

— Não há motivo para preocupar-se, Garrett — disse Becky. — Eu queria vir com ele, estávamos voltando para casa agora mesmo.

Seu irmão se virou para olhá-la nos olhos e a agarrou-a pelos ombros.

— É verdade o que me diz, Rebecca? Porque se ele a está obrigando, de algum jeito, se a ameaçou... dir-me-ia isso, certo? Não permitirei que te faça algum mal. É isto o que você quer?

Deu uma olhada em Jack. Um fino fio de sangue saía de seu nariz, por causa do primeiro golpe que Garrett lhe tinha dado.

— Sim, é isto o que quero. — Sorriu para Jack, ele relaxou e conseguiu sorrir em retribuição, quando seus olhos se encontraram. — Quero me casar com ele. — Sussurrou. — Mais do que tudo no mundo.

Pouco depois, os três estavam a caminho de Londres, apertados no interior da carruagem, em um tenso silêncio. Garrett franzia a testa, cada vez que Jack e Becky se aproximavam um pouco mais um do outro. Quando chegaram em Mayfair, Becky já sentia falta de seu corpo, desejava suas carícias, isso porque não tinha estado separada dele mais que umas poucas horas.

Mesmo assim, quando chegaram à entrada da casa de Garrett, Becky sentiu alívio de estar de volta, pelo ar gelado que penetrava dentro da carruagem em todo o caminho até Richmond, e seu agasalho inadequado para o clima. Desejava tomar uma xícara de chocolate quente e sentar-se diante de um bom fogo na sala com o Jack.

Entretanto, quando desceu da carruagem, Jack lhe agarrou as mãos, as roçou com os lábios e lhe disse adeus. Antes que tivesse oportunidade de protestar, tinha-lhe soltado as mãos e se afastava, com longas pernadas pelo caminho.

Surpreendida por sua abrupta partida, contemplou-o desaparecer pela rua Curzon e se virou para interrogar Garrett, mas descobriu que tanto ele como a carruagem também tinham desaparecido. Perguntou ao lacaio onde tinha ido Garret.

— Sua excelência está nos estábulos, desenganchando os cavalos, milady.

Ela negou com a cabeça ao constatar que seu irmão ainda insistia em fazer tudo sozinho. Subiu os degraus da entrada e se desabotoou as luvas. A casa estava silenciosa... muito silenciosa. Que estranho que Kate e tia Bertrice não tivessem ali embaixo para recebê-la. Com os dedos sobre os botões de pérola, deteve-se perto do pé da escada principal e inclinou a cabeça com curiosidade.

Depois dela, Garrett entrou soprando junto com uma rajada de ar frio. Sem se incomodar em fechar a porta, passou ao seu lado, direto para a escada. Ela recolheu as saias e se apressou em ir atrás dele.

— O que acontece? — perguntou, com o coração na boca.

— É Kate — falou. — Sam acaba de me dizer que está em trabalho de parto.

— Oh, meu Deus! — O coração de Becky batia forte contra o peito, apressou o passo atrás de seu irmão, subindo os degraus de dois em dois.

Garrett abriu de repente a porta do quarto do casal, com Becky atrás dele. O grupo de mulheres que rodeavam a cama olho-os com surpresa. As cortinas do dossel estavam abertas, Kate ficava à vista. Deitada de barriga para cima, com o

ventre subindo e descendo. Quando ouviu o som da porta, voltou-se para eles com a face ruborizada.

— Oh, Garrett, Becky. Estou tão contente de ver vocês. Sabia que chegariam a tempo.

A primeira hora da tarde, Becky estava sentada no leito de Kate, com seu novo sobrinho em seus braços. Aquele era o quinto filho de Garrett. Suas duas primeiras filhas legítimas — a primeira com o Sophie, a segunda com o Kate. Depois vinham Reginald, o meio irmão de Kate, e Charlotte, a filha ilegítima de Garrett, a quem Kate criavam como se fosse deles.

Quando Garrett se casou com o Sophie, tinham passado vários anos sem poder conceber, por isso ele pensava que não teria filhos. Agora tinha cinco e, finalmente, depois de tanto tempo, tinha conseguido um herdeiro. Embalado nos braços de Becky e chupando o pequeno punho, tinha nos braços o minúsculo filho de seu irmão.

Kate jazia na cama, descansando com sono leve e um pacífico sorriso nos lábios. Tinha tanto desejado dar a Garrett um filho varão durante anos e acabava de fazê-lo. O feliz pai estava em tal estado de alegria que tinha mantido a mãe e filho acordados por um longo momento, até que tia Bertrice finalmente o tinha tirado do quarto.

Tinham decidido lhe dar um nome simples: Henry. O pequeno Henry James, marquês de Winterburne. Nascido um pouco prematuramente, era muito pequeno, mas gozava de boa saúde. Era arredondado, cheio e rosado, com dobras nos braços e as pernas.

Becky lhe acariciou a aveludada pele da bochecha com o dorso do dedo e ele emitiu um suave balbuceio. Uma doce felicidade a embargou; era a coisa mais formosa que tinha visto.

Uma criada apareceu.

— Milady? — sussurrou.

Becky deu uma olhada para Kate, que ainda dormia, ficou em pé e se aproximou da criada para não despertar sua cunhada.

— Sim?

— Há um cavalheiro que quer vê-la.

A ela lhe acelerou o coração.

— O senhor Fulton?

— Sim, senhora.

Olhou o pequeno Henry, que se encolheu contra ela como se lhe pedisse que o protegesse.

— Levá-lo-ei comigo. Se sua excelência acordar, avise-me imediatamente.

A criada assentiu com a cabeça coberta por uma touca branca.

— Onde está ele?

— No salão, senhora.

— Não deixe sozinha sua excelência até que desperte.

A mulher voltou a assentir. Becky caminhou lentamente, com cuidado de não sacudir Henry, entrou no salão. Jack levantou os olhos, arregalou-os e se levantou da cadeira.

— O que é isso?

Ela sorriu. Teria se equilibrado em seus braços se não tivesse com Henry neles.

— O bebê de Kate e Garrett — disse em voz baixa. — Não é lindo?

— É... a duquesa teve seu bebê?

— Sim. Faz somente umas horas. Chegamos em casa bem a tempo.

— Estou vendo. — Trocou de postura, incomodado. — Onde está seu irmão?

— Na biblioteca, escrevendo cartas para anunciar o nascimento de seu herdeiro para o mundo. — Sorriu. — Jamais vi Garrett tão feliz.

E, embora estivesse cansada, não trocou a roupa desde que tinha chegado à casa, ela também estava muito feliz. O parto tinha sido fácil, diante do que eram os partos, tanto Kate como Henry gozavam de boa saúde. Igual com a Jessica, Becky não só tinha tido a honra de estar presente, mas também ainda se sentia flutuar, embargada pela beleza de tudo aquilo. Não havia nada como o pranto de uma criança recém-nascida, nada como vê-la abrir os olhos pela primeira vez e olhar um mundo completamente novo. Não havia nada como a expressão de uma mãe quando segurava seu bebê pela primeira vez.

Mas Jack era um homem e provavelmente não entendesse nada disso. Becky esboçou um pequeno sorriso e se encaminhou a um dos sofás, onde se sentou, segurando o bebê em uma postura cômoda para os dois.

Sorriu ainda mais quando Jack se sentou em frente a ela e olhou para o pequeno ser que tinha nos braços.

— Par onde fugiste antes? — perguntou.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Achou que eu devia ficar aqui?

— Claro.

— Não teria sido muito prudente.

— Está claro que não deseja ficar com sua família.

— Não, na verdade não. Mas por sorte, meu irmão e meu pai partiram para Londres, retiraram-se para Kent para o resto da temporada. Fui à casa de Stratford, com quem ficarei por uns dias. — Virou-se para olhá-la, deu uma olhada para o bebê. — É muito boa com as crianças.

Disse, mais como uma pergunta do que uma afirmação, Becky sorriu ao ver o corpinho que tinha em seus braços.

— Gosto muito de minhas sobrinhas e sobrinhos.

— Entretanto, acredita que nunca será mãe.

— Não acredito. — Olhou-o e sentiu uma opressão no peito. — Você... seria... faria você muito infeliz se eu fosse estéril?

Jack a olhou durante um longo momento.

— Jamais tinha pensado nisso antes de conhecer você, nem sequer tinha pensado em casamento. Muito menos em ser pai.

— Mas nesse caso nunca teria um filho... um herdeiro...

— O que poderia herdar meu filho? — Negou com a cabeça. — Não, isso não tem nada a ver. É só que... não sei.

Matrimonio, filhos. São coisas que não esperava que me acontecessem desde que...

Falhou-lhe a voz, mas Becky sabia o que tinha estado a ponto de dizer: «... desde que Anne se casou com outro».

Sentiu uma ponta de ciúmes. Tinha que controlar sua respiração para reprimi-lo. Não podia perguntar a Jack se era isso, nem sequer podia dizer o que tinha pensado. Mas queria, e muito, que ele a amasse mais do que tinha amado a Anne.

Era uma ideia tão egoísta que se ruborizou de vergonha. Entretanto, o fato de reconhecer seu egoísmo não contribuiu em nada para afastar a ideia. Queria o amor de Jack. Por completo. Não queria compartilhá-lo, nem sequer com uma mulher morta. E queria conservá-lo, não o perder com o passo dos anos por inconvenientes físicos.

— O que aconteceria se mais tarde decidisse que é importante para você ter filhos, e eu não puder lhe dar um?

Jack se levantou da cadeira e se sentou junto a ela. Atento ao menino que tinha nos braços, deslizou um braço sobre seu ombro, aproximou-a para ele e a beijou na têmpora.

— Meus sentimentos não são inconstantes. Jamais deixaria você por algo tão trivial.

— Para muitas pessoas não é um assunto trivial — disse Becky com uma voz tão áspera como a areia.

— É algo que nenhum de nós pode controlar. Se tivermos filhos, serei feliz, sobre tudo porque penso que te fará feliz. Se não podermos, então não há nada que possamos fazer a respeito e nenhum de nós deveria sofrer por isso.

Com uma repentina ferocidade que a deixou sem fôlego, Becky desejou ser capaz de conceber seu filho. Entretanto, estava quase segura de que não poderia.

— Obrigada. — Abraçou um pouco mais ao pequeno Henry. — Sempre podemos adorar nossos sobrinhos e sobrinhas, suponho.

Deu outra olhada no bebê.

— Sim.

Sua voz soou vacilante e ela riu brandamente.

— Acredito que está com medo.

Jack se ergueu.

— Não. Eu... é só que não vejo bebês com muita frequência E..., este é mais ou menos... parece sujo e arroxeado. Parece um boxeador.

Becky olhou para Henry e sorriu.

— Se parece com seu papai. Você gostaria de segurá-lo?

Jack se afastou dela.

— Não. Acho que melhor não.

Becky riu.

— Venha, não é tão intimidador.

— Não estou assustado.

— Estenda os braços.

Olhou-a um momento e logo estendeu os braços com rigidez. Ela colocou o pequeno corpo neles e dobrou-lhes brandamente os cotovelos em uma postura mais cômoda. Henry balbuciou, abriu os olhos, olhou para Jack e voltou a fechá-los. Ele o olhou fixamente, sobressaltado.

— O que acha? Não é tão ruim.

Jack a olhou, esboçou um sorriso torto e voltou a olhar para o bebê. Por um instante, Becky imaginou olhando para outra criança — o filho deles— e lhe deu uma pequena melancolia.

Bateram na porta e Becky deu permissão para que entrassem. Era um lacaio.

— Milady, vim lhe dizer que sua excelência despertou.

— Oh! Obrigada. Pode retirar-se. — Quando o homem fechou a porta, ela olhou para Jack. Não queria deixá-lo, mas sua principal responsabilidade nesse dia era para com Kate.

— Devo ir vê-la.

Ele assentiu.

— Claro. Mas antes de que vá, quero te dizer uma coisa.

— O quê?

— Fixei uma data para as nossas bodas.

Becky conteve a respiração.

— Quando?

— Em primeiro de dezembro às nove em ponto na igreja do St. George. — Fez um gesto com a cabeça e a olhou com um brilho desafiante nos olhos, como se esperasse que lhe dissesse que parecia muito cedo.

Pelo contrário, em seu interior, Becky notou um quente prazer ao escutar essas palavras. Em primeiro de dezembro era daqui seis dias. Em apenas seis dias ele seria só dela.

— Me alegro muito — murmurou. Durante um momento se olharam em silêncio nos olhos.

Henry balbuciou e o feitiço se rompeu. Becky segurou o bebê.

— Estarei preparada, Jack. Bom, já estou agora, mas suponho que no próximo sábado também estarei.

Ele sorriu.

— Bom.

— Nos veremos antes desse dia, certo?

— Tenha certeza que sim. Não poderia esperar tanto tempo antes de voltar a ver você.

Beijou-a na têmpora e, sorrindo, viu-a sair.

ᘓ ♥ ᘒ

PING. PING.

Becky abriu os olhos de repente. Ali estava outra vez. PING. PING. Plunk.

Os sons provinham da janela.

Esperou, inspirou brandamente, com os olhos bem abertos, e apertou as mantas contra o peito. E logo: PING.

Saiu da cama e, sem sequer colocar o roupão, aproximou-se da janela e abriu as cortinas de seda cor pêssego.

Inclinou a cabeça sobre o batente, olhou para baixo e esboçou um amplo sorriso.

«Jack.» Estava lançando pedrinhas de cascalho do caminho em sua janela.

Não havia ninguém no mundo a quem desejasse ver mais que ele. Tinha sentido sua falta desde que o tinha deixado na sala, no dia anterior. Essa noite tinha permanecido na cama, acordada durante o que pareciam horas, pensando em quão

fria e solitária era sua cama sem ele. Em como era solitária sem ele.

Jack a olhou e levou o chapéu ao peito. Seu aspecto era de um noivo: transbordante de entusiasmo, candura e desejo... tudo por ela. Invadiu-a uma crescente mescla de emoção e felicidade.

Apressou-se a destrancar e abrir a janela.

— Sobe — sussurrou ela.

Colocou o chapéu e não perdeu um só instante. Seu quarto ficava no canto da casa e uma viga coberta de rosas se estendia do chão até sua janela como uma perfeita escada. Quatro anos atrás, Becky e William Fisk tinham usado o mesmo meio para fugir para Gretna, essa noite, Jack Fulton subia para estar com ela.

Em poucos segundos, passou as pernas pelo batente e entrou. Voltou-se imediatamente para fechar a janela.

— Bom Deus, está quase sem nada por cima. Deve estar congelada.

Desde que o tinha visto, a única coisa que sentiu foi calor.

— Sobe como um macaco — lhe respondeu descaradamente.

— São anos subindo pelos equipamentos do barco Gloriana. — Passou a tranca pela janela e se virou para ela enquanto tirava o chapéu e o deixava no sofá. Nunca tinha estado em seu quarto, mas não se incomodou em estudar o interior do mesmo. Só estava concentrado nela.

Demorou um tempo para percorrê-la inteira com os olhos.

— Deus... — engasgou a voz e Becky viu como movia a garganta ao engolir— ... Senti tanto sua falta.

— Eu também senti sua falta.

Aproximou dela no mesmo instante que ela se aproximava dele. Passou-lhe a mão fria por detrás da nuca e com o outro braço lhe estreitou a cintura e a abraçou contra seu corpo.

— Não suporto estar longe de você — disse e seu hálito quente roçou-lhe o lóbulo da orelha. — Ontem, na sala. Deus! Não posso dizer como... Não há nada que odeie mais como quando se afasta de mim. Não quero que jamais te afaste de mim novamente. Quero ter você comigo. Sempre.

O tom vulnerável de sua voz a fez estremecer e esperou de todo coração não voltar a afastar-se dele.

— Eu também não gosto. — Acariciou-lhe o cabelo. — Odeio estar separada de você.

— Preciso de você — sussurrou Jack.

Seus lábios percorreram uma quente linha da orelha a sua boca e a suave carícia acabou em um possessivo beijo. Aferrando-a com um só braço, rodeou-lhe a nuca com a outra mão, apertando-a mais contra ele. Becky o abraçou, passou a pantorrilha sobre sua perna e roçou contra seu corpo com lascívia. Jack tinha a pele e a roupa fria, mas não lhe importou. Lutou para desabotoar as calças e levantou a camisola sobre os quadris, acariciando sua coxa.

— Necessito de você, Becky. Muito.

Soltou-o tempo necessário para tirar a camisola e lhe desabotoar o calça, enquanto Jack se desabotoava o colarinho da camisa.

— Ah! — Ofegou quando finalmente encostou sua pele nua contra a dele. — Está gelado.

— Mas não por muito tempo.

Baixou-lhe as calças e os calções. Os retirou com um chute, junto com seus sapatos e meias três-quartos, agarrou-a em braços, apertando seu peito contra o seu. Deus, ele era tão forte...! Nem parecia notar que estava suportando todo seu peso.

Rodeou-lhe os quadris com as pernas, estreitou-lhe o pescoço com os braços e o beijou outra vez. Sim, ele recuperava o calor, e o fazia rapidamente. E seu sabor era delicioso. Tão salgado, tão masculino. Tão próprio do Jack.

Com um rápido movimento, empurrou-a sobre ele e a penetrou com um profundo impulso. Ela ofegou enquanto Jack enterrava o rosto em seu pescoço.

Sobressaltada pela sensação, quão único podia fazer era aferrar-se a ele com todas suas forças. Jack empurrou ainda mais apoiando-a contra a parede. Logo começou a mover-se em seu interior com movimentos frenéticos e urgentes. Becky fechou as pálpebras, encostou sua testa no ombro dele e se sujeitou com força; a emoção, a luxúria e o anseio a invadiram e se mesclaram com o crescente carinho que sentia por aquele homem. Com seu amor por ele.

— Necessito-te — lhe sussurrou ao ouvido, empurrando-o cada vez mais fundo. Sentia-se preenchida, completa,

inteira. Incapaz de controlar a paixão, apertou-se mais ainda enquanto ele se movia em seu interior.

Acariciou-lhe o cabelo e o desejo a envolveu com tanta força que se mordeu o interior da bochecha para não soluçar com cada um de seus impulsos, com cada nova corrente de prazer que nascia no fundo de seu ser.

Quando os movimentos se fizeram mais fortes e urgentes, ela apertou as pernas sobre ele e lhe cravou os dedos nos ombros. O silencioso e áspero som de sua respiração enchia a estadia.

Becky apertou os dentes para não gritar e despertar a toda a casa, mas à medida que o prazer crescia foi separando os lábios. Fechou os olhos com força enquanto seu corpo vibrava com cada arremesso.

E então ela se transbordou. O prazer se desatou em seu interior como chamas de cores que esporearam suas extremidades. Curvou os dedos dos pés, cravou-lhe as unhas no pescoço e se aferrou ao Jack como se sua vida dependesse disso e lhe mordeu o ombro para enterrar seus gritos em sua pele. O orgasmo a sacudiu, invadindo cada um de seus sentidos com espasmos de êxtase.

Ao voltar em si, deu-se conta de que Jack também tinha alcançado sua cúpula, porque se mantinha rígido, exceto pelas sutis contrações enquanto liberava o final de sua semente em seu interior.

Abraçando-o com força, afrouxou os dedos onde havia cravado as unhas segundos atrás. Beijou-lhe as marcas que

seus dentes lhe tinham deixado no ombro e soltou um profundo suspiro de prazer.

Jack a baixou brandamente, deixando que seu corpo se deslizasse sobre o seu. Becky manteve os braços ao redor de seu pescoço e o olhou com olhos brilhantes.

— Tenho-te feito mal? — sussurrou ela.

Jack esboçou um sorriso torto e negou com a cabeça. Tinha-lhe doído quando lhe tinha mordido o ombro, mas também havia sentido uma pontada de prazer tão intenso que tinha perdido de vista algo que não fora entregar-se ao orgasmo mais poderoso de sua vida.

Estreitou-a contra si. Surpreendeu-se ao sentir um completo prazer ao notar sua pele contra a sua.

— Eu gosto quando me morde.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Sério?

— Humm. — inclinou-se o suficiente para beijá-la e suas respirações dançaram entre os dois. Riram e lhe pressionou os dedos sobre a pequena zona machucada e deixou de rir.

— Acredito que te tirei sangue, Jack. Sinto muito.

Ele a soltou um fugaz instante e logo voltou a segurar entre seus braços depois de tocar o local.

— Não podia... não estava pensando...

— Eu tampouco estava pensando — murmurou Jack—. Entretanto, por alguma razão, não posso me arrepender de haver tomado contra a parede, como um bárbaro. — Acariciou-lhe a têmpora—. Acredito que o desfrutaste.

Podia sentir o tremor que a possuía enquanto o olhava com seus luxuriosos e escuros olhos.

— Assim é... — disse em voz baixa — Isso significa que eu também sou uma bárbara?

Ele riu.

— Sim. E que sou um homem afortunado. Duplamente afortunado — acrescentou, ao recordar como lhe tinha dado prazer a manhã do dia anterior. Seu caprichoso pênis, satisfeito, sacudiu-se com renovado interesse ante essas lembranças.

— Alegra-me muito poder fazer que se sinta... duplamente afortunado.

Jack ficou quieto e, por um momento, foi incapaz de respirar. Aquela formosa mulher desfrutava lhe dando tanto prazer... era mais do que jamais poderia ter desejado.

Muito mais do que merecia.

Nos últimos dias, Becky foi a única coisa em que pensava. Em como conquistá-la e retê-la. Em apaixonar-se por ela. Tinha tentado ignorar a todo custo a ignominiosa natureza de suas intenções originais, mas estas voltavam a assaltá-lo. O fato de que a tivesse a perseguido com tanto ardor: era verdade que havia mais razões que o dinheiro que o atraíam, porque desde o início tinha sentido coisas mais profundas por aquela mulher. Entretanto, a fonte de sua atenção imediata e inquebrável tinha sido sua fortuna.

E logo lhe tinha tendido uma armadilha... tinha-o arrumado tudo para que os descobrissem...

Deus, quão mesquinho era!

— Becky. — Fechou as pálpebras e inclinou a cabeça. A culpa surgiu em seu interior e o sobressaltou. Como poderia ela perdoá-lo alguma vez? Como poderia ele perdoar-se a si mesmo? E agora se encontrava apanhado nas areias movediças de suas mentiras e afundando-se mais nelas cada dia. Não podia lhe dizer a verdade porque, se o fizesse, destrui-la-ia. Isso destruiria os dois. Mas se não o falasse, estaria vivendo uma mentira. O segredo tinha começado a corroê-lo.

Já não lhe importava o dinheiro. Não lhe importavam Tom Wortingham nem suas malditas exigências. A única coisa que importava era não perder aquela mulher, ficar com ela e não deixá-la ir jamais.

Becky deslizou um braço para sua mão e entrelaçou os dedos com os seus. Pressionou a palma contra sua ferida.

— Venha. Vamos deitar.

— Não posso dormir aqui — disse ele com pesar. Ela suspirou.

— Sei disso. Mas pode ficar por um momento, não pode?

— Sim.

Foram para a cama e deitaram de lado, olhando um para o outro. Com as mãos unidas, conversaram sobre o casamento. Sobre o futuro. De viagens que fariam algum dia e lugares exóticos, alguns dos quais ele já conhecia e falaram também sobre a família dela.

E, o que lhes pareceram longos minutos, o céu começou a ficar cinza e Jack soube que devia ir embora antes que o descobrissem.

Inclinou-se para ela e a beijou para despedir-se. Passou os finos dedos pelos flancos e pelos mamilos, fazendo-a tremer. Acariciou os seios, cobrindo-os com as mãos antes de beijar-lhe. Deslizou a mão entre suas pernas e a encontrou úmida e preparada. Levantou-lhe uma das pernas sobre seu quadril e a penetrou. Observou sua doce expressão de prazer enquanto deslizava em seu interior.

Depois que os dois tremeram um entre os braços do outro, Jack lhe deu um longo beijo e lhe disse adeus.

Levantou-se da cama, vestiu-se e saiu pela janela. Passou junto à cozinha, onde o burburinho matinal já tinha começado e os aromas de presunto e ovo fritos saiam pela janela, e escapuliu sem que ninguém na casa do duque de Calton desse conta de sua presença.

Capítulo 17

Becky estava no salão, contemplando pela janela um agradável entardecer de outono com um sorriso nos lábios. No dia seguinte ia se casar com Jack Fulton.

Jamais tinha sido tão feliz. Tinha entregue sua confiança e, cada vez que o via, ele demonstrava que a merecia. Tinha ido vê-la as últimas quatro noites e a tinha visitado de uma maneira mais formal durante o dia. Essa noite, no jantar, estava encantador, atento e particularmente atencioso com ela, que tinha notado a aprovação de sua família. Todos, de tia Bertrice até Kate e Garrett, gostavam de Jack. Apoiavam ele e concordavam com o matrimônio. Isso significava muito para Becky.

Virou-se para olhar o resto das mulheres. Kate ainda estava se recuperando do parto de Henry, mas tinha descido para a ocasião. Ela e tia Bertrice tinham jogado Whist contra Sophie e Cecelia.

Sua amiga tinha ido visitá-la no dia anterior e Becky tinha explicado para ela, o que tinha acontecido entre Jack e ela. Perguntou pelo homem de cabelo escuro na festa de máscaras e, a sua maneira despreocupada de sempre, Cecelia sorriu e lhe disse:

— Oh, já me ocupei dele. Não se preocupe, não brincará mais comigo.

Becky estava muito nervosa para jogar cartas, mas tinha convencido o resto das mulheres que deviam desfrutar de uma partida. Não queria que sacrificassem a diversão por ela e realmente preferia alternar atividades: olhar, sentar-se ao piano e passear. Os cavalheiros bebiam seu Porto na biblioteca e logo se encontrariam com elas no salão.

Jack estaria ali. Não podia pensar em nada que não fosse ele. Depois da conversa de noites atrás, sobre a dor que lhe causava quando ia embora, havia lhe custado muito afastar-se da mesa de jantar essa noite. Seria ainda mais difícil despedir-se dele mais tarde.

Mas a partir do dia seguinte estariam juntos para sempre.

Suspirou e foi para até a janela. Abriu as cortinas de seda verde e olhou a escuridão.

Uma neblina branca cobria o chão e só podia ver algumas pontas da grade de ferro forjado à distância. Uma lua cheia lutava para surgir entre a névoa, mas logo que conseguiu irradiou uma luz resplendorosa sobre o caminho.

Um movimento lhe chamou a atenção, baixou os olhos. O salão estava justamente em cima da entrada principal da casa e viu que Jack e Lorde Stratford descendiam os degraus, apressadamente.

Seu coração deu um pulo. Era impossível que estivessem indo embora!

Mas pararam no final dos degraus, absortos em uma conversa. Jack parecia aborrecido... não, parecia zangado, e o conde apoiou uma mão em seu ombro para acalmá-lo.

Becky virou para as mulheres sentadas na mesa de jogo.

— Vou sair por um momento. Desculpem-me!

Kate, a senhora da casa, e a que devia lhe dar permissão, levantou os olhos das cartas, com a testa franzida de preocupação.

— Está acontecendo alguma coisa?

— Não — mentiu Becky com a voz um pouco agitada. — Absolutamente. Só quero conversar com a governanta um detalhe para amanhã. Uma coisa insignificante. Não quero interromper seu jogo.

— Claro que pode ir falar com a senhora Krum, mas volte rápido, certo? Suponho que os cavalheiros retornarão logo.

Becky assentiu com a cabeça e sorriu para sua cunhada.

— É claro, Kate. Voltarei voando, prometo.

E, com essas palavras, saiu da sala.

Durante o jantar tinha ocorrido algo estranho, Jack tinha recebido um bilhete. Um lacaio tinha entrado dizendo que tinham entregue um bilhete urgente para o senhor Fulton. Ele tinha dado uma olhada à mesma e então deu de ombros, como sem lhe dar importância, e o tinha guardado no bolso do colete. Quando Cecelia perguntou sobre o conteúdo, disse-lhe que não era nada e a conversa seguiu outro rumo.

Mas Becky ficou pensando. O que podia dizer aquele bilhete? Quem o teria enviado? Era por isso que Jack estava

tão zangado?

Podia ser uma amante, pensou ela. Uma mulher ciumenta, furiosa por que ele ia se casar no dia seguinte, que queria despertar a ira de Becky lhe enviando um bilhete durante o jantar com sua família. Mas não tinha pensado que Jack pudesse ter uma amante em Londres. Embora, na realidade, nunca tinham falado disso. Ela não tinha perguntado. Possivelmente deveria ter feito isso.

Sem pegar o casaco, apressou-se a descer os degraus e saiu pela entrada de serviço. Quando abriu a porta, o frio penetrou por seu vestido de seda rosa, mas ela ignorou. Sem fazer ruido no cascalho, manteve-se na parte de terra e, nas pontas dos pés, avançou lentamente pelo lado da casa, com seus sapatos de seda, espiando pela grade que havia sob a janela de seu quarto.

— Oh, seu bastardo! — grunhiu Jack da entrada principal. Cuidando para não enganchar o vestido nos espinhos das rosas, Becky se inclinou entre os ramos e a casa, apoiando-se contra a parede e ouviu Lorde Stratford acalmar Jack.

— Shh! O que ele disse?

— Que quer mais dinheiro.

— Velhaco traidor. — A voz do conde estava cheia de ira.

— Olhe, aqui. Leia. — Ouviu o ruído do papel quando Jack estendeu o bilhete para Lorde Stratford.

Becky fechou os olhos e ouviu o que o amigo do Jack lia, sua voz era cada vez mais alta e denotava mais incredulidade a medida que lia.

Querido Jack, etc. Felicidades por seu iminente matrimônio, etc, etc. Recentemente me inteirei que Lady R. possui uma fortuna muito maior do que eu acreditava. Foi pouco amável de sua parte não me dizer isso, Jack. Devo acreditar que desejava ficar sozinho com todo o dinheiro da dama?

À luz destas revelações, acabo de determinar que a soma que anteriormente tinha pedido de quinze mil libras é muito baixa. Agora quero vinte e cinco mil.

A boca de Becky secou, apertou os punhos ao lado do corpo.

«Não.»

Stratford prosseguiu:

É obvio, entenderá minha urgência para te entregar esta mensagem, já que queria que soubesse das mudanças nos términos de nosso acordo antes de contrair núpcias. Teu, etc, T. W.

«Não, não, não.»

— Que condenado idiota — disse Stratford em voz baixa. Jack não disse nada e o conde suspirou. — Pague a ele. Dê o dinheiro assim que tenha acesso a ele e desfaça o problema.

— Vinte e cinco mil libras? — A voz do Jack era áspera. — É quase toda sua fortuna.

Com os punhos apertados ao lado do corpo, Becky se virou logo que pode ver o caminho.

— Acho que não lhe disse nada sobre este assunto.

— Nada. — Confirmou Jack.

— Pois deve dizer-lhe. Estou certo de que descobrirá cedo ou tarde, tanto se forem quinze mil libras como se vinte e cinco. Ela não é idiota.

Jack fez um som de frustração. Stratford suspirou outra vez.

— Não era exatamente como planejava que saísse tudo quando informou a sua família de seu encontro naquela noite no hotel Sheffield, certo?

Becky sufocou um grito. Logo que podia ouvir o que disseram depois, porque o rugido do sangue em seus ouvidos a ensurdeceu.

Será que foi Jack quem tinha planejado que os encontrassem naquela noite? Tudo o que aconteceu então tinha sido uma armação?

Afastou-se da casa segurando as saias. Tremia com tanta violência que os dentes estavam a ponto de tocar castanholas, mas apertou a mandíbula com força.

— Vinte e cinco mil libras. — O cascalho rangeu quando Jack se moveu inquieto.

Stratford suspirou.

— Bem, ou lhe diz agora ou depois, não faz diferença.

«Oh, sim que a haverá», pensou Becky com amargura.

— Mas pelo amor de Deus, espere que estejam legalmente casados — acrescentou o conde. Então soltou uma risada forçada. — A última coisa que precisa é que mude de ideia e não queira mais casar-se com você.

Outra vez, Jack ficou em silêncio.

— Escute — disse Stratford. — Wortingham é um estúpido e carece de bom senso. Quer que você se case, quer seu condenado dinheiro e, entretanto, põe tudo em perigo ao mandar esta noite um bilhete, enquanto está jantando com ela e sua família. Escute o que digo: Rebecca perguntará por isso logo, logo.

Não, não o faria. Não faria falta. Já tinha toda a informação que necessitava.

Jack grunhiu.

— Pode ser mais preparada que ele.

— Como? — perguntou Jack furioso. — Além de matar o maldito chantagista, não há nada mais que possa fazer. — Amassou o papel. — E nem sequer assassiná-lo funcionaria.

Becky não podia seguir escutando. Uma coisa estava clara: era igual a William, Jack a tinha seduzido por uma só razão: seu dinheiro. Era sua maldita fortuna o que queria. Não a ela.

Tinha se enganado outra vez. Tinha entregue sua confiança a um homem, tinha dado seu amor e seu corpo e o único objetivo que ele a queria, era por suas quarenta mil libras.

Sentiu um estremecimento. Ali fora fazia frio e não levava casaco. Tinha os dedos congelados.

Encaminhou-se para a porta. Cada um de seus passos no frio era uma mescla de dor e resolução.

Não. Aquilo não aconteceria. Não de novo. Não permitiria.

ଓ ♥ ଌ

Jack passou a mão pelos cabelos, com frustração. Estavam frios e notou isso através das luvas.

Stratford não podia entender por que não dizia a Becky. Já era ruim que a tivesse procurado com a intenção de usar seu dinheiro para pagar a um homem que queria extorqui-lo, mas o pior de tudo era que a tinha procurado pelas mesmas razões que seu primeiro marido. O homem que a tinha enganado, tinha mentido para ela, tinha tentado assassinar o duque e a ela também.

Se Becky descobrisse sua traição, jamais voltaria a confiar nele. Abandonaria ele.

Stratford ainda não lhe tinha perguntado por que Tom lhe pedia dinheiro. Provavelmente já o tivesse adivinhado. Provavelmente não queria saber.

Cravou nele seus azuis olhos.

— Não aconselho o assassinato. Deve haver uma forma melhor. Já demonstrou que não é a pessoa mais inteligente do mundo. — Assinalou a nota que Jack tinha amassado. — A escolha deste momento para entregar o bilhete era uma prova disso. Diga que só tem acesso a quinze mil por vez. Que o dinheiro não está disponível, que está retido em investimentos. — Encolheu os ombros. — Deve haver algo que se possa fazer.

Jack olhou para seu amigo e tentou controlar sua fúria e seu pânico. Colocou-se sozinho nesse desastre e agora não sabia como sair dele.

Não podia perder Becky.

Stratford suspirou.

— Não deveria estar pensando nisto agora.

— Não — resmungou. — Não deveria.

— Deveria estar pensando em sua formosa futura esposa, que está esperando você lá dentro. — Stratford apontou para a casa e então deu um passo para Jack, olhando-o inquisitivo. — Você se importa com essa mulher, não é?

Ele baixou as pálpebras. Diabo, sim, ela importava.

— E você importa para ela. Resplandece quando o olha.

Jack soltou um longo e grave gemido.

— Maldita seja, pobrezinha, o que estou fazendo com ela.

Seu amigo lhe deu uma tapa no ombro.

— Uma mulher apaixonada perdoa tudo, Fulton. Lembre-se disso. Agora vamos para dentro e tente desfrutar do que resta da noite. Amanhã, sofra durante seu casamento e depois terá muito tempo para pensar em como dirá a sua esposa sobre o dinheiro.

Abriu os olhos. Olhou o caminho, a porta que dava à rua Curzon. Uma espessa névoa apagava a luz de gás dos abajures da rua. Só se via um exíguo resplendor e Jack não podia ver muito além da porta de aço e a esporádica sombra de um cavalo ou de uma carruagem que passassem pela rua.

Tom estava por ali, podia sentir.

— Não vou fazer isso.

— Não vai contar sobre o dinheiro?

— Não. — Chega de ameaças, acabou a história de Tom, de ser egoísta e tratar de salvar sua pele. Nada disso importa. Seu engano tinha chegado ao fim. Não podia trair à mulher que amava. Terminaria com o Tom e então diria tudo a Becky.

— Ao demônio com o dinheiro. Tom Wortingham pode ir-pro inferno. Nem cinco libras nem cinquenta mil, de mim não receberá nem um só níquel.

ଓ ♥ ଌ

Becky se arrastou escada acima e se comportou como a feliz futura noiva pelo resto da noite. Deveria ter sido atriz, pelo bom desempenho de seu papel. Aproximou-se de Jack com ternura. Olhou para ele com olhos brilhantes. Brincou com ele com verdadeiro entusiasmo.

Depois da meia-noite, Jack, Lord Stratford, Cecelia, Tristan e Sophie foram para casa. Assim que o fizeram, Kate, que havia entrado e saído do quarto várias vezes para cuidar do bebê, colocou a mão sobre a dela.

— Qual é o problema, Becky? — Sua voz era baixa o suficiente para que Garrett, que estava falando com um dos servos, não pudesse ouvi-la.

Ela se virou surpresa.

— Nada, Kate. — Por que você pergunta?

— Há algo em seus olhos. — Você parece triste.

— Tolices. — Riu alegremente. — Eu não estou nem um pouco triste. Na verdade, nunca estive mais feliz.

— Você tem certeza?

— Claro. É só o nervosismo por amanhã.

Kate franziu a testa. Ela parecia cansada e mais velha, embora fosse apenas quatro anos mais velha que Becky.

— Eu tenho sido uma péssima amiga para você?

Becky engasgou.

— Não! Claro que não

Eu sinto que não passei um tempo com você que deveria. — Ele apertou a mão dela. — Eu tenho saudades de você.

— Você tem estado ocupada com as crianças. — Entendo. — Respirou profundamente. — E eu me senti ... — «Sufocado ...» —. Acho que tenho me escondido muito atrás de Garrett e de você. Depois de todos esses anos, parece-me que devo sair sob a sua proteção. Ainda te amo, Kate. Você ainda é minha melhor amiga e minha irmã.

Mesmo se ele estivesse mentindo para ela, era necessário. Algum dia, Kate entenderia. Becky não a envolveria nisso, não com um bebê de dois dias. Por outro lado, ela precisava ficar calma para controlar Garrett, que ficaria furioso.

Os olhos de Kate brilharam.

— Então você sabe que estou aqui, como amiga e como irmã. — Você pode me dizer qualquer coisa.

Becky assentiu com seriedade.

— Eu sei.

Ela disse adeus a ela antes que a tristeza a invadisse. Josie a encontrou em seu quarto e Becky permitiu que ela a ajudasse a tirar o vestido da noite, mas disse a ela para sair antes que desfizesse o penteado.

Quando a empregada saiu, Becky recolheu algumas roupas que lhe serviriam na viagem, colocou-as em uma bolsinha, juntou todo o dinheiro que tinha em mãos e abriu a caixinha laqueada onde guardava sua pistola.

Após a morte de William, ela passou alguns meses morbidamente fascinada por armas. Ela tinha lido tudo o que podia sobre o assunto e convenceu Garrett a ensiná-la a atirar. No auge de sua paixão, ela encomendou aquela pistola feita sob medida para ela em Londres. No momento em que o alcançou, ela já havia percebido que as chances de sua necessidade de se proteger diminuíram consideravelmente com a morte de William e que seu interesse por armas e disparos havia diminuído e que ela estava interessada em outras coisas.

Silenciosamente, ela abriu a caixa e removeu a arma de sua embalagem de veludo. Com movimentos lentos e precisos, ela o limpou. Quando ela terminou, pesou e olhou os presentes que Jack havia lhe dado. Os que ele usou para manipulá-la e fazê-la se apaixonar por ele.

Os deixaria lá. Todos. Não precisava deles. Mas em vez disso ela pegaria a arma. Doravante, ela se protegeria a todo custo.

Ela se sentou na beira da cama e esperou a casa ficar em silêncio.

Uma hora depois, os sons do corredor haviam parado, o que significava que a equipe havia adormecido. Ela vestiu um casaco velho, pegou uma lamparina e foi ao escritório de

Garrett, onde encheu a buzina com pólvora e carregou a pistola.

Saiu pela entrada dos criados, dirigiu-se aos estábulos, subiu a escada junto às portas da cabine e entrou no apartamento de Sam Johnson, o cocheiro-chefe de Garrett.

— Sam, — sussurrou e sacudiu o ombro dele. Não queria acordar os cavalariços e as paredes do estábulo eram finas.

— Sam, acorde.

— Hmm? O jovem abriu os olhos de repente e olhou para ela à luz do lampião. — Lady Rebecca?

— Sim, sou eu. Necessito que me ajude.

Sam se sentou na cama.

— É obvio, milady. — Logo recordou que só levava uma camisola branca e se cobriu com as mantas.

Becky lhe fez um gesto com a mão; não era momento de ser exigente.

— Não se preocupe por isso. Necessito que me dê alguma roupa. Umas calças e um par de camisas. E seu melhor casaco, se não te importar. — Sam era um homem miúdo; mais pequeno do o normal. Era dois anos mais velho que ela, mas por alguma razão, seu crescimento se atrofiou e, embora Becky era pequena, Sam jamais a tinha superado em tamanho.

Deu-lhe uma bolsinha.

— Isto é tudo o que tenho para te pagar no momento, mas posso te prometer mais para janeiro.

Ele abriu os olhos como pratos.

— Milady, eu...

— Por favor. Sabe que jamais te enganaria e que não faria nada para te prejudicar. É necessário que eu vá de Londres esta noite. Sozinha. Pode ser que o porquê fique claro a todos mais adiante, mas agora mesmo, quão único posso te dizer é que confie em mim. Conhecemo-nos de toda a vida, Sam Johnson. Não te mentiria.

Sam e ela tinham crescido juntos na mansão Calton, no Yorkshire, e ele tinha viajado frequentemente com a família quando foram à Londres. Agora, como cocheiro chefe, ia aonde eles fossem.

Sam abriu os olhos ainda mais.

— Milady! Não deve ir-se de Londres sozinha. Uma mulher só pelos caminhos em plena noite? — Negou com a cabeça decididamente —. Não, milady, minha consciência não o permitirá.

OH, Deus! Becky afogou um soluço de pânico.

— Por favor, Sam. Não compreende a importância disto. Por favor, faça por mim. Deve saber que jamais te pediria algo assim se não fosse importante.

Havia um trêmulo matiz de desespero em sua voz, mas não lhe importava. Não ficaria apanhada em Londres para que a obrigassem a casar-se com o Jack Fulton ou que tivesse que revelar as traiçoeiras intenções deste. Tinha que fugir.

Sam duvidou, mas finalmente, disse:

— Não posso deixar que se vá sozinha, milady. Então... bom... — Respirou fundo e com resolução— Nesse caso, devo ir com você.

Becky quase se jogou em seus braços. Entretanto, recompôs-se e falou com serenidade.

— Obrigado. Quando chegar a meu destino, pode retornar a Londres imediatamente. Em total, não deveria estar fora mais de uma semana.

Seguro que notariam a ausência do Sam, e Garrett se daria conta em seguida de que se foi com ela. Pensaria nisso depois. Prosseguiu:

— Devemos ir a cavalo. Eu montarei escarranchada. Podemos avançar mais rápido dessa forma e é a única maneira que tenho de viajar de maneira anônima.

Ao Sam lhe escureceu o semblante, porque não aprovava o plano, mas ela o ignorou e ele não tentou dissuadi-la abertamente. A velocidade era o mais importante nesse momento. Tinha que ir-se dali rápido. Não queria tomar uma diligência nem parar em estalagens, porque a encontrariam com muita facilidade. Uma vez que estivesse longe, poderia pensar melhor no que devia fazer e como lhe pedir a sua família que a perdoasse. Ao final o compreenderiam e a perdoariam, como sempre tinham feito. Mas nesse momento tinha que fugir. Não havia nada mais importante. Nada.

Ao Sam lhe agitou o peito com a respiração.

— Por isso queria usar minha roupa?

— Sim. — Respirou fundo —. Diremos que somos irmãos. Viajaremos ao oeste, para o Cornualha.

Seu destino era Seawood, a pequena casa que tinha pertencido a sua mãe. Ninguém tinha falado dela fazia anos; parecia que todo mundo se esqueceu do lugar. Mas Becky

não. Nunca tinha ido ao Seawood, mas era dela. Sua própria casa. Depois da morte do William, frequentemente tinha pensado que um dia o resto da família se cansaria dela e que então poderia fazer desse sítio seu lar. Mantinha bastante correspondência com o administrador, um tal senhor Jennings, que parecia um homem simpático. Surpreendê-lo-ia com sua chegada. A surpresa era inevitável, mas se as palavras do senhor Jennings em suas cartas eram certas, o lugar estava em bom estado e podia habitar-se.

Sam a olhou boquiaberto.

— Isso é muito longe para viajar a cavalo, milady. Uma viagem assim lhe suporia um grande esforço a qualquer homem e você não é mais que uma...

— Vou fazer, Sam. Se não me ajudar, encontrarei a alguém que o faça.

— Possivelmente deveria usar uma das carruagens de sua excelência.

— Não. — Não se levaria nada do Garrett.

— Possivelmente poderia alugar uma carruagem...

— Não, Sam. Não quero que me reconheçam. E, além disso, isso me obrigaria a ficar em Londres pelo menos até manhã.

Queria ir-se naquele mesmo instante.

Sam suspirou. Estava claro que não aprovava o plano, mas sabia que não tinha mais alternativa que levá-lo adiante.

— Minha roupa está aqui, milady. — Fez um gesto com o queixo para uma fileira de prateleiras que havia em um

espaço. — Abra a porta quando estiver preparada, eu estarei esperando-a na escada.

Cobrindo-os ombros com a manta com pudor, o jovem deu um passo e saiu da habitação. Quando fechou a porta, Becky revisou a escassa roupa da prateleira. Agarrou umas calças e uma camisa e os pôs rapidamente, também três pares de meias três-quartos e se meteu umas luvas nos bolsos das calças. Com outras calças mais e duas camisas nos braços, abriu a porta e permitiu que Sam voltasse a entrar. Lhe deu uma pesada roupa de lã.

— Um casaco para você, milady.

— Obrigado. — Becky deu uma olhada às prateleiras —. Só vi um par de botas.

— São as únicas que tenho — disse o menino. — As use você, eu agarrarei algumas do Pip. Tem um par a mais no estábulo.

Pip era o irmão menor do Sam e o segundo ao cargo dos estábulos. Ela assentiu e ficou com as botas; eram um pouco grandes, mas resultavam bastante cômodas com a quantidade de meias três-quartos que se pôs. Sam foi pelas botas de seu irmão, que certamente eram maiores que as suas, porque Pip não sofria seu mesmo problema de crescimento.

Quando retornou, levava as botas na mão.

— Pip está profundamente adormecido e pensei que era melhor não despertá-lo e ter que escutá-lo... — interrompeu-se desviou o olhar.

Becky soube exatamente o que não havia dito.

Pip teria se oposto ao que eles iriam fazer. Ele teria tentado evitar que se fossem. Possivelmente inclusive iria despertar ao Garrett. Essa era a razão pela que tinha escolhido ao Sam para a tarefa e não a seu irmão.

— Pensei lhe escrever uma carta para que não se preocupe com meu desaparecimento.

— É obvio. — Assentiu ela — Vou para os cavalos enquanto a escreve.

Uma vez no estábulo, escolheu uns arreios e umas alforjas e, com estupidez, conseguiu selar sua égua. Jamais tinha selado um cavalo sozinha em toda sua vida. Colocou o dinheiro e a roupa nas alforjas e guardou algum dinheiro e a pistola no bolso do casaco do Sam.

Que prática podia ser, pensou ironicamente. Inclusive vestida de moço para fugir de Londres. Inclusive com o coração destroçado.

Não pensaria nisso. Nesse momento, a autopreservação era mais importante que nada. E não podia suportar ficar em Londres. Não se Jack Fulton estava ali.

Sam chegou com um fardo de roupa, comida e um frasco cheio de vinho aguado. Agradecia-lhe enormemente que tivesse insistido em acompanhá-la; ela não tinha tido a sensatez de pensar em comida e bebida. Sam levava as botas do Pip e, tal como Becky tinha suposto, ficavam ridiculamente grandes. Comprar-lhe-ia um novo par no primeiro povoado que encontrassem pela manhã.

Ele revisou a sela de sua égua e ajustou as cilhas, logo escolheu um cavalo para si mesmo e o selou com presteza.

Meia hora mais tarde, saíam de Londres.

Capítulo 18

Jack se tinha comportado conforme ditavam as normas durante a noite, mas aquela condenada carta tinha diminuído sua capacidade de desfrutar de sua prometida como correspondia na véspera de suas bodas.

Enquanto foram na carruagem para a casa do Stratford, na praça St. James, Jack fervilhava por dentro. Quando chegaram, despediu-se de seu amigo e simulou ir-se à cama.

Mas não dormiu. Permaneceu aguardando até que os sons da casa deixaram de ouvir-se e então procurou em seu baú duas finas limas de metal e uma picareta. Logo, Ele deslizou pelas nebulosas ruas antes do amanhecer.

Tom Wortingham vivia no Wapping, onde tinha uma habitação alugada em uma miserável pensão. Jack tinha estado ali uma vez, quando cometeu o engano de visitá-lo depois de sua volta a Londres, em agosto.

Saltou por cima de uma boca-de-lobo e olhou a descascada pintura e as imundas paredes. Tom podia ter encontrado algo melhor. Era o filho de um vigário, o filho de um cavalheiro, mas como se gastou todo o dinheiro que seu pai lhe deixou, não tinha onde cair morto.

Jack penetrou no beco que dava à parte traseira da casa e olhou para o piso superior do edifício. Uma fileira de sete janelas quadradas indicava onde estavam as habitações. Tom ocupava a da extremidade oposta; era a única janela iluminada.

Jack voltou para a porta de entrada, uma fina lâmina de madeira, e a encontrou fechada. Solucionou-o abrindo-a com a picareta; a porta grunhiu sobre suas oxidadas dobradiças. O interior do corredor não tinha luz, assim mediu na escuridão para chegar à escada e logo subiu os dois pisos até a porta do Tom.

Hesitou uma vez em frente porta, pensando o que fazer.

«Ao diabo.»

Deu um passo atrás e logo investiu, golpeando a porta com o ombro. A débil madeira se fez lascas, com um estrondo que ressonou em todo o edifício. Ao Jack não cabia a menor dúvida de que todos os inquilinos o tinham ouvido, mas duvidava de que nenhum deles fosse correndo a ajudar a seu vizinho. Às pessoas que vivia em lugares assim não gostavam de meter-se em problemas.

Através da porta aberta, viu que Tom estava sentado em seu escritório, de costas à entrada. Levava uma bata cinza sobre uma camisola comprida listrada. Com o barulho, tinha dado um pulo e se virou na cadeira; tinha as mãos no peito, horrorizado.

Depois de um momento de silêncio, olhou ao Jack; tinha os olhos cinza-claros totalmente abertos. Ele ficou um

instante quieto na soleira e a fúria começou a crescer em seu interior.

Logo sua raiva estalou e foi poderosa como uma onda marinha. Cruzou a soleira, aproximou-se dele e lhe deu um murro. A cabeça do Tom foi atingida pelo golpe e todo seu corpo bateu contra a parede, fazendo tremer o cristal da janela. Do teto caiu uma fina chuva de gesso sujo.

Encolhido de medo, Tom levantou as mãos por cima da cabeça.

— Basta! — gritou, com voz fanhosa. — Não me faça mal.

Jack se meteu a mão no bolso e tirou a enrugada nota, que lançou ante os pés do Tom, descalços e sujos. O outro a olhou.

— Não — disse Jack.

Tom levantou a cara. O lábio superior estava inchando-se o rapidamente.

— Jack...

— Não vou te dar vinte e cinco mil libras.

— Eu sei que ela tem...

— Não verá um penique.

O outro respirou fundo e pareceu serenar-se.

— Bem, então sabe muito bem o que acontecerá...

— Não me ameace — disse Jack. Não lhe serviria de nada. Já não.

— Estava te fazendo um favor ao te mandar essa carta, sabe? Queria que soubesse que tinham trocado os términos antes de que te casasse com a moça.

Sobre o escritório havia umas folhas amarelas escritas. Jack viu a palavra «Anne» na parte de acima da folha e desviou o olhar do negro gancho de ferro. Tom sempre se teve por um escritor. Jack recordou as cartas de amor que tinha escrito a Anne. Centenas de páginas empilhadas sobre o velho escritório que tinha pertencido ao pai do Tom.

Ao ver que Jack olhava seus escritos, foi para a mesa e, com um brusco movimento do braço, fez cair algumas páginas.

Enquanto os papéis caíam a seus pés, ao Jack o invadiu a ira de tal modo que necessitou um momento para acalmar-se. Quando pôde controlar-se, disse-lhe:

— Passaram anos, Tom. Anos. Por que ainda lhe escreve?

O outro o olhou com desprezo e arqueou os lábios em uma careta de desgosto.

— Não o compreende, verdade? É tão lento, Jack. Amava-me, maldito seja. Ela me amava ... até que você... levou-lhe isso.

Ele o olhou fixamente. Isso só confirmava sua suspeita de que Tom não estava bem da cabeça. Anne sentia carinho por ele quando eram meninos, mas depois lhe tinha medo. Quando tinham quinze anos, Tom lhe tinha mandado a primeira carta de amor, com uma linguagem muita florida. Declarava que estaria disposto a matar-se por seu amor. Anne tinha ido correndo ao Jack, assustada. Ele a tinha acalmado, acreditando que não era mais que um

arrebatamento de ciúmes. Tom tinha visto quão próximos eram Anne e ele e sentia inveja.

— Roubou-me isso. É culpa tua que se foi. Tomou sua virtude e logo não pôde manter a maldita boca fechada e Turling a casou com aquele bastardo... — Tom engoliu em seco e lhe caíram lágrimas pelo rosto magro.

Jack apertou os punhos.

— Não pode me culpar por seu matrimônio.

— É obvio que posso. Você obrigou a seu pai a fazer o que fez. Fez tudo menos pedi-la em matrimônio. Não tinha mais alternativa que casá-la com o primeiro cavalheiro que aparecesse. — Enxugou-se furiosamente as lágrimas com o puído punho da bata.

De uma maneira perversa, tinha sentido. Entretanto... maldita fora, não. Não podia carregar com a culpa do matrimônio da Anne. A culpa era exclusivamente de seus pais. Eles eram os que, com sua avareza e sua mesquinhez, tinham-na obrigado a casar-se.

Jack afugentou esses dolorosos pensamentos. Não tinha sentido falar dela, jogar culpas, permitir que Tom Wortingham o enlouquecesse com isso. O passado tinha ficado atrás.

— Pelo amor de Deus, Tom. Isso foi há doze anos.

— Eu a amava. — Sacudiu um braço e deu um golpe na parede. Caiu outra chuva de gesso sobre os dois. — A amo! — O peito lhe agitou com um soluço.

Jack também a tinha amado uma vez. Mas tinha terminado. Sempre seria uma tenra lembrança, mas agora tinha uma nova vida. Finalmente, depois de todos aqueles

anos, voltava a sentir algo por alguém. Tinha algo pelo que lutar. E era algo importante.

— Deixa-a ir, Tom. Deve deixá-la ir.

— Não! — Negou com a cabeça com um vigoroso movimento e lhe balançou o cabelo pelas bochechas. — Não posso. — Inclinou-se para frente e abriu os olhos com determinação. — Não o farei.

— Ela se foi.

— Não, para mim não se foi.

Jack o olhou e quão único pôde sentir foi uma profunda tristeza. Tom era o único que ficava do passado, o único aviso da felicidade de sua infância e, Deus, estava louco de arremate.

— Nesse caso, faz o que queira. Não receberá nenhum dinheiro de mim, nem de minha esposa.

— Jack... — De repente, ao Tom lhe embaçaram os olhos e lhe quebrou a voz. — Jack, por favor. Eu... necessito-o.

O negou com a cabeça.

— Tenho problemas, Jack. Joguei. Não podia parar... não queria fazê-lo. Fiz promessas. E agora...

— Não.

— Por favor. Ameaçam-me. Vão matar me. De verdade, não era mero egoísmo o que me fez te pedir dinheiro: necessitava-o. Não lhe teria pedido isso se não o tivesse necessitado. Não sou tão ambicioso, já sabe. Mas, maldita seja, estou metido em uma confusão terrível. Devo dinheiro, Jack. Grandes somas de dinheiro. Se não pagar... — inclinou-

se para ele com os largos dedos em atitude suplicante. — Por favor, me ajude.

Apertou os olhos com força e logo os abriu. Do primeiro dia em que Tom o ameaçou, tinha-o suspeitado. Era parte do que o tinha levado a acessar a sua demanda, a esperança de poder salvar a seu velho amigo daquilo no que se converteu.

— Foste meu amigo muitos anos. Cuidávamo-nos um ao outro... e cuidávamos da Anne.

— Sim — sussurrou Tom — E... agora necessito sua ajuda.

— Se queria minha ajuda, deveria ter me pedido isso. Possivelmente poderia ter tentado te dar uma mão.

— Jack...

— Mas em troca me ameaçaste. Puseste em perigo meu lugar no mundo, minha vida.

Podia culpar ao Tom por obrigá-lo a lhe roubar o dinheiro a uma mulher inocente, mas, em última instância, esse pecado não era culpa do Tom, a não ser só dele.

Jack olhou ao homem que uma vez tinha sido seu amigo, seu magro corpo, seu rosto abatido, seus olhos claros, sua bata tão gasta, com buracos nos cotovelos.

E se deu conta de que, durante aqueles anos a bordo do Gloriana, ele tinha subsistido dentro de uma frágil bolha. Só desfrutava dos prazeres da vida e era incapaz de sentir nada mais que amargura.

Deixou de sofrer pela Anne quando sua mãe morreu. Incomodava-lhe sua própria vida... incomodava-lhe viver. Ao

Tom ainda lhe incomodava viver. De uma só olhada, qualquer um podia ver sua infelicidade, sua falta de alegria.

Jack podia compreender isso. O tinha vivido nesse estado durante muitos anos. Mas agora não. Uma mulher, uma pequena, frágil e formosa mulher o tinha convencido de que voltasse para mundo dos vivos sem sequer saber que o fazia. Com ela tinha sentido felicidade e alegria de novo. Com ela, ele experimentou o amor.

Possivelmente fosse muito tarde para o Tom, Jack não sabia, quão único sabia era que não era muito tarde para ele e que ia se agarrar esta nova humanidade com todas suas forças.

Tom se ergueu.

— Ainda tenho a prova, sabe? — disse-lhe, com o tom ameaçador de antes.

Jack negou com a cabeça. Tom ainda lutava pelo maldito dinheiro, enquanto que o único que ele sentia era o peso da tristeza por aquele homem que uma vez tinha sido seu amigo. Mas esse homem estava perdido. Se foi.

— Tem até o dia 15. Se vinte e cinco mil for muito...

— Um xelim é muito — lhe espetou Jack.

— Pensa fugir com aquela magricela? Já te hei dito que não é nada comparada com...

Jack lhe deu as costas.

— Realmente acredita que pode te fazer feliz? Alguém assim? Tão aborrecida, Jack. Tão fria. Tão insípida.

Ele pisou nas partes de madeira estilhaçada do chão, cruzou a soleira da porta e saiu ao sombrio corredor. A voz do

Tom se elevou como um uivo detrás dele.

— Não há felicidade para os homens mortos, Jack!

ଓ ♥ ଌ

A manhã de 1 de dezembro amanheceu brilhante e clara, cálida para a época, e o sol rapidamente afugentou todo rastro da névoa da noite anterior. Jack olhou pela janela do quarto de convidados da casa do Stratford. Era um dia formoso para uma bela nova vida, mas um certo constrangimento se instalou no peito.

Ainda não tinha recebido o presente dessa formosa nova vida. Ele havia levantado ao amanhecer com intenção de sair cedo da casa do Stratford. Vestir-se-ia para as bodas e logo se dirigiria à casa do duque. Ia contar tudo à Becky.

Se depois de tudo o que tinha feito, ainda o queria, começaria seu matrimônio com a consciência limpa. Becky e ele construiriam o resto de suas vidas sobre os alicerces da honestidade. Demonstrar-lhe-ia que merecia seu amor.

Se decidia o abandonar... Não. Não consideraria essa alternativa. Daria um passo de cada vez. Se depois de tudo o que tinha passado, Becky ainda o aceitava e Tom entregava sua prova às autoridades, Jack teria o respaldo de uma das famílias mais poderosas da Inglaterra. Essa família já tinha manipulado a lei antes. Possivelmente pudessem fazer o mesmo outra vez.

A esperança era quão único tinha para aferrar-se e se agarrou a ela com todas suas forças.

Afastou-se da janela, barbeou-se com a água que lhe tinha levado um servente e logo colocou seu colete mais elegante. Estendeu um braço para agarrar o fraque quando ouviu alvoroço ao outro lado da porta, que se abriu de repente.

Voltou-se e se encontrou com o duque do Calton na soleira, seu rosto desenhado com preocupação e a cicatriz de um vermelho brilhante.

— Que demônios? — perguntou Jack.

O frio olhar azul do duque percorreu a habitação e Stratford apareceu atrás dele. Finalmente, os olhos do Calton se fixaram no Jack.

— Ia perguntar-lhe exatamente o mesmo.

ᘓ ♥ ᘒ

Becky descobriu em seguida que passar muitas horas sem descanso em uma sela era muito mais exigente para seu corpo do que tinha acreditado. Sam tinha razão: não estava acostumada a uma cavalgada tão dura, nem a montar escarranchada, e depois de todo um dia a cavalo doía cada músculo do corpo.

Quando chegaram ao Basingstoke a tarde de que deveria ter sido o dia de suas bodas, Sam lhe disse que sua égua estava ainda mais cansada que ela e lhe rogou que ficassem na estalagem e esperassem a próxima carruagem à Cornualha.

Apesar de sua intenção de seguir adiante a toda costa, Becky acessou. Não queria arriscar a saúde de sua égua e as probabilidades de que alguém a reconhecesse naquela parte da Inglaterra eram mínimas. Finalmente, a carruagem da diligência viajaria mais rápido do que podiam fazê-lo eles ao lombo do cavalo.

A diligência chegou à entrada da estalagem de noite e só se deteve para deixar e retirar correspondência, trocar de cavalos e recolher passageiros. Durante essa parte da viagem, Becky trocou seu traje masculino por seu vestido de viagem azul escura, pois sabia tão bem como Sam que não havia forma de enganar o cocheiro nem a outros passageiros estando tão perto deles.

Vinte e quatro horas depois que partiram do Basingstoke, chegaram ao Cornualha, onde dormiram o resto da noite em uma estalagem no Launceston. No início da manhã, em 3 de dezembro, Becky alugou um par de cavalos e partiram para a costa.

Quando chegaram ao Seawood pela tarde, doía-lhe o traseiro, as costas e se sentia terrivelmente desconsolada.

Jack a tinha traído. Não era melhor que William. Cada pesado passo dos cascos do cavalo que a aproximava do Seawood lhe recordava essa verdade.

Durante o trajeto caiu uma boa quantidade de granizo sobre eles; estavam frios e molhados, apesar das capas de borracha que Becky tinha comprado no primeiro dia de viagem. O granizo finalmente tinha parado, mas uma fria neblina os envolveu quando se meteram em um pequeno vale

e atravessaram um esparso bosque. Cruzaram um riacho largo mas raso, antes de que o caminho subisse uma colina e, finalmente, Becky diminuiu a marcha ao ver a casa através das árvores que tinham diante.

A estrutura de dois pisos estava em uma planície amarela e marrom. Viam-se ervas e arbustos secos nas paredes exteriores de pedra. Justo detrás da casa, a costa rochosa terminava de repente e os penhascos descendiam até o prateado mar agitado pelo vento.

Sam, que avançava pelo estreito caminho rodeado de altas ervas, olhou-a com a testa enrugada. O vento o despenteou, lhe jogando algumas escuras mechas sobre a testa.

— Não pode ser esta, milady.

Seu coração deu um pulo e negou com a cabeça.

— É. Tem que ser.

As lágrimas lhe nublaram sua visão. O senhor Jennings lhe tinha mentido? Becky imaginava Seawood como uma formosa joia no oceano, antiga e doce, em excelente estado de conservação e equipada com todas as comodidades modernas.

Piscou com força e seguiu ao Sam. aproximaram-se pela clareira em direção à porta de entrada. Ela tentou não fixar-se em que a janela que dava ao oceano estava coberta com pranchas de madeira e não ouvir o som de uma janela que golpeava repetidamente contra a lateral da casa.

Sam deteve seu cavalo e desmontou perto da porta de entrada. Voltou-se para o Becky e arqueou as sobrancelhas;

ela se aproximou, tirou os pés dos estribos e desmontou também.

Sorriu-lhe com confiança e lhe entregou as rédeas.

— Bom, vamos ver se o senhor e a senhora Jennings estão aqui.

Sem esperar resposta, passou junto ao Sam e avançou para a porta, castigada pelas inclemências do tempo, demonstrando mais resolução da que sentia. Golpeou com energia. Não obteve resposta. Esperou, ergueu os ombros e endireitou a coluna. Tentou-o de novo.

Ninguém respondeu. Agarrou o trinco e tentou abrir. Estava fechada com chave.

«Mantenha a calma. Mantenha a calma.»

Fechou-se o casaco e se voltou para o Sam, confiando em que ele, como fizera nos últimos dias, contribuísse alguma ideia.

— Está realmente segura de que é a casa correta, milady?

Incapaz de falar, limitou-se a assentir com a cabeça. Deu um passo em direção a clareira para examinar a zona. O som das ondas contra o penhasco era um estrondo fraco, quase indistinguível entre o assobio do vento e o tamborilar da janela solta. As ervas tinham crescido em qualquer parte e embora o frio do outono as tinha reduzido bastante, era nítido que ninguém tinha cuidado muito do lugar nos últimos tempos.

— Não o compreendo — disse, mais para si mesmo que para o Sam— Isto não se parece em nada ao que me

descreveu o senhor Jennings.

Olhou para o interior, por onde tinham chegado. Percorreu o horizonte com o olhar e a deteve quando viu uma espiral de fumaça que se elevava sobre as árvores no vale.

— Sam, olhe ali.

Recolheu-se as saias de seu vestido de viagem e correu pela erva, logo desceu a encosta e continuou pelo caminho, afundando as botas na lama.

Uma casa muito menor que Seawood se via em meio de um bosque de árvores mais à frente do riacho, protegida do mau tempo e do vento pelas íngremes paredes naturais que formava o vale. Via-se uma luz na única janela e a fumaça saía em brancas nuvens da chaminé; era uma imagem acolhedora e agradável.

Becky bateu na sólida porta de madeira com o coração acelerado. Um homem magro e mais velho mas de aspecto afável abriu e saudou, arqueando as brancas sobrancelhas, inquisitivo.

Ela não respondeu a sua saudação. Assinalou em troca para a linha da costa e a casa castigada pelo vento do penhasco.

— Aquela é Seawood?

— Sim, senhora. É.

— Quem é, Wilfred? — perguntou uma trêmula voz feminina de dentro da casa.

Ele deu uma olhada para dentro; a voz chegava do outro lado de uma partição. Então se virou para olhar para Becky e ao Sam que estava junto a ela.

— Estou procurando o senhor Jennings. Tem ideia onde posso encontrá-lo?

O homem não respondeu em seguida.

— Bom, esse deveria ser eu, senhora — disse finalmente — Sou o senhor Jennings.

Becky estava cheia de fúria e confusão em partes iguais.

— Mas você disse... me perdoe — disse secamente—. Sou lady Rebecca Fisk, a proprietária do Seawood.

O homem subiu as sobrancelhas mais do que parecia possível e franziu o cenho.

— Lady Rebecca? Mas você está...? Bom. — Pareceu incômodo e se inclinou em uma reverência— Me perdoe, milady. Não a esperávamos.

— Não, não me esperavam. Mas agora aqui estou.

Ele separou os pálidos lábios, olhou-a fixamente e pareceu haver ficado sem palavras.

— Tenho intenções de ficar no Seawood — lhe explicou.

— Bom... — A voz lhe quebrou.

Uma mulher apareceu atrás do senhor Jennings. Seu cabelo branco combinava com o de seu marido, mas ela era redonda como uma maçã, enquanto que o senhor Jennings era enxuto.

— Perguntei-te quem... — interrompeu-se de repente ao ver os dois jovens.

Becky inclinou a cabeça.

— Sou lady Rebecca Fisk. É você a senhora Jennings?

A mulher moveu a boca, mas não falou.

Ela suspirou. Sabia que não a esperavam, mas inclusive assim, aquela era uma estranha bem-vinda a sua propriedade.

— Bom. — disse— Me parece que a casa necessita algum trabalho. Vi a janela quebrada do outro lado …

O casal de anciões a olhava fixamente, com os olhos abertos como pratos pela surpresa. Sam permanecia junto a ela, sem dizer nada.

— …mas deveria ver o interior, se não lhes importa — prosseguiu Becky— Suponho que têm uma chave.

— Não a esperávamos, milady — disse a mulher em um sussurro. Parecia ter perdido a capacidade de falar em voz alta.

— Sei — disse ela, impaciente— A chave?

A mulher saiu de seu atordoamento e fez uma reverência.

— Sim, senhora. — deu-se a volta e partiu depressa.

Becky olhou ao senhor Jennings.

Este se retorcia as mãos.

— Sua intenção não é realmente ficar no Seawood, verdade, milady? — A ideia parecia lhe produzir uma grande ansiedade.

— Sim, assim é. — Já não tinha deixado claro? Ele inclinou a cabeça.

— Me perdoe, mas não esperávamos sua chegada.

— Sou consciente disso. — Becky se esforçou por não perder a paciência. Fazia cada vez mais frio, estava escurecendo e quão único desejava era tomar um banho,

embora se dava conta de que possivelmente estivesse pedindo muito. Como mínimo, um fogo para esquentar-se. O senhor e a senhora Jennings os mantinham de pé na porta, sem fazê-los passar e o vento transpassava suas roupas molhadas impregnando-os até os ossos.

Becky arqueou uma sobrancelha e olhou ao homem.

— Está insinuando que a casa não está em condições de ser habitada?

— Bom... — disse o senhor Jennings sem responder.

— Você afirmou que era uma joia adorável. — Becky recorreu a toda sua valentia para não desmoronar-se ante aquelas pessoas. Recordou-se que era uma James. Devia mostrar-se forte. Respirou fundo e prosseguiu —: Você me escreveu em suas cartas que a casa estava em boas condições e que...

— OH, bom, todo isso é certo — se apressou a explicar o homem— Só está um pouco suja, possivelmente.

Isso era tudo? Becky soltou um grande suspiro de alívio.

— O que é um pouco de pó? Podemos passar parte da tarde limpando-a.

Jamais tinha limpado nada em sua vida, mas não podia ser tão difícil. O pó não lhe importava. Se limpar a distraía da traição do Jack Fulton, fá-lo-ia contente até o final dos tempos.

O senhor Jennings assentiu com gravidade.

— Sim, milady.

A senhora Jennings chegou com a chave. Becky a tirou da mão e os três serventes a seguiram, mantendo a distância,

enquanto ela retrocedia o caminho pelo chão de terra úmida até o Seawood. Tentou não coxear nem queixar a dor que sentia em cada músculo com cada passo que dava.

A chave entrou na fechadura facilmente, mas lhe custou um pouco fazê-la girar. Quando abriu a porta, encontrou-se com a poeirenta escuridão e o cheiro meio amargo da decadência.

Olhou com tristeza o sujo interior da casa. Demorou uns segundos para reunir coragem contra a tristeza, contra a dor que a acossava sem descanso, contra a desesperança de conseguir fazer daquele lugar um lar. Logo se voltou para os dois homens e a mulher que a seguiam.

— Bom, — disse animada— parece que temos que trabalhar um pouco se quisermos que este lugar esteja habitável para a hora do jantar.

ଓ ♥ ଌ

A família de Becky se uniu ao Jack em seu esforço por encontrá-la. Ao princípio, todos deram por feito que não podia estar muito longe; foi-se com o cocheiro e dois cavalos e quando revisaram suas coisas pessoais se deram conta de que se levou muito pouca bagagem. Uma mulher montando à amazona não podia percorrer uma grande distância.

Ao Jack, o duque e lorde Westcliff lhes levou três dias inteiros para percorrer Londres procurando-a. Em vão. Ninguém a tinha visto.

Também passaram três dias antes de que um dos moços do estábulo do duque descobrisse que não faltava nenhuma cadeira de amazona dos estábulos. Becky tinha montado... escarranchada.

A tarde de 3 de dezembro, o duque do Calton andava nervosamente pelo salão, retorcendo as mãos. Lorde e lady Westcliff ainda estavam percorrendo a cidade procurando Becky ou a qualquer um que a tivesse visto. Kate estava sentada em um sofá próximo, com lady Bertrice a seu lado. A duquesa aferrava o bordado que tinha no regaço, mas não bordava, enquanto a anciã alternava seus passeios pela habitação sentando-se imóvel junto ao Kate, com os lábios apertados e o cenho franzido, como se pensasse profundamente.

Jack permanecia rígido junto a uma das janelas. Sem podê-lo evitar, mantinha o olhar fixo na entrada, como se esperasse que Becky chegasse em qualquer momento montada a cavalo. Mas em realidade não a esperava.

Ele sabia. Tinha um horrível pressentimento que lhe fechava a garganta. Maldição, tinha-a procurado em cada rincão de Londres, tinha posto sua alma nisso, mas todo o tempo sabia que não a encontraria.

Se foi. Becky sabia. Devia sabê-lo. De algum jeito se tinha informado de que a tinha traído. Tinha lido a carta, ou os tinha ouvido falar, ao Stratford e a ele. Ou se tinha encontrado com o Tom e o muito bastardo o tinha contado tudo. O...

Em soma, não sabia como, mas sabia. Ela tinha acreditado nele. Quando o olhava, Jack podia ver verdadeiro afeto em seus olhos. Uma só coisa podia ter destruído essa confiança: que tivesse descoberto que a tinha cortejado por sua fortuna.

Ele mesmo o tinha procurado. Seus motivos tinham sido horríveis desde o começo e não lhe dizer a verdade o tinha piorado tudo ainda mais. Tinha-lhe prometido honestidade e a tinha enganado. Tinha-lhe mentido.

Agora, entretanto, Deus sabia que seus sentimentos não eram uma mentira. A forma em que a necessitava não era uma mentira. Muito tempo atrás, não podia especificar o momento exato, sua necessidade dela lhe tinha se infiltrado na pele e agora lhe corria pelas veias.

Rugas profundas se formavam na testa do duque do Calton.

— Maldita seja, não compreendo.

Jack não respondeu.

— Jamais compreendi totalmente Rebecca nem suas motivações, mas nunca, nunca teria esperado que fizesse algo assim. Ela estava tão... — Fez uma pausa e pensou— Tão entregue a esta aventura. Tão decidida a seguir adiante, contudo. Que tenha fugido... é o último que esperava.

Que demônios podia responder Jack a isso? Não podia revelar a verdade, mas tampouco podia fingir que não compreendia o que acontecia. Assim permaneceu em silêncio e voltou a olhar pela janela.

— Tem razão — disse a duquesa— Só o mais puro desespero pode ter levado Becky a atuar assim. Aquela noite

se comportou de uma maneira tão estranha...

— Ah, sim? — perguntou o duque— Eu não o notei.

— Bom, tentou mostrar o mesmo ânimo e a mesma emoção dos dias anteriores, mas algo a tinha alterado. Notou-o você, senhor Fulton?

— Não — respondeu Jack. Deveria ter emprestado mais atenção, mas estava muito nervoso pela maldita carta do Tom. Estava indignado consigo mesmo. Se soubesse, faria algo para detê-la.

Becky provavelmente sabia. Por isso não lhe havia dito a ninguém aonde ia, nem por que partia e desse modo lhes tinha feito pensar, erroneamente, que estava escondida em algum lugar de Londres.

Jack sabia que não estava perto. Não tinha nem ideia de aonde tinha ido, nem de se estava a salvo ou com problemas, mas se não a encontrava logo se voltaria louco.

Ergueu-se e se virou para o duque.

— Devo encontrá-la.

Garrett cravou seus gélidos olhos nele e assentiu com gravidade.

— Devemos encontrá-la.

— A que lugares fora da cidade pode ter ido?

O duque deu uma olhada às mulheres.

— Jamais retornaria ao Kenilworth — murmurou a duquesa.

— À mansão Calton — sugeriu lady Bertrice— Aconteceu ali a maior parte de sua vida e a considera seu lar.

Possivelmente se sentisse em sua casa na mansão Calton, mas Jack não estava seguro de que ela escolhesse ir ali.

— Onde mais pode ter ido? Há outras pessoas ou residências que ela conheça? Onde vivem seus amigos?

— A mansão do Tristan se encontra no Yorkshire — respondeu o duque— Ao leste da mansão Calton. Sabe que ali seria bem-vinda.

— Quando era menina, não saíamos muito da mansão Calton — disse lady Bertrice— Desde que enviuvou, viveu sempre comigo ou com o Garrett. Jamais se aventurou além dos lugares que conhece.

— Partirei imediatamente para o Yorkshire — disse Garrett— Se tiver ido ali, encontrá-la-ei.

«Os lugares que conhece...» Enquanto Jack observava à família do Becky, a verdade o surpreendeu. Davam por feito que tinha ido a um lugar conhecido, mas ela se sentia prisioneira e desejava ser livre. Não tinha ido ao Yorkshire.

— Acredito que sei onde está — disse tranquilamente. De repente, esteve seguro. Tinha todo o sentido.

Todos o olharam inquisitivos.

— Falou-me de uma casa em Cornualha que tinha pertencido a sua mãe.

Lady Bertrice fez um gesto de desdém.

— OH, esse velho casarão! Estou segura de que não é mais que um montão de ruínas.

— Nunca me mencionou — comentou isso o duque.

Jack olhou à duquesa, que assentiu com firmeza. Estavam pensando o mesmo. Becky tinha ido ao único lugar que lhe pertencia. O único que lhe parecia o suficientemente longínquo e no que ninguém tinha pensado durante anos. O lugar onde poderia estar sozinha e ser independente pela primeira vez em sua vida.

Becky tinha ido ao Cornualha e ele ia a encontrar ali.

Capítulo 19

O árduo trabalho não fez que Becky esquecesse, mas ao menos a fez abandonar a pena. Os músculos lhe ardiam de fadiga. Ajudada pelos três serventes, tinha lavado, limpado e inclusive tinha martelado quando necessário.

A manhã de sua chegada ao Seawood, escreveu-lhes uma carta a seu irmão e a Kate, lhes explicando onde estava e lhes dizendo que precisava estar sozinha um tempo. Tinha enviado Sam ao povoado a enviar a carta e logo tinha retornado ao trabalho.

Compreendeu em seguida por que o senhor Jennings lhe contava tantas maravilhas do Seawood. Não era uma joia brilhante, mas se tinha mantido, firme e resistente, ao bordo daquele penhasco durante duzentos anos. Um temporal recente tinha quebrado a janela da frente e tinha prejudicado o teto, mas o coração da casa permanecia intacto; enfrentou o clima com grande dignidade.

O senhor Jennings tinha vivido ali durante toda sua vida, pois seu pai tinha sido o administrador antes que ele. Adorava o lugar, por muito ventoso e hostil que fora. Para ele, não havia lugar no mundo que o superasse em beleza.

A mãe de Becky viveu ali quando criança e também seus pais; todos eles tinham morrido quando Becky era muito pequena, mas no Seawood encontrou suas velhas posses, roupas e cartas. E no Seawood, a família de sua mãe lhe começou a parecer real pela primeira vez em sua vida.

Havia lareiras nos quatro cantos da casa; um requisito indispensável para estar aquecido em um dia tempestuoso de Cornualha. O edifício estava dividido em nove estadias repartidas em dois pisos: cinco dormitórios, um salão, uma sala de jantar, uma cozinha com uma pequena copa e sua correspondente despensa, e um escritório. Havia além outras três habitações adicionais no sótão para os serventes.

Quando entrou pela primeira vez na casa, Becky pediu ao senhor Jennings que mostrasse a propriedade e escolheu uma habitação para usar como dormitório. Não tinha escolhido a maior nem a destinada à esposa do dono da casa, a não ser a habitação que o senhor Jennings lhe disse que tinha sido a de sua mãe.

Passaram o resto do dia esfregando o quarto, tirando o pó de cada greta dos postes de madeira esculpida da cama, sacudindo os tapetes e esvaziando o armário de roupa velha.

A habitação estava pintada de uma cor verde clara e Sam tinha começado a tirar a pintura descascada, exponho uma camada amarela que havia debaixo, o que dava às paredes um aspecto descuidado.

Becky não se importava. Quando chegasse a primavera, faria que voltassem a pintar e a reformar a casa. De

momento, quão único queria era ter um lugar limpo para dormir. Um lugar onde chorar sua perda.

Não, não choraria, pensou a segunda manhã que passou no Seawood ao entrar na cozinha, suja de graxa e de pó. Levava um trapo sujo na mão e a pistola no bolso do vestido. Não tinha por que chorar. Não tinha perdido nada. Ao ir ali se liberou de um homem que lhe tivesse causado mais tristeza do que William. Só podia agradecer a Deus ter descoberto sua traição antes de casar-se com ele.

Tinha saído ganhando. Ou Jack seduzia a outra pobre moça enriquecida ou tanto ele como o homem que tinha escrito a carta — Wortingham, como o tinha chamado o conde — teriam que arrumar-lhe sem sua cobiçada fortuna.

Não lhe importava nenhum dos dois casos.

Embora pensar no Jack olhando a outra mulher da mesma maneira em que a tinha olhado para ela... Isso a deixou arrepiada. Cada manhã despertava com o estômago revolto e o coração aflito. Desejava poder advertir a cada mulher de Londres de quem era Jack. Explicar-lhes como lhe tinha mentido; como lhe tinha feito promessas de amor e acariciado de um modo que faria derreter a qualquer mulher... mas tudo tinha sido um engano.

Entretanto, não podia revelar sua traição; ao fazê-lo, a única coisa que provaria seria o quão tola, apaixonada e ingênua ela era. Cecelia lhe havia dito que era misteriosa e imprevisível e que isso lhe dava poder. Bom, tinha usado esse poder para desaparecer a véspera de suas bodas. Após, faria

as coisas a seu modo. No sucessivo, sua independência seria sua melhor arma.

Enquanto Sam e o senhor Jennings limpavam as lareiras e as acendiam, Becky ajudou à senhora Jennings com a cozinha. A mulher tinha encharcado a prata com água e sabão, enquanto ela olhava consternada as camadas de gordura acumuladas durante anos nos fogões.

— Senhora, coloquei um pouco de lixa com sabão para ajudá-la com isso — disse a senhora Jennings e lhe entregou um recipiente cheio de uma massa arenosa.

Becky olhou o recipiente, o trapo e logo à mulher.

— O que faço com isto?

— Vá!, tem que esfregá-lo. — afastou-se da prata, secou-se as mãos rachadas no avental, agarrou o trapo e o lubrificou na massa cinza— Assim, vê?

Ela assentiu.

— Acredito... que sim. — Tinha que esfregar o trapo sobre a gordura, e aquela massa ajudaria a tirá-la. Perguntava-se por que, com todos os livros que tinha devorado em sua vida, nunca tinha lido um sobre os afazeres do lar.

A senhora Jennings foi para a cozinha e seus os ombros caíram. Depois de vê-los trabalhar no dia anterior, Becky se deu conta imediatamente de que a senhora e o senhor Jennings estavam muito idosos e se cansavam logo. A maior parte do trabalho dependia dela e do Sam, a quem já deveria ter enviado a Londres para seu irmão, mas não podia prescindir dele ainda.

Disse-lhe à senhora Jennings que se sentasse à pequena mesa que havia no centro da cozinha e que lhe explicasse como limpar o forno. Era um trabalho sujo, asqueroso, e, quando terminou, Becky tinha o coque desfeito e os braços estavam sujos de graxa até os cotovelos, mas tanto a cozinha como o forno reluziam.

O simples fato de estar sentada ali tinha deixado à senhora Jennings exausta, assim Becky a enviou de volta a sua casa e lhe disse que se tomasse a tarde para descansar. Ela se sentou à rústica mesa da cozinha, comeu um pouco de pão e queijo e bebeu uma jarra de cerveja de campo. Embora não estava acostumada, saciou sua sede e a acalmou. Deu-lhe a sensação de que podia enfrentar-se ao resto do dia.

Estava claro que teria que contratar empregados, mas de momento só queria trabalhar, trabalhar e trabalhar. Não podia ver nada no futuro mais à frente do trabalho e não podia desejar nada mais.

Deus não quisesse que se voltasse tão melancólica como no Kenilworth, quando estava casada com o William e tinha descoberto que seu matrimônio era uma farsa. Então se sentava desinteressada no salão, a esperar que passasse o dia, olhando as páginas dos livros, lendo, mas sem absorver as palavras, com o medo e o desespero carcomendo-a e piorando com cada hora que passava.

Não se converteria outra vez naquela mulher. Não desperdiçaria seus dias lamentando-se de si mesmo. Seria produtiva. Faria daquela casa seu lar. Inteirar-se-ia de coisas que sua família não sabia. Quando completasse todas essas

tarefas... encontraria alguma outra. Faria algo para demonstrar que era uma mulher capaz e, sobre tudo, independente.

Essa vez seria forte. Embora isso significasse que tinha que arrastar seu coração quebrado aos profundos esconderijos de sua alma e esquecê-lo ali.

Quando terminou de comer, subiu a escada para a habitação principal. Ali era onde dormia seu avô, sir Barnaby Wentworth. Era uma habitação pequena, muito masculina, decorada em tons de marrom e vermelhos intensos. A cama estava decorada com magníficos pilares de mogno esculpidos e pesados dosséis de veludo. Fitas de seda de pau-rosa alinhavam- se nas paredes e na outra extremidade, havia altos armários para combinar.

Depois de examinar brevemente a cama e determinar que as cortinas estavam roídas e teria que as tirar, Becky foi para os armários. Abriu as portas e encontrou roupa de homem de outra época: camisas de linho amareladas, suspensórios, calções, meias três-quartos, calças de camurça e de lã, um par de coletes e sobretudos.

Na gaveta de abaixo havia uma pilha de luvas e velhos lenços de pescoço e, enterrado entre essa roupa, encontrou um pacote de cartas. Aproximou-se da única cadeira da habitação, uma peça de madeira de aspecto sólido, encosto alto e assento estofado de veludo, desatou o laço que sujeitava o montão e viu que eram todas cartas de sua mãe a seus pais.

Abriu a primeira. Estava datada em novembro de 1800, justo quatro anos antes de que Becky nascesse. Sua mãe tinha dezoito quando a teve, assim devia ter uns quatorze quando escreveu essa carta.

Queridos mamãe e papai:

Por favor, permitam retornar a casa. A escola é espantosa e a odeio imensamente.

Sua muito infeliz filha,

Mary

A seguinte estava datada seis meses mais tarde e dizia:

Queridos mamãe e papai:

Estou com muitas saudades. Não lhes vi há seis meses. Não me permitirão ir com vós ao Seawood este verão? Madame Latrisse diz que vou muito bem com as lições e que não me atrasarei absolutamente se for umas semanas.

A temporada foi muito ocupada em Londres, mas o clima foi tão espantoso que o sinto pelas moças que procuram marido e vão daqui para lá pelo barro e sob a chuva. Me alegro de não ser uma delas.

Sua filha que lhes quer,

Mary

Becky continuou lendo. Tremiam-lhe as mãos ao ler cartas escritas de punho e letra por sua mãe. Estava claro que tinha amado muito a seus pais e que sentia muita falta deles, mas eles não lhe tinham permitido retornar a casa.

Tinha sentido que todas os pertences que havia na habitação de sua mãe parecessem as de uma menina pequena, pois quando tinha completo certa idade, tinham-na mandado para longe e jamais lhe tinham permitido retornar.

Os avós do Becky, embora tinham pago a educação adequada para uma dama distinta e depois lhe tinham costeado a temporada em Londres, tinham renegado de sua filha e a tinham esquecido. Entretanto, conservavam todas suas cartas. Era estranho. Tinham-na amado o suficiente para guardar suas cartas, mas não tinham permitido que ela retornasse. Mostraram-se frios e distantes, ignorando as súplicas de amor de sua filha, mas a julgar pela fileira de retratos de sua mãe que havia sobre a lareira, estava claro que jamais a tinham esquecido por completo.

O coração de Becky afundou ao observar o triste olhar nos olhos de sua mãe no retrato que havia em um extremo da lareira. Deviam havê-lo pintado quando ela tinha onze ou doze anos. Becky tinha crescido pensando que a tristeza da mulher era culpa dela, que a tinha decepcionado por algum motivo, mas nesse momento se deu conta de que sua melancolia tinha começado muito antes de seu nascimento.

Já maior, sua mãe se tornou mais desafiante e suas cartas começavam a falar de amigos e festas, das filhas dos nobres e dos solteiros disponíveis da boa sociedade. Depois não houve correspondência durante um ano inteiro. Posteriormente havia duas cartas e a penúltima era muito curta.

Odeio-lhes aos dois e o odeio a ele. Não me importa se for um duque. Serei infeliz para sempre.

Becky olhou a missiva durante um momento. Seu pai tinha morrido dois anos antes que sua mãe e ela tinha muito poucas lembranças dele. Mas sempre tinha tido uma sensação de terror quando pensava nele e sabia que Garrett não guardava boas lembranças.

Levou-se a carta ao peito e fechou as pálpebras. Tinha sido sua mãe como a Anne Turling do Jack? Casada com um homem que alguma vez tinha amado, só porque era nobre?

Levantou a vista para ouvir passos no corredor.

— Senhor Jennings! — chamou.

O homem se sobressaltou e apareceu à porta. Tinha os braços cheios de roupa de cama que levava para lavar.

— Sim, milady?

— Você conheceu minha mãe, verdade?

— Vá, sim, é obvio que a conheci. — Um sorriso revoou em seus lábios— Você é sua viva imagem, milady.

Becky assentiu. Haviam dito muitas vezes. Por regra geral, os James eram altos e de cabelo avermelhado, como Garrett. Becky em troca era filha do segundo matrimônio de seu pai e não tinha herdado os fortes traços próprios da família.

— Como ela era?

O senhor Jennings se apoiou no marco da porta, lhe acentuaram as largas rugas da testa e pensou um momento.

— A última vez que a vi, devia ter dez ou doze anos. Uma menina bastante mimada, mas muito doce, com um sorriso

sempre pronto para todo mundo.

— E logo se foi — disse Becky.

— Sim, foi. Não estava muito de acordo com isso, se bem me lembro.

Ela assinalou os papéis que tinha no regaço.

— Acabo de ler suas cartas. Parece que não estava nada satisfeita.

— E depois todo o assunto com o duque, coitada.

— Que assunto?

O homem abriu os olhos como pratos.

— Não sabe nada disso? — Negou com a cabeça, como se queria repreender-se a si mesmo— É obvio que não sabe nada. Nem sequer tinha nascido. Não tem importância, milady.

— Me diga.

— Não, não importa.

— O que passou entre meu pai e minha mãe? Quão único sei é... — Olhou o gasto pergaminho que tinha no regaço— ... que minha mãe... odiava-o.

O senhor Jennings se coçou a cabeça.

— Bom, já abri minha boca e estraguei tudo, verdade? Desejaria não tocado no assunto.

— Mas o tem feito — disse Becky com gravidade— Agora deve terminar o que começou.

O homem desviou o olhar para a poeirenta cortina que cobria a janela.

— De jovem era um pouco propensa a paquerar. Ao menos, isso era o que se dizia. E então, bom, tenha em conta

que não posso garantir a veracidade da história, você me compreende, eu não sou mais que um servente e às vezes só escutamos parte da história, não a história completa.

— É obvio que lhe compreendo — respondeu ela— Por favor, continue.

— Bom, isso era o que se dizia, que gostava de paquerar com moços. Uma noite, durante a temporada, quando tinha dezoito anos, foi a um baile e se embebedou com ponche... — Fez uma pausa, preso da incerteza.

Becky se endireitou e ficou muito quieta na cadeira. Nunca tinha ouvido a história de como se conheceram seus pais.

— Por favor, senhor Jennings, prossiga.

— Bom, milady, dizia-se que ela se insinuou ao duque do Calton. Como este era de uma natureza selvagem, Ele levou muito a sério esses avanços, por assim dizê-lo.

— Ele... seduziu-a?

O homem olhou os lençóis que ainda usava e afrouxou a gola da camisa.

— Bom, não exatamente, milady. O que se diz é que ele... tomou grandes liberdades com ela. — Engoliu com dificuldade — Me atreveria a dizer que foi uma imensa bênção que seus pais, seus avós, milady, fossem em seguida a Londres e o obrigassem a fazer o correto com a jovem dama. Acredito que se casaram em menos de duas semanas.

Depois de um longo silêncio, Becky lhe sorriu e assentiu com a cabeça.

— Obrigado por me contar isso senhor Jennings. Jamais... bom, nunca o tinha ouvido.

— Sinto que tenha tido que sabê-lo por mim, milady. É uma história muito triste, suponho. Bom, exceto por seu final, claro.

— Seu... final?

— Vá, sim, é obvio. A senhorita Mary chegou a ser duquesa. — Sorriu ao dizê-lo, como se ser duquesa fosse a maior glória a que uma mulher pudesse aspirar.

— OH, sim — respondeu ela fracamente— É obvio.

O senhor Jennings se ergueu.

— Bom, — com o queixo, assinalou os lençóis sujos que levava entre os braços— será melhor que eu desça com isto. A senhora Jennings deve estar perguntando-se onde estou.

Becky assentiu distraidamente. Logo que notou que ele fechava a porta enquanto abria a última carta, que dizia o seguinte:

Dezembro de 1804

Mamãe e papai:

Obrigado por sua recente carta; alegrou-me receber suas notícias. Agradeço-lhes suas perguntas sobre a saúde de sua excelência. Ele está excepcionalmente bem, lhes posso assegurar isso. Neste momento está caçando na Escócia; eu ficarei na mansão Calton até a primavera. Conforme me falaram, o bebê está quase preparado para vir ao mundo e sua excelência quer que fique no Yorkshire até que a bênção tenha lugar.

Obrigado outra vez por sua carta.

Sua, etc.
Mary Alton

Becky suspirou. Ao parecer, sua mãe se tornou tão fria como o eram seus pais. Logo viu um pós-escrito rabiscado no rodapé da carta.

Sua excelência, a duquesa do Calton, deu à luz a uma menina a manhã de 6 de dezembro de 1804.

Lentamente, Becky dobrou a carta e a deixou com as demais sobre seu regaço enquanto levantava o olhar para as descoloridas cortinas de cretone que cobriam a janela. Esqueceu-se do pouco que faltava para seu aniversário. Faria vinte e três anos no dia seguinte.

Recolheu as cartas, atou-as outra vez como estavam e ficou em pé; sentiu uma quase assustadora tristeza. Sua mãe nunca tinha amado a seu pai. Nem, aparentemente, tinha-a amado a ela. Que maneira tão triste de viver, consciente de que seu marido é seu pior inimigo. Becky tinha vivido sabendo isso mesmo durante um dia inteiro e inclusive nesse lapso tão breve de tempo a tinha alterado irremediavelmente.

Quase tinha cometido o mesmo engano.

Suspirou, ficou em pé e foi devolver as cartas onde as tinha encontrado. Justo quando fechava a gaveta, a porta da habitação se abriu de repente golpeando-se contra a parede.

Jack Fulton estava na soleira.

Capítulo 20

Becky o olhou fixamente com uma mescla de ódio e amargura.

Como se atrevia a ir ali? Como se atrevia a invadir sua casa... seu santuário?

Estava despenteado pelo vento e tinha o rosto avermelhado. Não levava chapéu, mas não se tirou o casaco. Ela apertou os punhos ao lado do corpo.

— Becky, graças a Deus que te encontrei. Graças a Deus que está aqui.

Ela lutou por encontrar sua voz. Quando o fez, soou baixa e firme. Forte.

— Fora daqui.

Ele negou com a cabeça.

— Deixe que te explique.

— Não escutarei nada do que tenha que dizer. Nunca mais. — Deu um passo para frente e repetiu— Fora daqui.

— Por favor, Becky. — Sua voz era grave, implorante— Há muitas coisas que devo te explicar.

Jack era perigoso, capaz de lhe fazer muito dano... muito mais dano que o que William lhe tinha feito.

Moveu os dedos e procurou a arma. Comprovou que a tinha. Justo sob seus dedos, no bolso do avental. Tirou a pistola.

— Saia de minha casa. — Sua voz era baixa e terrivelmente séria.

Lentamente, levantou a mão. Sujeitava com firmeza o punho de prata com incrustações e lhe apontou ao peito.

Ele arregalou os olhos.

— Pelo amor de Deus, para esta tolice. Falemos.

— Não.

— Não me disparará.

— OH, sim, sim o farei.

Jack não sabia o que Becky fazia; se tinha algo que ver na morte do William. Todo mundo pensava que a este o tinha matado um contrabandista. Poucos sabiam que em realidade era Garrett quem lhe tinha disparado. E unicamente duas pessoas no mundo, Kate e Garrett, sabiam o que Becky lhe tinha feito a seu marido aquele dia.

— Você foi quem disse ao Garrett que estávamos juntos aquela noite. Queria que nos descobrisse. Queria que todo mundo soubesse. Planejou-o tudo, manipulou-me para que me casasse contigo.

— Vamos, Becky. — A voz do Jack era baixa e sedutora. Era a voz com a que tinha conseguido que ela quase o desse tudo. Tinha-a seduzido para que lhe entregasse seu corpo... e seu amor, maldita fora. Mas não tinha seu nome nem tinha seu dinheiro. Nunca o teria.

Estendeu uma mão para ela.

— Querida, baixa a arma. Sinto-o muito... posso explicar. Sei que não quer fazer isto.

Becky tinha protegido Garrett do William e tinha protegido a Kate. Agora devia proteger-se a si mesmo. Levantou o polegar, baixou a trava de segurança e engatilhou a pistola. Tinha o pulso firme.

— Não tem ideia do que sou capaz de fazer.

— Becky, por favor...

— Não te mova.

Ele ficou quieto.

Permaneceram um longo momento em um tenso silêncio, logo, ela disse:

— Dir-lhe-ei isso uma vez mais. Saia de minha casa.

Jack negou com a cabeça.

— Amo-te, Becky. Mais que tudo no mundo, amo-te.

Algo despertou em seu interior e lhe tremeram as mãos, mas o sufocou e sustentou a arma com firmeza. Mentia. Igual que tinha mentido do começo.

— Não irei. Você também me ama... vi-o em seus olhos, senti-o em suas carícias. Não me disparará.

Lentamente, deu um passo adiante. Os alarmes se acenderam dentro da cabeça do Becky. «te salve!» Ele se aproximou mais. Estava quase a seu lado e levantou os braços para tocá-la. Ela apertou as mãos do punho da arma e apertou com força o gatilho.

O disparo retumbou na pequena habitação. Becky ouviu vagamente o tremor do cristal da janela e notou a sacudida

nos braços. Doeu-lhe o cotovelo ferido e se cambaleou para trás pela força do disparo.

Jack abriu a boca, assombrado, retrocedeu cambaleando-se e baixou o olhar. O sangue emanava de um buraco aberto em seu casaco. Então fraquejou, caiu de joelhos e se desabou no chão com um ruído surdo.

ଓ ♥ ଌ

OH, Deus! notava-se o peito ardendo. Tinha o olhar fixo no teto liso de gesso. Não havia nada mais que a aguda dor e o sangue. Doía-lhe como as chamas do inferno e havia muito sangue. Vermelho brilhante. Seu sangue.

Ardiam-lhe os olhos, embaçados. Ofegou, incapaz de respirar. Tinha-lhe disparado ao coração? Aos pulmões?

Viu seu cabelo escuro e logo seu lindo e pálido rosto ovalado, ainda rígida e inquebrável.

«Doce, doce Becky.»

Tinha-lhe disparado. Jamais a teria acreditado capaz de algo assim. Mas a dor da morte lhe queimava por dentro e, Deus!, doía-lhe respirar.

O merecia. Tinha-a traído. Tinha tentado comprometê-la em um matrimônio sem amor para apoderar-se de seu dinheiro. Não havia nada honrado em suas intenções. Só mentiras, enganos. Piscou e logo fechou os olhos, suspirando dolorosamente.

Era muito melhor assim. Morreria e ela se livraria dele. Becky merecia algo melhor. Porque Deus sabia que se

chegava a viver, não a deixaria ir.

— Necessito tecidos limpos e água quente — disse alguém. Era a doce e cadenciosa voz da que se apaixonou. A voz de Becky. Possivelmente morreria sonhando com sua voz, possivelmente sonhasse com ela para sempre. Isso seria o paraíso.

Ela continuou sem emoção, mas sua voz era como a de um anjo.

— Aquelas pinças da cozinha. As lavem e me tragam aqui.

OH, Deus! Alguém o tocava onde tinha recebido o disparo. Sentiu que a dor se acentuava e gritou fracamente. Quão único podia fazer era ficar ali, — estava no chão? — como um fraco enquanto o torturavam.

Os dedos se afundaram na ferida e gritou de dor. Estavam-no rompendo em pedaços. Sofria dores atrozes; estavam estripando-o. Estava morrendo.

Deu-lhe bem-vinda à morte. Não podia haver uma dor pior que essa, ou sim?

Retorcia-se de dor, mas os músculos lhe falhavam enquanto o sujeitavam umas firmes mãos. Não podia fazer nada mais que entregar-se à tortura.

Estava afundando então, mais doloroso, até que cada nervo de seu corpo vibrou de angústia. E logo, lentamente, a dor diminuiu. Foi fazendo mais e mais escuro até que se ficou algo impreciso, como um sonho.

Depois, tudo desapareceu lentamente. Abraçou a escuridão com os braços abertos.

— Desmaiou — anunciou Sam.

«Disparaste no Jack. Disparaste-lhe no homem que amas.»

Sua intenção não era fazê-lo, só queria que se fosse. Se morria, ela não poderia sobreviver.

Sua mente racional tentava afugentar essas ideias, as apagar, e foi quem ficou ao mando da situação. Aquele homem não significava nada para ela. Era um mentiroso, igual a William. Não podia permitir que as emoções tomassem o controle. As emoções eram ilógicas.

Entretanto, não podia permitir que morresse sangrado.

— Melhor. — disse— Será mais fácil se estiver inconsciente.

Passou-lhe os dedos pela parte trás do ombro e não encontrou nenhuma ferida. A bala ainda estava dentro. Voltou a deitá-lo no chão e olhou a ferida sangrar por um momento. Logo lhe abriu o casaco e a camisa, rapidamente se lavou as mãos com a água que o senhor Jennings lhe tinha levado e colocou um dedo no buraco que tinha aberto a bala. Encontrou a superfície lisa de metálica imediatamente. Apertou os dentes ao notar que estava rodeada de ossos estilhaçados.

— Me dê as pinças, por favor, senhora Jennings — pediu quando esta retornou da cozinha.

Boquiaberta, a mulher obedeceu. Becky inundou as pinças na água quente e logo as secou cuidadosamente, assegurando-se de que ficassem limpas de poeira e fiapos e tentou agarrar a bala com elas. Uma vez que conseguiu,

atirou e a deixou cair no chão de madeira. Produziu um ruído surdo, rodou um momento e se deteve.

Todos olharam a ensanguentada bala fixamente; logo, Becky suspirou e voltou a agarrar as pinças. Inseriu-as de novo na ferida do Jack, de onde retirou as lascas de osso que tinha notado quando procurava a bala. Encontrou também uma parte de linho e vários fios de algodão; pedaços de tecido que foram enfiados no corpo com a força do disparo.

Becky tinha lido o livro de cirurgia que Jack lhe dera. Assim como as memórias de cirurgiões que tinham participado da guerra da Independência espanhola e alguns tratados de medicina de famosos médicos. Em teoria, sabia o que se devia fazer quando havia uma bala no ombro. Levou a cabo a tarefa tal como a tinha lido. Seguiu cada passo, cada movimento como se o tivesse feito cem vezes antes, desconcertada pela distância que a separava de seus atos, por sua falta de emoção.

Não se deprimiu nem se assustou ao ver o sangue que emanava do corpo dele. Não se questionou a si mesmo, nem se perguntou seus motivos nem suas intenções. Só fez o que tinha que fazer.

Afastou a roupa e lhe limpou bem a ferida. Logo a envolveu em tiras de tecido umedecidos em água fria. Quando terminou, respirou fundo, inclinou-se para trás e se mordeu o lábio.

Necessitava o material médico adequado — em realidade, o que precisava era a um verdadeiro médico— para terminar aquilo. Olhou para Sam.

— Pega um cavalo e vá ao Camelford. Se for necessário, te aproxime até o Launceston. Encontre um médico e retorna com ele. Rápido, Sam.

Os olhos lhe encheram de lágrimas, desviou o olhar do jovem e olhou Jack. Deus!, o que tinha feito? Estava ali, com o rosto pálido, quieto como se estivesse morto. O penetrante e intenso aroma do sangue lhe impregnou os sentidos.

Quando Sam saiu depressa, obrigou-se a si mesmo a seguir com as questões práticas.

— Senhor Jennings, por favor, remova esses poeirentos dosséis. Senhora Jennings, se tivermos um pouco parecido a um lençol limpo, por favor, traga-a e a usaremos para a cama.

O casal de anciões se apressou a fazer o que lhes dizia e a deixaram sozinha, sentada junto ao Jack.

Reprimiu o impulso de lhe agarrar a mão. Olhou-se as suas. Tinha-as cheias de sangue.

Esfregou-se os olhos com a parte limpa do dorso e as deixou cair entre os pés. Devia acender um fogo; se a lareira funcionasse, claro. O importante era mantê-lo quente. Tinha o casaco úmido. Se não tomava cuidado, pegaria um resfriado.

Passou junto à janela e olhou para fora.

O vento soprava sobre paisagem árida esmagando as ervas; longe, o mar se agitava furiosamente.

Tinha chegado o inverno. No dia seguinte faria vinte e três anos e acabava de lhe disparar no homem com quem quase se casou. E provavelmente o tinha matado.

Cruzou a habitação e se ajoelhou junto à bacia para lavar o sangue das mãos.

ଓ ♥ ଌ

Sam retornou com o médico duas horas mais tarde. A essa altura, Becky e o senhor e a senhora Jennings haviam feito a cama, tinham-lhe tirado a roupa úmida de Jack, tinham trazido mais água, tinham acendido o fogo na lareira, que graças a Deus funcionava, e o tinham colocado pesadas mantas sob ele. Embora estava exausta, a senhora Jennings tinha limpado o sangue do chão e quão único Becky podia fazer era olhar Jack. Observar o tranquilo movimento de seu peito, contemplar seu pálido rosto com o cenho franzido. Ele mal tinha se movido desde que tinha perdido a consciência.

O médico, um jovem de suaves maneiras, sobrancelhas negras e cabelo negro, apresentou-se como o doutor Bellingham. Becky agradeceu que não perguntasse como lhe tinham disparado no Jack. Simplesmente, descobriu a ferida, estudou-a e usou os fórceps que levava para procurar qualquer objeto alheio que pudesse haver na ferida. Não encontrou nada. Fechou-a com sutura e logo pediu o maior cinto que houvesse na casa. Becky encontrou um no armário de seu avô e o médico fixou ao Jack o braço ao peito, lhe protegendo o cotovelo com uma parte de tecido acolchoado. Logo, envolveu-lhe a ferida com uma atadura umedecida em água fria e fabricou uma tipoia para sujeitar o braço e o cotovelo. Jack despertou em meio dessa tarefa e, com os

dentes apertados de dor, conseguiu responder às perguntas do médico, que lhe tocava e cravava a ferida. Finalmente, o homem levou Becky ao corredor.

— Milady, infelizmente não fui capaz de encontrar a bala.

— Eu a tirei.

Ele franziu o cenho.

— Já... vejo.

— Fiz bem? — Acreditava que sim, mas pela forma em que a olhava, parecia o contrário.

— Você não tem feito nada de errado, se for o que me pergunta, milady. Não danificou nada. Entretanto, no futuro, recomendar-lhe-ia que deixasse essas tarefas para alguém com mais experiência.

Ela apertou os dentes e assentiu.

— Vai se recuperar?

— Há dois aspectos que terá que ter em conta: os músculos feridos pela bala e o osso estilhaçado. Se tudo sair como espero, o músculo sanará logo, mas é provável que não possa usar muito bem o braço.

— Tem a clavícula quebrada p, verdade?

O médico arqueou as espessas sobrancelhas.

— Sim, assim é. Parece que há várias pequenas fraturas ao redor do ponto do impacto.

Becky tinha notado as fraturas quando lhe tirou a bala e as lascas de osso.

— E o úmero e a escápula?

— Ambos parecem intactos.

— Acredito... a ferida parece estar bastante longe da articulação do ombro.

— Assim é, a articulação também parece intacta.

Ela suspirou com alívio.

— E os nervos do braço?

— Parece ter sensibilidade nos dedos e, embora lhe dói, pode mover a mão.

Becky se obrigou a assentir. Uma vez tinha lido sobre um caso de um homem ao que lhe tinham disparado em um lugar parecido de Jack. O disparo lhe tinha separado os nervos dentro do braço e este lhe tinha ficado paralisado e insensível o resto de sua vida.

A tensão que sentia no estômago era tão forte que não pôde agradecer ao médico. Repassou as instruções de como devia cuidá-lo durante a noite, disse-lhe que retornaria pela manhã e partiu.

Becky voltou ao lado do Jack e o encontrou cochilando. Contemplou-o por um longo tempo, lutando contra a náusea que a invadia. Finalmente, desviou o olhar para os três serventes que a olhavam.

— Podem ir — sussurrou.

Eles obedeceram gravemente. A última sair foi a senhora Jennings, que fechou a porta detrás de si.

Becky olhou o pálido rosto de Jack e se esfregou o braço com ar ausente, notando as irregularidades da cicatriz de seu braço. O lhe tinha mentido. Só a tinha cortejado para ficar com seu dinheiro. Era um vilão, igual a William.

Mas por que sentia que o que ela tinha feito estava terrivelmente errado?

Quase não tinha sentido remorsos quando apunhalou ao William e só sentiu alívio quando, finalmente, Garrett lhe disparou. A culpa e os remorsos chegaram depois.

Em troca agora a tristeza a inundou, com tanta força e insistência que mal podia respirar.

Com o Jack, tinha permitido que suas esperanças ascendessem mais alto do que tinham chegado com o William. Quatro anos atrás, ela se tinha entregue alegremente à confiança e ao amor; entretanto, desta vez conhecia o valor de sua confiança e se protegeu com vigor. Mas tinha acabado lhe entregando ambas a esse homem, apenas para descobrir que haviam tornado a trai-la.

Pela primeira vez desde que tinha descoberto a traição do Jack, os olhos lhe encheram de lágrimas, transbordaram suas pálpebras e alagaram suas bochechas.

Por que tinha ido ali quando ela estava tão débil e vulnerável? Por que não tinha açoitado a outra herdeira ou viúva rica? Como suportaria a dor de sua traição? Ou a culpa do que lhe tinha feito? Inclusive depois de fazê-lo, embora admitisse sua culpa, o fato de havê-lo machucado só aumentava e acentuava a pena que sentia por dentro.

Escondeu o rosto entre as mãos.

— Becky?

Sua voz era áspera. Lentamente, ela levantou a cabeça. Olhou-o através de suas lágrimas. Estava acordado, embora muito pálido. Tinha os lábios brancos e apertados de dor.

— Por que chora, querida?

— Não me chame assim.

Lhe estendeu tremente a mão sã.

— Não chore.

Ela retrocedeu, assegurando-se de que não pudesse tocá-la.

— Não se incomode em ser amável comigo — sussurrou —. Sei o que é.

Por não mencionar o fato de que lhe tinha disparado. Agora eram autênticos inimigos. Ele piscou.

— Há... mais coisas que você pensa que sabe. Acredite em mim.

— Não acreditarei em nada do que diga. Nunca mais vou acreditar em você. Não cometerei o mesmo engano.

— Becky... — Fechou os olhos, mas se esforçou para voltar a abri-los novamente.

— Sim.

— Vou morrer?

— Eu... não acredito.

Olhou-a fixamente.

— Desejas que morra?

Ela permaneceu em silêncio. Jack a olhou aos olhos.

Não podia admitir a verdade ante ele. Queria que se curasse. E depois queria ir embora para longe, tão longe que não tivesse que voltar a experimentar a horrível dor que lhe causaria vê-lo.

Ele fechou as pálpebras outra vez e soltou um longo e trêmulo suspiro.

— Ainda te desejo.

Ela ficou rígida.

— Bom, pois não pode me ter. Nem a mim nem a meu dinheiro.

— Não... quero seu dinheiro — disse.

Becky se retorceu as mãos e apertou os lábios. Queria lhe gritar que era um mentiroso e lhe perguntar como se atrevia a enganá-la outra vez. Mas lhe olhou o ombro, viu que o sangue manchava a bandagem branca e se conteve.

— Dorme, Jack.

Ele obedeceu quase imediatamente. Lhe relaxaram as linhas de tensão que tinha ao redor da boca e sua respiração se fez mais profunda.

Com as mãos apertadas no regaço, ela o olhou dormir. Não se deu conta do passar das horas até que a senhora Jennings bateu na porta com o jantar. Becky levantou o olhar e descobriu que a habitação estava às escuras e que o fogo se reduziu a umas poucas brasas.

Comeu o pão, o queijo e a carne de veado seca sem saboreá-los. Bebeu um pouco do brandy que a mulher lhe tinha levado também.

Jack despertou e lhe deu mais colheradas de caldo sem lhe falar mais do estritamente necessário. Precisava usar o urinol e embora Becky se ofereceu a ajudá-lo, lhe pediu que saísse e ela não se opôs.

Demorou muito tempo, mas finalmente ouviu o rangido da cama quando Jack se sentou na beirada. Abriu a porta.

— Necessita ajuda para te deitar?

Ele negou com a cabeça gravemente.

— Não.

Era evidente que sentia uma dor muito forte quando se estendeu sobre o colchão. Ele fez de maneira estranha e, apesar ao que havia dito, lhe acomodou o travesseiro sob a cabeça e o cobriu com as mantas. Estava tremendo e Becky não sabia se era de frio ou de dor. Tampouco lhe perguntou.

— O médico deixou láudano.

— Não o quero. — Tinha os olhos frágeis e a rosto pálido. Ainda tremia.

— Muito bem.

Voltou-se para acender o fogo. Quando o conseguiu, sentou-se junto a ele e o olhou franzindo o cenho.

— Deve ir à cama — disse Jack.

— Não.

Becky não disse nada mais e ele tampouco. Jack ficou olhando o teto e ela a ele.

Depois de um longo silêncio, Jack começou a falar.

— Sua donzela veio para ver-me.

— A donzela de quem?

— Da Anne.

Becky encolheu de ombros porque não entendia a importância desse comentário. Por que tirar o assunto da Anne Turling justo então?

Jack a olhou.

— A donzela de Anne veio para ver-me, cedo naquela noite. A noite... em que assassinaram ao Haredowne. Ela sabia... sabia que a amava. E que era um amigo.

Becky permaneceu em silêncio. Sentia intensas emoções misturadas e não lhe ocorria o que dizer. Por que lhe esfregaria seu amor pela Anne Turling pela cara justo nesse momento?

Respirou e se estremeceu.

— A moça disse que o marquês tinha golpeado a Anne. Haredowne lhe tinha pego e depois não tinha permitido que chamassem um médico porque não queria que se corresse a voz de que abusava das mulheres. A donzela disse que o marquês foi ao clube deixando Anne em casa, muito machucada. Rogou-me que a ajudasse.

Nada podia me deter. Montei em meu cavalo e fui até a casa de Haredowne. Nem me ocorreu procurar um médico. — Jack fechou os olhos. — Quando cheguei estava... quase morta. Foi como se estivesse me esperando, pois assim que me viu, exalou seu último suspiro. Acredito que a tinha golpeado tão brutalmente que lhe tinha quebrado uma costela e lhe tinha perfurado um dos pulmões.

Becky rodeou o corpo com os braços e o olhou fixamente. A dor que a envolvia como um casulo era quase evidente. Não podia mover-se, não podia deixar de olhar a palidez de seu rosto.

— Agarrei a arma de meu pai, fui ao clube e o esperei no beco. Quando saiu, acusei-o de deixar sua esposa louca, de assassinar Anne. Como não negou, disparei-lhe.

Jack abriu os olhos. Ao ver a desolação que havia neles, Becky ficou sem fôlego. Enquanto se esforçava por respirar, ele disse:

— Agora sabe, assassinei-o a sangue frio. Sou um assassino.

— Além de um mentiroso. — O gelo de sua voz o fez esboçar uma careta.

— Sim, além de um mentiroso.

Ela não disse nada. Não havia nada que dizer. Era diferente de William porque admitia suas maldades. Inclusive no final, William se considerava muito pior que as vítimas.

— Ninguém me viu disparar, nisso acreditei. As suspeitas se voltaram naturalmente para mim e me prenderam. Mas logo retiraram acusações... Liberaram-me ao apresentar uma prostituta e dizer que eu estava com ela aquela noite. — Suspirou tremulamente. — Ela era... era uma amiga. Não tinha deitado com ela, embora todo mundo pensou que eu era o amante abandonado por Anne, que tinha ido ao prostíbulo afogar minhas mágoas. Não fui para isso, mas sim falar com ela. Ela me escutava. Contei-lhe toda a história de Anne, disse-lhe quão desolado estava e que sentia muito.

Jack desviou os olhos de Becky e voltou a olhar para o teto.

— Naquela noite alguém me seguiu. Um velho amigo, um amigo de infância, meu e de Anne: o filho do vigário. Seu nome era Tom Wortingham e me seguia desde que tivemos idade para sair de casa. Estava com ciúmes de minha relação com Anne. Imaginava que estava apaixonado por ela.

— Tom não me incomodou durante os doze anos que estive fora da Inglaterra, mas agora está com problemas. Está

desesperado porque necessita uma grande soma de dinheiro e quando retornei a Inglaterra exigiu que lhe pagasse quinze mil libras por seus doze anos de silêncio. Se não conseguisse o dinheiro, levaria às autoridades a irrefutável prova de que eu assassinei o marquês. Tem sua própria declaração, assinada diante das testemunhas, junto com a declaração da mulher, a prostituta, que diz ter mentido a respeito de que eu estive com ela naquela noite. — Apertou os dentes. — Tom deve ter lhe prometido uma boa quantia.

— Bom, não obterá seus quinze mil, ou seus vinte e cinco mil, de mim — disse Becky tranquila.

— Ah! — O assentiu fracamente. — Então viu a nota.

— Ouvi lorde Stratford quando a lia.

— Estava lá fora?

— Sim. Vi o conde e você sair da casa. Despertou-me a curiosidade, assim os segui. Ouvi-o ler a carta E... você dizer que tinha planejado que nos interrompessem durante... quando estávamos... aquela noite. — Começou-lhe a tremer o lábio inferior e se afastou dele. — Você me seduziu sabendo que nos descobririam. Sabia que todo mundo esperaria que nos casássemos. Como pôde? — Não havia ira em sua voz, a não ser uma infinita tristeza.

— Estava errado. Não sabia o quanto, mas agora sei. — O peito se moveu com um suspiro. — Tem razão, Becky. Cavei minha própria cova. Já não poderia ter seu dinheiro, nem as notas pelo que fiz. Tom Wortingham levará as declarações às autoridades e me prenderão.

Ela olhou pela janela, com os braços cruzados sobre o peito.

— Isso não é meu problema.

— Entendo. Mereço isso.

Inexplicavelmente, os olhos de Becky, outra vez encheram de lágrimas.

— Sim. É verdade.

— Não quero sua pena.

— O que quer de mim então? Além de minha fortuna.

— Seu amor. — Fez uma pausa. — Mas destruí toda possibilidade, não é verdade?

— Sim — respondeu ela entre dentes. O coração batia com força no peito. Incapaz de olhá-lo, colocou os braços ao redor do corpo e se cravou os dedos nas irregularidades do cotovelo.

— Sinto muito, Becky. — Disse ele brandamente. — Eu sinto muito.

Capítulo 21

À manhã seguinte, Becky apoiou a mão na rosada face de Jack e viu que ele tinha febre.

Assim começaram os sete dias mais longos de sua vida. Becky recordava vagamente que o Natal se aproximava, mas não podia afastar-se do leito de Jack nem sequer para escrever para sua família. Sam sempre estava por perto, preocupado, negando os planos para retornar a Londres. O senhor e a senhora Jennings sempre andavam por ali, preparados para ajudá-la quando pedisse.

As probabilidades de que Jack não se recuperasse cresciam a cada dia. Não havia nada que ninguém pudesse fazer para baixar sua temperatura e começou a ter acessos de delírio febril.

Becky fazia tudo o que podia. Alimentava-o, trocava-lhe a roupa, punha-lhe panos frios sobre a testa, dava-lhe remédios, seguia ao pé da letra cada instrução do médico.

A única coisa que não podia fazer era falar. Que Deus a ajudasse, mas não tinha forças para lhe rogar que o curasse.

Nesse dia estava sentada em uma cadeira, esperando o médico. Jack estava tranquilo, em um estado de sonolência enquanto ela olhava para as mãos.

Ainda podia ver o sangue nelas. Algum dia seria capaz de lavar-se? Sua mente lógica lhe dizia que o sangue era uma invenção de sua imaginação e que as tinha lavado no primeiro dia. Mas ainda podia vê-las sujas. Manchadas e pegajosas, e de um vermelho tão brilhante que lhe machucava os olhos.

A porta se abriu e o doutor Bellingham entrou.

O médico fez uma inclinação e se aproximou do leito do paciente.

— Como ele está?

— Na mesma, — disse ela.

Seguiu sua rotina habitual, tirou a temperatura, o pulso, olhou as pupilas e o ferimento. Desde o segundo dia, o médico tinha admitido a presença dela no quarto do doente e tinha falado com ele de igual para igual. Deu-se conta em seguida que entendia de anatomia, de curas e de cirurgia e que conhecia todos os tratamentos que ele recomendava, assim lhe falava diretamente, sem lhe esconder nada.

— A febre subiu. — Disse. — A área debaixo da ferida parece estar em uma fase inicial de gangrena e a inflamação do ombro e do fígado aumentou a um nível pouco saudável.

Becky tinha examinado a ferida antes e tinha chegado a uma conclusão similar. Esperava que o prognóstico do médico fosse melhor.

— O que podemos fazer?

— Posso fazer outra sangria. — Fez uma pausa. — Também há outra alternativa...

Becky disse automaticamente.

— Amputar-lhe o braço.

— Sim. — O médico suspirou. — Não estou completamente seguro de que funcione.

Becky olhou para Jack por um longo instante. Recordou como tinha subido pela grade para chegar a sua janela e lhe havia dito que subia frequentemente pelos equipamentos do barco Gloriana. Não poderia fazer semelhante coisa. Sem o braço direito seria um aleijado, muito pior do que era ela com seu cotovelo quebrado.

Seus olhos se encontraram com o sério olhar do doutor Bellingham.

— É nossa única esperança?

— Pode ser que seja.

Ela se esforçou para engolir. Se tivesse que escolher entre o braço de Jack e sua vida, a decisão estava clara.

— Então, faça-o.

O doutor Bellingham marcou a cirurgia para a tarde, porque precisava retornar a Camelford e procurar seu assistente e os instrumentos adequado. Saiu da casa deixando instruções para que os serventes preparassem o quarto. Prometeu retornar à uma hora em ponto.

Becky se sentou em sua cadeira, incapaz de mover-se, com os olhos cheios de lágrimas.

Não choraria. Não podia pensar que tinha sido ela quem tinha feito aquilo ao Jack.

A senhora Jennings abriu a porta, com os braços cheios das coisas que o médico tinha pedido. Deu uma olhada ao Becky.

— Milady, o senhor Jennings não tinha ido procurar o correio desde fazia vários dias, assim foi hoje. Há várias cartas para você, mas pensei que entre todas lhe interessaria especialmente esta. — Deixou as coisas que levava nos braços e se tirou um sobre do bolso do avental— Está dirigida ao senhor Fulton.

Ao Becky lhe acelerou o coração. Ficou em pé, agarrou a missiva e a olhou.

De quem seria? O que podia ser? A letra era estreita e elegante. Seguro que não era de ninguém de sua família, mas quem mais sabia que Jack estava ali?

Becky lhe deu uma olhada, imóvel na cama, sumido em um profundo sonho. Aproximou-lhe uma mão à testa, ardente e seca.

— Jack?

Não obteve resposta. Pôs-lhe um pano frio na testa e se virou, com a carta na mão. Às cegas, saiu da habitação.

Cruzou o corredor, sentou-se em sua própria cama, uma cama que quase não tinha visitado nos últimos dias e deixou a carta em cima da colcha olhando-a fixamente.

Estava dirigida ao Jack. Não devia abri-la.

Mas ele estava dormido na habitação ao lado. Inconsciente pela febre... e a ponto de perder um braço.

Agarrou a carta e a abriu.

4 de dezembro de 1827

J:

Considerando nossa anterior amizade e por meu desejo de verte bem situado, tomei-me algum tempo para pensá-lo e

decidi trocar os términos de nosso acordo.

Dezoito mil.

Apesar de sua negativa a me pagar nem um xelim a última vez que nos vimos, acredito que este é um trato bastante bom. Estou seguro de que estará de acordo.

O resto dos términos se mantêm igual. Estamos ficando sem tempo, amigo.

T. W.

Becky voltou a ler a carta. E a leu uma vez mais.

Jack se tinha negado a lhe pagar? Quando? Tinha renunciado a ficar com dinheiro dela antes de ir ao Cornualha? O dia em que ele tinha chegado ali foi o dia depois de que Tom Wortingham escreveu a carta. O que significava que Jack ainda a queria, inclusive depois de haver dito ao Wortingham que não lhe daria nem um xelim.

Era possível que ele...?

«Não», dizia-lhe uma firme voz em seu interior. Lhe tinha disparado. O que tivesse passado entre o Tom Wortingham e Jack não tinha nada que ver com sua relação com ele.

Fosse como fosse, não importava. Aquele homem ainda lhe exigia dezoito mil libras. Essa era a soma para o salvar da forca.

Se sobrevivesse à ferida de bala que lhe tinha causado. Se sobrevivesse à amputação.

Levou-se a carta ao peito e fechou os olhos.

Não sabia quanto tempo tinha passado ali sentada, balançando-se para frente e para trás. Tremia e tentava não imaginar o procedimento que ia se acontecer na habitação ao

lado. A senhora Jennings lhe levou bolo de cordeiro para almoçar e ela ficou olhando a comida sem tocá-la.

O braço do Jack. Seu formoso e forte braço. Seus músculos que adorava acariciar. Aqueles largos dedos que lhe tinham dado prazer uma e outra vez.

Tinha-lhe mentido. Tinha-a seduzido e a tinha enganado. Mas nada disso alterava o fato de que uma vez tinha sido um ser humano completo e saudável e que lhe tinha tirado isso.

«Estamos ficando sem tempo, amigo.»

Ela correu ao escritório e tirou uma folha de papel. Afundou a pluma no tinteiro e rabiscou duas cartas: uma para seu advogado e a outra para o Kate e Garrett. Nestas, dava instruções ao Garrett e ao advogado para que estendessem um pagarei pela soma de dezoito mil libras e o fizessem chegar ao senhor Thomas Wortingham de Londres, até recentemente vicariato do Hambly, no Kent.

Fechou as cartas, selou-as e desceu apressadamente para procurar o Sam. Encontrou-o no pequeno prado que havia no canto do bosque, escovando a um dos cavalos.

— Sam, devo te ordenar que retorne a casa imediatamente. — Ao ver que ao menino lhe escurecia o semblante com imediato rechaço, levantou uma mão. — Antes só te tinha pedido que fosse porque acreditava que devia retornar para meu irmão, mas agora é realmente um assunto de vida ou morte.

Deu-lhe as cartas.

— Esta é a última coisa que te pedirei, Sam — disse tranquilamente — Mas, por favor, deve entregar isto por mim.

É de soma importância. Por favor.

Ele negou com a cabeça lentamente.

— O senhor Fulton...?

— Eu ficarei aqui no Cornualha com ele até... até que se recupere. Por favor, lhes diga a meu irmão e a Kate... só lhes diga que desejaria poder estar com eles no Natal, mas que é bastante improvável.

Sam suspirou.

— Não me parece bem deixá-la aqui, onde o único que pode cuidá-la é o ancião.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Dúvidas de minha capacidade para cuidar de mim mesma?

— Né...

— Tenho a arma — disse tranquilamente. Ele suspirou um pouco.

— Bom, — murmurou— isso é verdade.

— Posso me cuidar muito bem, Sam. Deve partir agora mesmo. E te apresse. Não há muito tempo.

Ele assentiu lentamente.

— Como deseja, milady.

Becky retornou à casa e se encontrou com o doutor Bellingham ao subir a escada. Ele a sujeitou dos ombros e a afastou amavelmente e ela viu que o acompanhava outro homem.

— Doutor Bellingham! OH, Meu Deus... — Subiu-lhe o coração à garganta —. Quanto... quanto tempo está aqui? Já é a uma?

— Desculpe-me, milady. — O médico pigarreou, parecia incômodo— Ainda não é a uma. Chegamos um pouco cedo. Este é meu assistente e meu irmão, o senhor Rutger Bellingham.

Ela fez uma automática inclinação e o outro homem fez o mesmo. Voltou-se para médico.

— Despertei ao senhor Fulton quando chegamos. Queria lhe informar de nossa decisão sobre a amputação do braço. Falei-lhe que a cirurgia.

— Sim?

— Bom, estava bastante lúcido. Negou-se a submeter-se à operação. Dado o estado de lucidez em que se encontra, sinto que não podemos seguir adiante.

Ela sentiu alívio misturado com um renovado medo e foi incapaz de dizer nada.

— Sua febre há...?

— É mais alta que nunca.

— Falou-lhe que risco?

O médico assentiu com gravidade.

— A ferida começou a sangrar. Apliquei-lhe um cataplasma quente e alguns linimentos para que progrida. Se não cortarmos a infecção, estender-se-á pelo braço e por todo o corpo. — Suspirou— Se isso acontece, é provável que o faça muito rapidamente, E...

Tremeu-lhe a voz, mas Becky compreendeu. Assentiu.

— Morrerá abruptamente.

— Sim, milady.

— Segue acordado?

— Ainda.

— Posso vê-lo?

Ele assentiu com a cabeça.

— É obvio.

Becky entrou na habitação. Jack estava muito quieto, mas tinha os olhos abertos e olhava fixamente o teto.

Ela engoliu com dificuldade. Caminhar até a cama lhe pareceu uma tarefa titânica e tinha que fazer um grande esforço para dar cada passo.

— OH, Jack.

Como se lhe custasse muito trabalho, voltou-se para ela; tinha os olhos brilhantes e febris.

— Não... amputação — sussurrou entre os rachados lábios.

— Está... está seguro de que é o que desejas? O doutor Bellingham te falou quais são os riscos. — Engoliu com força. — Acreditam que começou a necrose. Estender-se-á por seu corpo. Possivelmente te cause a morte.

Ele desviou o olhar e conseguiu encolher-se de ombros de um só lado.

Lhe agarrou a mão sã. Tinha-a seca e quente.

— Eu... não quero que morra.

— Por que não?

O doutor Bellingham estava na soleira e Becky lhe deu uma olhada, despedindo-o com os olhos. O homem assentiu e se foi fechando a porta brandamente detrás de si.

«Porque te amo.»

Mas não podia lhe dizer isso. Não podia. Não nesse momento.

— Porque não merece morrer — disse em troca.

— Não?

— Que não — murmurou — É jovem e forte... e... e merece viver.

— Que não me amputem — disse isso asperamente.

Ela tentou não chorar. Fez um grande esforço, mas foi em vão. As lágrimas começaram a cair outra vez. Ele as viu rodar por seu rosto e fechou os olhos.

— Por favor, não morra. Por favor. Quero que vivas.

— Diz isso a sério?

— Sim. Por favor, Jack, não morra — soluçou.

— Por quê? — perguntou com voz mais forte.

— Porque... não poderia suportar estar neste mundo sem ti. Não poderia suportar viver um só dia sabendo que você morreu. Sabendo que foi por minha culpa. Que, se não fora tão cruel, tão implacável, ainda estaria bem. — Respirou fundo— Porque te amei uma vez. Porque de algum modo sei que é diferente do William. Porque uma parte de mim ainda insiste em que você também me amava.

Ele apoiou o quente dorso da mão em sua bochecha e a pele lhe esfriou com suas lágrimas.

— Farei todo o possível para não morrer, Becky — sussurrou finalmente e fechou os olhos — Te juro que o farei.



Avançada a noite, ao Jack baixou a febre. Becky estava sentada a seu lado, incapaz de dormir. Olhou como as gotas de suor lhe banhavam a testa. Limpou-o com toalhas secas e, quando lhe roçou a pele com os dedos, encontrou-a seca e fresca.

Foi uma noite difícil. Ele se remexia na cama, gemia de dor quando algo o tocava. Lhe trocou a roupa e notou que a ferida ainda estava torcida e quente e de um vermelho furioso. Alternou entre lhe trocar os panos frios da testa e lhe dar sorvos de brandy aguado, uma prescrição que tinha lido que uma vez lhe tinha salvado a vida a um homem depois de que lhe dispararam na guerra da Independência espanhola.

A cinzenta luz do amanhecer começou a penetrar pela furada cortina e Jack abriu os olhos. Suas íris castanhas já não brilhavam de febre.

— Dói-me — anunciou com voz áspera. Lhe apartou uma mecha de cabelo do rosto.

— Ontem à noite a febre abaixou.

Jack se olhou o braço. De momento estava inutilizado, mas seguia ali. Em algum momento durante a noite, o inchaço tinha diminuído consideravelmente.

— É um milagre — sussurrou Becky.

Ele a olhou.

— Disse que queria que vivesse.

A embargou uma emoção tão forte que quase não podia respirar. Desviou o olhar, ficou em pé e lhe tremeram os joelhos.

— Eu... trarei algo para comer.

Saiu depressa da habitação e lhe pediu à senhora Jennings que preparasse para Jack um caldo. Logo foi à habitação do lado e se passou o resto do dia limpando-a até que ficou reluzente.

Pela tarde, finalmente se armou de coragem suficiente para ver o Jack. O médico o tinha feito sentar-se na cama e tinha recuperado um pouco de cor nas bochechas.

Tentou lhe sorrir.

— Te vê melhor.

Ele assentiu.

— Estou melhor.

— Isso... bom. — Com certo desconforto, foi sentar na cadeira que quase não tinha abandonado na última semana.

— Onde estiveste todo o dia? — perguntou-lhe Jack.

Ela o olhou e desviou rapidamente o olhar. Ruborizou-se. Por que não podia lhe dizer a verdade? Que tinha feito que lhe enviassem o maldito dinheiro ao senhor Wortingham? Que já não precisava preocupar-se com sua pele? Que era uma covarde e que o tinha evitado todo o dia?

— Estive trabalhando na casa.

Devia dizer-lhe, mas... talvez não fosse necessário. Fá-lo-ia quando estivesse um pouco melhor. Quando pudesse encontrar a coragem para fazê-lo.

— Ah.

Umedeceu-se os lábios e desviou o olhar.

— Não te culpo, sabe? — espetou-lhe— Por matar ao marquês.

Jack levantou o olhar para encontrar-se com seus olhos.

— Não?

— Não. Se o que me contou for verdade, matá-lo era o correto. Se lhe fez mal a sua esposa... se a assassinou... não merecia viver.

— Não — assentiu ele sem ênfase— Não merecia viver.

Becky assentiu também.

— Eu... só queria que ficasse claro. Antes de que Garrett matasse ao William... eu o apunhalei. No ventre. — Piscou com força— Ele tinha... tinha uma arma e ia matar... Não tive alternativa. — Odiava falar disso. Odiava revivê-lo. — Assim entendo como é — terminou— Ter que tomar a decisão para escolher entre permitir que o mal floresça ou que acabe.

— Sei que o compreende — disse Jack — tomaste a mesma decisão porque eu sou outro homem que te enganou, que te mentiu. Tinha razão ao tentar me deter. Deter o mal que eu representava.

— Não! — gritou ela. Mas logo apertou os lábios e o olhou com tristeza. Finalmente disse—: Contigo é diferente. Queria... apesar de tudo, queria que vivesse.

Além disso, Jack não era ruim, não era como William Fisk nem como o marquês do Haredowne. Apesar do que tinha feito a ela. Não sabia como sabia; mas estava segura disso.

Ele fechou os olhos.

— Estou cansado.

Becky se deu conta de que queria que se retirasse. Não a queria na mesma habitação que ele. Tinha sentido. Era ela quem lhe tinha causado aquela inexprimível agonia e a que

quase o tinha matado. O que esperava? Sua mais sincera gratidão? Isso seria ridículo.

Ficou em pé.

— É obvio. Posso te trazer algo?

— Não. Se necessitar algo, posso chamar à senhora Jennings.

Becky se obrigou a assentir com a cabeça. A senhora Jennings se instalou na habitação do outro lado do corredor, porque Jack e Becky frequentemente a tinham necessitado de noite.

— Sim. É obvio. Boa noite, então.

— Boa noite, Becky.

ᘓ ♥ ᘒ

Jack a viu ir-se, viu sua esbelta figura sair pela porta antes de fechá-la brandamente atrás de si.

Sempre lhe doía vê-la afastar-se dele, mas esta vez havia um caráter definitivo nessa partida que lhe oprimiu o peito.

Soltou um longo e trêmulo suspiro. Doía-lhe o ombro, mas não era tão terrível. Doía-lhe muito mais essa manhã que os dias anteriores. Sabia que estava curando-se.

Quão único tinha necessitado era ouvir que ela queria que vivesse. Essas poucas palavras foram suficientes para que cruzasse a barreira, para que lutasse com tudo o que tinha para superar a infecção que ameaçava seu corpo.

Entretanto, tinha-a destruído. Viu-o na postura de seu corpo, na forma caída de seus ombros, que sempre tinha

erguidos quando confiava nele. Agora estava afundada sob o peso da tristeza. Podia vê-lo em seu rosto, naqueles olhos que já não brilhavam com paixão, mas sim estavam sombrios e escuros. Na linha de sua boca e em sua pálida tez. Não sabia quanto tempo fazia que Becky tinha descoberto suas traições e suas mentiras, mas devia ter perdido uns três quilos desde então, e em um corpo magro como o seu, isso era muito.

A senhora Jennings entrou com um recipiente fumegante.

— Bom, jovem. Ouvi que está um pouco melhor. Gostaria de algo o jantar?

Jack olhou com receio o prato que sustentava.

— É caldo de cordeiro. Acredita que pode tomar um pouco?

Necessitava comida. Precisava recuperar força. Tinha estado confinado naquela cama muito tempo e queria sair dela. Não foi feito para estar prostrado.

— Sim, posso tomar um pouco.

— Muito bem então.

Sentou-se na cadeira que sempre ocupava Becky. Jack se sentiu culpado por lhe haver pedido que se fora. Mas lhe vê-la rompia o coração. Queria abraçá-la e lhe dizer que todo se arrumaria. Que a amava e que lhe importava mais que ninguém, que a cuidaria. Que a faria feliz.

Mas não tinha direito a tocá-la. E nenhum direito a lhe dizer nenhuma de todas essas coisas.

A senhora Jennings lhe deu várias colheradas de caldo em silêncio. Logo disse:

— Eu estava muito apaixonada por senhor Jennings.

Jack a olhou e se perguntou se, a uma idade tão avançada como a sua, podia lhe falhar um pouco a cabeça.

— Igual a milady o está de você. — A sombra de um sorriso cruzou seus lábios— Antes de nos casar, o senhor Jennings fez algo que me fez zangar muitíssimo e eu o castiguei. Não lhe disparei, mas possivelmente deveria havê-lo feito. — Fez uma pausa e sustentou a colher vazia no ar. Olhou-o e pôs uma cara de uva-passa com a que pretendia mostrar desaprovação—. Você deve havê-la decepcionado muito.

Jack fechou os olhos.

Depois de um breve silêncio, no que só se ouviu a colher contra o prato, notou o metal nos lábios. Abriu os olhos e a boca e tomou a sopa.

— É uma moça sensível — disse a senhora Jennings baixinho, como se não quisesse que Becky a ouvisse— Só a conheço há duas semanas; entretanto, suas emoções lhe saem do peito e são claras como o dia para qualquer com o meio cérebro para ver.

Jack engoliu o salgado caldo.

— Você pode as ver? Suas emoções, quero dizer.

— Sim, senhora Jennings. — Murmurou — As vejo.

Becky tinha razão ao lhe disparar. Nenhuma só vez, inclusive quando tinha estado à beira da morte, inclusive quando a dor era mais terrível, Jack tinha questionado sua decisão nem seus motivos.

Tinha-a traído da pior maneira possível: tinha-lhe pedido que confiasse nele e tinha feito pedacinhos dessa confiança. Se alguém fizesse o mesmo a ele, não olharia a essa pessoa duas vezes. Disparar-lhe-ia e partiria, deixando que se apodrecesse.

E, entretanto, cada vez que tinha aberto os olhos, ela estava ali. Cuidando-o. Ajudando-o. Rezando por ele. Queria que vivesse, inclusive depois do que lhe tinha feito.

— É uma moça melancólica, mas é uma boa pessoa — disse a senhora Jennings — Nós somos velhos, sabe?, e não cuidamos desta casa como ela queria. Mas não se queixou disso nenhuma só vez. Colocou mãos à obra e trabalhou lado a lado com o senhor Jennings e comigo. E quando nos doíam os ossos nos rogava que descansássemos.

Ao Jack não o surpreendiam suas palavras. É obvio que Becky tratava bem os criados. Não esperava que fosse de outra maneira.

A mulher o olhou.

— Sim, senhor, assim foi. E quando a vi cuidá-lo...

— Ela foi quem me disparou — lhe recordou ele sem rancor.

— Sim, e me atreveria a dizer que o merecia — declarou a mulher. — Lady Rebecca é incapaz de matar uma mosca. A menos que essa mosca tenha feito algo muito ruim.

Jack suspirou.

A senhora Jennings levantou a colher.

— Cuidou-o porque não suportava vê-lo sofrer. E você agora sobreviverá e isso lhe dá paz. Mas quer saber realmente

o que penso, senhor?

— O que?

— Penso que seria a coisa mais triste do mundo voltar a ver que lhe fazem mal. — Pegou a última colherada de caldo— Muito triste. Não acredito que possa sobreviver a isso. Além disso, acredito que você é uma das poucas pessoas do mundo que, por alguma razão, é capaz de prejudicá-la assim.

Jack sentiu a calidez do caldo na boca. Engoliu e permaneceu em silêncio por um momento.

— Eu não quero lhe fazer dano, senhora Jennings. — Respirou trêmulo — Não vou permitir que isso volte a acontecer.

ᘓ ♥ ᘒ

Becky se contorceu na cama até que, finalmente, ao amanhecer, deu-se por vencida. Com um suspiro, foi para a janela e abriu a cortina.

Uma fina camada de gelo cobria o chão. A distância, o oceano, recortado pelo penhasco, via-se tão lustroso e cinza como a pele das focas. Becky aproximou uma cadeira à janela, apoiou o queixo em uma mão e contemplou o nascer do sol, através de nuvens de vapor e iluminava o céu de um brilhante azul.

Logo chegaria o Natal. O primeiro Natal que passava longe de sua família. O primeiro em quatro anos que passava longe do Kate e do Garrett.

Tinha saudades deles. Mas quando se tratava de sua família, — não só da Kate e do Garrett mas sim de todos eles — sabia que o sentimento era mútuo. Eles a amavam incondicionalmente e sentiriam sua falta tanto como ela deles.

Desenhou círculos no vidro embaçado. Havia-lhes dito ao senhor e à senhora Jennings que a despertassem se o estado do Jack piorasse. Ninguém tinha ido a sua habitação durante a noite, o que significava que estava estável ou que estava melhorando.

Curar-se-ia. Quando estivesse bem, despedir-se-iam, ela retornaria a Londres e ele... bom, não importava o que ele fizesse. Tomaria seu próprio caminho. O que decidisse fazer não era assunto dela.

Ou ao menos não deveria sê-lo. Do contrário, seria um sinal de debilidade. Tinha sido muito mais fácil deixar ir ao William, mas Jack... tinha trabalhado para entrar no seu coração e, por muito que o tentasse, sentia que não podia estar sem ele.

Suspirou, se virou e colocou um dos dois vestidos que tinha levado ao Cornualha. Era de uma cor verde escura que recordava ao visco e a fazia pensar nas festas que se aproximavam; por outra parte, parecia melhor que o marrom, que agora estava cheio de manchas de gordura e sujeira porque era o que usava quando limpava.

Escovou-se o cabelo, fez-se uma trança e a recolheu em um coque. Olhou-se por muito tempo no espelho. Via-se magra e abatida. Mechas de cabelo murcho lhe caíam ao

redor do rosto e os olhos pareciam escuros e grandes, como se estivessem afundados em seu rosto abatido.

Seu rosto refletia muita culpa e medo, tristeza e decepção. Em realidade não deveria sentir-se assim. Tinha a Kate e ao Garrett. A sua maneira brusca, a tia Bertrice a amava e Sophie e Tristan jamais lhe dariam as costas. Suas sobrinhas e sobrinhos a adoravam, era sua tia favorita.

Não deveria estar sentindo aquele peso esmagador de solidão no peito.

Virou-se para a porta para ir ver o homem que não era culpado dessa sensação de solidão, mas que a tinha acentuado até quase convertê-la em uma dor física.

Desejava tanto que a amasse. Fechou os olhos e recordou os escassos dias em que tinha acreditado nele. Que feliz tinha sido. Quão livre havia se sentido.

Como podia recuperar esse sentimento alguma vez?

Saiu da habitação, percorreu o corredor e entrou na habitação do Jack. Para sua surpresa, viu-o abrir os olhos assim que ela entrou.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia. — deteve-se um momento na porta, sem saber se lhe pediria que ficasse ou que fosse embora.

Depois de um breve silêncio, Jack disse:

— Entre.

Ela foi para a cadeira, afastou-a uns centímetros da cama e se sentou.

Jack a olhou um momento.

— Parece cansada.

— Estou bem. — Olhou-lhe o braço e entreabriu os olhos ao ver as bandagens novas— O doutor Bellingham veio?

— Sim, acaba de sair. — Jack suspirou— Sabíamos que dormia, assim tentamos não fazer ruído.

Ela assentiu. Não tinha sentido corrigi-lo.

Olhou-lhe o ombro.

— Entalou-me o braço, colocou uma nova tipoia e deixou mais láudano.

Becky sabia, por própria experiência, que as feridas como as dela não fechavam até que o inchaço diminuísse, portanto, isso significava que estava melhorando.

— É uma excelente notícia.

— Sim.

— Lhe… dói-te?

— Não. Bom… não vou mentir e te dizer que não sinto nada. Mas… — Olhou-a aos olhos e apanhou seu olhar— … Mas me dói menos que saber quanto dor causei a ti.

Becky ficou sem fôlego e levantou imediatamente uma sólida parede, entre os dois. Não podia responder. Não lhe acreditaria; não podia fazê-lo. Desviou os olhos dos seus e fixou o olhar na suave e antiga colcha cinza. Era de seus avós, uma das poucas peças de roupa de cama que estavam em bom estado.

— Becky?

Ela tentou não esfregar as mãos e se moveu incômoda na cadeira.

— Que dia é hoje?

Voltou a olhá-lo.

— 14 de dezembro.

— 14 de dezembro — repetiu ele em um sussurro. A pena se refletiu em seu semblante; parecia exausto, derrotado. Logo fechou os olhos— É quase Natal. Mantive-te longe de sua família. Se partes logo, pode estar em Londres nessa altura.

— Não, Jack. Ficarei aqui até que esteja bem.

Capítulo 22

Jack melhorou rapidamente. O médico retirou a sutura, a ferida do braço se fechou e cicatrizou e parecia sentir menos dor. Tinha uma cor boa e estava cada vez mais forte.

Quatro manhãs depois de que lhe baixasse a febre, Becky foi o ver e encontrou a cama desarrumada mas vazia. Franziu o cengo, saiu da habitação e o chamou pelo corredor. Quando ninguém lhe respondeu, desceu a escada apressadamente e foi à cozinha, onde a senhora Jennings assava pão.

— Viu ao senhor Fulton esta manhã?

— Vá, não, milady, não o vi.

Becky sentiu pânico. Onde estava? Onde podia estar?

Procurou no resto da casa e logo lá fora. Gritou seu nome pelo campo aberto e foi até a casa dos Jennings. Tudo estava tranquilo e silencioso naquela clara amanhã de inverno.

Retornou correndo à casa, preocupada, horrorizada ante a ideia de que possivelmente tivesse abandonado Seawood. Aonde podia ter ido? Fazia tão frio e não se levou o cavalo, assim devia ter partido a pé. Havia-lhe dito que quando tinha ido ali a procurá-la, tinha deixado seu cavalo no Launceston,

tinha-lhe rogado a um camponês que o levasse ao Camelford e tinha caminhado o resto do caminho. As opções de transporte entre a casa e Camelford eram limitadas e o povoado estava a oito quilômetros. Não estava segura de que Jack pudesse caminhar essa distância, ferido como estava e frio que fazia.

Recolheu-se a saia e subiu a escada correndo para ver se tinha deixado alguma nota dizendo aonde tinha ido.

Sim o tinha feito. Sobre seu travesseiro viu um papel. Como podia não havê-lo visto antes?

O pegou com dedos trêmulos. A letra era irregular; Jack tinha usado a mão esquerda para escrevê-la.

17 de dezembro de 1827

Minha muito querida Becky:

Já passei muito tempo sob seu atento cuidado. Não te porei em mais perigos ficando em sua casa. Tom Wortingham prometeu entregar a prova às autoridades faz dois dias e cumprirá sua palavra. Agora devem estar me buscando como responsável pelo assassinato do marquês do Haredowne.

Sei que o que te tenho feito é imperdoável, mas não posso evitar ser fiel a mim mesmo e cometer a ousadia de te rogar, uma última vez que me perdoe. Ao princípio, e embora senti um inegável desejo por ti do primeiro momento, minhas intenções foram desonrosas. Detestáveis.

Há dois meses, acreditava que nada era mais importante que minha própria pele. Agora sei quão equivocado estava. Tenho descoberto que nada me importa mais que os poucos momentos nos que recebi o dom de sua confiança e seu afeto.

Adeus, meu amor. Te cuide e seja feliz.
Jack

Olhando o papel, Becky se sentou na cama.

Ela tinha mandado as cartas com o Sam a tarde de 13 de dezembro. Segundo a nota do Jack, este era fugitivo do 15.

A data imposta pelo Tom Wortingham era 15 de dezembro. Não havia forma de que Sam tivesse chegado a Londres a tempo. Tinha chegado muito tarde. Se Wortingham realmente tinha entregue a prova, as autoridades deviam estar rastreando o país em busca do Jack. Naquele mesmo instante estariam de caminho ao Cornualha para levá-lo ao cárcere.

— OH, sou uma parva.

Quando a senhora Jennings lhe deu a carta do Tom Wortingham lhe disse que não tinham ido recolher o correio fazia vários dias. A carta do Wortingham teria passado vários dias no Camelford, enquanto Jack estava sumido no pior da febre.

Leu sua nota uma e outra vez. Levava-a consigo a todas partes, não pensava em nada que não fossem aquelas palavras. O senhor e a senhora Jennings a olharam com preocupação durante todo o dia, mas não disseram nada.

Ao entardecer, Becky se sentou junto à janela, com o olhar cravado no horizonte marinho. Uma tormenta se aproximava e o vento soprava com força, levantando uma branca espuma da superfície da água.

Aonde teria ido Jack? Odiava a ideia de que estivesse ali fora, sozinho, e tentou recordar-se que era um homem forte

que tinha visto tormentas piores que aquela no mar. Podia cuidar-se perfeitamente. A febre e a ferida o tinham debilitado, mas não era um inválido. Era resistente, decidido e podia enfrentar-se a uma tormenta de inverno.

Mesmo assim, tentava não pensar em como teria feito para usar um casaco ou as luvas, ou no fato de que possivelmente não pudesse chegar caminhando ao Camelford.

Tirou sua nota do bolso e a leu uma vez mais. Lentamente desta vez, analisando cada palavra.

Não havia simulação nelas. Tinha sido honesto desde que tinha chegado ao Seawood. Em algum momento antes de ir a Cornualha, tinha ido ver o Tom Wortingham e lhe tinha comunicado que seu ardil tinha chegado a seu fim. Seus remorsos pelo que tinha feito eram evidentes. Não a culpava por lhe haver disparado; considerava-o um bem merecido castigo por seus atos.

E inclusive embora já não tinha motivos para expressar seu amor por ela — era muito tarde para que pudesse usar seu dinheiro —, dizia-lhe que a amava.

E o olhar de seus olhos quando lhe disse que era dia 14... sabia que o enforcariam, que logo se converteria em um fugitivo. Entretanto, não havia dito uma só palavra. Não lhe tinha pedido nem um penique, nem sequer ajuda. E, quando se foi, não se levou nada que não fora dele.

Possivelmente alguma vez tinha sido desonesto e egoísta, tinha tentado manipulá-la e seduzi-la, mas já não.

Ficou em sua casa um par de dias depois de que lhe baixasse a febre, mas olhando-o em retrospectiva, Becky se

dava conta de que tinha estado preparando-se para a partida. Nas últimas vinte e quatro horas tinha comido muito e feito exercício caminhando pela casa e, embora não a rechaçava, tampouco falava com ela de coisas importantes. Mantinha-se educadamente distante.

Esperava que pudesse fugir das autoridades. Esperava que pudesse ir-se longe. Rogava que fosse feliz e que estivesse a salvo em um lugar onde a sombra de suas más ações não se abatesse sobre ele. Na Inglaterra sempre o perseguiriam, inclusive embora ninguém descobrisse a verdade do que tinha passado entre ele e o marquês do Haredowne, havia muitos lembranças dilaceradoras e terríveis para ele ali.

Sentiria falta dele. Deus!, já sentia falta dele.

Abriu a mão e a nota se deslizou até o chão.

Fechou os olhos com força, inclinou-se para frente e apoiou as mãos abertas e a bochecha contra o frio vidro da janela.

Nas últimas duas semanas, tinha protegido seu coração com orgulho e fúria. Mas os dois sentimentos se desvaneciam.

Amava Jack. Amava-o e não queria estar sem ele. Acreditava o que lhe dizia na nota. Não tinha motivos para lhe mentir, já não.

Tinha-lhe mostrado que era um homem honrado. Tinha cometido um terrível engano, mas o tinha confessado. Logo tinha sofrido. Tinha lutado por sobreviver porque lhe tinha rogado que o fizesse. E, finalmente, acreditando que as autoridades o buscavam, partiu-se para protegê-la, aferrando-se a sua promessa de sobrevivência.

À manhã seguinte, sentou-se à mesa da cozinha com o senhor e a senhora Jennings e olhou fixamente a aveia. O nó que tinha na garganta não lhe permitia comer nada e afastou a tigela.

— Por favor, milady — lhe disse brandamente a senhora Jennings com o rosto enrugado de preocupação— Precisa repor forças.

Suspirando, voltou-se a aproximar a tigela e tomou uma colherada da cremosa mescla. Enquanto tentava engolir, soou um golpe na porta.

«Jack!»

Apoiou as mãos abertas na mesa e se inclinou para frente, tentando acalmar os acelerados batimentos de seu coração.

Não! Não, não podia ser ele. Não retornaria. Devia ser alguma outra pessoa. Lhe fez um nó na garganta e olhou à senhora Jennings, alarmada. A mulher cravou a seu olhar em seu marido, que se levantou para ir ver quem era.

Becky estava sentada, imóvel, escutando o sob som de vozes no vestíbulo de entrada. Logo ficou em pé de um salto.

— Garrett!

Correu para o vestíbulo e se jogou nos braços de seu irmão. Ele a estreitou brevemente e logo a afastou, consciente de que estava molhado. Tinha chovido toda a noite e seguia fazendo-o.

Olhou para a escada e sacudiu a sua irmã brandamente.

— Onde está, Rebecca?

Tristan, que tinha entrado detrás do Garrett, disse:

— O senhor Fulton... — Duvidou e logo continuou, enquanto se tirava as luvas e agarrava as mãos dela entre as suas —. Becky, ao Fulton o acusaram que ter assassinado a um nobre.

— Você... sabe? — perguntou em um sussurro.

Tristan assentiu firmemente, mas havia compaixão em seus olhos escuros.

— O lorde comandante de Londres veio nos ver. Apresentou-se uma prova às autoridades em 15 de dezembro; um documento sobre a culpa do Fulton, com as declarações escritas de duas testemunhas vivas.

Becky ficou sem fôlego. Jack tinha razão: Tom Wortingham não tinha perdido tempo em cumprir suas ameaças.

— O que passou com o Sam?

Tristan a olhou surpreso.

— Sam está aqui, contigo, não?

Isso confirmava o que ela já sabia; não havia forma de que Sam pudesse chegar a Londres a tempo. Cruzou-se com o Tristan e com o Garrett sem ver-se. Seguro que estava em Londres nesse momento, junto com sua agora inútil ordem de lhe entregar ao Tom Wortingham um pagamento no valor de dezoito mil libras.

— Não. Está em Londres. Enviei-o a casa. — Negou com a cabeça e mordeu o trêmulo lábio inferior—. Por que viestes?

— Kate recebeu sua carta e me pediu que retornasse a Londres — disse Garrett— Eu tinha partido para o Yorkshire

para te buscar. Cheguei a casa poucos dias antes de que o comandante viesse nos ver.

— Todos sabíamos que Fulton tinha vindo ao Cornualha para te buscar e que já deveria ter chegado, embora não recebemos notícias dele nem tuas — acrescentou Tristan— Enganamos às autoridades, afirmando que acreditávamos que estaria no Yorkshire, mas me atreveria a dizer que descobrirão a verdade logo.

— E virão aqui.

— Sim — disse Tristan— Chegarão em questão de dias.

— Rebecca, onde está? — A voz do Garrett tinha um matiz de urgência.

— Se foi — disse com tristeza— Jack Fulton se foi.

ଓ ♥ ଌ

Tristan e Garrett tinham chegado em uma carruagem de viagem assim puderam chegar ao Cornualha mais rapidamente trocando os cavalos e usando abajures para iluminar o caminho durante a noite. Ao meio dia, a carruagem com um novo lance avançava para Londres sob a chuva, com o Becky, Tristan e Garrett dentro.

Quando se foram do Seawood, deixando ao senhor e à senhora Jennings, Becky sentiu melancolia ao pensar que possivelmente não voltasse a vê-los. A casa sempre seria especial para ela como o primeiro lugar onde tinha afirmado sua independência. Ali tinha aprendido valiosas lições.

Por outro lado, o lugar guardava muitas lembranças tristes da família de sua mãe e agora também para o Becky. Sempre seria o lugar onde lhe tinha disparado em Jack; onde quase o tinha matado.

À medida que a carruagem se afastava, a opressão que sentia no peito foi aliviando-se. Podia ser independente em qualquer lugar. Não necessitava Seawood para fazê-lo. Podia deixar a casa sem remorsos. Possivelmente inclusive a vendesse; mas não a alguém que a descuidará, como tinha feito ela. Só a cederia a uma família que apreciasse a desolada beleza do lugar, que a convertesse em um lar.

Olhou pela janela que chovia muito quando passaram pelo povo do Camelford e tomaram o solitário atalho que levava ao Devonshire.

— Becky — disse Tristan, depois de quase uma hora de silêncio no fechado interior da carruagem— precisamos saber se Jack Fulton te tem feito algum dano.

Ela virou a cabeça e o olhou fixamente, com os olhos abertos como pratos.

— O que? Não!

Garrett se inclinou para frente no assento de couro, frente a ela e Tristan.

— Está bastante claro que assassinou ao marquês do Haredowne. Tristan e eu... — deslizou o olhar para sua prima — ... bom, temos motivos para acreditar que te enganou. Ia atrás de ti por seu dinheiro, para pagar o silêncio das testemunhas do assassinato.

— Sabia alguma coisa disso? — perguntou Tristan — Por isso desapareceu a noite antes das bodas?

— Sei tudo — disse ela. Respirou fundo e prosseguiu —: Descobri o que planejava aquela noite, depois do jantar. Ouvi o Stratford e a ele falar disso…

— Stratford? — Garrett apertou os dentes. Esse bastardo…

— Por favor, me escutem. — Becky olhou a seu irmão com as costas erguidas— Ambos devem supor como me senti ao saber a verdade, depois de tudo o que tinha passado com o William. Senti-me como uma parva.

Tristan negou com a cabeça.

— Não, não foi você a parva. Fisk enganou a todos. Igual a Fulton.

— Mas Jack é diferente — sussurrou Becky.

Garrett apertou os lábios.

— Não acredito.

Ela se olhou o regaço e logo levantou o olhar, sabendo que devia explicar-lhe tudo. Apertou as mãos e disse:

— Disparei-lhe, Garrett. Odiava-o pelo que tinha feito e quando veio aqui… disparei-lhe.

Tristan abriu os olhos desmesuradamente.

— Está…?

— Não… lhe infectou a ferida do ombro, mas seguiu em frente. Estava recuperando-se embora ainda fraco quando se foi.

— Sabe aonde foi?

— Não. Desapareceu durante a noite. — Becky engoliu com esforço— Mas, verão, depois de lhe disparar, descobri que tinha ido ver o homem, à testemunha do assassinato que estava tentando chantageá-lo. Este o ameaçava revelando a verdade sobre ele e Haredowne se não lhe dava vinte e cinco mil libras e Jack lhe disse que não ia lhe dar nem um xelim. — retorceu-se as mãos no regaço— Lhe disse que não tocaria meu dinheiro. E... — Piscou— ... Se arrependia de me haver manipulado, Garrett. Sei que é assim. Por isso se foi. Porque compreendeu exatamente o que tinha feito e como me tinha afetado. Porque sabia que as autoridades viriam a prendê-lo e eu lhe havia dito que queria que vivesse e fugir era a única forma de fazê-lo.

Sua prima e seu irmão a olharam fixamente com expressão receosa. Ela procurou em sua bolsa de mão e tirou a carta do Tom Wortingham.

— Leiam isto. Demonstra que Jack...

A voz a traiu, mas o resto da frase ressonou com claridade em sua cabeça.

«Demonstra que Jack me ama.»

ଓ ♥ ଌ

O bom tempo do que Becky e Sam tinham desfrutado na viagem ao Cornualha não foi igual na volta a Londres. O caminho estava enlameado e alagado em muitos lances; era tão irregular e avançavam tão lentamente que Becky pensou que ia se ficar louca.

Jack ocupava seus pensamentos de tal modo que não podia concentrar-se em nada mais. Cada dia, em cada momento, perguntava-se onde estaria. O que estaria fazendo. Se estaria a salvo, abrigado, protegido. Se seu braço tinha melhorado.

Durante as largas horas que passaram na carruagem, contou tudo ao Tristan e ao Garrett. Explicou-lhes o que tinha passado entre o Jack e Anne Turling e o marquês do Haredowne, tudo o que sabia do Tom Wortingham e sua história com o Jack e o comportamento do Jack com ela desde que partiu de Londres e chegou ao Seawood.

Eles dois a escutaram com atenção; Tristan analisava a informação com sagacidade, enquanto que Garrett mantinha a frieza e a dureza de seus olhos e apertava a mandíbula. Entretanto, quando avançavam pelo caminho úmido e enlameado da entrada do Mayfair, no dia 22 de dezembro, Tristan e Garrett tinham admitido que acreditavam no arrependimento do Jack e que se redimiu ao negar-se a lhe dar ao Tom Wortingham o dinheiro do Becky.

Kate estava esperando-os nos degraus da entrada quando chegaram à casa do Garrett. Sem esperar que um lacaio a ajudasse a descer, Becky saltou da carruagem e correu para abraçar a sua amiga. Juntas entraram e enquanto Kate se ocupava de que lhe oferecessem leite e sopa quente, eles falaram de tudo o que tinha passado.

— Sinto tanto não lhes haver explicado o que ocorria antes de ir de Londres — disse Becky— É só que... Bom, por uma vez na vida queria resolver meus problemas sozinha,

sem me esconder detrás de ti e de meu irmão. Queria que tivessem um bonito Natal, com seu filho...

Sua cunhada se inclinou para frente, com os escuros olhos sérios, e lhe agarrou a mão.

— Estava tão preocupada contigo.

— Sei. E esteve mal por minha parte desaparecer sem dizer nada. — Becky tentou sorrir— Quando você fugiu da mansão Calton aquela manhã há quatro anos, deixou-me uma carta em que me explicava o que tinha feito. Mas eu não tive a mesma gentileza.

Kate suspirou.

— Sabia que não teria ido se não era importante. E me tranquilizava saber que te tinha levado ao Sam contigo. Sabia que ele te protegeria.

Soltou a mão do Becky e tomou outra colherada da saborosa sopa que o lacaio lhe tinha posto na sua frente.

— Sam está aqui?

— Sim, chegou faz mais ou menos uma semana. Trouxe as cartas que você lhe escreveu para o Garrett e ao advogado, lhe pedindo que emitisse um pagamento. Mas eu disse a seu advogado que esperasse até que Garrett retornasse da Cornualha. Dado tudo o que tinha passado, pensei que já era muito tarde para fazer o que pedia.

— Tinha razão — disse Becky— Obrigado.

Kate sorriu.

— Sam está bem e retomou suas tarefas habituais.

Becky também lhe sorriu. Sabia que sua cunhada jamais recriminaria ao Sam por sua lealdade a ela e que o jovem

sempre teria um lugar no serviço do duque.

— Como está o pequeno Henry?

O sorriso do Kate lhe iluminou o rosto.

— É o bebê mais gentil e precioso do mundo.

Ao entardecer, as duas colocaram casaco, chapéu e luvas e deram um curto passeio noturno. O jardim da casa londrino do Garrett não era nada comparado com a vasta extensão dos jardins da mansão Calton, mas Sophie, a quem gostava muito de rosas, tinha cuidado o pequeno jardim durante muitos anos e plantado fileiras de roseiras que floresceriam em abundância na primavera, embora nesse momento não eram mais que solitários ramos mortos que se elevavam do solo gelado.

— Sente falta do Jack, Becky?

Ela parou e olhou o céu cinzento.

Kate lhe agarrou a mão e a apertou com força.

— Eu tenho muito claro que ele te ama.

Becky arqueou as sobrancelhas. Tinha-lhe contado a sua cunhada quase tudo, mas não tinha falado de amor; tinha evitado o tema cuidadosamente.

Kate continuou.

— Sei que suas intenções iniciais não eram honradas... mas havia algo em seu olhar... a forma em que um homem olha a uma mulher quando está apaixonado. Quando acredita que ninguém o vê. É algo que não pode negar-se nem falsificar-se. Estou segura.

— Jack me olhava assim?

— OH, sim. Todo o momento.

— Quero encontrá-lo — disse Becky serenamente— Quero estar com ele mais que tudo no mundo.

— Mas Jack Fulton é um fugitivo. E você é a irmã de um duque da Inglaterra.

— Sim, tem razão nas duas coisas.

— OH, Becky... — Ao Kate lhe encheram os olhos de lágrimas— Me sinto tão mal pelo que te passou.

Ela a olhou aos olhos.

— Quero estar com ele, Kate.

— Está... dizendo que abandonaria o país? Viveria no exílio? Sem voltar a ver alguma vez a sua família? — Sua voz era tão tensa que soava como se alguém lhe estivesse apertando a garganta.

Somente a ideia de abandonar Kate, ao Garrett e aos meninos encheu ao Becky de dor.

— Não quero lhes abandonar. — Fez uma pausa e logo respirou fundo e acrescentou —: Você seguiria ao Garrett a qualquer parte, não é assim?

Sua cunhada se mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Sabe que o faria. Seguiria ao Garrett mesmo que fosse até o fim do mundo.

Becky lhe apertou a mão e as duas permaneceram em silêncio durante um longo momento, olhando a brilhante paisagem de estrelas.

— Devo encontrá-lo — sussurrou finalmente. Mas como?



Tristan ficou para jantar essa noite e Sophie os acompanhou e, quando estavam indo para sua casa, Becky afastou Tristan para longe.

— Sei que é pedir muito depois de tudo o que tem feito por mim, — murmurou— mas queria saber se poderia perguntar por aí. Ver se pode averiguar onde está Jack.

Seu primo a olhou um instante e logo sorriu. Tristan era um homem bonito e quando sorria o fazia uma covinha nas bochechas, o que lhe dava um aspecto despreocupada e infantil.

— É obvio, Becky. Verei o que posso fazer.

Capítulo 23

Jack corria um grande risco ao ir ali. O perigo o espreitava. Estavam procurando por ele, e sabia o que aconteceria se o encontrassem. A prova era irrefutável. Tinha matado a um nobre. Enforcá-lo-iam.

Tinha chegado a Londres ao amanhecer daquele dia, a manhã de véspera de Natal. Mantinha-se oculto nas sombras e se afastava de qualquer que remotamente parecesse um policial. Agora estava à beira do Tamisa, na escuridão. A temperatura era gélida e havia nuvens baixas e cinzentas no céu. Do rio ascendia um débil vapor e entre a névoa e os navios ancorados, podia ver o danificado perfil do Gloriana.

Seu lar, ou ao menos assim o sentia. Entretanto, não podia evitar o desejo de não retornar a ele. Tinha ido a Londres com a intenção de começar uma nova vida e voltar para a Gloriana era como retroceder. Sentia que era como ir-se ao exílio outra vez.

Além disso, era pior, pois não se ia ao exílio, a não ser para esconder-se. E nesta ocasião seria para sempre. O Gloriana abandonaria Londres a meio-dia com rumo ao Kingston, Jamaica, e ele jamais retornaria a Inglaterra.

O frio fazia que lhe doesse mais a ferida. Colocou o chapéu e caminhou pela doca como se trabalhasse ali. A barcaça do Gloriana se aproximou, com seus ocupantes, com casacos escuros, encurvados pelo frio.

Um dos remadores, o contramestre McKinley, levantou a cabeça e esboçou um grande sorriso.

— Olá, Jack!

Ergueu a mão sã em silenciosa resposta, enquanto o resto dos marinheiros o saudavam.

Respirou fundo, encaminhou-se a beira do rio e subiu à barcaça quando esta se aproximou do mole. A ação era natural para ele, mas dessa vez a fez com desconforto pela ferida; não podia usar o outro braço para equilibrar-se e provavelmente se teria caído se as mãos dos marinheiros não o tivessem pego a tempo.

— O que te passou no braço, Jack? — perguntou um dos marinheiros mais anciões, de nome Johnson. Depois da pergunta, cuspiu um pouco de tabaco.

— Um disparo — respondeu ele laconicamente.

Ignorou as sobrancelhas arqueadas dos homens. Só devia mantê-los em suspense e que pensassem que um dos que o perseguiam era quem o tinha ferido. De maneira nenhuma ia falar do que lhe tinha passado desde sua volta a Inglaterra. Todos sabiam que o acusavam de assassinato e que havia uma ordem judicial para prendê-lo. Por uma mensagem do capitão Calow, inteirou-se de que tinham interrogado à tripulação do Gloriana sobre seu paradeiro. Ninguém sabia onde estava nesse momento, mas aqueles

homens eram seus amigos, seus irmãos, e embora soubessem onde se escondia, jamais o teriam entregue.

Sentou-se em um dos bancos e seus companheiros permaneceram em silêncio enquanto remavam para o navio.

Jack olhou os lúgubres edifícios que se alinhavam na linha da costa, as escuras figuras dos caminhantes que apressavam o passo para chegar a casa e passar o Natal com seus entes queridos.

Um deles o olhou e Jack ficou arrepiado. Inclusive à distância, podia reconhecer o pálido olhar do Tom Wortingham. Aparentemente, este ainda o seguia, mas Jack não sabia por quê. Tudo tinha terminado. Como lhe havia dito, Jack não lhe tinha dado nem um xelim, e, como tinha prometido, Tom tinha levado sua prova às autoridades.

Viu-o afastar do cais, levantar a gola do casaco e desaparecer como um espectro.

Jack fechou os olhos enquanto se afastava do lugar que, uma vez mais, rechaçava-o.

ଓ ♥ ଌ

Na manhã de Natal, Becky se levantou cedo. Kate, a tia Bertrice e os meninos corriam daqui para lá, fazendo preparativos de última hora para a festa, mas Becky não sentia muitos desejos de compartilhar a emoção esse ano. Sentou-se em sua cadeira de veludo favorita no salão, com um número recente da Revista de Ciência Médica do Edimburgo no regaço. Normalmente, devorava essa

publicação assim que recebia um de seus números trimestrais, mas essa manhã as palavras pareciam dançar nas páginas.

Ouviu uma suave chamada na porta do salão e suspirou, aliviada pela distração.

— Entre.

Era uma criada.

— Milady, lorde Westcliff está aqui. Deseja falar com você se estiver disponível.

Becky deixou a revista de lado e ficou em pé de um pulo.

— Tristan? — alisou-se a saia— É obvio que estou disponível. Onde está?

— A espera no salão, milady.

Becky se apressou para lá, abriu a porta e se aproximou dele. Sua prima ficou em pé.

— OH, Tristan, tem notícias do Jack?

Ele assentiu sombriamente.

— Feliz Natal, Becky. Por favor, se sente.

Ela se sentou tão depressa que quase se afundou no sofá.

— Por favor, me diga o que sabe.

Sua prima inspirou fundo.

— Bom, tal como me pediu, procurei informação sobre o paradeiro do Fulton. Recordei o nome do navio que partiu quando se foi da Inglaterra, assim fui aos moles para revisar os registros das naves que tinham chegado e zarpado do porto de Londres nas últimas semanas.,

— E? — Becky conteve a respiração—. Encontraste alguma menção do Gloriana?

— Sim. Resulta que estava ancorado nos moles desde o começo do mês.

Becky se levou um punho à boca.

— Está no navio?

Tristan franziu o cenho.

— Não estou seguro...

— Arriscar-se-ia a vir a Londres?

Sua prima encolheu os ombros.

— Pode ser que sim. Especialmente, se seu melhor meio para fugir da Inglaterra está ancorado no Tamisa.

Becky ficou em pé.

— Leva-me ali? Por favor, Tristan.

Ele levantou uma mão.

— Um momento, Becky, o Gloriana já abandonou Londres. Zarparam com a maré ontem pela tarde.

Suas palavras a deixaram sem fôlego. Abatida, voltou a afundar-se no sofá e olhou a sua prima sem esperanças.

— Se estava a bordo...

— Então se foi.

— Aonde... dirigiam-se?

— Às Antilhas. A Jamaica.

As Antilhas. A um mundo de distância. Becky ficou em pé e lhe tremeram as pernas.

— O... sinto muito, Tristan, mas quero ficar sozinha um momento.

Ele também ficou em pé, estendeu os braços e a abraçou.

— Compreendo-o e o sinto. — Levantou-lhe o queixo para que o olhasse— Te verei esta noite no jantar.

— Sim... muito bem — murmurou ela e se afastou, tropeçando. Subiu a escada, colocou seu casaco mais pesado e disse a Kate que saía para caminhar. Josie a acompanharia, mas a donzela sabia muito bem quando queria que a deixassem sozinha e manteve a distância.

Parecia que ia nevar. O ar gelado lhe mordia as bochechas enquanto caminhava pelo Mayfair, mas ela mal o notava. Ela caminhou com passo firme para as bordas do Tamisa. Sabia que jamais encontraria o Gloriana. Inclusive embora o navio ainda estivesse no porto, os moles estavam muito longe e cercados por bairros extremamente perigosos para ir ali caminhando. Mas algo a levava nessa direção. Embora não fora mais que para olhar o rio e sonhar acordada com que Jack pudesse estar perto.

Chegou até a Torre de Londres antes de pensar em retornar. Já era tarde e devia voltar antes que sua família começasse a preocupar-se. Não podia perder o Natal. Deu uma olhada por cima do ombro e viu Josie uns passos atrás dela, carrancuda. Estava claro que a donzela pensava que se aventurou muito longe.

Becky cruzou as portas da Torre. Ao Garrett o teriam feito prisioneiro ali se o tivessem acusado do assassinato do William. Mas Jack não era um nobre. O mais provável era que o encarcerassem no Newgate, onde estavam os criminosos comuns.

Caminhou um pouco mais. Não podia enfrentar o Natal com sua família; ainda não. Uns minutos mais e logo daria meia volta e retornaria a casa. Seguiu caminhando, perdida em seus pensamentos.

Não podia esperar que Jack e o Gloriana retornassem das Antilhas. Essa seria uma tarefa infrutífera; não só porque o Gloriana demoraria meses para voltar, mas sim porque, além disso, o dia que o fizesse, era improvável que ele estivesse a bordo. Jack não podia retornar a Inglaterra.

Isso significava que era Becky quem devia segui-lo. Tinha que conseguir uma passagem ao Kingston o mais rápido possível.

Algo duro a golpeou do lado. Surpreendida, Becky se lançou para a direção oposta, mas um braço comprido e forte se deslizou por sua cintura e a aferrou contra um alto corpo. Um pouco de metal brilhou à altura de sua cintura, oculto dos outros transeuntes pela larga e puída capa negra com que seu atacante os havia coberto os dois.

— Shhhhhh. — O homem lhe apertou a pistola contra a cintura— Continue andando, por favor, milady.

Ela afogou um grito e olhou o rosto pálido do homem. Imediatamente soube quem era.

O instinto lhe dizia que gritasse, que se afastasse dele e saísse correndo, mas se controlou. Tinha o cano de uma arma cravado não lateral. Podia lhe disparar e matá-la em plena rua.

Certamente que o homem não pensaria que ela se aventuraria pelas ruas de Londres sozinha. Não tinha

prestado atenção a Josie desde que lhe tinha dado uma olhada na Torre, mas agora não se atrevia a olhar para atrás. Não queria lhe dar a seu captor nenhum indício de que uma terceira pessoa podia estar observando-os.

Assim se limitou a perguntar em voz baixa:

— É você Tom, verdade? Tom Wortingham.

Ele tinha um pescoço comprido e magro e moveu o pomo de adão ao engolir. Embora fingia olhar para frente, desviou os olhos cinzas em sua direção.

— Vamos seguir andando, de acordo?

Tinha o sotaque de um cavalheiro, mas isso não devia surpreendê-la. Jack lhe havia dito que era o filho de um vigário.

— Muito bem. — Tentou tranquilizar-se e se concentrou no concreto do chão e no homem ao lado dela. Desprendia o aroma dos pergaminhos quando ficavam amarelos e começavam a esmiuçar-se pelos extremos. Não era um aroma que ao Becky desagradasse, recordava aos livros antigos, mas tampouco lhe parecia especialmente atraente.

E o homem em si tampouco era atrativo absolutamente. Muito magro, com uma pele amarelada e doentia. Estava bêbado? Sentiu náuseas ao pensar no perigo adicional que corria em caso de que assim fosse. Entretanto, não cheirava a álcool.

Viu-o esboçar um cadavérico sorriso.

— Facilitou muito para mim, milady. Já quase estamos chegando.

— Aonde...? — Lhe quebrou a voz. Deu-se conta de que tinha caminhado quase até os moles de Londres, passando junto a uma construção que havia nas docas do St. Katherine, tranquilos por ser esse dia festivo, sem prestar atenção ao quão longe tinha chegado.

Wortingham riu baixinho.

— Logo o verá.

Sua gentileza parecia um pouco estranha para Becky. Perguntou-se se realmente tinha a intenção de matá-la. Se realmente apertaria o gatilho, se lhe dispararia, em caso de que ela pedisse ajuda ou tentasse fugir. Podia sentir o tremor de seus dedos. Obrigou-se a caminhar e o observou com dissimulação. Parecia assustado, mas Jack lhe havia dito que estava desesperado.

Caminharam por uma rua a um lado da qual se alinhavam as naves do porto; perto de onde Tristan lhe havia dito que tinha estado ancorado o navio do Jack. Mas o Gloriana já se foi. Com voz firme, perguntou:

— Pensa pedir um resgate?

Wortingham duvidou e logo disse:

— Quanto lhe contou nosso amigo Jack, milady?

— Tenho descoberto o assunto sozinha. Descobri por acidente o conteúdo de uma carta que se enviou a minha casa e logo você teve a amabilidade de mandar duas; uma a Londres e outra ao Cornualha.

Ele assentiu e falou em voz baixa, cuidadoso com o resto dos transeuntes, embora à medida que avançavam pelo bairro, eram cada vez menos.

— Mandarei uma nota a sua excelência para pedir uma soma com a que garantir sua segurança. Não pedirei muito e, além disso, seu irmão é um dos homens mais ricos da Inglaterra, não é assim? Só uns poucos milhares de libras; para ele não será nada. Quando me entregar o dinheiro, liberá-la-ei. Você seguirá seu caminho e eu o meu.

— Bom, isso parece bastante singelo. — Becky parecia segura, mas se sentia enjoada e lhe afrouxavam os joelhos. Mordeu-se o interior da bochecha e se concentrou em dar uma imagem de forte. Quanto mais teria que caminhar com uma pistola apertada contra o lado do corpo? Quando tudo aquilo terminasse, teria um hematoma arredondado.

«Tem problemas», havia-lhe dito Jack. Tom Wortingham tinha sido um cavalheiro tempo atrás. O teriam ameaçado com funestas consequências se não pagasse a enorme soma que devia; do contrário, não chegaria a tais extremos, a correr tais riscos abertamente no dia de Natal.

— Já chegamos. — Wortingham se deteve na porta de um edifício cinza que ocupava todo quarteirão. Devia estar no Shadwell ou Wapping. Becky jamais tinha estado naquela parte de Londres. Era mais cinza e escura que o furioso céu, e o fedor das águas residuais e a podridão emanava do meio-fio e se filtrava no ar.

Onde estava Josie? Becky ainda não se atreveu a olhá-la. Wortingham lhe teria feito algo? Teria fugido quando viu que o desconhecido abordava a sua senhora? Mas Josie não faria algo assim... ou sim? Becky acreditava que a jovem tinha firmeza de caráter e que não fugiria ante o primeiro sinal de

problemas. Mas em realidade nunca a tinha visto em uma situação desesperada. Não podia saber o que faria nem onde estaria. Estava tentada de lhe perguntar ao Wortingham se lhe tinha feito algo, mas isso só poria ao Josie em um perigo maior, assim manteve a boca fechada.

Voltou a olhar o rosto do homem. Pela razão que fosse, não lhe temia tanto como tinha temido ao William no final. Não queria violá-la, pensou. Nem sequer queria lhe fazer dano, embora podia ameaçá-la para assegurar-se de que Garrett enviasse o dinheiro.

Mas tudo isso eram tolices. Era muito possível que sim queria violá-la e matá-la depois. Não o conhecia. Podia ser inclusive pior que William.

Entretanto, tinha sido amigo do Jack muitos anos. Tinham crescido juntos, no Kent; tinha confiado um no outro. Até que, aparentemente, uma mulher se havia interposto entre eles.

— Venha, milady. — Wortingham abriu uma porta marrom cinzenta e a empurrou dentro. Ela tropeçou em uma pequena entrada, escura, fedida de urina, e ele deu uma chute à porta e a fechou com chave atrás deles.

— Não vai me machucar.

Inclusive à sombria luz, podia ver que não queria olhá-la aos olhos.

— Farei o que seja necessário. Se seu irmão levantar problemas...

— Não o fará — lhe assegurou ela rapidamente— Terá seu dinheiro. O que seja que queira.

Ele a empurrou para um estreito lance de escada.

— Você primeira, milady. Eu a seguirei.

Com a pistola firmemente apoiada em suas costas, empurrou-a pela escada e por um comprido, estreito e escuro corredor. Ao final do mesmo havia uma porta que estava em piores condições que o resto do lugar sombrio. Pendurada torta de suas dobradiças e estava estilhaçada ao redor do trinco.

Becky duvidou e o olhou por cima do ombro.

— Poderia gritar — disse tranquilamente— Alguém me ouviria. Ajudar-me-ia.

O negou com a cabeça.

— Seguro que pode gritar, mas ninguém viria. Ninguém presta atenção a coisas semelhantes em lugares como este.

Contra sua vontade, seus dentes batiam. Apertou-os com força.

— Mas lhe recomendaria que melhor não gritasse — continuou ele— O som tende a irritar os nervos de um homem. Se precisasse gritar, teria que procurar a maneira de fazê-la calar.

Lutou com a porta quebrada. Finalmente, abriu-a e chiou sonoramente contra as tortas dobradiças.

Becky viu a arma pela primeira vez quando a fez entrar. Sabia bastante de armas para dar-se conta de que aquela era uma pistola cara, boa, com um punho de marfim e um cano de latão gravado.

— Sente-se — ordenou ele.

A habitação era minúscula. Tinha um escritório em um extremo, uma suja cama no outro e pouco espaço para mover-se entre eles. Becky deu um passo para o escritório, mas o homem soltou uma brusca gargalhada.

— Não, aí não. Necessito a cadeira. Tenho que escrever uma carta.

Com as costas erguidas, ela se sentou na beira da estreita cama e cruzou as mãos no regaço.

— Como sabia aonde ia? — perguntou.

— OH, não, não sabia. — Sem soltar a arma, afastou cuidadosamente a cadeira do escritório com a outra mão. A cadeira era frágil, e mostrava um puído estofado e as pernas desiguais— Estive esperando na casa de seu irmão desde ontem pela manhã. Assim que Jack partiu, soube que você era a última esperança que ficava.

Becky tentou não reagir ante a menção do nome do Jack. Sentiu que Wortingham a observava com muita atenção enquanto preparava a folha de papel e afundava a pluma no tinteiro.

— Deve haver alguma outra alternativa. Algo que não implique um delito presidiário com a forca. Algo legal, possivelmente.

Ele riu sinceramente.

— Não, senhora. Muito me temo que já não fica essa esperança.

— Deve dinheiro? — perguntou.

— OH, sim. — Foi sua rápida resposta.

— A quem?

— A pessoas que é melhor que não conheça, milady.

— Você é um cavalheiro. Como pode se envolver com essa classe de gente?

Ele fez uma careta e se encolheu de ombros.

— Por que não? O que é um cavalheiro sem nada? Sem dinheiro, sem mulher, sem nada dele. Alguém se esconde detrás de seus demônios porque sair é expor-se, enfrentar o desastre da própria vida, não é assim?

— Mas quando um se esconde detrás de demônios, — murmurou ela— corre o risco de converter-se em um.

— Possivelmente seja melhor que enfrentar-se a uma vida fracassada.

— E agora esses demônios o ameaçam. Querem dinheiro de você, mas não pode lhes pagar.

Ele franziu a testa.

— Isso era responsabilidade do Jack.

Ela só o olhou, incapaz de discutir.

— Você não pode entender quão profunda é a dívida que ele tem comigo — continuou Wortingham— Me tirou isso tudo e depois eu o protegi durante anos. Foi parvo de sua parte supor que não devia pagar nada em troca. — Riu sem humor — E agora tornou a ir. Desvaneceu-se como um covarde. Uma vez mais.

Becky apertou os lábios até que os sentiu tensos.

— Ameaçaram-no?

Ele interrompeu seus rabiscos, fez um gesto em sua direção com a cabeça e voltou a apontá-la com a arma.

— Necessito o dinheiro para 1 de janeiro ou... — Negou com a cabeça— OH, mas você faz muitas perguntas, milady. Atrever-me-ia a dizer que nada de tudo isto é assunto dele.

Ela olhou a pistola.

— Suponho que não. Suponho que deveria escrever essa carta rápido, porque parece que nos dois temos pressa. Eu gostaria de estar em casa com minha família para a hora do jantar — Fez uma pausa—. É Natal, sabe?

Sua própria valentia a surpreendeu. Estava por completo a mercê daquele homem, mas inclusive embora os tremores a traíam, tinha mostrado muito pouco temor. Tinha mudado nos últimos quatro anos. Possivelmente realmente se tornou valente depois de tudo.

— É Natal? Tinha-o esquecido.

Mentia muito mal para ser um criminoso.

Terminou a carta e a dobrou com cuidado.

— Agora temos uma pequena provocação. Há um menino que vive com sua mãe ao outro lado do corredor. Está disposto a fazer trabalhos estranhos para mim por um ou dois peniques quando há ocasião. Tenho que cruzar o corredor, chamar a sua porta e lhe dar uma mensagem urgente para entregar ao duque do Calton. Seria você capaz de ficar aqui, silenciosa como um camundongo, enquanto lhe dou instruções?

— Acredito... que sim.

— Confiarei em sua honestidade, milady. — Duvidou— Em realidade, esperava que se deprimisse há muito tempo ou

ao menos que gritasse para pedir ajuda. Suponho que posso ver o que Jack viu em você, depois de tudo.

Não tinha tempo para perguntar o que queria dizer com isso. Os dois se viraram para ouvir pisadas lá fora. Wortingham apontou a arma para a porta justo quando alguém a rompeu de um golpe do lado de fora.

Um homem entrou na habitação e Becky ficou sem fôlego. Esperava que aqueles passos apressados fossem de seu irmão. Mas não era Garrett quem tinha irrompido na estadia, a não ser Jack.

«Jack.»

Tom Wortingham nem sequer teve tempo para lhe apontar antes de que Jack lhe arrancasse a arma das mãos com um chute. A pistola saiu voando junto às pernas do Becky e se deslizou sob a cama. Wortingham se lançou para ela como se quisesse recuperá-la, mas Jack lhe caiu sobre ele.

Não era rival para ele. Em menos de cinco segundos, tinha-o reduzido e lhe golpeava a cara. Com o braço direito ferido apertado contra o corpo, esmurrava ao homem com o outro punho.

Da boca do Wortingham saiu um jorro de sangue e grunhiu, completamente indefeso ante o ataque.

OH, Deus, Jack ia matá-lo!

— Não! — Becky foi até os dois homens e agarrou ao Jack pela cintura. Este tentou soltar-se, mas ela não o permitiu. Aferrou-se a ele com todas suas forças até que o

apartou um pouco do Wortingham— Não, Jack! Por favor, pare!

De repente, lhe agarrou um ombro e a olhou aos olhos. Seus olhos castanho claros se viam cheios de fúria e medo. Deu-se conta, com surpresa, de que era medo por ela.

— Tem-te feito mal? — Sacudiu-a— Te feriu, Becky?

— Não — ofegou ela— Não me tem feito mal.

Ele aliviou a pressão em seu ombro, rodeou-a com o braço bom e a estreitou contra seu corpo.

— OH, Deus! — disse entrecortadamente — Tinha uma arma… poderia haver…

— Não — Becky o tranquilizou e enterrou o rosto na curva de seu pescoço— Não me tocou.

Tom Wortingham, com a cara ensanguentada, tentava arrastar-se com o braço estirado sob a cama. Jack soltou ao Becky e o empurrou longe. Tom impactou contra a cadeira e o móvel se desmoronou sobre ele.

Então, Jack procurou a arma. Empalideceu quando a tirou de debaixo da cama.

Voltou o olhar para o Wortingham.

— Então é com isso que usava para me ameaçar? A pistola de meu pai?

Tom lutou para sentar-se no chão.

— Recolhi-a do beco naquela noite. Queria usá-la como prova contra ti, Jack, mas já tinha suficiente para te acusar sem ela. E agora é quão único tenho em realidade. — Assinalou a minúscula e sombria habitação— Já vê que não tenho muito.

— E acha que isso é minha culpa.

O outro se levou uma mão à boca ensanguentada e o olhou. Tremiam-lhe os ombros.

— Não deveria estar aqui. Zarpou com a maré. Vi quando foi.

— Não fui a nenhum lugar. — Jack olhou ao Becky— No momento em que embarquei no Gloriana, soube que não podia abandonar a Inglaterra sem me assegurar... sabia que iria te procurar. Não podia te deixar.

Antes de que ela pudesse responder, virou-se para o Tom, com os ombros tensos de fúria. O outro se encolheu no chão e o olhou com verdadeiro medo em seus olhos cinzas.

Becky apoiou uma mão no braço do Jack.

— Jack?

— O que?

— Não quero que lhe faça nada mais.

Ele soltou um longo e silencioso suspiro.

— De acordo. — Em seus olhos havia tristeza e cansaço. Com a arma na mão, apertou-se o braço ferido contra o peito e fez uma careta de dor— Já sei o que devemos fazer.

Capítulo 24

Os três olharam para a porta para ouvir pisadas e gritos no corredor. Jack apertou a arma com a mão boa. Esperava que não fosse um dos agentes do Tom. Esperava não ter que lhe disparar a ninguém. Nem sequer sabia se poderia fazê-lo com a mão esquerda.

Olharam para o vão da porta, feita migalhas sem possibilidade de reparo.

— É Garrett — sussurrou Becky dois segundos depois de que seu irmão entrasse na habitação. Jack baixou a arma e o duque se deteve em seco: olhou alternativamente aos três.

— O que...?

Becky se aproximou dele e lhe pôs uma mão no ombro.

— Garrett..., Josie se encontra bem? Onde está?

— Em casa.

Becky soltou um audível suspiro de alívio.

— O que passou?

Sem deixar de olhar com receio ao Tom e ao Jack, seu irmão lhe explicou:

— Chegou à casa correndo, sem fôlego, e disse que lhe tinham sequestrado na rua. Seguiu-lhes a ti e ao homem... — Entreabriu os olhos e olhou ao Tom— ... é ele?... até este

edifício. Descreveu com exatidão o lugar e que havia te trazido. Cavalguei até aqui imediatamente. Uma vez dentro, não foi difícil te encontrar.

Jack negou com a cabeça. Tom Wortingham carecia por completo de sentido comum. Nem sequer tinha considerado o fato de que uma dama sempre levaria consigo um acompanhante quando saía a passear.

— Temos a situação sob controle — lhe disse ao duque.

— Fulton. — A voz do Garrett era seca e lhe olhou a tipoia que lhe sujeitava o braço ferido; seu olhar deixava claro que sabia exatamente como o tinha feito— Pensava que estava caminho das Antilhas.

— Não.

Garrett desviou então o olhar para o Tom.

— E você é…?

Ao Wortingham rodou uma gota de suor pela bochecha. Olhava freneticamente ao Jack e ao Becky, incapaz de sustentar o frio olhar do duque e muito menos lhe responder.

Jack deu uma olhada a Becky, que assentiu sutilmente. O pequeno gesto o encheu de esperança.

— Este é Tom Wortingham, um velho amigo meu. Teve o infortúnio de encontrar-se em circunstâncias desesperadas e esteve a ponto de tomar medidas desesperadas.

A cara do Garrett deixou claro que o compreendia tudo. Tom fez um estranho som. Não tinha ideia do que estavam a ponto de fazer com ele. Provavelmente pensava que Jack o lançaria aos lobos.

Bom, isso era exatamente o que ia fazer. Mas certamente, não da maneira que Tom esperava.

— Felizmente, temos uma solução. Deve ir-se de Londres imediatamente — continuou Jack—, e Becky e eu temos um plano para ajudá-lo.

— É isto verdade, Rebecca? — perguntou seu irmão.

Ela assentiu gravemente.

— Entretanto, vamos necessitar sua ajuda, sua excelência — prosseguiu Jack.

Garrett arqueou uma sobrancelha.

— Sim?

— Sim. Sua carruagem. Pode ser? E um ou dois homens corpulentos que possam assegurar que o senhor Wortingham chegue são e salvo ao Gravesend.

Como previsão ante o mau tempo dessa noite, o capitão Calow planejava ancorar o Gloriana no extremo do Tamisa. Assim que o tempo melhorasse, levantaria âncora e partiria. Calow impunha uma férrea e estrita disciplina e sempre necessitava de mais homens. E desfrutava especialmente convertendo a homens débeis em marinheiros fortes e resistentes, tal como havia feito com um covarde Jack Fulton de dezoito anos.

Tom seria adicionado à tripulação do Gloriana. A experiência o mataria ou o salvaria de si mesmo. Fosse como fosse, teria uma oportunidade. Se demonstrava ser forte, poderia começar de novo.

O duque os observou a todos. Ao Jack, que lhe sustentou o olhar, ao Tom, que se balançava sobre os pés e se enxugava

o sangue e o suor da cara com um sujo lenço de linho, e, por último, ao Becky, que não dizia nada, mas que se colocou junto ao Jack em um claro gesto de solidariedade.

ଓ ♥ ଌ

Tom Wortingham não disse quase nada. Sem queixar-se, colocou um maço de papéis, sua pluma e a tinta em um saco, junto com uma camisa, umas calças e uma camisola. Logo, todos pegaram uma carruagem de aluguel até o Mayfair, foram diretamente aos estábulos do Garrett e o arrumaram para que uma carruagem e duas escoltas levassem Tom ao Gravesend. Garrett se foi à casa enquanto um dos homens colocava ao Wortingham na carruagem. Este se sentou e olhou com gravidade o assento em frente. O homem subiu também e fechou a porta atrás dele.

Becky estava junto ao Jack, na rua Curzon, e contemplou como a carruagem que levava ao Tom Wortingham desaparecia em uma curva.

Logo se virou para o Jack. O abajur da rua projetava um pálido brilho sobre seu comprido abrigo escuro e seu chapéu que tinha colocado até as sobrancelhas. Mas sabia que a olhava fixamente. Podia notá-lo.

Olharam-se um ao outro, sem tocar-se, sem dizer uma palavra.

Era realmente ele, em carne e osso. Estava ali, em Londres. Não tinha embarcado. Contemplava seu belo rosto e seus escuros olhos que a observavam. Pela primeira vez desde

que tinha irrompido em sua vida, esse dia o olhou com atenção.

Tinha retornado por ela.

Finalmente, disse:

— Quando estava doente... tentei lhe pagar ao senhor Wortingham. Mandei a meu servente a Londres com uma carta em que autorizava que lhe entregassem o dinheiro.

Ele a olhou boquiaberto.

— Mas não sabia que só tinha até em 15 de dezembro e cheguei muito tarde. Sinto-o tanto.

— Eu sou o único que tem que senti-lo.

Sua voz, baixa e suave, desfez o nó que ela sentia na garganta.

O mundo se estreitou até não ser mais que a minúscula cápsula que os rodeava. Não havia transeuntes que os incomodassem nem ocupassem espaço. Não havia rodas de carruagens nem cascos de cavalos. O penetrante aroma urbano de Londres desapareceu e o substituiu a salina e masculina essência do Jack.

Só eram eles dois. E Becky não queria que fora de outra maneira nunca mais.

— Acreditava que te tinha ido — sussurrou, olhando a profundidade de seus olhos castanhos— Que tinha embarcado.

— Não podia ir. Não... não sem verte uma vez mais. Para me assegurar... — interrompeu-se de repente.

Ela apertou os punhos ao lado do corpo.

— Para te assegurar do que?

— Para ter certeza de que não havia possibilidade de que me perdoasse. Que não havia uma oportunidade para nós de ficar juntos.

— Estava tão zangada contigo — disse ela— Acreditava que jamais poderia te perdoar. Mas... OH, Deus!, já te perdoei, Jack.

— Não sou o mesmo homem que quando te conheci.

— Sei.

— Amo-te.

De repente, sentiu-se tímida. Era algo difícil de dizer, de admitir depois de tantos dias de ira, dor e culpa.

— Eu também te amo.

Uma vez que as palavras saíram de sua boca, sentiu-se livre. Mais do que se sentiu em anos.

Lentamente, um sorriso levantou dos belos e travessos lábios do Jack. Deu uma olhada ao braço, que tinha apertado com cuidado contra o torso.

— O braço está...?

— Está melhor.

— Doeu-te quando brigaste com o senhor Wortingham?

— Não.

— Lamento te haver disparado.

— Jamais me zanguei contigo por isso, Becky.

— Sei. — Tentou sorrir, mas lhe tremeram os lábios e o sorriso se desfez inclusive antes de tomar forma.

De maneira quase imperceptível, a ele lhe escureceu o semblante.

— Devo abandonar a Inglaterra. Devo abandonar este lugar, minha terra natal, para sempre.

O medo por ele a invadiu.

— Cada momento que passas aqui aumenta para ti o perigo. — Fixou-se no entorno pela primeira vez, deu uma olhada a cada lado da rua e logo para a porta, onde um dos homens do Garrett os vigiava.

Olhou então o céu do crepúsculo e um floco de neve lhe caiu nos cílios. Ficou ali um segundo antes de derreter-se.

— Está nevando.

Ele levantou o rosto.

— Assim é.

Becky lhe agarrou o braço bom.

— Venha conosco. Na casa estará seguro e quente.

Aquele seria o último Natal de Becky em Londres. E queria lhes brindar uma despedida adequada a sua família, com o Jack a seu lado.

ଓ ♥ ଌ

A família do Becky o recebeu em casa com um pouco de receio, mas momentos mais tarde, foi como se Jack já não fora um fugitivo da lei que tinha enganado a sua adorada irmã, que tinha tentado apoderar-se de seu dinheiro, que a tinha ferido e os tinha traído a todos eles. De maneira incrível e milagrosa, tratavam-no como a um membro da família. Como a um irmão.

Becky tinha convidado a lady Devore, porque Cecelia não tinha família em Londres e queria despedir-se dela. Kate, sempre tão amável, tinha-lhe perguntado ao Jack pelo Stratford e, ao saber que o conde passaria a festa sozinho, apressou-se deste modo a convidá-lo.

Depois do jantar, a família do duque do Calton e seus convidados se reuniram no salão. O duque e a duquesa presidiam a reunião. Lorde Westcliff e sua esposa, Sophie, estavam também ali, com o Gary, o filho de lorde Westcliff de seu primeiro matrimônio. Lady Bertrice estava deste modo presente, com um vestido verde que a fazia parecer uma enorme árvore que roçava o teto. Lady Devore tinha chegado justo antes do jantar; e Stratford, enquanto comiam o peru cheio com sálvia e cebola e tortas de frutas.

Jack permanecia junto de Becky como se estivessem colados. Quando ela foi se servir de um pouco de cidra, ele a seguiu e se serviu uma taça também. Quando ela se inclinou sobre o fogo para esquentar as mãos, ele fez o mesmo. Quando ela olhou pela janela para ver o dourado brilho que projetavam os abajures sobre a rua nevada, ele estava a seu lado. Durante o jantar, em que toda a família estava presente, incluídos os meninos, Jack pediu a lorde Westcliff que trocassem de assento para poder estar perto de Becky. O visconde concordou com um sorriso.

Que ele se sentasse junto ao Becky era algo que ia contra o decoro, mas Jack já tinha descoberto que a aquela família pouco se importava o decoro. Preferia pensar que aprovavam seu desejo de sentar-se junto à mulher que amava.

Quando se retiraram ao salão, Jack ficou olhando o pinheiro que havia no centro da habitação. Estava iluminado com minúsculas velas e pequenos pacotes embrulhados, atados aos ramos. Becky, que viu como o olhava, riu.

— Você gosta?

— Sim, eu gosto. — virou-se para ela—. Mas... por quê?

— Quando Tristan e Garrett eram pequenos, passaram um Natal na corte. Não tiveram infâncias muito felizes, nenhum dos dois, mas naquele Natal a Rainha Charlotte mandou pôr uma árvore no castelo do Windsor. Estava decorado com tiras de amêndoas e passas, iluminado com velas e com brinquedos para todos os meninos que estavam de visita. Após, Garrett pôs na casa sua própria árvore de Natal, procurando que este dia seja especial para todos, mas sobre tudo, acredito eu, para maravilhar aos meninos como uma vez ele se maravilhou. — Sorriu— E acredito que contigo também o conseguiu.

— Sim, acredito sim — disse ele, voltando-se para ela. Em efeito, estava maravilhado. Pela árvore, pelo aroma do pudim de ameixa, pelos sorrisos dos meninos. Mas mais que tudo, pelo fato de que Becky estava a seu lado e não dava sinais de que fosse deixá-lo, nem de que queria fazê-lo.

— Dar-lhe-á os presentes aos meninos amanhã. Por hoje, só desfrutamos da beleza da árvore e sua decoração.

— Eu desfruto da beleza da árvore e da beleza desta noite, — disse ele tranquilamente; agarrou-lhe a mão, deu-lhe a volta e lhe acariciou o dorso com o polegar— mas do que mais desfruto é da beleza de minha companheira.

Seu sorriso era deslumbrante.

— Não deveria me adular assim.

— Nada do que te digo é adulação, Becky. Juro-te por minha vida que tudo o que te digo não é mais que a verdade. Jamais te insultarei com nada menos que isso.

Ela piscou e o olhou.

— Obrigada.

Stratford se aproximou deles levando uma taça de cidra. Beijou Becky na mão e logo olhou para Jack.

— Então a verdade finalmente revelada.

— Toda — assentiu ele. Stratford soltou um suspiro.

— Me alegro. — Sorriu para Becky— Este homem estava loucamente apaixonado e tinha um medo horrível de danificar tudo.

— Bom — disse ela— O danificou e de uma maneira bastante grave, mas... — sorriu— ... acredito que compensou seus pecados.

— Bem. — O conde lhe soltou a mão e ficou sério — Assim... vai abandonar a Inglaterra?

— Sim — disse Jack— Não há outra maneira... por agora. Precisamos partir logo. Sairemos por volta do Portsmouth amanhã.

— Aonde vão?

— A América — respondeu Becky.

Jack lhe apertou o braço.

Stratford arqueou uma sobrancelha.

— Tão longe?

— Sim. Becky sempre quis visitar esse continente. Não sabemos se ficaremos lá ou possivelmente terminemos em outro lado. Mas queremos tentá-lo. Explorar um pouco.

O conde não respondeu. Uma expressão melancólica apareceu em seu rosto.

— Sentirei sua falta, velho amigo.

Becky se desculpou para ir tocar uma canção de Natal para os meninos no piano e quando ela se afastou, Jack lhe perguntou:

— E você?

— Eu?

— Sim. O que fará?

Stratford suspirou.

— OH, o que sempre tenho feito, suponho. Dormir de dia e pelas noites me entregar à dissipação e o vício.

— Sabe o que acredito?

— O que?

— Que precisa encontrar uma mulher.

O outro riu com amargura.

— Tenho muitas mulheres. — Passou o polegar pela borda da taça de cidra— Não sei como trocar minha vida, mas o tentei com cada mulher que pude e nenhuma delas fez diferença.

— Mas quer mudar, não é assim? — Stratford se encolheu de ombros.

— Em realidade, não. Para quê?

Ao Jack lhe fez um nó na garganta. Estendeu a mão boa para lhe agarrar o ombro. Deus!, não queria que terminasse

como Tom Wortingham.

— Boa sorte, amigo.

Stratford assentiu.

— Boa sorte para ti também. Atrevo-me a dizer que a necessitará mais que eu.

— Pode dizer que sim.

Afastou-se do Stratford e se dirigiu ao piano onde Becky se dispunha a tocar. Quando se aproximou dela, o duque do Calton o chamou à parte para falar em privado.

Becky olhou a seu irmão, preocupada, mas Jack a tranquilizou com um sorriso. Tinha-o visto isso chegando e estava preparado. Garrett — e toda sua família— se preocupavam muito por ela e era sua responsabilidade lhes explicar que lhe importava tanto quanto eles.

Saíram do salão com os primeiros acordes do God Rest You, Merry Gentleman. Jack seguiu ao duque ao escuro escritório com painéis de madeira onde tinha proposto matrimônio à Becky pela primeira vez. O duque do Calton passou ao outro lado do escritório e se sentou em sua cadeira. Agarrou o decantador que tinha em cima da mesa e o ofereceu ao Jack.

— Brandy?

— Não, obrigado.

Voltou a deixá-lo. Ele tampouco se serviu.

— Sente-se, Fulton.

Jack o fez na cadeira mais próxima, com o braço ferido apertado contra o peito.

— Wortingham te chantageava. Por quê?

— Jamais lhe pedi detalhes de por que necessitava o dinheiro, mas disse que tinha uma dívida de jogo. Pensei... — Fechou os olhos.

— O que pensou? — perguntou o duque.

Jack negou com a cabeça.

— Por muito zangado que estivesse com o Tom por essas exigências, uma parte de mim o compreendia. Acreditava que, se conseguia o dinheiro, de algum modo... poderia curá-lo, arrumar sua mente, convertê-lo outra vez na pessoa que uma vez foi. — Riu sem humor— E que, ao fazê-lo, poderia deixar o passado para atrás. Estúpido de mim. Só havia uma coisa que podia me afastar do passado.

— O que?

Jack o olhou nos olhos dele.

— Becky.

O duque do Calton fez um ruído indecifrável com a garganta.

— As autoridades lhe procuram.

— Sim, assim é.

— Esta noite o arriscaste tudo ao vir a minha casa.

— Sinto muito.

O duque se inclinou para frente. Não tinha pestanejado nem lhe tinha tirado o olhar de cima.

— Rebecca me explicou isso tudo. O que passou entre vocês dois. — Falou muito lentamente— Deseja casar-se contigo.

Jack assentiu lentamente.

— É o que espero, milorde. Eu também desejo me casar com ela. Isso não mudou desde a primeira vez que falamos nesta habitação.

— Vou te fazer uma oferta.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Ah, sim?

— Saía desta casa. Deixa a minha irmã em paz e te assegurarei uma saída segura da Inglaterra. Com os bolsos cheios.

Jack ficou rígido dos pés a cabeça.

— Não.

O duque do Calton inclinou a cabeça.

— Não quer saber a soma?

— Não.

— É mais do que te reportará Rebecca.

Ele apertou os dentes.

— Acredita que, depois de tudo o que passou, quero seu maldito dinheiro? — ficou em pé e se passou uma mão pelo cabelo, frustrado— Maldita seja.

O duque entrelaçou os dedos e se reclinou em sua cadeira.

— É uma boa oferta.

Jack o olhou, muito furioso para falar.

— Pense nisso.

Ele golpeou a mesa com a mão boa e se inclinou para frente até que seu nariz ficou a poucos centímetros da do duque.

— Não vou pensar. Não quero seu maldito dinheiro nem sua maldita liberdade. Quero Becky.

O duque do Calton parecia inalterável ante seu arrebatamento.

— Pretende afastar de sua família. Daqueles que a amam e que não desejam mais que sua segurança. Contigo, ela, sua vida e seu sustento estarão em perigo. Que homem quer isso para sua irmã?

— Sua felicidade é minha única prioridade. Eu velarei por sua segurança.

— E quando demonstraste que se pode confiar em ti nesse sentido? Tem-lhe feito mal.

— Já não — disse entre dentes— Tem minha palavra.

— E de que vale sua palavra?

— É o único que tenho. Apesar de tudo, sua irmã confia em mim. E se isso é tudo o que tenho na vida, será suficiente. É o único que me importa.

— Bem. — O duque se ergueu e Jack também— Francamente, se o que contaste a minha irmã é verdade e assassinou ao marquês do Haredowne em defesa de uma mulher, não posso te culpar. Um homem honrado faz tudo o que está a seu alcance para proteger a um inocente.

— Farei algo pelo Becky, mas jamais me considerarei honrado. Não é honrado o homem que se casa com uma mulher em busca de seu dinheiro para pagar a quem o chantageia.

— Sente-se, Fulton.

Jack retornou à cadeira que tinha ocupado antes enquanto os olhos azuis claros do duque se cravavam nele.

— Você não ia se casar com a Rebecca por seu dinheiro.

— Não o consegui, mas teria feito.

— Humm. Mas não acredito que essa fora a razão principal pela que a queria. — Apoiou as mãos sobre a mesa — Se realmente não tivesse tido escrúpulos, teria renunciado no momento em que te pediu mais tempo aqui mesmo, nesta habitação. Teria procurado a outra pessoa a que seduzir ou outra maneira de conseguir as quinze mil libras para seu amigo. Mas não o fez. Queria a minha irmã por algo mais que o dinheiro.

Jack o olhou nos olhos. Se tivesse conhecido Becky sem as ameaças do Tom Wortingham pendendo sobre sua cabeça, igualmente a teria desejado. Tinha sido mais que o dinheiro desde o início. No fundo, ele sabia disso todo o tempo.

Uma vez mais, o duque o olhou fixamente com aqueles desconcertantes olhos.

— Mas a amas? Tanto como amava à moça pela que matou ao marquês?

Jack fez uma careta de dor. Essa era a parte difícil. Não falaria mal da Anne, mas tampouco podia pô-la em um pedestal. Não podia permitir que Becky lhe importasse menos do que Anne lhe tinha importado uma vez, porque simplesmente não era verdade.

— Anne foi a primeira... sempre terá um lugar em minhas lembranças. Mas Becky está aqui agora. É real. É minha vida.

O duque do Calton se inclinou para trás; parecia chocado.

— Compreendo-o perfeitamente.

De repente, Jack também o compreendeu. O duque tinha amado Sophie, lady Westcliff, desde que era jovem. Mas tinha encontrado a sua companheira na duquesa.

— Olhe, não me comportei da melhor maneira — disse Jack— Deus sabe que não pode desejar que um canalha, um criminoso e um mentiroso forme parte de sua família. Mas amo a sua irmã. Uma vez mais, vou pedir que me conceda a honra de me converter em seu marido. O engano que arranjei se voltou contra mim e não só fisicamente. — destacou-se o braço enfaixado— Jamais me perdoarei por haver mentido para Becky. Fizera-lhe mal. — Respirou fundo e tremeu—. Mas juro por Deus, que vou passar o resto de minha vida compensando-a por isso.

O duque do Calton lhe olhou em silêncio e logo disse lentamente:

— Mas não na Inglaterra.

— Não. Uma vida na Inglaterra... era o que desejava, mas não vai poder ser.

— Deve partir antes de que as autoridades descubram que estiveste aqui.

— Sim.

— Aonde irão?

Jack desviou o olhar e logo voltou a olhá-lo diretamente nos olhos.

— Tomei-me a liberdade de conseguir uma passagem para a América sob um nome falso. O navio parte na próxima semana desde o Portsmouth.

O duque do Calton negou com a cabeça.

— Esperas que ela aceite esse plano?

— Esperava... rogava que Becky encontrasse perdão em seu coração para meus pecados. Não podia ir sem estar seguro. — Algo dentro dele se suavizou quando recordou o olhar de ansiedade e emoção nos olhos do Becky quando antes lhe tinha contado seu plano.

— Que nome usarão?

Jack apertou os dedos sobre os braços da cadeira e respondeu.

— James. Jack e Rebecca James. Espero que não lhe pareça presunçoso por minha parte, mas observei a sua família durante este último mês e é tão distinta da minha. Só posso esperar que a família que Becky e eu formemos na América seja tão forte, estável e carinhosa como a que vocês formaram aqui, na Inglaterra.

Inclusive embora só fossem eles dois — se Becky resultava ser estéril, como ela suspeitava—, mantinha a mesma esperança. Construiriam uma feliz vida juntos. Cada um seria toda a família que o outro necessitaria. E Becky sempre teria a seus entes queridos na Inglaterra.

O duque assentiu.

— Não, não é muito presunçoso. Em realidade, tranquiliza-me saber que a minha irmã a conhecerão por seu verdadeiro nome. Suportei durante quatro anos que fora uma

Fisk. Mas... — Estreitou os olhos— ... te casará com ela como deve ser?

— Sim. Prometo-lhe que o farei assim que chegarmos em solo americano.

— Está insinuando que minha irmã e você viverão em pecado durante toda a viagem a América?

— Bom... — Jack se remexeu nervoso. O duque do Calton estreitou os olhos mais ainda, até que o azul mal fosse visível.

— Não.

— Não?

O duque esboçou um leve sorriso.

— Essa licença especial que conseguiram o mês passado ainda é válida, não é assim?

ᔓ ♥ ᔕ

Quando Garrett e Jack retornaram de sua conversa, o duque pediu silêncio e logo anunciou:

— Já chamamos o padre. Jack Fulton se casará com a Rebecca esta noite.

Becky ficou boquiaberta. Olhou a seu irmão com olhos arregalados antes de que Kate, Sophie e Cecelia a tirassem da sala. Enquanto se foram, o olhar do Becky se encontrou com a do Jack. Este lhe sorria com olhos cheios de amor. Esse amor chegou a ela e a atravessou e lhe devolveu o sorriso. Ainda sorria quando entrou com as outras damas em sua habitação.

Becky estava no centro, como em uma nuvem, enquanto as mulheres se agitavam a seu redor.

Sophie mandou procurar o vestido que tinha levado quando voltou a casar-se com o Tristan, fazia quatro anos. Tinham-no arrumado para o Becky quando esta ia casar se com o Jack no início do mês.

Josie, que tinha estado ocupada com a bagagem de Becky para sua viagem a América, encarregou-se da organização, dando ordens ao resto das mulheres como se fossem criadas e ela a senhora. A nenhuma importou; ao contrário, apressaram-se a procurar entre as gavetas de meias do Becky, entre sua roupa e seus sapatos, na caixa de joias.

O vestido de seda azul safira que Becky tinha levado para o jantar de Natal estava no chão, a seus pés, e ela se inclinou para enfiar na liga a ponta de flecha que Jack lhe tinha dado. Quando se endireitou, as quatro mulheres a olhavam fixamente, com o cenho franzido, e ela riu.

— É para a sorte!

Kate negou com a cabeça e murmurou algo a respeito da excentricidade da família James. Foi a sua habitação procurar uma forquilha de brilhantes para o cabelo que combinava com o vestido. O resto das damas se dispersaram e se dedicaram às várias tarefas que tinham por diante.

Enquanto Becky se atava a tira de pele com o pequeno homem esculpido de Fiji ao redor do pescoço, Josie se aproximou e lhe sussurrou ao ouvido:

— Milady, não necessitou nada para o fluxo deste mês, verdade?

Seu coração deu pulou uma batida. Deixou cair as mãos e se voltou lentamente para sua donzela.

— Que dia é hoje, Josie?

— Vá, é Natal, é obvio. 25 de dezembro.

Becky tinha sua menstruação com precisão milimétrica cada vinte e oito dias e Josie sempre levava conta disso.

— Quantos dias tenho de atraso?

— Quatorze, milady — respondeu a donzela afetadamente.

— Duas semanas! — levou-se uma mão ao ventre e logo olhou ao Josie, ruborizada. A jovem sorriu.

— Atrever-me-ia a dizer que é algo bom que se case esta noite.

— Atrever-me-ia a dizer que sim.

Kate entrou furiosa, brandindo vitoriosamente a forquilha que tinha encontrado. Quando seus olhos se encontraram com os do Becky, baixou a mão e franziu o cenho.

— O que? O que passou?

Ela se esqueceu do resto das mulheres da habitação, correu para sua cunhada e a abraçou.

— OH, Kate, acredito que estou grávida.

Kate se pôs-se a chorar. Becky a soltou para olhá-la.

— Não me diga que não te faz feliz! Você sabe que pensava... que acreditava como William que era estéril.

Sua cunhada tirou o lenço e se soou o nariz.

— Não, querida — disse entre soluços— Estou tão feliz por ti. Será uma mãe estupenda. É só que… bom, eu acabo de ter um bebê e estou terrivelmente sensível. Perdoa-me por chorar; que reação tão cruel.

— Não, é obvio que não. — Becky a abraçou mais ainda — Não é cruel absolutamente.

— OH, Becky, querida. — Os ambarinos olhos do Sophie brilhavam de alegria— Que notícia maravilhosa.

Becky viu também que Cecelia a olhava. Sua amiga lhe sorriu com ternura e lhe agarrou as mãos.

— Isto é o que mais queria… Jack e agora isto. Estou tão contente por ti.

Quinze minutos mais tarde, todas elas desceram a escada, sorrindo mas com lágrimas nos olhos. O vestido de bodas do Sophie era um formoso traje de seda italiana branca; a saia estava cheio de babados e sobre estes havia uma delicada capa bordada com flores brancas e chapeadas que subia da saia até o corpete.

Kate lhe abriu a porta e Becky se soltou a saia e entrou no salão. Todas as conversações se interromperam e todos a olharam.

O padre estava junto à árvore de Natal. Garrett e Tristan a sua esquerda e os meninos sentados nos sofás e nas cadeiras. Jack permanecia de pé junto ao vigário, alto e bonito, com colete e fraque negros e camisa e lenço brancos. Quando a viu seu sorriso desenhou profundas covinhas nas bochechas e seu olhar se fixou no homenzinho de Fiji que pendia em seu pescoço. Estendeu-lhe a mão boa.

— Está preparada? — Sua voz era acalmada e tranquila, mas ressonou por toda a habitação e Becky pôde notar os inquisitivos olhares de todos nela.

— Sim.

Deu um passo adiante e lhe agarrou a mão. Ele a apertou e o vigário começou.

Jack disse que tomava como esposa. Prometeu amá-la e respeitá-la, honrá-la e cuidá-la enquanto vivessem. Depois, Becky fez promessas similares, o vigário perguntou quem ia entregar a e Garrett deu um passo para sua irmã lhe apoiando uma mão no ombro.

— Eu o farei.

O vigário se virou para o Jack e recitou os votos, que Jack repetiu com solenidade. Becky viu a paixão e honestidade que havia em seus olhos castanhos quando falava.

— Por favor, tome a mão direita do senhor Fulton, milady.

Agarrou-lhe a mão com cuidado, consciente da ferida e procurando não machucá-lo. Ele sustentou a mão dela — ainda não podia fechar os dedos—, sentindo a calidez e a segurança que lhe transmitiam seus dedos. Becky o olhou nos olhos quando recitou seus próprios votos.

Quando terminaram, Jack lhe pôs um anel no dedo. Era um formoso aro de ouro que brilhava à luz das velas.

— Era de minha mãe — lhe sussurrou.

— Por favor, repitam as seguintes palavras — disse o vigário.

— Com este anel — repetiu Jack— te desposarei e com meu corpo te adorarei...

Becky sorriu.

— E te outorgarei todos meus bens mundanos.

Rebecca se esforçou por não rir. Ele não tinha bens mundanos, seria ela quem os outorgaria a ele... e de boa vontade.

Jack viu a expressão de seu rosto e sorriu durante o resto da cerimônia.

— No nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Logo o vigário falou um momento; Becky ouvia o zumbido de sua voz, mas o único que podia fazer era lhe sorrir para Jack, aturdida. Finalmente, o homem os declarou marido e mulher.

Becky olhou a seu marido. Lhe sorriu, aproximou-a para si com o braço esquerdo e a beijou.

Tinha passado tanto tempo da última vez que se beijaram. Uma eternidade. Seus lábios eram suaves e quentes e tinham sabor de pudim de ameixa e cidra, mas também tinham um sabor mais profundo. O rico, salgado e masculino sabor do Jack. Gostava daquele sabor e, esquecendo-se de todo o resto, Becky o explorou, acariciou-lhe a cabeça e lhe afundou os dedos no suave cabelo.

Jack. «Seu marido.» Finalmente era verdade. E jamais tinha sido mais feliz.

Ele se afastou com suavidade. Ela piscou para limpar sua visão. Vislumbrou escuras sombras a seu redor. Deu-se conta de que Garrett franzia o cenho e Tristan também,

embora a expressão deste era um pouco mais benevolente. Kate, Sophie, Cecelia, lorde Stratford e os meninos os rodearam para felicitá-los. Becky tinha as bochechas ardendo, mas Jack lhe sorriu e ela não pôde evitar lhe devolver o sorriso.

Epílogo

A noite de ano novo, o tempo estava frio, mas não gélido. O vento da semana anterior tinha dado passo à calma e a maior parte da neve de Natal já havia derretido. Asseguraram-se de que a bagagem estava em seu camarote e que seus serventes — Josie e Sam se ofereceram voluntariamente para ir com eles a América— estavam bem instalados. Logo, Jack e Becky se aninharam no convés, sob a manta. Os marinheiros estavam ocupados em suas tarefas atrás deles, em silêncio, exceto por alguma ordem ocasional de um superior.

— Adeus, Inglaterra — sussurrou Becky quando Washington começou a mover-se entre as ondas e a costa do Portsmouth se desvaneceu na névoa.

Jack a estreitou entre os braços. Desde que tinham casado, sentia uma combinação de alegria e culpa por levar-se Becky longe de todos e de tudo o que conhecia. A culpa se intensificou quando tinha visto as despedidas cheias de lágrimas.

— Sinto muito, querida. Sei quanto te dói deixar a sua família.

Ela sorriu com melancolia.

— Eram tudo o que tinha, até agora. Mas sei que sempre poderei contar com eles. Escrever-nos-emos e espero que algum dia, quando nos instalarmos, alguns nos visitem.

— Espero que sim.

Becky se inclinou para ele; sua calidez transpassava a lã da manta com que Jack lhe tinha rodeado os ombros.

— Jack?

— Sim?

— Acha que Tom Wortingham sobreviverá?

Ele suspirou.

— A verdade é que não sei. De uma retorcida maneira, não pode esquecer a Anne. Sempre a tinha amado, mas jamais lhe correspondeu. Não da maneira em que ele desejava. E Tom jamais foi capaz de superá-lo.

— Mas embora lhe tivesse correspondido, — disse Becky — ele não era mais que o filho de um vigário, Anne era inalcançável para ele.

Jack sentiu uma opressão no peito pela perda do que uma vez foi seu amigo.

— Sim, exato. Seus atos eram seu modo de vingar-se, ditados pelos ciúmes. E o que ganhou com isso? Não tinha dinheiro, nem vocação, pois nunca quis seguir os passos de seu pai. Vivia no passado. Quanto tempo pode viver um homem assim?

— Mas agora há esperança para ele.

— Pode dizer que sim.

— E você? — perguntou-lhe ela— Vive no passado?

Em certo modo, tinha-o feito. Quando retornou a Inglaterra, as lembranças voltaram e a chantagem do Tom o tinha obrigado a revivê-lo tudo. Mas agora estavam afastando-se do Tom, do passado e da Inglaterra. Dirigia-se para uma nova vida, com uma mulher a que amava mais do imaginável.

Suspirou e, quando soltou o ar, sentiu que soltava também os últimos vestígios desses sentimentos que tinha guardado dentro durante tanto tempo. Ira, dor, culpa, amargura, desespero. Tudo desapareceu e o deixou limpo e inteiro, preparado para viver outra vez.

— Não — murmurou— Não vivo no passado. Já não.

Becky suspirou com satisfação e Jack disse:

— Tom viveu em um perpétuo estado de fúria e ressentimento. Acredita que a felicidade é inalcançável.

— Isso é muito triste. — Ela o olhou de esguelha; seus olhos refletiam o cinza azulado do oceano— Mas apesar de sua infelicidade, não consigo que gostar dele. Fez que lhe acusassem de um crime pelo que não posso te culpar. Ninguém poderia se soubessem a história que há por trás.

— A lei sim.

Becky se estremeceu e ele se aproximou mais a ela, cobrindo-os dois com a manta, com cuidado de não forçar o ombro, que ainda lhe doía quando algo o tocava. Deslizou-lhe o braço bom ao redor da cintura e apoiou o queixo sobre o chapéu de veludo azul.

— Está bem aquecida, querida?

— Sim. — Fez uma pausa e sentiu um formigamento no estômago— Jack?

— Sim?

— Eu... tenho que te dizer algo.

A ele ficou arrepiado pelo tom vacilante de sua voz.

— O que é?

— Eu... — Sob a manta, Becky se virou dentro do círculo de seus braços e o olhou seu rosto. Seus variáveis olhos se tornaram mais profundos e escuros. — Acredito... bom, pode ser que esteja grávida.

Tudo ficou quieto e em silêncio. Nada parecia mover-se. Inclusive o navio parecia haver ficado imóvel sobre as águas. Finalmente, ele disse.

— É... é o que desejas?

— Eu...

— Quero dizer, é feliz?

Ela apertou os lábios e assentiu. Jack passou um dedo pelo ventre.

— Nosso filho?

— Sim. Não estou segura de que realmente seja assim... mas tenho lido sobre os sintomas... — ruborizou-se— ... E os tenho todos. Estava distraída e não me tinha dado conta...

O apoiou a mão sobre as grossas e escuras capas de roupa que lhe cobriam o ventre. Não deveria haver-lhe dito antes? Teria medo de que não se casasse com ela se descobria que estava grávida? Negou com a cabeça, confuso.

— Desde quando sabe?

— Desde o dia de Natal. Momentos antes de descer para... me casar contigo. — moveu-se nervosamente e o olhou com o cenho franzido— Tudo foi tão frenético depois, com os arranjos e as despedidas. Estava esperando o momento certo para lhe dizer isso. — Duvidou— Está zangado?

— Deus, não! Não, Becky... — Fez um esforço para engolir o ar.— Jamais fui tão feliz.

Ela enterrou o rosto em seu casaco.

— Eu também — murmurou e a voz lhe saiu abafada—. Muito feliz.

— Amo você. — Disse ele vivamente.

O navio parecia voltar a mover-se e ele a viu espiando a linha da costa através da névoa, enquanto se afastavam da Inglaterra e se aproximavam de sua nova vida. Uma vida da qual queria saborear cada momento.

Becky se estremeceu.

— Está com frio?

— Um pouco.

— Deixe-me te levar para baixo. A donzela deve ter preparado um pouco de chá. Isso te esquecerá.

Ela o olhou nos olhos e seus lábios esboçaram um lindo sorriso.

Um sedutor brilho cor índigo acendeu seus olhos.

— Nada pode me dar mais calor que você.

Suas palavras o excitaram. O coração lhe pulsou agitadamente e se ruborizou.

— Bom, então — disse com um sorriso—, melhor fechar a porta.

Desceram juntos ao camarote, suntuosamente decorado, como lhe tinha prometido, e fechou a porta ao entrarem. Virou-se para olhar o recinto e sorriu para Becky enquanto ela se desatava os laços do chapéu. Do serviço de chá de prata que havia sobre a mesa saía vapor, mas Jack o ignorou.

Tirou o chapéu de sua esposa, deixou-o de lado e então a estreitou entre seus braços para lhe dar calor.

Apaixonadamente.